



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
CAMPUS DE ARARAQUARA, SP

VALÉRIA MARTA NONATO FERNANDES MOKWA

**ESTADO DA ARTE SOBRE SEXUALIDADE E
EDUCAÇÃO SEXUAL:** estudo analítico-descritivo de
teses e dissertações produzidas na Universidade Estadual
Paulista

Araraquara - SP

2014

VALÉRIA MARTA NONATO FERNANDES MOKWA

**ESTADO DA ARTE SOBRE SEXUALIDADE E
EDUCAÇÃO SEXUAL:** estudo analítico-descritivo de
teses e dissertações produzidas na Universidade Estadual
Paulista

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar. Exemplar apresentado para defesa.

Linha de Pesquisa: Sexualidade, cultura e educação sexual.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro.

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA - SP

2014

MOKWA, Valéria Marta Nonato Fernandes.

ESTADO DA ARTE SOBRE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO
SEXUAL: estudo analítico-descritivo de teses e dissertações produzidas na
Universidade Estadual Paulista / Valéria Marta Nonato Fernandes Mokwa –
2014

274 f.

Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual
Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara

Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

1. Sexualidade. 2. Educação Sexual. 3. Estado da Arte. 4. Produção
Acadêmico-Científica.

VALÉRIA MARTA NONATO FERNANDES MOKWA

ESTADO DA ARTE SOBRE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL: estudo analítico-descritivo de teses e dissertações produzidas na Universidade Estadual Paulista

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Sexualidade, cultura e educação sexual.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal.

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 08/08/2014

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro – Universidade Estadual Paulista –UNESP, Araraquara.

Membro Titular: Prof^ª Dr^a Sonia Maria Villela Bueno

Membro Titular: Prof. Dr. Eládio SebastiánHeredero

Membro Titular: Prof^ª Dr^a Luci Regina Muzzeti

Membro Titular: Prof^ª Dr^a Andreza Marques de Castro Leão

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho a:
Luiz Fernando, marido e companheiro;
Thiago, filho amoroso, presente divino;
Aos meus pais, razão do meu existir.

AGRADECIMENTOS

Difícil agradecer por um trabalho que contou com a participação e motivação de vários entes queridos.

Primeiramente, agradeço ao Grande Arquiteto do Universo, por permitir a realização desta pesquisa, intuindo-me nas horas de angústia e desespero, e iluminando as minhas ideias para a concretização deste estudo com sabedoria.

Ao Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, pela amizade, apoio, confiança e por sua competência, paciência e tolerância nas orientações necessárias para a realização desse estudo. Nesta trajetória, percebi o quanto seu empenho contribuiu para a obtenção dos frutos maravilhosos desta pesquisa.

Ao meu amado Luiz Fernando, marido, companheiro, amigo compreensivo, por me incentivar e acreditar em mim. Ele não mediu esforços para que eu realizasse este trabalho, sempre me apoiando, acolhendo-me afetivamente, acalmando-me com sua sabedoria nos momentos mais difíceis.

Ao meu querido filho, Thiago, que, com certeza, sempre pacientemente, compreendeu e renunciou à minha presença para que eu pudesse realizar este estudo.

Aos meus pais, Benedicto Felix e Maria Aparecida, responsáveis pelo meu existir, que sempre me incentivaram e, muitas vezes, anularam-se para que eu concretizasse os meus estudos e a minha formação, o que contribuiu para eu atingir meus objetivos. Imensamente agradeço pela compreensão de minhas ausências nos últimos tempos, mesmo numa etapa da vida em que eles necessitam mais e mais da minha atenção.

Agradeço à Prof^a Ana pela orientação nos momentos de apreensão, incertezas e angústia, iluminando meus caminhos e acalentando meu coração.

À Prof^a Dr^a Sonia Maria Villela Bueno, pela amizade, apoio, contribuição e pela parceria em trabalhos, sempre me incentivando a continuar a pesquisa e cooperando com suas reflexões e experiência.

À Prof^a. Dra. Andreza Marques de Castro Leão, por sua amizade, competência e por aceitar participar da avaliação desse estudo, contribuindo para o seu término.

Aos meus familiares, que sempre me apoiaram e contribuíram consideravelmente para a realização deste trabalho, entre eles, meus irmãos, sobrinhos, cunhados e cunhadas.

À Prof^a. Dra. Isabel Chagas, pessoa querida com quem tive o prazer de partilhar momentos ricos e únicos. Obrigada pela acolhida e ensinamentos que comigo compartilhou na minha pequena estada em Lisboa/Portugal.

Professor Dr. Eládio Sebastián Heredero, por aceitar participar da banca, contribuindo para melhoria do meu trabalho e por fazer parte desse momento importante de minha vida.

Aos amigos sinceros Regiane e Giovane Yoná e Robson, que entenderam minhas ausências nos finais de semana, nas horas de lazer, torcendo pelo meu sucesso.

Às amigadas sinceras e dedicadas conquistadas nessa trajetória acadêmica, minhas queridas companheiras, Fátima Gonini, companheira na alegria e na tristeza, construindo conjuntamente comigo o conhecimento científico a respeito da temática sexualidade e Rita de Cássia Petrenas, que comigo trilhou esse percurso auxiliando com sua sabedoria.

Aos amigos do NUSEX, que colaboraram nas discussões do grupo e enriqueceram o meu trabalho, entre outras, que compartilharam deste percurso e participaram da sua realização.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação da UNESP-Araraquara que contribuíram com minha formação em suas aulas e orientações e aos funcionários.

À Capes, pela concessão da bolsa, possibilitando a execução da presente pesquisa.

“Amo como ama o amor. Não conheço nenhuma outra razão para amar senão amar. Que queres que te diga, além de que te amo, se o que quero dizer-te é que te amo?”

Fernando Pessoa apud Pensador.Info (2013).

“A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original”.

Albert Einstein apud Pensador. Info (2013).

RESUMO

A discussão em torno da sexualidade é extremamente complexa, embora seja uma peculiaridade do ser humano. Representa um conjunto de fenômenos relacionados à vida sexual do ser humano e constitui-se como um aspecto importante que contempla suas características biopsicossociais e sua inserção na cultura. Além disso, é um tema que ganhou destaque nos meios científico e educacional e envolve elementos da história dos indivíduos e dos grupos sociais, esbarrando em valores, tabus, crenças, cultura e religião, de acordo com os fatores e aspectos construídos socialmente ao longo dos séculos, e que influenciam a concepção de sexualidade do indivíduo, ou seja, a sua educação sexual. Este trabalho, de caráter bibliográfico, objetivou elaborar o que se denomina Estado da Arte ou Estado do Conhecimento em relação à temática sexualidade e Educação Sexual desenvolvidas nas teses de doutorado e dissertações de mestrado, desde a abertura dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências da UNESP nos *campi* de Marília, Araraquara, Rio Claro, Presidente Prudente e Bauru. Para tanto, analisamos as dissertações e teses desses programas para identificar suas análises e considerações. Esse estudo visa conhecer as produções acadêmico-científicas em sexualidade e Educação Sexual, suas contribuições e lacunas. Dentre os resultados obtidos, podemos destacar que todas as unidades da UNESP investigadas possuem um grupo de estudo sobre sexualidade, mas ainda é incipiente a produção de pesquisa na área. Há necessidade de sistematização das bibliotecas para disponibilização e organização dos dados no acervo, bem como a padronização das informações no corpo da pesquisa como linha de pesquisa, área de concentração e resumo, norteando as informações essenciais ao leitor. A sexualidade no meio acadêmico-científico vem se tornando interesse de pesquisa, sendo necessária a implantação da Educação Sexual nas escolas desde a Educação Infantil; nas instituições formadoras de profissionais de diversas áreas de conhecimento, assim como, nos programas de Pós-Graduação, já que diferentes profissionais se aventuraram pesquisar a sexualidade. É possível, a partir dos resultados encontrados, delinear novos objetos de estudos para enriquecer a institucionalização da história da sexualidade. Assim é necessário o tema sair das teses, das análises e das dissertações para ser transferido à prática, sendo necessário a educação em sexualidade, a fim de ser realmente aplicado todo esse conhecimento na busca da transformação na formação de profissionais nas instituições, bem como para que haja a disseminação perante nossa sociedade, para que a sexualidade não seja um conhecimento restrito às academias. A sexualidade é uma das forças mais poderosas de transformação da sociedade, só que a forma como vem sendo entendida e aplicada pelas instituições educacionais, família, pessoas, mídia, dentre outras, somente vem entrar a evolução social e individual do ser humano.

Palavras-chave: Sexualidade. Educação Sexual. Estado da Arte. Produções acadêmico-científicas. Formação profissional. Sexo.

ABSTRACT

The discussion around sexuality is extremely complex, although it is a natural process in the life of the individual. Therefore represents a set of phenomena related to sexual life of human beings and constitutes an important aspect when contemplating their biopsychosocial characteristics and its insertion in the culture. It is a topic that has gained prominence in scientific and educational environment and involves elements of the history of individuals and social groups, bumping into values, taboos, beliefs, culture and religion, according to the factors and aspects socially constructed over the centuries, and influencing the design of a person's sexuality, or his sexual education. This work aimed to develop a bibliographical what is called State of the Art or State of Knowledge in relation to sexuality and sexual education theme developed in the PhD theses and dissertations from the opening of the Graduate Programs in Education and Teaching Science UNESP the campuses of Marília, Araraquara, Rio Claro, Bauru and Presidente Prudente. For this, we analyze the theses of the programs mentioned, identifying their analyzes and considerations. This study contributes to the development of the history of the institutionalization of sexuality in Brazil and meet the academic and scientific products, their contributions and shortcomings. Among the results we emphasize that all the units studied UNESP have a study group on sexuality, but it is still incipient research production in the area. There is need to systematize the library for providing and organizing the data in the collection, as well as the standardization of information in the body of research as a research area, area of concentration and abstract guiding the reader the essential information. Sexuality in academic and scientific circles has been of research interest, the implementation of sex education in schools from early childhood education, professional training institutions in various areas of knowledge is required, as well as in graduate programs, as different professional venture into the universe of the study of sexuality. This study is not limited and is possible from the results, identify new objects of study to enhance the institutionalization of the history of sexuality. Thus, it is necessary for the topic to leave the theses, analysis and dissertations to be transferred to the practice, education in sexuality is a necessity, so all this knowledge will be used in the pursue of transformation when training professionals in institutions as well as to disseminate it over the society so that sexuality does not become academic restricted knowledge. Sexuality is one of the most powerful forces of social transformation, only the form has to be understood and applied by educational institutions , family, people, media, among others, comes only hinder the social and individual human development.

Keywords: Sexuality. Sexual Education. State of the Art. Academic and scientific production. Vocational training. Sex.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Produções do Ano de 1999 da FCL - Araraquara	92
Quadro 2 - Produções do Ano de 2000 da FCL - Araraquara	93
Quadro 3 - Produções do Ano de 2001 da FCL - Araraquara	94
Quadro 4 - Produções do Ano de 2002 da FCL - Araraquara	95
Quadro 5 - Produções do Ano de 2003 da FCL - Araraquara	98
Quadro 6 - Produções do Ano de 2004 da FCL – Araraquara	101
Quadro 7 - Produções do Ano de 2005 da FCL - Araraquara	103
Quadro 8 - Produções do Ano de 2006 da FCL – Araraquara	106
Quadro 9 - Produções do Ano de 2007 da FCL – Araraquara	107
Quadro 10 - Produções do Ano de 2008 da FCL - Araraquara	110
Quadro 11 - Produções do Ano de 2009 da FCL - Araraquara	113
Quadro 12 - Produções do Ano de 2010 da FCL - Araraquara	117
Quadro 13 - Produções do Ano de 2011 da FCL - Araraquara	120
Quadro 14 - Produções do Ano de 2012 da FCL - Araraquara	122
Quadro 15 - Produções do Ano de 2013 da FCL - Araraquara	124
Quadro 16 - Produção do Ano de 2003 da FC/Bauru.....	143
Quadro 17 - Produção do Ano de 2007 da FC de Bauru	147
Quadro 18 - Produção do Ano de 2012 da FC de Bauru	149
Quadro 19- Produção do Ano de 2006 – IB/UNESP/Rio Claro	159
Quadro 20- Produção do Ano de 2007 – IB/UNESP/Rio Claro	161
Quadro 21- Produção do Ano de 2009 – IB/UNESP/Rio Claro	164
Quadro 22- Produção do Ano de 2010 – IB/UNESP/Rio Claro	166
Quadro 23- Produção do Ano de 2011 – IB/UNESP/Rio Claro	168
Quadro 24 - Produção do Ano de 2001 da FFC/UNESP/Marília	182
Quadro 25 - Produção do Ano de 2003 da FFC/UNESP/Marília	183
Quadro 26 - Produção do Ano de 2008 da FFC/UNESP/Marília	188
Quadro 27 - Produção do Ano de 2009 da FFC/UNESP/Marília	190
Quadro 28 - Produção do Ano de 2010 da FFC/UNESP/Marília	191
Quadro 29 - Produção do Ano de 2011 da FFC/UNESP/Marília	193
Quadro 30 - Produção do Ano de 2012 da FFC/UNESP/Marília	197
Quadro 31 - Produção do Ano de 2013 da FFC/UNESP/Marília	202
Quadro 32 - Produção do Ano de 2003 da FCT/UNESP Presidente Prudente	211

Quadro 33 - Produção do Ano de 2007 da FCT/UNESP Presidente Prudente	212
Quadro 34 - Produção do Ano de 2008 da FCT/UNESP Presidente Prudente	217
Quadro 35 - Produção do Ano de 2010 da FCT/UNESP Presidente Prudente	222
Quadro 36 - Produção do Ano de 2011 da FCT/UNESP Presidente Prudente	225
Quadro 37 - Produção do Ano de 2012 da FCT/UNESP Presidente Prudente	231

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Cursos Oferecidos pela FCL – Araraquara/SP	88
Tabela 2 - Produtividade da FCL – UNESP Araraquara.....	89
Tabela 3 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações das teses e dissertações (N=ocorrências) – FCL/Araraquara	131
Tabela 4 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações das teses e dissertações (N=ocorrências) – FC/Bauru.....	151
Tabela 5- Cursos oferecidos pelo Instituto de Biociências (IB) – Rio Claro/SP.....	156
Tabela 6 - Grupo de pesquisa da área da Educação – Rio Claro/SP	156
Tabela 7 - Linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação Instituto de Biociências – Rio Claro/SP	158
Tabela 8 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações das teses e dissertações (N=ocorrências) – IB/Rio Claro.....	171
Tabela 9 - Cursos Oferecidos pela FFC – Marília/SP	180
Tabela 10 - Cursos de Mestrado e Doutorado– Marília/SP.....	180
Tabela 11 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações das teses e dissertações (N=ocorrências) – FFC/Marília.....	205
Tabela 12 - Cursos de Graduação da FCT Presidente Prudente/SP	210
Tabela 13 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações das teses e dissertações (N=ocorrências) – FCT/Presidente Prudente	234
Tabela 14 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações (N=ocorrências).....	245

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Fotografia: UNESP da cidade de São Paulo	81
Figura 2- Mapa – Localização das Cidades onde se situam os <i>campi</i> da UNESP	85
Figura 3 - Mapa – Localização do Campus da UNESP Araraquara – FCL	87
Figura 4 - Fotografia - UNESP <i>Campus</i> Araraquara – FCLAR.....	88
Figura 5 - Quantidade de Dissertações e Teses FCL - Araraquara	127
Figura 6 - Ocorrências das Palavras-Chave	127
Figura 7 - Grupo de Palavras-chave	128
Figura 8 - Orientador - FCL	129
Figura 9 - Linha de Pesquisa – FCL	130
Figura 10 - Mapa localização do <i>campus</i> da UNESP de Bauru –FC	138
Figura 11 - Fotografia UNESP <i>Campus</i> Bauru	138
Figura 12 - Fotografia da Faculdade de Ciências do <i>campus</i> de Bauru	139
Figura 13 - Quantidade de Dissertações e Teses FC	150
Figura 14 - Palavras-chave -FC	151
Figura 15 - Localização e Criação da UNESP Rio Claro.....	155
Figura 16 - Palavras-chave -IB	170
Figura 17 - Orientador IB	170
Figura 18 - Linha de Pesquisa	171
Figura 19- Mapa localização do <i>campus</i> da UNESP de Marília-FFC.....	177
Figura 20 - Fotografia do <i>Campus</i> I de Marília.....	178
Figura 21 - Quantidade de teses e Dissertações da FFC.....	203
Figura 22 - Palavras-chave	204
Figura 23 - Orientador	204
Figura 24 - Linha de Pesquisa	205
Figura 25 - Mapa localização do <i>campus</i> da UNESP de Presidente Prudente	209
Figura 26- Fotografia do <i>Campus</i> de Presidente Prudente	209
Figura 27 - Linha de Pesquisa	233
Figura 28 - Orientador	233
Figura 29 – Palavras-Chave.....	234
Figura 30 - Quantidade de dissertações e teses defendidas nos <i>campi</i> da UNESP	243

LISTA DE ABREVIATURAS

AG - Administração Geral

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

ASFAFI - Associação de Servidores

BIOEN - Centro de Bioenergia da UNESP

CAESOS - Centro Avançado de Educação para a Saúde e Orientação Sexual

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEA - Centro de Estudos Ambientais

CEDHUM - Centro de Documentação Histórica e Universitária de Marília

CEES - Centro de Estudos da Educação e da Saúde

CEPCoS - Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade

CESESP - Coordenadoria do Ensino Superior do Estado de São Paulo

CPA - Centro de Psicologia Aplicada

CTI - Colégio Técnico Industrial

CYRM - Child and Youth Resilience Measure

DST - Doenças Sexualmente Transmissíveis

EDUSEX – Educação Sexual

EJA - Ensino de Jovem e Adulto

EVOC - Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Évocations

FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

FC - Faculdade de Ciências

FCL - Faculdade de Ciências e Letras

FCT - Faculdade de Ciências e Tecnologia

FEB - Fundação Educacional de Bauru

FFC - Faculdade de Filosofia e Ciências

FLASSES - Federação Latino Americana de Sociedades de Sexologia e Educação Sexual

FUNDEPE - Fundação para o Desenvolvimento do Ensino, Pesquisa e Extensão

FUNDUNESP - Fundação para o Desenvolvimento da UNESP

GEISEXT- Grupo de Estudos e Investigação em Sexualidade Educação Sexual e TIC

GPESEC - Grupo De Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura

GPEES - Grupo de Pesquisa Estudos Sobre as Sexualidades

GSEXs - Grupo de Pesquisa e Extensão Sobre Sexualidades

HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana

IB - Instituto de Biociências
IEUL - Instituto de Educação da Universidade de Lisboa
IGCE - Instituto de Geociências e Ciências Exatas
IPMet - Instituto de Pesquisas Meteorológicas
LASEX - Laboratório de Ensino e Pesquisa em Sexualidade
LGBTTT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
MEC - Ministério da Educação
NEAD - Núcleo de Ensino à Distância
NUDISEX - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Diversidade Sexual
NUSEX - Núcleo de Estudos da Sexualidade
PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais
PEJA - Projeto de Educação de Jovens e Adultos
PET - Grupos do Programa de Ensino Tutorial
PROERD - Programa Educacional da Polícia Militar Dentro da Escola
RDIDP - Regime de Dedicação Integral à Docência e à Pesquisa
SBRASH - Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana
SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SLAMS - Sociedade Latino-americana de Medicina Sexual
STAEPE - Seção Técnica de Apoio ao Ensino Pesquisa e Extensão
TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação
UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina
ULCSE - Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação
UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
UR - unidades de registro
USP – Universidade de São Paulo
WAS - Associação Mundial de Saúde Sexual

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 SEXUALIDADE NA HISTÓRIA	24
1.1 A construção histórica da sexualidade: um breve relato	24
1.2 O Brasil colônia e os primórdios da sexualidade	32
1.3 A Produção do conhecimento sexual no Brasil	37
1.4 A Institucionalização da sexualidade	40
2 A SEXUALIDADE NOS DIFERENTES ESPAÇOS DE FORMAÇÃO	49
2.1 A Sexualidade nos cursos de formação profissional	49
2.2 A Discussão da sexualidade, e sua contribuição para a formação profissional	54
3 JUSTIFICATIVA	65
4 OBJETIVOS	67
4.1 Objetivo geral	67
4.2 Objetivos específicos	67
5 METODOLOGIA	68
5.1 O Estado da Arte como opção metodológica	69
5.2 Percurso metodológico	72
5.3 Métodos quantitativos e métodos qualitativos	74
5.4 O caminho trilhado para a análise dos dados por meio da análise de conteúdo	75
5.5 Análise de conteúdo modalidade temática fundamentada em Laurence Bardin	77
6 A UNESP: SUA ORIGEM E CRIAÇÃO	81
6.1 Unidades da UNESP	85
7 RESULTADOS E DICUSSÕES	87
7.1 UNESP <i>Campus</i> Araraquara - Faculdade de Ciências e Letras (FCL)	87
7.1.1 A Graduação da Faculdade de Ciências e Letras (FCLAR)	88
7.1.2 Pós-Graduação da FCL	89
7.1.3 Grupo de pesquisa em sexualidade humana	90
7.1.4 A Pós-Graduação em Educação Escolar na FCL	91
7.1.5 Breves relatos dos resultados obtidos nas teses e dissertações sobre sexualidade no programa de educação da FCL	91
7.1.5.1 Análise dos dados obtidos	131
7.2 UNESP – <i>Campus</i> Bauru - localização e criação	137
7.2.1 A Faculdade de Ciências	139
7.2.2 A Graduação	140
7.2.3 Cursos de extensão e unidades auxiliares da FC	140
7.2.4 A Pós-Graduação	141
7.2.5 Grupo de pesquisa	141
7.2.6 A Pós-Graduação em educação para a ciência	142
7.2.7 Breve relato dos resultados obtidos nas teses e dissertações sobre sexualidade da FC no programa de educação para a ciência da UNESP <i>campus</i> de Bauru	142
7.3 UNESP – <i>campus</i> Rio Claro	154
7.3.1 A graduação	155
7.3.2 Grupo de pesquisa	156
7.3.3 Pós-Graduação	157
7.3.4 Breves relatos dos resultados obtidos nas Teses e Dissertações sobre sexualidade na Pós-Graduação em Educação do IB/UNESP/Rio Claro	159

7.4 UNESP – <i>Campus</i> Marília.....	177
7.4.1 Localização e criação.....	178
7.4.2 A graduação	179
7.4.3 A Pós-Graduação.....	180
7.4.4 Grupo de pesquisa	181
7.4.5 Breve relato dos resultados obtidos nas teses e dissertações sobre sexualidade da FFC no programa de Educação da UNESP, <i>campus</i> de Marília.....	181
7.5 UNESP – <i>Campus</i> Presidente Prudente.....	208
7.5.1 Localização e criação.....	209
7.5.2 A graduação	210
7.5.3 A Pós-Graduação.....	210
7.5.4 Grupo de pesquisa	211
8 RELATO DE DISCUSSÕES : APONTAMENTOS NECESSÁRIOS	238
8.1 A busca pelo material analisado: alguns aspectos técnicos	238
8.2 Resultados encontrados: uma revelação	241
8.3 Quantificação das produções analisadas	243
8.4 Resultados encontrados nas produções analisadas	244
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	250
REFERÊNCIAS	257
BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS.....	274

INTRODUÇÃO

“O povo pede o poder da palavra para compensar o poder de livre pensamento a que ele foge”

Soren Kierkegaard apud Pensador.Info (2013).

Desde a graduação, era de nosso interesse assuntos relacionados à sexualidade humana e buscava informações concernentes em palestras, cursos, simpósios e congressos que tratavam do assunto. Mas, o que encontrava era a abordagem da temática, evidenciando as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), Aids¹ e gravidez na adolescência. Eram discursos que não revelavam a construção da Sexualidade influenciada pela origem histórica, e sim, a preleção biologizante que continuava e continua a ser propagada.

A curiosidade em estudar a temática sexualidade continuou intensa quando, na especialização, entramos em contato com mulheres, mães HIV² positivas, sintomáticos, que deram à luz filhos soropositivos, sendo que muitos vieram a óbito.

Este cenário nos inquietou e procuramos entender a história de vida dessas mulheres, passando a estudar teóricos que discutiam a temática da Sexualidade Humana, até que, em um simpósio, palestrantes, um médico infectologista e uma educadora da Universidade de São Paulo, enfatizaram que a cura da Aids estava na Educação Sexual, que deveria ser iniciada desde a educação infantil nas escolas. A partir deste momento, iniciamos nossa trajetória em pesquisa sobre a Sexualidade Humana e Educação Sexual.

No mestrado, analisamos as representações sociais sobre sexualidade entre professores de Ensino Fundamental de uma Escola Estadual. Os resultados revelaram que os participantes se sentiam despreparados para trabalhar a temática na escola, necessitando de formação mais específica, bem como, de apoio multiprofissional, pois possuem dificuldades, tabus, preconceitos, constrangimento e desinformação em relação ao assunto, dificultando a abordagem do tema entre os docentes e destes com os alunos.

Ao concluirmos o mestrado, surgiu um novo questionamento sobre como estariam as produções acadêmico-científicas em torno da sexualidade e da educação sexual, indagando qual abordagem essas pesquisas utilizavam a respeito da sexualidade. Era uma pergunta que nos intrigava, no percurso acadêmico/científico.

Ao participar do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX), na Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, em Araraquara, procuramos manter contato com

¹ Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). (WIKIPÉDIA, 2013)

² Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). (WIKIPÉDIA, 2013a)

grupos de pesquisa, como o Centro Avançado de Educação para a Saúde e Orientação Sexual (CAESOS) da USP de Ribeirão Preto, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Diversidade Sexual (NUDISEX) da Universidade Estadual de Maringá, alguns da própria UNESP, como o de Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC) de Bauru, e o Grupo de pesquisa e extensão sobre sexualidades (GSEXs), de Rio Claro, e também, em estudos desenvolvidos no intercâmbio com universidades de Aveiro, de Lisboa, do Minho, bem como, a leitura das pesquisas realizadas sobre a temática que se voltava para a institucionalização do conhecimento sexual na UNESP³. Daí veio o interesse de investigar como ocorre a produção da pesquisa de doutorado e mestrado sobre sexualidade e educação sexual.

Considerando este aspecto, o objetivo específico do presente trabalho foi organizar e sistematizar a produção de dissertações e teses na área da sexualidade, e analisar seu papel na institucionalização do conhecimento sexual e na consolidação da educação sexual enquanto temas de pesquisa, ensino e extensão nas áreas de Educação e de Ensino de Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (UNESP). Estas, disponíveis em cinco Programas de Pós-Graduação nos *campi* de Araraquara, Bauru, Marília, Presidente Prudente e Rio Claro, desde a abertura de cada programa até o ano de 2013.

Faz-se importante destacar que esta tese é vinculada ao NUSEX e faz parte do projeto integrado de pesquisa “Uma Contribuição à Historiografia da Educação Sexual no Brasil: localização, descrição e análise de documentos desde a Colônia até as primeiras décadas do Século XX”, que tem como responsável o Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, possibilitando somar os conhecimentos advindos de outras pesquisas na busca sobre a educação e a saúde sexual no Brasil.

Este trabalho é sustentado e movido pelo desafio de conhecer o que foi construído a respeito da sexualidade, para depois, buscar o que ainda não foi concretizado, dando atenção às pesquisas realizadas que crescem rapidamente nessa área de conhecimento, além de divulgá-las para a sociedade.

O estudo fundamentou-se em teóricos que discutem e trabalham a sexualidade, como Foucault (2005), Louro (2000; 2012), Ribeiro (2004; 2008), Nunes (2003), Bueno (2008), dentre outros, que preconizam que a educação sexual deve ser pensada como processo ético-político e articulada aos princípios humanistas, olhando o indivíduo como alguém que se relaciona com o mundo, de um ponto de vista histórico, social e político. Igualmente, entende-

³ Referimo-nos às dissertações de mestrado de Ana Paula Costa (2009) e de Regina Célia Bedin (2010) e à tese de doutorado (2009) e à pesquisa de pós-doutorado de Andreza Marques de Castro Leão (2009).

se seu processo de libertação, que advém de uma orientação consciente e crítica, articulando, assim, teoria e prática vinculadas à temática da sexualidade.

A metodologia utilizada no presente estudo baseou-se no levantamento bibliográfico denominado Estado da Arte ou Estado do Conhecimento, que objetiva mapear e analisar produções acadêmico-científicas em determinado campo do conhecimento (FERREIRA, 2002).

Acreditamos que refletir a respeito da abordagem da sexualidade como parte inerente do ser humano, nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências, é de suma importância e deve ter uma atenção especial, pois essa abordagem, quando mal conduzida, pode gerar embates na educação sexual, e na saúde biopsicossocial do indivíduo.

Apreendemos então, que a sexualidade é um dos fatores de grande relevância para a formação integral do ser humano. Por isso, organizar as pesquisas que contemplem a temática possibilita conhecer a abrangência das produções realizadas nesse campo de conhecimento, evidenciando as possíveis lacunas que possam ter ocorrido.

O estudo a respeito do Estado da Arte é de extrema relevância, e seus resultados podem vir a contribuir no estabelecimento de políticas de intervenção e na elaboração de diretrizes e propostas para a inserção de disciplinas, com caráter obrigatório nos cursos de Pós-Graduação, articulando-se com ações que visem propor melhoria de qualidade da formação de pesquisadores/as em relação a essa temática e, assim, levar para as instituições escolares, as contribuições acadêmicas de relevância social.

Desta forma, a sexualidade não pode ser discutida de forma fragmentada e preconceituosa. Tampouco, as suas várias expressões serem classificadas como doenças e tratadas por meio de métodos curativos. Ela deve ser vista e respeitada em relação sua concepção integral e inserida no contexto curricular dos cursos de Graduação e sobremaneira, de Pós-Graduação, principalmente em Educação, Saúde e particularmente, Ensino de Ciências, por meio da Educação Sexual, pois esta tem por finalidade, não apenas abordar os aspectos de prevenção da sexualidade, mas também, discutir e refletir a temática a partir de perspectivas emancipatórias e humanitárias, englobando o ser humano na sua totalidade (física, psíquica, social, espiritual e ética) e que se estenda, indiscriminadamente, a toda sociedade sem exceção, formando profissionais pesquisadores críticos e reflexivos.

Neste sentido, Bueno (2009) ressalta a necessidade de se proporcionar o desenvolvimento de profissionais responsáveis, autônomos e conhecedores do direito político, econômico e social em relação à saúde e à expressão da sexualidade, haja vista que os

hábitos, atitudes e costumes são construções históricas e sociais, que possibilitam aos indivíduos construir suas visões de homem e mundo.

Assim, sexualidade é, também, construída historicamente e socialmente, a partir de valores culturais e religiosos que estabelecem vários modos e regras de vida, de forma que a sociedade institui maneiras de torná-las moralmente aceitáveis.

Mesmo sendo complexa sua abordagem, a sexualidade é parte da condição humana e é um tema sempre presente na vida dos indivíduos. Genericamente, podemos nos referir à sexualidade como o conjunto de fenômenos relacionados à vida sexual do ser humano. De fato, constitui-se aspecto central da identidade, uma construção de sentimentos e ações em relação à vida sexual, advindos de uma educação sexual influenciada por valores, crenças, tabus e concepções, que são elaborações históricas e culturalmente construídas. A sua expressão depende de influências culturais, da sociedade e da família, de ideologias morais, religiosas e políticas.

Trata-se, de certa maneira, de estabelecer relações com os outros, sua possibilidade de amar, sentir prazer e procriar. Não se restringe à genitalidade e envolvem aspectos biopsicossociais que renovam constantemente a vida, sendo singular em cada indivíduo (BUENO, 2009; RIBEIRO, 2004).

Guimarães (1995), em seus estudos, traduz ser a sexualidade humana entendida como vida, amor, relacionamento, sensualidade, erotismo e prazer, e que se explica pela natureza e cultura, pelas manifestações de sentimentos, atitudes e percepções relacionados à vida sexual e afetiva das pessoas. Isso envolve a revelação do impulso sexual, a representação e significados das experiências sexuais ligados ao afeto, à comunicação, à gratificação libidínica e ao vínculo afetivo entre as pessoas.

Devido à sexualidade ser uma construção social e cultural alicerçada, historicamente, em valores em torno do sexo, a sociedade cria modelos, normas, padrões, exigências, permissões e interdições, tornando a atividade sexual um tabu, e essas concepções apresentam diferentes particularidades, de acordo com cada cultura e momento histórico.

É nesse sentido que a sociedade entende a sexualidade apenas como ato sexual e gênero como sexo. Guimarães (1995) esclarece que ato sexual ou a genitalidade relacionam-se ao ato sexual carnal, às fantasias e às genitais do corpo humano. Já o sexo se refere à diferença biológica entre macho e fêmea, o gênero costuma ser utilizado como designação de feminino e masculino.

Foucault (2005) destaca que a sexualidade é uma temática de complexa discussão, pois implica um amplo exercício do poder repressor que domina.

A sexualidade humana se manifesta nos corpos sexuados, que estão inseridos em uma cultura e em determinada época, o que influencia, sobremaneira, às manifestações sexuais, concepções de gênero, nas normas e condutas aceitáveis ou não pela sociedade.

Dessa forma, a temática só pode ser discutida e compreendida a partir da sua totalidade, sem a influência das concepções repressivas que determinaram as práticas sexuais diversas e o modo como se configura o masculino, feminino, o desejo, a função sexual, bem como as questões culturais que influenciam o modo como o ser humano percebe a si e ao outro, julga e orienta as suas práticas sexuais.

Podemos afirmar, entretanto, que em relação à sexualidade, os pesquisadores trazem da sua formação familiar, cultural e social, mesmo que inconscientemente, esquemas estruturados pelas condições sociais em que vivem, reproduzindo, continuamente, suas concepções subjetivamente, em relação à temática. Por isso, é imprescindível uma reelaboração de representações, na busca de pesquisas que contribuam efetivamente para futuros estudos que contemplem o tema em todas as suas dimensões.

Neste cenário, a presente pesquisa é importante para que haja um levantamento do que já foi produzido sobre sexualidade e educação sexual em teses e dissertações, e assim foi dividida em tópicos que contemplem a abordagem do assunto aqui discutido.

Primeiramente, abordamos alguns apontamentos da história da sexualidade, fundamentando em teóricos que resgatam esses conceitos e elucidam como era vista a sexualidade em diferentes civilizações, até adentrarmos nos temas atuais da sociedade, para compreendermos o pensamento sexual contemporâneo e a institucionalização da sexualidade, desde os primórdios.

Em seguida, sucintamente, realizamos uma reflexão a respeito de como a sexualidade é abordada nos cursos de formação e a importância da discussão do assunto nesses espaços, para contribuir na prática do profissional em áreas afins.

Para reverenciar o universo pesquisado, resgatamos resumidamente a história da formação da UNESP, contando como ela foi construída, até a atualidade, destacando as regiões do estado de São Paulo onde se encontram os seus *campi*.

No decorrer da presente pesquisa, apresentamos o percurso metodológico utilizado para a realização desse estudo, seguido dos resultados e discussões, culminando com as considerações finais, que não se esgotam com essa pesquisa e, sim, constituem mais uma chave para que futuros estudos possam ser realizados a fim de que a historicidade da educação sexual e sua implementação na educação brasileira se concretizem de maneira emancipatória.

1 SEXUALIDADE NA HISTÓRIA

“Se queremos progredir, não devemos repetir a história, mas fazer uma história nova”.

Mahatma Gandhi apud Pensador.Info (2013).

Iniciaremos o presente estudo realizando um breve resgate histórico da sexualidade, na busca de elucidar a visão de sua construção em algumas civilizações e percorrendo a história da sexualidade na sociedade brasileira.

Além disso, conhecer a retomada histórica da educação sexual no Brasil pode ajudar a compreender o comportamento e a construção do pensamento sexual contemporâneo da sociedade.

Portanto, não é nossa intenção construir esse item contemplando a história, respeitando a cronologia de datas a respeito dos fatos, mas sim elucidar a pesquisa destacando alguns aspectos da trajetória da história da sexualidade nas diferentes civilizações, sem dar ênfase em anos, séculos, etc.⁴

1.1 A construção histórica da sexualidade: um breve relato

Na nossa trajetória acadêmica entendemos a importância de se discutir a sexualidade, tendo em vista que a construção do tema ocorreu devido inúmeras aprendizagens e práticas, cultivadas por interesses sociais e culturais, de modo explícito ou velado e de forma sempre inacabada. “Entender como a sexualidade foi construída no passado ajuda a explicar a sexualidade no presente [...] mostra como atitudes e comportamentos sexuais são afetados por forças globais mais amplas, como o advento da agricultura e, mais tarde, a urbanização”. (STEARNS 2010, p.7).

Não é nosso objeto de estudo abarcar todos os aspectos históricos que contemplam a sexualidade, mas fazer alusões da importância de sua construção histórica, explicando o porquê da sociedade expressar determinados padrões de comportamento, atitudes e valores. É nessa perspectiva que teceremos nesse item uma noção de como a história da sexualidade foi se constituindo e influenciando o modo de viver das sociedades.

⁴ Para saber mais a respeito da historiografia da sexualidade sugerimos algumas leituras de Paulo Rennes Marçal Ribeiro como a institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil; Os momentos históricos da educação sexual no Brasil; Sexualidade e Educação: aproximações necessárias; Educação sexual além da informação; José de Albuquerque e a educação sexual nas primeiras décadas do século XX: um estudo bibliográfico, e também Desvendando a Sexualidade de César Aparecido Nunes, entre outras.

Na contemporaneidade, as instituições sociais multiplicaram-se e suas interpretações a respeito da temática se diferem, ocasionando embates culturais. Neste cenário social e cultural embebido de distintos valores, é imperioso compreender como se constrói e reconstrói o conceito de normalidade e de diferença, e os significados que lhes são atribuídos a respeito da temática, já que a sexualidade consiste em uma das mais importantes e complexas dimensões do ser humano e mesmo sendo um tema que gera posições divergentes é de interesse de pesquisa, sendo importante depreender as discussões realizadas por estudiosos de diferentes áreas do conhecimento.

Devemos então considerar e pesquisar a sexualidade fazendo menção à sua construção histórica e aos aspectos políticos, sociais, culturais, religiosos e econômicos que a influenciam. Decerto, conhecer a história da sexualidade de diferentes civilizações, é um estudo enriquecedor, que acrescentaria na apreensão de diversas atitudes, preconceitos e comportamentos que presenciamos na contemporaneidade.

A história também nos indica como o sexo e a sexualidade são moldados e compreendidos em diferentes épocas, esbarrando nas diversas contestações, posições morais, familiares, religiosas, culturais e políticas. O conceito da temática se modela de acordo com a visão histórico-política e com a intenção de mudanças no comportamento sexual da sociedade, de acordo com os interesses econômico-sociais de cada época.

O estudo e análise da construção histórica e cultural da sexualidade permite conhecer as modificações sociais e descrever atitudes e comportamentos do passado a respeito da sexualidade, compreendendo de forma lógica a representação da sexualidade na sociedade atual.

Vale iniciar referindo que a sexualidade sempre foi fundamental na vida da sociedade humana, desde as longas fases da caça e da coleta, passando pela ascensão da agricultura. Explica Stearns (2010) que nas sociedades primitivas havia um choque com a tensão entre o reconhecimento do prazer sexual e o interesse na necessidade da ordem social e da economia, e nas sociedades agrícolas, a sexualidade era fortemente vinculada à reprodução.

Nunes (2003) lembra que no culto da fertilidade se veneravam as partes sexuais femininas, mais especificamente a vagina, pois o sexo, para algumas sociedades, era visto como sagrado, religioso, um culto à fertilidade. Contudo, é nas primeiras sociedades agrícolas que surgem mudanças no comportamento sexual, como o desejo de ter filhos para assegurar o legado construído pela família, dentre outros adventos, como a prostituição, que modifica a forma de agir e pensar da sociedade, ou seja, o sexo também como prazer.

Stearns (2010) menciona que as primeiras sociedades agrícolas deixaram um legado para a sexualidade humana que, em certa medida, perdura ainda hoje. Segundo ele,

[...] A prioridade dada ao sexo com fins reprodutivos, mas com restrições concomitantes, não eliminou a noção do sexo como prazer, e certamente não evitou uma ampla gama de efeitos e reações, de acordo com regiões particulares e classes sociais particulares; mas, em contrapartida, criou algumas novas tensões e incertezas. A emergência das prostitutas como um grupo definido precisamente porque seus membros atuavam de maneira bastante diversa da esperada às vezes, buscando maior independência do controle masculino [...]. (STEARNS, 2010, p.45).

Avançamos um pouco mais no tempo e lembramos que não é nosso objetivo aqui destacar todos momentos históricos, mas sim ressaltar hábitos culturais e sociais da história das civilizações que influenciaram o pensamento sexual. Lembra Ribeiro (2005, p. 17) a ponderar.

A maneira como as civilizações entendiam e lidavam com comportamentos, valores e normas ligados ao sexo nunca foram iguais e, tampouco, constantes. Cada cultura e momento histórico viam e viviam sua sexualidade diferentemente [...]. Em dez mil anos de história, a relação sexo – humanidade sempre foi extremamente complexa, pois envolveu (e envolve) questões sociais, culturais, religiosas e psicológicas, construídas historicamente, determinadas diferentemente em cada povo e época [...] a sexualidade também tem história. Tão longa quanto a da humanidade, aliás, uma vinculada à outra. Afinal, sem sexo não teríamos história, aliás, nós nem existiríamos.

De tal modo, nos esbarramos na civilização urbana e nesse sentido, Nunes (2003) aclara que, a partir do advento das civilizações urbanas, o sexo perdeu seu caráter mítico que era presenciado na civilização agrícola, passando a ser racionalizado, controlado e realizado agora com prazer, não apenas como um ato para a reprodução e fecundidade. É quando surge a figura da prostituta, denotando o sexo também, para se ter prazer.

Prosseguindo um pouco mais pela história da sexualidade, apreendemos que os valores se modificam, e na época conhecida como clássica ou período clássico, surgem grandes civilizações no Oriente Médio com enfoques distintos sobre a questão de gênero, beleza sexual e comportamentos como a homossexualidade, entre outras atitudes.

Esclarece Stearns (2010) que, apesar de não encontrarmos inovações revolucionárias nas atitudes sexuais das civilizações, todas evidenciam diferenças entre a sexualidade masculina e feminina, incluindo a supervisão do comportamento sexual das mulheres.

De forma geral, quanto à homossexualidade, para as civilizações clássicas, não havia preocupação especial e era comum relação entre homens. Explica Stearns (2010, p.52) que, na China, “Os casos amorosos entre homens eram tido como poéticos, românticos até. A expressão “dividir um pêssego” passou a ser usada para fazer referência ao sexo anal, com base no relato de dois homens compartilhando a fruta em sinal de seu amor”.

Assim como na China, na Grécia os homens de distintas classes sociais tinham acesso a prostitutas como diversão e recreação, em contrapartida aumentou o foco na proteção da virgindade das mulheres, guardadas para o casamento. As mulheres casavam muito cedo, com homens mais velhos e que tinham certa estabilidade econômica e experiência sexual.

Na Grécia⁵, para manter o poder, os casamentos eram arranjados de acordo com os interesses econômicos, para procriação e como forma de a mulher ser respeitada, o que caracteriza apropriação da sexualidade feminina. Esta andava vestida e coberta, ao contrário do homem que constantemente exibia seu corpo atlético nas competições.

A mulher de Atenas é submissa social e politicamente, eram as mulheres preparadas para procriação e servirem a família. Eram segregadas dos homens e não participavam das festas. Já em Esparta as mulheres participativas na vida social e tinham mais liberdade, recebiam educação, praticavam exercícios físicos e usavam túnicas curtas. Durante os exercícios as coxas ficavam a mostra, o que causava indignação as atenienses, mesmo assim, a mulher ateniense ainda é considerada inferior ao homem e sem direitos políticos⁶.

Na sociedade romana, a mulher ganha mais espaço de expressão, um pouco mais de valor e liberdade, sendo seu desejo respeitado, tendo o homem que se esforçar para que ela atingisse o orgasmo. Apesar dessa característica, a sociedade romana também admitia que o homem tivesse relações sexuais fora do casamento e a mulher se casasse jovem e se dedicasse ao marido e à maternidade. Para os romanos, a prostituição era algo positivo, uma forma do homem não cometer o adultério, não se relacionando com mulheres casadas.

Até aqui percebemos algumas características da sexualidade que compunham distintas sociedades clássicas. O comportamento sexual vai se constituindo nas sociedades, variando de tempos em tempos, nas diferentes civilizações, que reveste novos valores e saberes que concernentes a este tema aqui trabalhado, ou seja, o comportamento sexual de uma época.

Diferentes estudiosos como Ribeiro (1990), Stearns (2010), Garton (2009), entre outros, explicam que não só valores culturais influenciam a expressão da sexualidade, mas as sociedades há tempos constroem, também, suas concepções sobre sexo e sexualidade relacionando-as intimamente com a religião. Nunes (2003) lembra que esta etapa da história da sexualidade é um período conhecido como civilização cristã, que tem como característica

⁵ Esse assunto é sucintamente tratado no artigo de Pulo Rennes Marçal Ribeiro - Sexualidade também tem história comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. Sexualidade e Infância / org. Ana Cláudia Bortolozzi e Ari Fernando Maia. Bauru: FC/CECEMCA: Brasília: MEC/SEF, 2005.

⁶ Esse assunto é mais detalhado em Sexualidade Feminina. Histórias, culturas, família – Personalidade & Psicodrama de Ana Maria Ramos Seixá – São Paulo, Editora SENAC São Paulo, 1998.

a queda do Império Romano e a Igreja como instituição catequizadora, propagando uma ideologia em que ganhavam espaço os valores espirituais e morais.

Stearns (2010, p. 76) considera que, no que diz respeito à influência da religião na expressão da sexualidade, “[...] a religião foi a maior das novas influências na história mundial”, pois buscou “minimizar ou regular a sexualidade, ao invés de vê-la em termos de uma relação positiva com a espiritualidade”.

Foi nesse período que a conduta sexual era malévola para a saúde, para sociedade e também um crime contra Deus. A sexualidade, o ato sexual, era contido por meio do medo das condenações eternas. O sexo era permitido e aceito apenas como forma de procriação. Nessa época da influência religiosa, o sexo era pecado, sujo, imoral, o correto era reprimir o sexo, dominando o corpo, o desejo e o prazer, pois o corpo era “cárcere da alma” (NUNES, 2003, p. 55).

Igualmente, a condenação pelo comportamento sexual ou pelo sexo favorece o celibato e a virgindade, devido ao medo da punição divina, do inferno. Foucault (2005) assevera que o cristianismo confessional era uma forma de fazer as pessoas relatarem suas práticas sexuais e o sexo era perturbador para o indivíduo, devendo ser contido pelo matrimônio.

Stearns (2010) explica que essa visão cristã foi alicerçada na concepção judaica que pregava somente o sexo no casamento e para procriação, condenando qualquer outro tipo de atividade sexual.

Depreendemos que, por trás de um discurso, há uma intenção que favorece o jogo de interesse e poder. As mudanças que aconteceram nas concepções do comportamento sexual são atreladas a valores instituídos por uma classe que dominava o poder e visava dulcificar os corpos, para se atingir um objetivo, e usava desses discursos para tal.

Aclara Nunes (2003, p.55) que no período que surge o capitalismo, outra etapa da história da sexualidade, surgem novos ideais a respeito da sexualidade e do comportamento sexual, para atender aos objetivos de uma classe dominante. E explica o autor: “A nova sociedade precisa muito da energia sexual para o trabalho, e a repressão da sexualidade é muito forte”.

Este é um período considerado como repressor, fundamentado em um modelo de ideais que visa bloquear as manifestações sexuais dos indivíduos, julgando-as necessárias apenas para a procriação e prejudicial para a força de trabalho.

É um modelo repressivo sobre o sexo e a sexualidade, em que o silêncio sobre o assunto era pregado, um comportamento reforçado na “época da Rainha Vitória, a era vitoriana” (NUNES, 2003, p. 56).

Corroborando, Garton (2009, p. 33) mostra que a cultura vitoriana se caracterizava pela excessiva repressão da sexualidade e o sexo fora do casamento era proibido sendo que “fora desta relação era envolvido em mistério, dele se falando por metáforas ou usando termos científicos abstratos”

Esses são aspectos importantes a considerar, pois é um momento histórico que marcou a rigidez e repressão pelas questões das práticas sexuais, aponta Garton (2009, p. 159) que “A retidão moral vitoriana não ficou confinada à Inglaterra. Estes valores e ansiedades foram partilhados pelos dois lados do Atlântico”.

Lembra o autor que o vitorianismo falava sobre sexualidade, mas que na era vitoriana a sexualidade era vista como tabu, um assunto proibido, restrito às quatro paredes do quarto do casal, responsável apenas pela procriação.

Na era vitoriana, a sexualidade era falada, mas para que se propagasse o discurso sobre sexo, amarrado na transgressão, revelando a relação intensa entre poder e sexo. Então, o falar sobre sexo é evidenciar as regras, as permissões, a normatização da família conjugal, e aquele sujeito que não segue as regras é punido e considerado detentor de alguma anormalidade. Essa característica é possível de ser presenciada, por exemplo, nas confissões católicas e nas clínicas psicanalíticas.

Após esse período de repressão sexual andamos um pouco mais e encontramos uma etapa da trajetória da história da sexualidade considerada por Nunes (2003, p. 56, grifo do autor) a sociedade do consumo

[...] que “perdeu o espírito erótico”. De nada adianta multiplicar a fala sobre o sexo e a quantidade das relações se não se alterou a qualidade da relação. O prazer mecanizado da sociedade de consumo, com bonecas de plásticos vibradoras, a multiplicidade das posições e técnicas amorosas, estímulos e jogos só aprofundam o sentimento de fracasso.

As sociedades ocidentais criaram novos modelos em relação aos papéis sociais e sexuais do homem e da mulher, dando à sexualidade feminina mais igualdade em relação ao homem. Assim, surgem os eventos sociais e políticos que preconizam a libertação sexual, mas aclara Foucault (2005) que a modernidade ainda está sobre o domínio dos ideais do vitorianismo, no que se diz respeito ao desenvolvimento de uma ciência do sexo.

Cada mutação em torno da sexualidade é devida aos interesses do poder, seja ele da igreja ou da sociedade dominante, que visam sempre lucrar com o comportamento humano.

Foucault (2005) alude que a sexualidade sempre foi reprimida, e que essa repressão tem rupturas que advêm de um discurso que visa a algum interesse. O autor mostra esse aspecto ao descrever que

A história da sexualidade, se quisermos centrá-la nos mecanismos de repressão, supõe duas rupturas. Uma no decorrer do século XVII: nascimento das grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativo de decência, esquivas obrigatórias do corpo, contenção e pudores imperativos da linguagem; a outra no século XX: menos rupturas, aliás, do que inflexão da curva - é o momento em que os mecanismos da repressão teriam começado a se afrouxar [...]. (FOUCAULT, 2005, p. 109).

Não importa o século, mas a sexualidade sempre passou por momentos de repressão, seja ela mais clara ou mais encoberta. O passado ainda molda comportamentos, sendo que conhecer o passado, revisar a história e a forma como a sexualidade foi construída é compreender o porquê pensamos, percebemos, vivemos e, sobretudo, teorizamos a sexualidade como sendo um assunto que entra no campo dos interditos nos espaços sociais e nos meios acadêmico-científicos.

Esta compreensão histórica acerca da sexualidade tem sido apresentada, principalmente, em estudos na área da Antropologia, que divulga esse tema como uma manifestação humana, que sofre modificações quanto ao sentido, função e regulação, de acordo com os diferentes períodos históricos e contextos culturais, e não mais como uma propriedade individual e isolada (HEILBORN, 2000; ROMERO, 1995).

Como os valores, as representações e as ações da cultura de uma sociedade constantemente se moldam a uma determinada época, consideramos que a sexualidade também sofreu e sofre mutações, decorrentes das alterações que acontecem no transcorrer dos séculos.

Isto nos suscitou o interesse pelo estudo do tema. Distintas linhas teóricas vêm se posicionando em relação à sexualidade, visando explicar a sua construção e elucidar que “As raízes do fascínio histórico pela sexualidade são diversificadas” (GARTON, 2009, p. 22).

Dentre os vários estudiosos que abordam a história da sexualidade, podemos destacar Nunes (2003), Reis e Ribeiro (2001, 2002, 2004, 2005), Ribeiro (2002, 2004, 2005), Bueno (2001, 2009); Ribeiro e Reis (2003), Foucault (2005), entre outros que descrevem períodos históricos do percurso da sexualidade e da educação sexual.

Assim, conhecer a história da sexualidade é desnudar importantes aspectos que envolvem as relações pessoais, sentimentos, crenças e saberes determinados por cada época, que influenciam e dificultam a abordagem do tema. Lembra Nunes (2003, p. 15) que “[...] As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes”.

Sendo a sexualidade uma construção histórica, vai determinar a educação sexual de uma sociedade, focada em um discurso que visa à perpetuação do poder como considera Foucault (2005, p. 100)

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

Os valores criados pela cultura do ocidente proporcionaram um discurso a respeito da sexualidade, buscando a normatização das práticas sexuais de acordo com os modelos ditados pela sociedade, em cada época. Essa preleção visa controlar e dominar os corpos.

A sexualidade é um fenômeno que faz parte da vida de todas as pessoas, como um evento universal e, ao mesmo tempo, singular a cada indivíduo, já que é uma elaboração específica. Os corpos são sexuados, possuem algumas características e obedecem a leis de funcionamento biológico. Porém, a construção da sexualidade é um processo extremamente complexo, que envolve, ao mesmo tempo, aspectos individuais, sociais, psíquicos e culturais que carregam a historicidade e envolvem práticas, atitudes e simbolizações (HEILBORN, 1997).

Neste aspecto, podemos considerar que a educação sexual é contínua e compreende toda educação que o indivíduo recebe desde a sua concepção, e é transmitida por meio de valores e condutas sexuais tidas como verdadeiras, primeiramente pela família e posteriormente, pelos meios sociais em que o sujeito está inserido, influenciando o comportamento e atitudes sexuais.

Acreditamos que, como desafio, é preciso adotar uma nova concepção sobre a sexualidade, possibilitando a interpretação cultural que, atualmente, contempla a expressão das diferenças, das peculiaridades, referentes a um mesmo espaço e um mesmo tempo. A partir dessa reflexão é possível valorizar a vivência e a historicidade de cada indivíduo, inserido no coletivo social.

A seguir, abarcaremos sucintamente, apontamentos da construção histórica da educação sexual do Brasil, para compreendermos o pensamento sexual da sociedade brasileira na atualidade.

1.2 O Brasil colônia e os primórdios da sexualidade

Consideramos ser crescente o interesse pelo estudo da sexualidade, principalmente, no que tange à educação sexual e ao mesmo tempo, ainda é incipiente uma historiografia de tal educação no Brasil de maneira organizada e sistematizada, conforme elucidam Nunes e Silva (1999, p. 172) “[...] [há] necessidade de estudos que resgatem algumas perspectivas sobre a história da educação sexual e sobre as tentativas históricas de institucionalizá-la [...] A educação sexual no Brasil não conta com uma historiografia bem explicitada”.

A história da educação sexual no Brasil tem seu início na colonização do país, com a chegada dos portugueses, e ganhou corpo com a miscigenação dos povos que aqui habitavam. Esse povoamento somou diferentes saberes a respeito da sexualidade, cada qual querendo perpetuar os valores de sua cultura e sociedade, como por exemplo, a dominação da mulher pelo homem que a subjugava.

Elucida Del Priore (1993) a esse respeito sobre o conceito da herança cultural da mulher brasileira ao relatar a influência da miscigenação no transcorrer da formação da sociedade brasileira desde o período colonial

Da mulher indígena herdava-se, neste momento, o espólio de tradições que ela detinha na estrutura tribal. A mulher branca contribuiu com modos de viver e morrer importados com a emigração de Portugal, modos estes, muitas vezes, também trazidos de outras terras, reelaborados da Metrópole e trasladados para o Brasil. As sociedades africanas do tipo sudanês e banto, de onde saiu grande parte do tráfico negreiro, legaram à vida colonial comportamentos e mentalidades características do espaço que a mulher ocupava no seu interior. Além dessas heranças, quero sublinhar que a condição feminina fabricava-se, então, marcada pelo caráter exploratório da empresa portuguesa no Brasil [...]. O modelo escravista de exportação vinculava as relações de gênero [...]. (DEL PRIORE, 1993, p.23-24).

No Brasil entendemos que, desde a colonização, houve a propagação de uma educação sexual que merece ser estudada e resgatada nos meios acadêmico-científicos e, como expressa Ribeiro (2004, p. 15): “A sexualidade sempre foi um aspecto polêmico do cotidiano brasileiro, desde a Colônia do século XVI”. De fato, a história do sexo é tão longa quanto a história da humanidade, já que esse binômio está relacionado às questões políticas, sociais, culturais, religiosas, psicológicas, construídas historicamente e determinadas diferentemente de povo para povo, de época para época.

Ribeiro (2004) Fala de uma educação sexual no Brasil que pode ser dividida em seis etapas, ilustrando o perfil sexual que a sociedade brasileira apresenta na atualidade, pois essa história marcou o comportamento sexual dos brasileiros e determina atitudes herdadas de culturas e valores advindos da mistura dos povos que aqui viveram, desde o período colonial.

Artefatos humanos socialmente construídos, transmitidos de geração em geração, não apenas através de contatos diretos entre os diversos agentes sociais, mas também criados e reforçados pelos meios de comunicação, que são capazes de alterar as impressões sobre grupos em vários sentidos. [...]. Uma vez formados, os estereótipos são transmitidos por um conjunto bastante amplo de canais de transmissão, alguns destes canais referem-se a elementos mais amplos da sociedade, tais como os políticos, sociais, os culturais e os educacionais (SOARES; MACIEL, 2000, p.157-158).

É necessário, antes de se estudar o comportamento sexual de uma determinada sociedade em certa época, reconhecer as formas como as transmissões culturais, acerca da temática, foram propagadas para toda uma geração, já que vão influenciar as atitudes e comportamentos sexuais e conceber o conhecimento sexual do povo brasileiro (RIBEIRO, 2004).

Logo que os portugueses se estabeleceram no Brasil, com costumes e valores diferentes, esbarraram em comportamentos distintos, fazendo com que surgisse o que podemos chamar de confronto de educação sexual. A partir de então, o Brasil passa a constituir, historicamente, uma nova educação sexual, como mostra Freyre (1978, p. 93): “[...] O europeu saltava em terra escorregando em índia nua [...]. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, de forma mais ardente, indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Entregavam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho”.

Os portugueses buscavam povoar as novas terras e, nessa ânsia, envolviam-se sexualmente com as índias. Apesar deles serem guiados pela moral cristã de que sexo fora do casamento era pecado, acreditavam que essa relação sexual com as índias não era, já que consideravam mulheres de má vida, atraídas por qualquer objeto que as faziam se entregar, sexualmente, a qualquer homem, como refere Ribeiro (2009) em: os colonizadores só

estariam cometendo pecado se mantivessem relação sexual com as mulheres brancas, virgens ou casadas.

Este é o momento que retrata o início da educação sexual, no período colonial, em que vigorava a moral católica condenando a liberdade sexual do homem, assim como as condutas das índias.

Para reverter este cenário, os jesuítas tentavam catequizar os índios e instituir uma nova concepção de sexualidade, como, por exemplo, cobrir seus corpos. Incitavam os fiéis a confessar e delatar suas culpas, sob a pena de excomunhão (RIBEIRO, 2009).

Explica Goldberg (1988) que no Brasil-colônia a Igreja Católica, para combater o concubinato, defende a família patriarcal como o principal modelo de poder na organização familiar.

Ilustra o autor que nesse período, mesmo com as proibições se admitia o desejo e o prazer sexual do homem fora do lar, com prostitutas ou mulheres pobres (brancas, negras, índias e mestiças). Por isso, elas se tornavam as companheiras sexuais preferidas para o homem branco, como também para a iniciação sexual dos meninos. A esposa tinha uma posição social de destaque, mas estava confinada a um mundo antisssexual. A sexualidade para ela resumia-se à reprodução da raça e essa era a educação passada de mãe para filha.

Aclara Del Priore (1993, p. 26-27, grifo do autor), que

O processo de adestramento pelo qual passaram as mulheres coloniais foi acionado de dois musculosos instrumentos de ação. O primeiro, um discurso sobre padrões ideais de comportamentos, importados da Metrópole, teve nos moralistas, pregadores e confessores os seus mais eloquentes porta-vozes [...]. O outro instrumento utilizado para a domesticação da mulher foi o discurso normativo médico, ou 'físico', sobre o funcionamento do corpo feminino [...] dava caução ao religioso na medida em que asseverava cientificamente que a função natural da mulher era a procriação. Fora do manso território da maternidade, alastrava-se a melancolia, vicejava a luxúria, e por tudo isso a mulher estava condenada à exclusão.

Esses e outros acontecimentos históricos retratam como aconteceu a educação sexual no Brasil Colônia. Ribeiro (2004) afirma serem momentos que deixaram heranças que revivem o passado colonial, influenciando o indivíduo, na atualidade.

O legado da nossa educação sexual traz influência também das crenças, dos valores e dos costumes de outros povos, que vieram ao Brasil como escravos ou imigrantes. Essa influência deixou suas marcas, seus resquícios no comportamento sexual que podemos observar ainda nos dias de hoje, na sociedade brasileira.

Relata Freyre (1978) que algumas culturas sexuais advêm de diferentes períodos que fizeram parte da formação da sociedade brasileira e que influenciam alguns valores ainda presenciados na atual sociedade, como por exemplo, os pais ainda incentivarem seus filhos a se relacionarem sexualmente com prostitutas. Essa atitude era adotada pelos pais na época da escravidão, que instigavam seus filhos a fazer sexo com as escravas, provando sua masculinidade.

Por meio dessa construção histórica, cultural e social podemos considerar a primeira etapa da formação da educação sexual no Brasil como um momento de intensa liberdade para a sexualidade do homem e de repressão total para a mulher, uma vez que a mulher branca deveria ser reservada, humilde, dominada, submissa, e ter obediência ao pai e, posteriormente, ao marido. É um período também em que encontramos as práticas homossexuais entre escravos e patrões, embora fosse uma prática condenada na época (FREYRE, 1978).

Avançando um pouco mais na história da construção da sexualidade, encontramos o que Ribeiro (2004, p. 17) considera a segunda etapa da educação sexual no Brasil em que ocorreu “[...] o controle da sexualidade e das práticas sexuais licenciosas (originadas na Colônia) sob a normatização da moral médica.”

Isto acontece devido ao advento da urbanização e da independência do Brasil, o que levou a população a modificar hábitos e costumes, apesar de manter o modelo patriarcal. Foucault (2005) aclara que o que evidencia esse momento histórico, é que a ciência se sobrepõe à religião e a sexualidade passa a ser repreendida não mais por ser pecado, mas sim por ser uma atitude que pode levar o indivíduo a contrair doenças sexualmente transmissíveis ou, ainda, doenças mentais.

Esse fato aconteceu devido à Igreja perder seu poder, e a culpa preconizada no século XIX pela Medicina, passa a ser diferente da culpa entendida no século XVI pela Igreja. Isto é, a culpa pelo ato sexual, passa ser ditada pela vertente médica que recrimina o sexo pela ideia dos riscos de doenças e categoriza as disfunções e anomalias sexuais. Essa nova concepção interfere na educação sexual da família.

[...] a medicina penetrou com grande aparato nos prazeres do casal: inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou mental, originada nas práticas sexuais “incompletas”, classificou com desvelo todas as formas de prazeres anexas, integrou-os ao “desenvolvimento” e às “perturbações” do instinto [...] (FOUCAULT, 2005, p. 41, grifo do autor).

Ribeiro (2004, p. 18) mostra o início da terceira fase da educação sexual. Nesse período da Colônia, a educação sexual regulada nos valores religiosos desaparece e se inicia a

educação sexual do período imperial, fundamentada na medicina. “Se na Colônia essa educação sexual era informal e se pautava praticamente, apenas nos usos e costumes correntes, no Império ela passa a ser documentada em teses, livros e manuais.” Esse é um momento em que ocorre o controle da sexualidade e das práticas sexuais licenciosas sob a normatização da moral médica.

Nesta fase, acontece a veiculação de publicações de livros e trabalhos científicos pelos médicos, sacerdotes e educadores. Nesse cenário, como Ribeiro (2004, p. 18) ressalta houve “[...] o surgimento da sexologia enquanto campo oficial do saber médico e com publicação [...] de dezenas de livros de educação e orientação sexual [...] que visavam orientar a prática sexual do indivíduo”, classificando-a em sadia ou patológica, desvinculando a sexualidade do prazer e da felicidade e normatizando-a em duas tendências: o Eugenismo e o Higienismo. Esses dois modelos de medicina são explicados por Reis e Ribeiro (2005), que mostram ser a medicina higiênica preocupada com a profilaxia, com a contenção da doença e saúde pública, e a medicina eugênica buscava o controle dos genes, da raça e da pureza.

Observamos então que esse momento histórico da educação sexual sofre influência da medicina e não mais da Igreja, como esclarece Foucault (2005, p. 41) “Pode ser, muito bem, que a intervenção da Igreja na sexualidade conjugal e sua repulsa às “fraudes” contra a procriação tenham perdido nos últimos 200 anos, muito de sua insistência. Entretanto, a medicina penetrou com grande aparato nos prazeres do casal”.

Avançando um pouco mais no tempo, encontramos o que Ribeiro (2004, p. 19) classifica de quarta etapa da educação sexual no Brasil, momento da “[...] implantação de programas de orientação sexual em várias escolas, sendo o período bastante favorável a esta ação educacional”. É uma fase em que a relação da medicina com a sexualidade se intensifica, dando início à sexologia, saber explorado, oficialmente, pela classe médica.

Reis e Ribeiro (2005) evidenciam a importante participação do médico José de Albuquerque na educação sexual no Brasil desta época, preparando os professores para trabalharem com esta educação nas escolas. Todavia, com o golpe militar, a educação sexual fica prejudicada, como mostra Ribeiro (2004, p. 12): “Usando argumentação como imoralidade, irresponsabilidade e inutilidade, pareceres contrários de Secretarias de Educação condenaram e proibiram os projetos de orientação sexual [...]”.

Apesar desse atraso na educação sexual, Ribeiro (2004, p. 21) diz: “Somente [...] com a abertura política do presidente Ernesto Geisel, é que oficialmente se retoma a implantação de projetos de orientação sexual nas escolas, assumida pela Prefeitura de São Paulo [...] e pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo [...]”.

Nesse período, órgãos públicos se organizam para implantar novamente a educação sexual nas escolas, e temos o quinto momento da educação sexual no Brasil, como explica Ribeiro (2004, p. 21) etapa que “[...] quando órgãos públicos – no caso secretarias de educação da esfera municipal e estadual – assumem projetos de orientação sexual nas escolas”.

Finalizando as seis etapas que constituem a história da educação sexual no Brasil, Ribeiro (2004, p. 24) descreve esse sexto e último momento referindo que é um período que visa “[...] promover um tratamento responsável e crítico, preocupado com a dignidade da pessoa humana, voltado para entender a necessidade de os alunos viverem, plenamente, sua sexualidade”. E ocorre a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases “Darcy Ribeiro” e o estabelecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para se implantar a Orientação Sexual nas instituições escolares (BRASIL, 1966).

Apesar dos entraves que atrelaram a educação sexual no Brasil, encontramos estudiosos que continuaram a propagar essa educação, como por exemplo, Bueno (1998, 2001 e 2009), que desde as décadas de 1980 e de 1970 vem desenvolvendo projetos nas escolas.

Consideramos que a educação sexual no Brasil foi permeada por uma cultura originada da história na formação da sociedade brasileira, que moldou o conceito de sexualidade ao longo dos séculos, influenciando o comportamento sexual do sujeito na contemporaneidade.

Novamente aqui reforçamos a ideia de que o estudo de comportamento e atitudes sexuais existentes na sociedade é essencial para se compreender como se estabeleceu o conhecimento sexual no Brasil, bem como ocorreu a institucionalização desse saber. Ribeiro (2005) e Bueno (2001, 2009) salientam que a história da educação sexual carece de estudos que resgatem sua especificidade, abrangência e importância.

Seria utópico querer falar da sexualidade humana isoladamente, pois ela é um processo contínuo, tendo seu início na concepção e presente em toda a vida, recebendo influência direta e constante de diversos fatores, tais como o biológico, o fisiológico, o emocional, o social e o cultural.

1.3 A Produção do conhecimento sexual no Brasil

Presenciamos um crescente aumento em produções científicas que abordam a sexualidade. Contudo, como observamos, a sexualidade é uma construção histórica, sendo

necessária a desconstrução desses saberes advindos do senso comum⁷, antes de se propor um estudo científico da temática, pois sabemos que sua discussão é polêmica e esbarra no campo dos interditos. É nessa perspectiva que devemos compreender como foi construído o saber sexual no Brasil, despindo as vertentes elucidadas em cada momento histórico e o interesse de se propagar determinado conhecimento.

No Brasil, o conhecimento sexual passa a ser institucionalizado no final do século XIX e meados do século XX, com o discurso médico-educacional, em que médicos e educadores buscaram fundamentos teóricos que embasassem os seus pressupostos ~~que eram~~ considerados científicos.

A tentativa de fundamentar o discurso da medicina visava sustentar as ideias estabelecidas por aqueles que exerciam o poder em torno da ciência, e que influenciou e apoiou esse discurso e as práticas educacionais, além de buscar resolver problemas na área da saúde pública, como lembra Garton (2009, p. 33)

A sexualidade tornou-se tema de numerosas ciências – medicina, pedagogia, psiquiatria, demografia, epidemiologia, criminologia, psicanálise –, cada uma delas com uma elaboração específica sobre a natureza da sexualidade [...]. A sexualidade podia igualmente ser integrada em disciplinas que investigassem os hábitos de populações inteiras, como a demografia, a epidemiologia ou a pedagogia. Estas ciências constituíam o domínio da biopolítica, preocupada com a investigação e regulamentação de problemas como a reprodução das espécies, as taxas de casamento e divórcio, a prevenção da propagação de deficientes mentais ou o desenvolvimento de doenças epidémicas (em particular doenças venéreas).

Os distintos assuntos relativos a sexualidade são importantes de serem abordados para a apreensão do conhecimento sexual no Brasil, e tornaram-se objeto de estudo e de pesquisa de diferentes áreas do conhecimento, como das ciências humanas, principalmente na área da educação, da antropologia, da psicologia, da sociologia, da história e das ciências médicas. Na atualidade encontramos, na área acadêmico-científica, inúmeras produções que discutem a temática da sexualidade, desenvolvida por enfermeiros, psicólogos, médicos, educadores, entre outros profissionais.

Explica Garton (2009, p. 21), que: “[...] desde os anos setenta do século passado, a história da sexualidade tinha-se transformado numa área de crescimento significativo – uma subdisciplina definível, não um mero passatempo de alguns –, dando origem a numerosas teses, conferências, livros, artigos e até jornais especializados [...]”.

⁷ Senso Comum, de acordo com Nunes (2003, p. 23), “[...] é o pensamento simplista, preconceituoso, carregado de equívocos, eivado da ideologia dominante.”

Isto nos remete a compreender as diferentes vertentes e abordagens teóricas que abarcam a sexualidade e sua principal finalidade, principalmente, se considerarmos que os estudos são realizados por teóricos formados e informados por uma sociedade que perpetua uma educação sexual, tendo suas raízes ancoradas na história sexual do Brasil, que necessita ser discutida de forma crítica, reflexiva e emancipatória.

A década de 1980, no Brasil, foi um período que teve um significativo aumento de publicações acadêmico-científicas abordando Educação Sexual, considerando-a como meio de transformação social e uma atividade política. Para Barroso e Bruschini (1982, p. 41): “[...] num movimento convergente, pesquisadores voltados para o estudo do tema passam também a ser convocados tanto pelas universidades quanto pelos meios de comunicação”.

Isso também foi possível com a abertura política e econômica ocorrida no Brasil, sendo que Figueiró (1996) aponta que esse cenário nem sempre foi assim visualizado, principalmente na década de 1970, período da ditadura militar. O que presenciamos foi uma escassez de publicações na área, justamente pela forte repressão político-cultural vigente na época.

No decorrer dessa pesquisa evidenciamos que a doutrina cristã, com seu rigor moral, manipulou e repreendeu a sexualidade na sociedade, difundindo a ideia de que o sexo estava vinculado ao pecado, pois ele era possível apenas para a procriação. Assim, incutia-se o sentimento de culpa como forma de controle.

Após este período, a abordagem médica ganha corpo e sustenta, então, o controle do sexo pela ótica da medicina. De acordo com Foucault (2005), o estudo científico da sexualidade, no século XIX, resultou na classificação das disfunções e anomalias. O sexo era encarado como doença, devendo ser controlado no seio familiar, fazendo com que as pessoas fossem normatizadas.

No século XX, com as mudanças ocorridas na sociedade, principalmente em relação à higienização em torno da sexualidade proposta pela medicina, o sexo passa a ser debatido em espaços públicos e em eventos. Mas as informações eram fundamentadas em estudos científicos e profissionais da área da saúde, e passando a atuar em educação sexual, propagaram o discurso médico-higienista (BARROSO; BRUSCHINI, 1982).

Portanto, verificamos que desde o século XIX e adentrando o século XX, a historiografia da educação sexual no Brasil é de interesse de médicos, educadores, sacerdotes, bem como estudiosos de diferentes áreas que passam a pesquisar e difundir as novas ideias nos meios acadêmicos, possibilitando o debate e reflexões a respeito da educação sexual

(BUENO 1985, 2001, 2009; CARRARA, 1997; CARRARA; RUSSO, 2002; FIGUEIRÓ, 1986; RIBEIRO, 2004; REIS; RIBEIRO, 2004).

Na atualidade, continua presente o interesse do estudo da sexualidade por diferentes áreas de conhecimento, principalmente pela área da saúde e da educação, sendo necessário pesquisar o assunto de forma inter e multidisciplinar, por ser essencial e possibilitar a contribuição de diferentes olhares no estudo deste tema, abarcando discussão de assuntos relevantes e presentes na sociedade (BUENO, 2009).

Ao se trabalhar interdisciplinarmente a sexualidade, vários assuntos são contemplados contando com a contribuição de diversos profissionais, pois, o estudo desta temática não se restringe à genitalidade e permite abarcar correlatos temas como evidenciam Ribeiro (2009) e Bueno (2009): Práticas, atitudes e comportamentos sexuais; Repressão sexual; Aspectos da biologia sexual; Terapia sexual; Química sexual; Relações familiares; Ética e moral sexuais; Educação sexual, sexualidade e gênero; Higiene sexual; Doenças sexualmente Transmissíveis; Desenvolvimento sexual; História da sexualidade; Violência Sexual, entre outros.

Os saberes a respeito da sexualidade ainda são realizados, muitas vezes, de forma fragmentada, como podemos observar nas ideias de Heilborn e Brandão (1999), quando discutem que as Ciências Sociais priorizaram o estudo de gênero, do comportamento sexual da população e de valores e práticas de grupos definidos; a Psicologia avançou e desenvolveu a Terapia Sexual, que as pessoas utilizam na busca de superar seus conflitos de ordem sexual e, na atualidade, teóricos utilizam pesquisas a respeito da temática, vislumbrando a educação sexual na instituição escolar.

1.4 A Institucionalização da sexualidade

Podemos encontrar registros da expressão da sexualidade nas artes, na literatura, nas obras filosóficas, entre outras, há tempos e em diferentes civilizações. Essas criações artísticas não expunham a cientificidade do tema, era apenas uma forma de divulgar valores e crenças de uma época, o que permitiu transmitir o conhecimento de uma cultura, de um povo e como se propagava a sexualidade, sem nenhuma conotação científica ou institucional.

Ribeiro (2009, p. 131) menciona em seus estudos a respeito da história da sexualidade que “em 3200 a. C., os primeiros povos da Mesopotâmia já esculpiam estátuas com destaques para os órgãos genitais femininos e, na Grécia, no século VII a. C., era comum vasos e cálices terem pinturas e desenhos retratando relações sexuais”.

O autor ainda refere que o saber institucionalizado da sexualidade se inicia quando os médicos sentiram necessidade de organizar seus estudos fundamentados na ciência, ainda que vários postulados fossem forjados a partir do senso comum ou de uma pseudociência. Eles utilizam a organização dos estudos científicos para validar o seu discurso, que se baseava no modelo de normatização de comportamentos e prevenção de doenças. Essa organização despertou o interesse de várias obras que dissertam a respeito do comportamento sexual e da educação sexual.

Salientamos novamente que não é o nosso objeto de estudo fazer um levantamento excessivo de todos os apontamentos que constituem o processo de institucionalização da sexualidade no Brasil, e sim, apontar de maneira sucinta a compreensão de como ocorreu a institucionalização do conhecimento da sexualidade no Brasil.

O saber institucionalizado da sexualidade no Brasil passou por vários processos de formação, como aponta Oliveira (2011), que é na primeira metade do século XX que surge no Brasil uma sexologia propriamente dita. É nesse período que o sexo ganhará estatuto de objeto do discurso e da intervenção médica, é aí que vamos poder visualizar o sexo como a origem de grande parte dos problemas individuais e sociais.

O sexo e a sexualidade foram assuntos novos na história do Ocidente e nem sempre havia uma palavra que definisse seus significados, como ressalta Foucault (2006, p. 9) “[...] o próprio termo ‘sexualidade’ surgiu tardiamente, no início do Século XIX.” Diante disso, reconhecemos que o termo sexualidade não foi utilizado como referência antes do século XIX para designar qualquer comportamento que a denotava. Com o aparecimento do conceito de sexualidade, inicia-se uma nova forma de entender o desejo, o que culmina com novos conceitos e formas de controlar os atos sexuais.

Mesmo com o avanço das pesquisas a respeito do sexo, a Igreja não modificou seu posicionamento, continuando a defender a organização familiar patriarcal, admitindo o sexo apenas para procriação e contrária ao desejo e ao prazer sexual, principalmente da mulher, vislumbrando a normatização dos corpos.

Com o mesmo propósito da Igreja, de disciplinar os corpos, a medicina, exercida pelos profissionais formados por um pensamento burguês, e, precisamente, pela moral puritana, passa a se revestir de um caráter normativo e classificatório, elegendo a família como uma instituição que deveria ser cuidada. Acerca deste cenário Loyola (1988, p. 4) declara que

[...] as disciplinas ou as formas de pensamento que tradicionalmente se ocuparam mais de perto da (sexualidade) foram aquelas de caráter ético ou normativo/terapêutico: o catolicismo, a medicina e a psicanálise. Não foi, por exemplo, com objetivos terapêuticos, mas principalmente normativos, que a medicina veio a se ocupar da sexualidade, transformando em postulados científicos, principalmente através da obra de Kraft-Ebing, uma série de interditos e normas sexuais herdadas do Cristianismo, segundo o qual o erotismo deveria ser regulado pela exigência de reprodução da espécie e dos ideais de amor a Deus e à família. É na medicina que a sexualidade termina por ser unificada como instinto biológico, voltada para a reprodução da espécie e que todos os demais atributos ligados ao erotismo, desde sempre tido como sexuais, passaram a ser submetidos a essa exigência primordial. A sexualidade é assim identificada com genitalidade e heterossexualidade [...].

A sexologia foi reconhecida como saber científico pela medicina do século XIX, mas, focando seus estudos nos desvios sexuais e nas possíveis patologias ocasionadas pelas práticas sexuais que eram, na época, reconhecidas como impróprias ou anormais, preocupando-se em classificar e tratar as doenças sexuais, normatizando a sexualidade por meio da genitália e da heterossexualidade.

Esta característica pode ser constatada nas teses da área médica brasileira dos meados do século XIX, que discutiam a respeito da masturbação como pecado, vício e genocídio. Isso revela que o saber médico ainda preservava resquícios da moral sexual cristã, considerando a masturbação como um mal, um vício devido a uma perturbação deliberada pelo sujeito e, finalmente, uma forma de genocídio, um ato que vislumbrava descontinuidade da espécie (OLIVEIRA, 2011; RIBEIRO, 2009).

Esse saber médico, que permeou a metade do século XIX, combatia o onanismo⁸, pois tinha como propósito a continuidade da civilização e perpetuação da espécie pura e perfeita, sem mistura de raças, condenando as práticas sexuais que ocasionavam doenças.

A este respeito, Ribeiro (2009) elucida que o médico alemão Richard Von Krafft-Ebing, em seus estudos no século XIX, evidenciou que a etiologia das doenças estava ligada às práticas sexuais e essa constatação influenciou médicos e educadores até meados do século XX.

Neste cenário, a sexualidade e tudo o que se dizia a respeito dela, a exemplo da masturbação, foram rotulados como sujos, impróprios, devendo ser contidos e proibidos. Mesmo com a escassez de trabalhos na área, os poucos produzidos eram revestidos de repressão. Temos agora a repressão não pela culpa do pecado cometido, e sim a proibição pela perpetuação da higiene da espécie.

Oliveira (2011, p. 4) lembra que

⁸ Onanismo é interromper o ato sexual antes da ejaculação.

Apesar de não podermos afirmar que a masturbação alcançou a dimensão de uma grande campanha nacional – as teses médicas brasileiras específicas sobre o tema, no período estudado, são escassas –, podemos localizá-la como um tema transversal nas preocupações médico-sanitaristas, explicitadas sobretudo nas teses sobre higiene escolar e, mais tarde, já na primeira metade do século XX, nos textos psicopatológicos e de educação sexual de nossos primeiros sexólogos.

Então, a masturbação era preocupação da área médica, pois representava uma perturbação fisiológica ou mental que acometia o indivíduo, devendo ser contida, como mostra a autora, ao considerar que ela desenvolvia diferentes patologias acometendo todo o organismo, como infecções genitais, incontinência urinária, nefrite, cistite, câncer de útero, perturbações auditivas e visuais, histeria, epilepsia, encefalite, ninfomania, catalepsia, tísica pulmonar, loucura, imbecilidade, melancolia, dores torácicas e sufocações.

Esta noção de que as doenças estavam ligadas às práticas sexuais se propagavam e a medicina se preocupava ainda mais com a normatização da sexualidade, discutindo o assunto dentro das regras sexuais estabelecidas, preconizadas como saberes científicos.

Neste período, no Brasil, esses saberes científicos propostos em torno da sexualidade ganham notoriedade e são considerados objeto de estudo de trabalhos científicos na área médica passando a ser discutidos, com o intuito de propagar uma educação sexual, evidenciando os desvios e a higienização, destacando para a sociedade os possíveis problemas que o sexo desencadeava.

Oliveira (2011, p. 10) retrata este período como sendo um marco devido a

[...] aparecer um novo campo, fronteiro da medicina com a pedagogia, que é o da educação sexual. Um conjunto muito heterogêneo de forças, a despeito das divergências, voltou-se para o problema da pedagogização do sexo [...]. O desvio – o crime, a perversão, a prostituição, a loucura – deveria ser entendido em seus indesejáveis efeitos [...] Podemos afirmar que é na primeira metade do século XX que surge, no Brasil, uma sexologia propriamente dita.

Como nesta época ainda eram incipientes os saberes sexuais produzidos no Brasil, a medicina busca, para realização de seus estudos, fundamentação em teóricos europeus, que deixam um legado para nossa sociedade de que era necessário educar o instinto sexual na busca da formação de uma sociedade civilizada, com qualidade moral e patrimônio biológico, vislumbrando um modelo eugenista de sociedade (BRITO, 1936).

A institucionalização dos saberes sexuais no Brasil tem o escopo de propagar os conhecimentos médicos idealizados nas vertentes higienista e eugenista, que preconizam a regeneração física e moral da população brasileira, constituída pela miscigenação dos povos.

Esta particularidade, que constitui diferentes sociedades, principalmente em relação à sexualidade, despertou o interesse de outras áreas de conhecimento em pesquisar e compreendê-la, também pela vertente social, como explica Loyola (1998, p. 46)

Os antropólogos chamaram a atenção para o fato de que a sexualidade constitui o pilar sobre o qual se assenta a própria sociedade e que, portanto, está sujeita a normas; normas que podem variar de uma sociedade para outra, mas que constituem um fato universalmente observável, sendo o tabu do incesto a mais básica e fundamental de todas. Assim, a sexualidade deriva do que é proibido e permitido, de modo com que, pelo viés da reprodução biológica da espécie, ela participa da criação da ordem social.

Apesar de nesta conjuntura encontrarmos outras vertentes estudando a sexualidade, a Educação Sexual, desse período, ainda visava esclarecer o indivíduo sobre a função da sexualidade, os mecanismos reprodutivos e o processo evolutivo, proporcionando conhecimentos embasados na ideia higienista e eugenista, buscando obter gerações saudáveis e puras, como esclarece Boarini (2003) ao examinar as ideias higienistas e eugenistas do início do século XX. Era uma forma de argumentação para naturalizar os problemas sociais da época, ou seja, na obtenção de um modelo familiar saudável e de um povo sem os males que o higienismo acreditava necessário erradicar para se ter uma raça pura.

Ribeiro (2009, p. 134) alude sobre “outra característica da Medicina brasileira das primeiras décadas do século XX”, na qual se constata uma incoerência na difusão da propagação da ideologia médica, “[...] pois, ao mesmo tempo em que se influenciava pelo ideal higiênico e eugênico, defendia a Psicanálise e a sua inserção no meio médico e educacional”.

Assim, podemos considerar que a institucionalização dos saberes sexuais, no Brasil, é um período em que há a propagação do ideal higiênico e eugênico com a consolidação da psicanálise na Medicina. Foi uma etapa em que houve a adição de teorias e ideologias distintas, que confundiu a classe médica brasileira, já que ela não possuía teoria e ideologia próprias e buscava fora do país o que mais se adaptasse ao cenário brasileiro. Os estudiosos da área, na maioria médicos, eram formados pela influência do ideal normativo higiênico, mas começaram a aceitar os postulados da psicanálise propostos por Freud, utilizando-a em seus estudos.

Ribeiro (2009) lembra o caso do médico Antônio Austregésilo como sendo o autor mais antigo que produziu obras voltadas para a Psicose e sexualidade, publicadas em 1919, e o outro sobre o perfil da mulher brasileira, de 1924. O autor destaca o médico José de Albuquerque, que mesmo sendo formado no ideal higienista e eugenista, utilizava o conceito

freudiano para esclarecer alguns fenômenos sexuais, como a masturbação. José de Albuquerque foi considerado o preconizador da Educação Sexual no Brasil, pois foi um idealizador do seu tempo, propondo diferentes formas de divulgação desse conhecimento, não só pela produção bibliográfica, mas também pelas iniciativas que teve para levar a educação sexual à população. Ele era formado na corrente higienista e eugenista, e deixou um importante legado para a construção do saber sexual e da Educação Sexual no Brasil, pois possibilitou a veiculação do conhecimento através de diferentes formas de propagação, como boletins, programas de rádio e a implantação da discussão da sexualidade nas escolas.

Em um estudo bibliográfico a respeito da implantação da Educação Sexual no Brasil, Ribeiro e Reis (2004) lembram autores que publicaram obras sobre sexologia e Educação Sexual, como Hernani de Irajá, 1930 e 1938; Sebastião M. Barroso, 1935; o padre Álvaro Negromonte, 1936; Afrânio Peixoto, 1936; Oswaldo Brandão da Silva, 1938; Alfredo Ramalho, 1939; Ignez Mariz, 1939; Gil de Almeida Bonfim, 1940 e 1950; Eugenio Mesonero Romanos, 1941, além de José de Albuquerque.

Ribeiro (2009) consegue, sucintamente, fazer considerações da importância da trajetória do médico José de Albuquerque no esforço de implantar a discussão da sexualidade, não apenas no meio médico, mas também, possibilitando a divulgação do tema em espaços públicos.

O autor relata que sua primeira obra foi publicada em 1928, intitulada “Da Impotência Sexual do Homem”, e outras invenções dele foram publicação de livros, palestras, conferências em programa de rádio, organização de eventos científicos, instituição do dia do sexo, criação de uma pinacoteca, museu e cartões postais sobre sexualidade, criação e publicação do Boletim de Educação Sexual, periódico com artigos dos mais eminentes sexólogos da época, enfim, o autor vem destacando o relevante papel que esse médico teve na implantação da educação sexual brasileira.

Deste modo, José de Albuquerque foi o primeiro autor a escrever sobre a Educação Sexual na escola, e, na atualidade, a nomenclatura empregada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais sobre a orientação sexual, como um tema transversal, se aproxima do que foi escrito por ele.

Vale frisar, que mesmo sendo um médico formado pelos modelos higienistas, preconizava que a sexualidade devia ser estudada de maneira natural, sem preconceitos ou valores sociais, como mostra Ribeiro (2009, p. 135-136) ao destacar que Albuquerque dizia que

[...] os conteúdos de educação sexual fossem abordados de forma natural, nas duas disciplinas que considerava as mais adequadas para estudar sexualidade: Biologia e Higiene. [...] partia do princípio de que o sexo era uma função tão natural quanto qualquer outra do organismo, ou seja, existindo uma função sexual, o ser humano tinha de ter pleno funcionamento da mesma. Para ser sexualmente saudável, era preciso afastar dele crenças, preconceitos, negativismos e associações inadequadas que pudessem existir ou ser feitas em relação à sexualidade. Dentre outras ideias, defendia o divórcio e considerava o desquite hipócrita. Propunha que fossem punidos legalmente os indivíduos portadores de doenças venéreas e sabedores de sua condição que transmitissem a doença a outrem.

Podemos considerar que, no seu tempo, José de Albuquerque foi um visionário nas questões da educação sexual, contribuindo para a propagação do conhecimento e influenciando estudos sobre o assunto, até os dias de hoje.

A consolidação da sexologia e da educação sexual no Brasil contou com diferentes teóricos e produção de muitas obras, tanto de autores brasileiros, quanto estrangeiros. As obras publicadas eram divulgadas por editoras do Rio de Janeiro e de São Paulo, como, por exemplo, Júlio Porto-Carrero, divulgador da Psicanálise no Brasil, que publicou *Sexo e Cultura*, na década de 1930. Essa produção de obras de educação sexual das décadas de 1930 e 1940 serviu de subsídio para os educadores do início da década de 1960, permitindo as primeiras ações para a concretização da educação sexual na escola (FIGUEIRÓ, 2001; GUIMARÃES, 1995; RIBEIRO, 1990).

De ato, a primeira iniciativa oficial de se implantar a Educação Sexual nas escolas ocorreu em 1978, quando a Secretaria de Educação da cidade de São Paulo, iniciou um programa de orientação sexual, que durou até 1982 (LEÃO; RIBEIRO, 2007).

Os autores demonstram que, de 1980 a 1986, a Coordenadoria de Estudos e Normas Técnicas da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo desenvolveu um projeto de orientação sexual, intitulado *Programas de Saúde: Aspectos do Crescimento e Desenvolvimento Humanos Relativos à Sexualidade*. Esse projeto se utilizou das disciplinas de Ciências e Programas de Saúde, determinando que os professores dessa área contemplassem trabalhos relativos às questões sexuais com seus educandos.

Outros programas também foram desenvolvidos, entre eles, o da Prefeitura Municipal de Campinas, de 1984 a 1998; o da Prefeitura de São Paulo, no período de administração petista, de 1989 a 1992; e o projeto da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, em parceria com o Ministério da Saúde, denominado *Prevenção Também se Ensina: Ação Preventiva ao Abuso de Drogas/DST/AIDS entre Crianças e Adolescentes das Escolas Oficiais do Estado de São Paulo*, desenvolvido a partir de 1996 (LEÃO; RIBEIRO, 2007).

Estes projetos foram de relevância para a discussão da temática nas escolas, e Ribeiro (2004) faz interessante análise sobre as ações implantadas nesse período, considerando que foram balizadores de espaços para estas discussões. Ressalta o autor os significativos resultados que os projetos proporcionaram e evidencia como característica negativa a interrupção do seu desenvolvimento, devido às mudanças de governos, o que contribuiu para que não tivéssemos projetos contínuos. O autor lembra ainda que, apesar dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, poder ser considerado um avanço para discussão da temática nas escolas, praticamente pouco foi feito em relação à formação dos professores para que fossem capacitados para trabalhar questões de sexo e sexualidade na escola.

Apesar de haver algumas tentativas isoladas, como na década de 1990, Bueno (2001) realizou um treinamento para capacitação de professores da rede municipal, estadual e particular para preparar os educadores a lidarem com estas questões nas escolas na cidade de Ribeirão Preto/ SP.

Embora esta temática seja cada vez mais objeto de pesquisa e apresentar atualmente um grande aporte teórico, os órgãos governamentais ainda não possibilitam ações efetivas de educação continuada e de formação de professores que tratam a sexualidade para o debate na escola, porquanto, há necessidade do

[...] governo federal [...] e os setores públicos responsáveis pela Educação no Brasil percebiam que é essencial o investimento em Educação Sexual. É preciso inserir disciplinas de sexualidade no currículo dos cursos de Pedagogia e nas Licenciaturas, e formar professores para trabalhar com educação sexual, com o objetivo de tirar o sexo dos banheiros das escolas, levando-o para a sala de aula. Inclusive porque, com certeza, as temáticas que hoje são prioridades dos projetos oficiais serão, com muito mais facilidade, assimiladas, compreendidas e multiplicadas, quanto mais existirem professores que tenham a oportunidade de debater, discutir e refletir a educação sexual em sua formação (RIBEIRO, 2004, p. 23).

Portanto, questões relacionadas à sexualidade e que contribuíram para a constituição da história da Educação Sexual e do conhecimento sexual no Brasil têm sido objetos de pesquisa, mas ainda carecem de mais estudos que resgatem sua especificidade, abrangência e importância.

Estudar as formas com que a sociedade se comportava em relação à sexualidade é essencial, e se faz importante a retrospectiva histórica, principalmente em relação ao saber médico e educacional que influenciaram, sobremaneira, a constituição do conhecimento sexual no Brasil, e o comportamento e valores de gerações.

O indivíduo, ser social, ancora suas concepções, atitudes e práticas sexuais a partir da educação recebida, desde o nascimento e a Educação Sexual brasileira foi fundada em valores contraditórios ditados por classes que tinham interesse em normatizar os corpos, obedecendo a uma ordem patriarcal dominada por ideais que propagavam as práticas sexuais como permissivas, proibidas, gerando no indivíduo o sentimento de culpa (PARKER, 1991). Essa herança é perpetuada ainda na sociedade, mesmo com a abertura para discussão da temática, pois reconstruir saberes arraigados no indivíduo é um exercício desafiante e requer muito estudo e discussão, mesmo nas áreas acadêmicas.

Observamos que a produção científica em ascensão ainda prepara de forma incipiente o profissional, seja ele da área da saúde ou da educação, ou ainda qualquer outro profissional, para exercer suas atividades e abordar a sexualidade de maneira emancipatória.

A Educação Sexual deve ser pensada visando à totalidade do sujeito, considerando suas vivências, reelaborando suas concepções acerca da sexualidade, pois é por meio de experiências que o sujeito ancora suas novas visões. Como adverte Pfromm Neto que a Educação Sexual é (1987, p. 6)

[...] um conjunto de experiências pessoais, ativas, dinâmicas, mutáveis, por meio das quais o indivíduo se seleciona, absorve e incorpora informações, relaciona-as com as que já dispõem em seu repertório e as organiza, expressa ou utiliza para criar novas informações, orientar suas ações, agir junto a outras pessoas ou modificar o ambiente.

Sendo assim, é essencial que, a partir dessas constatações, os cursos formadores de profissionais, sobretudo das licenciaturas, considerem a importância da abordagem da temática sexualidade de forma crítica e reflexiva, contemplando as concepções biopsicossociais que a constitui.

2 A SEXUALIDADE NOS DIFERENTES ESPAÇOS DE FORMAÇÃO

*“O que será que será?
 Que andam suspirando pelas alcovas?
 Que andam sussurrando em versos e trovas?
 Que andam combinando no breu das tocas?
 Que anda nas cabeças anda nas bocas?
 Que andam acendendo velas nos becos?
 Que estão falando alto pelos botecos
 E gritam nos mercados que com certeza” ...*

Chico Buarque e Milton Nascimento (1976).

Percebemos a utopia da abordagem da sexualidade humana isoladamente, já que essa é construída recebendo influência de múltiplos fatores, tais como: biológico, psicológico, social, religioso e cultural.

Consideramos então, que a sexualidade, na atualidade, ganha espaços para discussão na sociedade, mas ainda esbarra no campo dos interditos. Essa repressão na educação sexual, desde a infância, ocasiona contínuos emaranhados, influenciando o desenvolvimento e comportamento sexual do indivíduo e tal situação é introjetada como sendo sentimentos negativos, ou seja, é uma informação, ou sua falta, que afetará, profundamente, a vida das pessoas, revelando-se em suas palavras e atitudes.

Acreditamos que, independente de como a sexualidade foi trabalhada na infância e na adolescência do indivíduo, a Universidade não pode excluir a discussão do assunto nos cursos de formação profissional, para que os educandos compreendam a sexualidade na sua totalidade e assim, possam atuar como profissionais, entendendo a expressão dos outros.

2.1 A Sexualidade nos cursos de formação profissional

Nos itens anteriores, narramos a importância de estudar a sexualidade, abarcando seus aspectos históricos, como acentua Foucault (2005), por ser ela uma invenção social, uma vez que se constitui historicamente.

Para se estudar a sexualidade devemos compreender que esse conceito se refere às formas de como os indivíduos vivem seus prazeres, desejos e identidades sexuais. Ela perpassa a sociedade e se molda de acordo com os costumes de cada época, e é formada por diferentes concepções que devem ser consideradas, evidenciando a sua totalidade.

A sexualidade é composta de diferentes abordagens que constituem o ser humano, e seu estudo deve privilegiar todas essas concepções, como explica Vasconcellos (1971);

segundo ele, ao estudar a sexualidade devemos enfocar todos os aspectos do seu existir, pois o homem se constitui na integralidade, no seu jeito de ser biologicamente, seu modo de agir, pensar, expressar, sentir, cuja configuração pluridimensional não pode ser projetada sobre o plano de apenas uma dimensão epistemológica. Isto vem ao encontro com o pensamento de Bueno (2001, 2009).

É impossível a abordagem da sexualidade humana isoladamente, já que ela é recorrente de um processo contínuo, iniciado na concepção e que permeia toda a vida do indivíduo. Nesta linha, Costa (1994, p. 1) expõe que a

Sexualidade é o termo que se refere ao conjunto de fenômenos da vida sexual. Ela é o aspecto central de nossa personalidade, por meio da qual nos relacionamos com os outros, conseguimos amar, ter prazer e procriar [...] parte integrante dos seres humanos, com suas sensações, conflitos e relacionamentos sociais.

Não obstante, novas formas de olhar a sexualidade devem ser buscadas, sem a rigidez normalmente imposta por tabus, dogmas e normas sociais. Como assinala Almeida Filho (1990), devemos propagar um paradigma que evidencie seus diferentes aspectos, construídos multidisciplinarmente, a fim de despertar autonomia e felicidade entre os seres humanos.

Assim, é importante a busca de diferentes áreas de conhecimento, para abarcar o estudo da sexualidade, desvinculando-a dos aparatos culturais, visto que valores sociais geram experiências e aprendizagens que repercutem no desenvolvimento e comportamento do sujeito, principalmente na expressão da sua sexualidade, tornando-a alvo de interditos, como alude Cantonné (2001) em suas reflexões e nos faz ver que a expressão sexual vem carregada de tabus, mitos, preconceitos, contradições, que moldaram e ainda continuam moldando o comportamento sexual das pessoas.

A herança cultural, em torno da sexualidade, a nós legada, foi calcada nas bases da repressão e, mesmo na contemporaneidade, com toda a abertura para debater o assunto. Porém, ainda presenciamos discursos influenciados por esses valores socioculturais, pois sabemos que a repressão é um fato antigo que acompanha as sociedades, como explica Chauí (1987, p. 11)

[...] o fenômeno ou o fato da repressão sexual é tão antigo quanto a vida humana em sociedade, mas que o conceito de repressão sexual é bastante recente, isto é, que a reflexão sobre as origens, as formas e os sentidos desse fato. Seu estudo explícito, datam do século XIX [...] as práticas sociais de controle, proibição e permissão do sexo são antiquíssimas, porém o estudo de seu sentido, de suas causas, de suas variações no tempo e no espaço é um estudo recente, não sendo casual [...].

Destacamos que a repressão da sexualidade sempre foi presenciada no meio social. Mas o discurso a respeito do assunto, com intuito repressivo, é datado do século XIX. Isso devido ao sexo deixar de ser apenas para procriação e passar a ser considerado um ato de prazer e desejo, o que possibilitou olhar para ele como um fenômeno mais global, envolvendo os aspectos biopsicossociais do ser humano e evidenciando sentidos antes ignorados, como gestos, palavras e afetos, que, “[...] à primeira vista, nada têm de sexual.” (CHAUI, 1987, p. 11)

O discurso acerca do sexo se modifica de acordo com as regras e interesses sociais, e seus diferentes aspectos ganham notoriedade, como lembra Foucault (2005), ao explicar que a produção de discursos tidos como "verdadeiros" resulta na formação de poderes específicos, ou seja, discursos produzidos induzindo à repressão sexual.

O fenômeno da repressão sexual e o discurso sexual repressivo podem ser presenciados nas ideias propagadas por Santo Agostinho, que preconizava a interdição do prazer sexual por meio da religião como sendo o único caminho para purificação do pecado do sexo. Neste contexto, Catonné (2001, p. 53) discursa em relação a Santo Agostinho referindo que

[...] Sua originalidade foi ter afirmado que o pecado se transmite de geração em geração pelo ato sexual. Ou seja, o pecado é uma doença que se transmite por via sexual. Este pecado se insere numa natureza humana, que é em si mesma doente, e o santo homem não cessa de propor o cristianismo como remédio à doença.

Estas opiniões religiosas e repressivas em relação ao sexo influenciaram e ainda exercem fortes influências nos dias atuais, nas pessoas. Rocha (2010), em seus estudos, declara que a Igreja⁹ ainda difunde uma educação repressora entre seus adeptos, em diferentes espaços sociais, e adentra aos âmbitos de uma instituição considerada laica, que é a escola.

O autor revela que a crença difundida em uma religião reproduz uma Educação Sexual castradora e incute nos adeptos a coerção que se materializa através de castigos

[...] se o pastor os visse usando vestimenta, eles ficariam “de banco”, ou seja, seriam castigados e não poderiam escolher hinos, subir ao púlpito, sentar nos bancos

⁹Nota do auto (Rocha (2010): Igreja denominada de crente). “Depois de algum tempo, indaguei a esses alunos denominados “crentes” sobre os motivos do afastamento, e a resposta veio rapidamente. As criaturas não são bons exemplos para eles e que, se conversassem, poderiam ser influenciados a sair do caminho correto” (ROCHA, 2010, p. 32).

Crete = (adj. Que crê no que a sua religião ensina. / Que acredita, persuadido. / &151; S.m. e f. O que crê na sua religião. / Da religião muçulmana: o chefe dos crentes (o califa). / Bras. Protestante - <http://www.dicionariodoaurelio.com/Crete.html>).

finais no momento do culto e que seria uma vergonha para a família ter uma pessoa não temente aos ensinamentos. Esta expressão é frequente na igreja e expressa uma situação de castigo e mais: “ficar de banco” significa ser castigado pela autoridade da Igreja e, portanto, ser colocado em lugar de visibilidade frente a frente com outros fiéis carregados de atribuições negativas. (ROCHA, 2010, p. 32, grifo do autor).

Este discurso expressa que os indivíduos são induzidos a terem determinados comportamentos por meio de coibição. E constata Chauí (1987, p. 13): “[...] que punir, castigar, proibir e ameaçar pressupõem existência de regras ou normas que, se não forem obedecidas e se forem transgredidas, levam ao ato de repressão [...].”

A repressão, é um legado deixado para a nossa sociedade em relação a sexualidade e vem sendo construída desde a nossa colonização, que disseminava as concepções religiosas de pecado acerca da sexualidade e que visava disciplinar e normalizar os indivíduos, ocasionando medo, preconceito, tabu e discriminação. Nesse sentido, Nunes (2003) revela que a tradição ocidental tem por herança a repressão e a dominação, que ainda nos acarretam prejuízos no que se refere à sexualidade e corpo, signo de repressão, medo, inculcação, corpos silenciados pelo dogma e pelo preconceito.

Neste discurso homogeneizador, a cultura dita regras repressivas que recaem sobre o corpo, em forma de preconceitos, normas sociais, interditos e restrições que culminam com o engessamento da expressão e dos comportamentos sexuais, o que leva o indivíduo, mesmo inconscientemente, a desenvolver atitudes que despontam a educação advinda dessa repressão.

As aprendizagens, advindas da sociedade, que o sujeito adquiriu, repercutem fortemente nas suas experiências sexuais e, sobremaneira, interferem no desenvolvimento do indivíduo.

É dentro desse formato social que o sujeito estabelece sua identidade sexual e seus valores a respeito da temática. Valores esses ancorados na construção social como a heteronormatividade, virgindade, entre outras, e passa a disseminar como saberes verdadeiros, como explica Mokwa (2006, p. 25-26)

A sociedade, desde a mais longínqua até a contemporaneidade, com a imposição de suas regras e padrões de exigências e consentimentos – entre outros conceitos que geram estereótipos, discriminações e repressões – tornou a sexualidade um grande tabu, não permitindo que esta transcendesse o próprio homem.

Estes conceitos acompanham a trajetória de vida do indivíduo e vão segui-lo na sua formação profissional, porque esse, antes de tudo, é um sujeito social carregado de

julgamentos e formado pela égide de uma Educação Sexual repressora. Ele necessita reformular suas concepções sobre a temática, sendo isso possível por meio de uma Educação Sexual emancipatória¹⁰.

Entendemos que as questões da sexualidade são introjetadas na formação do indivíduo como sendo pecaminosas, gerando os tabus e preconceitos até hoje vivenciados. Trabalhar com o ser humano, seja ele de qualquer área profissional, com a Educação Sexual emancipatória, pode levá-lo a superar os medos e constrangimentos que adquiriu no decorrer da sua educação. Isso pode possibilitar ao ser humano uma melhor compreensão da temática, proporcionando assim maior crescimento e aceitação da sua própria sexualidade.

Enfim, conhecer a expressão da sexualidade dos profissionais, na sua prática, é entender o seu pensamento em torno dessa questão, bem como os valores que possuem acerca do assunto e que podem se manifestar em sua prática profissional.

Cada indivíduo traz, da sua educação sexual, conceitos que considera verdades, o que possibilita compreendermos como entende a sexualidade, ou seja, ideias compartilhadas por determinado grupo social. Esses valores pessoais vão delinear as condutas dos indivíduos que são influenciadas por suas crenças e determinam o que o sujeito valoriza como correto ou não.

A esse respeito, Moscovici (2003, p. 38) diz que

[...] nossas experiências e ideias passadas não são experiências mortas, mas continuam a ser ativas, a mudar e a infiltrar nossa experiência e ideias atuais. Sob muitos aspectos, o passado é mais tão real que o presente. O poder e a clareza peculiares das representações [...] deriva do sucesso com que elas controlam a realidade de hoje através da de ontem e da continuidade que isso pressupõe [...].

A sexualidade, geralmente, é sancionada pelos segmentos religiosos, pela família e pela própria sociedade, tornando a informação sobre essa temática insuficiente e, sua reflexão, diálogo e entendimento difíceis, castrando ou não, a expressão da mesma.

A cultura dita normas em relação ao corpo. A mais simples observação em torno de nós poderá demonstrar que o corpo humano é afetado pela religião, pela profissão, pelo grupo familiar, pela classe social e outros intervenientes sociais e culturais. Ao corpo se aplicam também, crenças e sentimentos que estejam na base da nossa vida social. (BRUHNS, 1994, p. 43).

¹⁰ É relevante esclarecer que o conceito de educação emancipatória aqui trabalhada, compreende a expressão de nossa sexualidade, de maneira responsável, segura, respeitando os direitos nossos e dos outros, sem as amarras dos interditos que nos impedem de vivenciá-la em sua plenitude.

As dificuldades que o indivíduo encontra de se desvencilhar dos valores incorporados pela educação repressora podem ocasionar prejuízos para o seu desenvolvimento biopsicossocial. São necessários trabalhos que desconstruam preconceitos de gênero, etnia, opção sexual, entre outros, na busca de uma visão democrática e plural, que permitam o diálogo a respeito das diferenças e avance positivamente. Só assim a abordagem da temática poderá se tornar referência de Educação Sexual, para ser desenvolvida no trabalho acadêmico-científico, de maneira crítica e reflexiva na formação profissional, como mostram Mokwa e Bueno (2008, p. 21)

[...] para haver um entendimento maior das concepções referentes à temática, faz-se mister entender o processo cultural que vem permeando a sociedade ao longo dos tempos, na construção da sexualidade, pois essa sofreu várias influências por interesses diversos, desde tempos remotos até os tempos atuais. E tais influências sobre os aspectos de formação da sexualidade, tanto de ordem social, cultural, psicológica e religiosa ou familiar, podem gerar conflitos e desequilíbrio na formação do indivíduo, bem como, transtornos na formação de sua identidade.

Em qualquer contexto social, quando se fala de sexualidade, há uma resistência quanto à temática que, se superada, proporciona ao ser humano, maior compreensão sobre o assunto, tornando o indivíduo mais consciente, possibilitando a aceitação da sua própria sexualidade e a do outro.

Entretanto, estas marcas advindas da influência social acerca da sexualidade refletem na formação do ser humano e, conseqüentemente, na formação do profissional em diferentes espaços acadêmicos, principalmente no que se refere à discussão e reflexão acerca da temática sexualidade. Para isso, é essencial disponibilizar espaços para se abordar o assunto de forma emancipatória, nos cursos de formação profissional.

2.2 A Discussão da sexualidade, e sua contribuição para a formação profissional

Os debates da sexualidade e seus assuntos atrelados trazem possibilidades de reflexão e preparo para o ensino dessa temática na formação dos profissionais que atuam nessa área. A sexualidade, por ser um assunto polêmico, é palco de diferentes opiniões e abordagens, mas, não se trata de uma nova temática, pois, há tempos vem sendo de interesse de diferentes áreas do conhecimento, ocasionando tabus, preconceitos, credices, estereótipos e interditos que precisam ser esclarecidos.

Presenciamos, na sociedade, que a temática da sexualidade é discutida, enfaticamente, pela vertente higienista. Isso se justifica devido à nossa herança sócio-histórica e cultural ter nos legado uma visão da sexualidade, fundamentada nos preceitos médicos e religiosos. O

discurso sobre a sexualidade continua conservador e sob a influência da Igreja, e higienista, objetivando a coibição do ato sexual, recomendado apenas para a procriação.

A ciência e a Igreja contribuíram para a construção histórica e social da sexualidade e se agregaram na busca de uma cientificidade para explicar seus pressupostos acerca da temática. Suas ideias eram propagadas como verdades e ganham notoriedade, normatizando o comportamento sexual da sociedade.

Decerto, o controle do sexo se dava pelas proibições das práticas sexuais, ora pelo pecado, ora pela higiene dos corpos e, durante muito tempo, a vertente higienista e eugenista disseminaram na sociedade a crença de que a sexualidade é um assunto que deve permanecer no campo dos interditos, sendo sua discussão realizada apenas por profissionais da área da saúde. O sexo deveria ser realizado para fins procriativos e de perpetuação de uma espécie pura.

É através deste panorama que se formou o saber sexual da nossa sociedade, que influencia, consideravelmente, o comportamento sexual do indivíduo, sobretudo do profissional da área médica e de diferentes áreas de conhecimento, que produziam conhecimento científico, reproduzindo como verdade e, de certa forma, repetindo os valores arraigados no senso comum, bem como dos saberes médicos.

Sabemos que o conhecimento a respeito da sexualidade era desenvolvido apenas pela área médica, que também formava o educador para abordar a temática na escola, e são esses conhecimentos médico e educacional que tinham o objetivo de propagar ideias que influenciaram conceitos, comportamentos e atitudes por várias gerações, afetando a atualidade.

Qualquer sociedade, mesmo que tenha alguma semelhança, apresenta peculiaridades, características distintas que as identificam e diferenciam. Esses atributos são passados para suas gerações, perpetuando valores e costumes.

Sendo assim, para se estudar uma sociedade, é importante conhecer o desenvolvimento de sua herança cultural e sua interação com os grupos que as constituem, pois essa interação se efetiva através de valores e conhecimentos, permitindo aos homens se encontrarem e se identificarem, sentindo-se pertencentes a um determinado grupo.

Entretanto, o conceito de sexualidade é de interesse de vários segmentos sociais e a Educação Sexual, como objeto de estudo científico, tem sido compreendida como um campo teórico, prático e político, que busca responder e reestruturar o pensamento sexual existente na contemporaneidade, que gera tabu e se torna um desafio na luta contra valores e preconceitos. Louro (2000) explica que a temática esbarra na questão pessoal e privada, pois

se constitui num campo político, discutido e disputado. Na atribuição do que é certo ou errado, normal ou patológico, aceitável ou inadmissível, está implícito um amplo exercício de poder que, socialmente, discrimina, separa e classifica.

Dentro destes pressupostos, entendemos que as ciências tinham como objetivo estudar a sexualidade, enfatizando os aspectos biológicos e a reprodução da espécie, para que houvesse normatização do comportamento moral e físico dos indivíduos (LOYOLA, 1999).

Os estudos a respeito da temática só passam a ser de interesse de outras áreas de conhecimento no momento em que pesquisadores entendem que a sexualidade é constituída por diferentes dimensões. Então, buscam entender o que é sexo e sexualidade e como se dá a sua constituição.

A partir desse momento, surge o interesse pelo estudo da sexualidade humana, mas ainda priorizando o modelo médico patológico, como apontam Carrara e Russo (2002), ao destacarem que os mais renomados sexólogos da passagem dos séculos XIX e XX eram médicos, boa parte deles psiquiatras e, desde 1846, já era possível encontrar publicações científicas em torno do tema da patologização da sexualidade.

Inicialmente, os estudos ganham destaque na discussão da Psicologia e da Psicanálise, para, posteriormente, a temática passar a ser interesse de estudo de diferentes ciências, que fragmentaram o assunto para relacioná-lo com a área de sua competência.

A partir desta nova racionalidade, os médicos e paramédicos se dedicaram a cuidar e estudar a parte da sexualidade relacionada ao físico. Já os psicólogos se responsabilizaram em investigar os aspectos psíquicos. E os profissionais das áreas humanas, como os assistentes sociais, desvendaram os mistérios dos aspectos sociais.

Dividir o corpo para se estudar sua constituição é um conceito da modernidade, que se iniciou com a fragmentação profissional em diferentes especializações, o que levou cada uma a cuidar de determinada parte do corpo humano.

Esta nova concepção de estudo instigou a pesquisa a respeito da história da sexualidade, proposta pelas diferentes áreas de conhecimento. Podemos considerar esse acontecimento um avanço, já que a temática ganha espaço para ser discutida por diferentes profissionais. O ponto negativo que esta separação ocasionou foi que, cada qual em sua área de conhecimento, trabalhava isoladamente, resultando no estudo da sexualidade humana de forma desarticulada, legitimando a ideia de que ela era apenas um ato sexual, sem contemplar a sua totalidade.

Assim, é importante que os cursos de formação profissional abordem os diferentes aspectos da sexualidade e se faz necessário que o tema também adentre os cursos de Pós-

Graduação, visto que é um assunto que perpassa todo ambiente social, incluindo o meio acadêmico. Aliás, é preciso instigar pesquisas que liberem a temática das amarras das questões de doutrinação, dos valores, tabus e preconceitos, sendo estudada dentro de uma perspectiva científica.

Ademais, é importante que os profissionais de diferentes áreas trabalhem conjuntamente, pois a sexualidade deve ser abordada de forma transdisciplinar e, para tanto, são necessários formação e preparo de todos os envolvidos na Educação Sexual, a fim de contribuir com os diálogos e reflexões de diferentes assuntos relacionados à temática, de maneira a possibilitar o desenvolvimento de cidadãos conscientes acerca desta dimensão (BUENO, 2009; RIBEIRO, 2004).

As questões que envolvem a formação profissional têm sido alvo de inúmeros estudos nas últimas décadas, principalmente, no que tange às questões da sexualidade, abordadas nos programas universitários. Cada vez mais profissionais de diferentes áreas de atuação interessam-se pela discussão a respeito da sexualidade humana e procuram aprofundar seus conhecimentos nos programas de Pós-Graduação, principalmente na área educacional, produzindo novos conceitos neste sentido.

A formação profissional, seja das áreas biológicas ou humanas, constitui-se como um *locus* privilegiado, não só para refletir e discutir sobre essas questões, como para a criação e a implementação de proposições que possibilitem vislumbrar novos caminhos e avanços, no que tange à sexualidade humana nos espaços acadêmico-científicos.

Em qualquer contexto social, quando se fala da temática, há uma resistência na sua abordagem e esses cursos de formação de profissionais nem sempre debatem o assunto, mantendo conceitos ultrapassados, impossibilitando transformação.

A este respeito, Leão (2009) e outros autores resgatam o currículo do curso de Pedagogia em diferentes universidades e apontam que, apesar destes cursos poderem abarcar as questões da sexualidade em seu currículo, não o fazem, ou quando discutem o assunto, é de forma incipiente.

Pressupomos que os demais cursos de formação profissional ainda têm em seu currículo a abordagem rudimentar no que tange à sexualidade, demandando novos paradigmas para que os futuros formadores e profissionais reformulem seu imaginário a respeito dela.

A busca de novas abordagens, para esclarecer o estudo da sexualidade, leva várias áreas do conhecimento a pesquisarem a respeito da temática e seus resultados são entendidos como fidedignos. Os achados científicos são considerados verdades absolutas, já que o meio acadêmico é racional, um espaço que lida com a veracidade dos fatos, como mostra

Riechelmann (1993, p. 292, grifo do autor): “[...] as pessoas confiam nos ‘homens da ciência’ porque os consideram racionais, objetivos, equilibrados, e cujo saber encontra-se acima das polêmicas e dos preconceitos.”

Neste sentido, o estudo da sexualidade humana deve ser privilegiado nos cursos de formação profissional, contemplando as suas distintas abordagens. Costa (1994) diz que devemos entender o ser humano como um todo, de maneira indivisível, pois

[...] Nossas partes podem e devem ser estudadas em separados, mas não confundidas ou tomadas pelo todo. Quando se implanta uma ponte safena, não se faz isso apenas num coração [...] opera-se um coração que está no corpo vivo de um ser humano, que tem nome, profissão, família, medo, inquietudes, dúvidas, necessidades. Não é só o coração que precisa ficar bom, sarar, mas sim o ser humano ao qual essa pequena parte pertence (COSTA, 1994, p. 1).

Isto nos remete à necessidade de discutir a temática nos cursos de formação profissional, pois a sexualidade, inerente ao ser humano, irá perpassar a prática profissional, por exemplo, do enfermeiro, advogado, médico, professor, psicólogo, dentre outros. E esses, ao se depararem com situações de natureza sexual na sua prática, precisam estar preparados e devidamente instrumentalizados para abordar o tema satisfatoriamente (BUENO, 2009).

Considerando essa perspectiva, a Educação Sexual deve ter espaço garantido de discussão em diferentes cursos de formação, como apontam Montrone e Oliveira (2004), ao dizerem que a sexualidade está presente nos diferentes espaços, incluindo as escolas de nível superior e os cursos de Pós-Graduação, sendo necessário pensar a educação sexual com planejamento, implementação e avaliação de conteúdos curriculares voltados para os direitos sexuais reprodutivos, os direitos e valores humanos, para que contribuam na formação de profissionais solidários, responsáveis, na busca de uma sociedade mais justa, humana e igualitária (BUENO, 2001; 2009).

Consequentemente, isto representa a necessidade emergencial de se trabalhar a sexualidade, mais do que nunca, visando à melhor integração da temática junto ao profissional pesquisador, de diferentes áreas, e sua relação consigo mesmo, na busca da desmitificação em torno do assunto.

Entretanto, o que percebemos é a ausência da abordagem da sexualidade humana nos cursos de formação (faculdades e universidades). O assunto é, geralmente, tolhido e, quando abordado, é de forma fragmentada e pouco reflexiva, enfatizando apenas os aspectos higienistas e biologizantes, herança de uma cultura que viabilizava o sexo como forma de

controle e repressão. Na maioria das vezes, quando há espaços de debate sobre o assunto, nas instituições, é devido às iniciativas pontuais.

Contudo, observamos que é crescente a preocupação de profissionais de diferentes áreas em estudar a temática. Essa peculiaridade pode ser verificada no aumento da produção de trabalhos científicos, tanto em eventos, quanto na produção acadêmico-científica, sendo que essa discussão, até algum tempo, era difícil, pois não dispúnhamos de literatura. Só houve reconhecimento a partir dos pressupostos teóricos de Freud, que abriram espaços a novas discussões e estudos.

Estes pressupostos foram um marco para o estudo da sexologia, pois instigou vários pesquisadores a estudarem o assunto em diferentes áreas, e teve significativo valor acadêmico para a historiografia da sexualidade, principalmente, na discussão de temas correlatos, como gênero, homossexualidade, gravidez, aborto, condição da mulher, sexualidade infantil, entre outros (BUENO, 2009).

Estas discussões ganharam espaços nos cursos superiores e de Pós-Graduação, favorecendo o avanço científico do estudo da temática nas últimas décadas. No entanto, não ocorreram de maneira homogênea, pois o pesquisador que se propôs a investigar o assunto, muitas vezes, trouxe em suas raízes sociais, representações sobre a sexualidade impregnadas de mitos, preconceitos, tabus e desconhecimentos. E, portanto, reproduziam como “verdades”, mesmo que inconscientemente, em seus trabalhos científicos, conceitos que são baseados na sua Educação Sexual, construída com base em uma sociedade repressora.

A história da sexualidade é o retrato de um povo, sendo marcada por características que vão determinar não apenas padrões, mas incutir conceitos e valores a respeito do assunto que, se não discutidos de maneira a descortinar os mitos existentes nessas verdades, propagarão ainda mais preconceitos para as futuras gerações, acentuando o conhecimento do senso comum.

O pesquisador, produto de uma sociedade, traz imbricado na sua formação e na sua identidade sexual, concepções e valores dessa educação, uma bagagem subjetiva do que representa a sexualidade, que vai influenciar a sua representação e, possivelmente, sua identidade e formação profissional, devendo desconstruir padrões arraigados no senso comum, para propiciar a reconstrução de novos saberes acerca da sexualidade. Como expõe Ribeiro (1999, p. 36, grifo do autor)

O profissional precisa refletir sobre os mecanismos que geram valores e atitudes em relação à sexualidade para, ao invés de basear-se cegamente no padrão vigente, construir uma "verdade" pautada em seus próprios sentimentos e, dessa forma,

caminhar para uma prática coerente com suas necessidades e não conforme os interesses decorrentes das relações de poder.

Para trabalhar a sexualidade, não se pode negligenciar o corpo, pois, como aponta Fernandez (1990), toda aprendizagem se realiza pelo corpo, ficando nele, registrada.

É importante pensarmos que o profissional, na sua prática, revela suas emoções, valores, preconceitos, tabus, entre outros, que são manifestados na sua expressão. Ou seja, sua forma de agir e pensar são visivelmente, compreendidas pelo outro, através do comportamento corporal.

Murano (1999, p. 22) lembra que: “[...] é na materialidade do corpo que todos os poderes, todos os saberes, todos os prazeres e desprazeres se cruzam. O corpo é a sede tanto da sexualidade como do trabalho e de qualquer outra atividade humana”.

Desta forma, o ser humano em todas as suas atividades, revela a sua formação e a Educação Sexual que o influencia, sendo importante discutir a respeito do corpo, admitindo sua existência também para o pesquisador, ou seja, a sua sexualidade, sua identidade sexual, sua história, seus valores e estereótipos.

É nesse sentido que o ser humano cria uma cultura corporal, originada nos moldes de hábitos sociais, como alude Gonçalves Júnior (2003, p. 5-6), que a cultura corporal é

[...] como um saber que a sociedade desperta no indivíduo e que este desenvolve e toma para si, observando que cada cultura possui seus modos de fazer corporais, construídos a partir de um conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições herdados do ambiente cultural, os quais identificam e distinguem as maneiras como os indivíduos sabem servir-se do corpo, ou seja, suas técnicas corporais.

Para tanto, é essencial que o profissional adquira conhecimento sobre a sexualidade nas diferentes etapas do desenvolvimento humano, assim como sua construção histórica, para poder entrar em contato na sua prática com situações que contemplem a temática de forma livre de tabus e preconceitos. Para tanto, as instituições formadoras precisam comprometer-se a capacitar o aluno sobre esta vertente.

Mesmo com o avanço tecnológico e com as produções acadêmico-científicas em torno da temática, nas últimas décadas, a sexualidade ainda é um tema impregnado de mitos, preconceitos, ignorância, contradições, tabus e desconhecimentos para muitos profissionais.

A trajetória social da sexualidade se apresenta como um fator polêmico na formação e no comportamento sexual, perpassando a vida das pessoas na contemporaneidade. Estes conflitos polêmicos travam uma batalha interna entre as atitudes dos indivíduos e os conceitos conservados pela sociedade em relação ao assunto. Como podemos presenciar ainda na

atualidade, professores e diferentes profissionais que advogam a favor da exclusão da discussão da temática, mesmo como palestras, cursos e currículos escolares, já que a consideram um assunto obscuro (VITTIELO, 1997).

Dentro desta abordagem, a formação profissional possui um papel relevante, uma vez que preparar esses profissionais para trabalharem com a sexualidade significa abrir espaços que permitam a transformação dos valores acerca dela, para que as diferentes identidades sejam respeitadas e valorizadas, consideradas fatores enriquecedores da cidadania.

É importante conhecer as produções acadêmico-científicas na área de Educação, por diferentes profissionais, formados por uma educação repressora e que, tratando-se de sexualidade, necessitam abarcar conhecimentos sobre o tema, para reconstruir os seus paradigmas, principalmente na área da ciência sexual, como explica Chauí (1987, p. 183-4)

A ciência sexual, nascida no fim do século XVIII e desenvolvida durante os séculos XIX e XX, é, na verdade, um conjunto de disciplinas científicas e de técnicas relativas ao comportamento sexual: pedagogia, medicina, direito, economia, demografia, psiquiatria e psicanálise seriam seus principais componentes.

É necessário, pois, um olhar crítico e reflexivo em relação às ciências sexuais, já que são saberes construídos na busca de explicações do comportamento, de forma individual e, muitas vezes, teorizando apenas um aspecto da sexualidade, advindo da educação reprimida.

Foucault (2005) lembra que a repressão sexual se exerce pela censura, pela proibição e pelos interditos, mas que ela revela um prazer em se falar do sexo e, ressalta o autor, que em nenhuma outra época, o sexo foi tão falado, discutido, detalhado, estudado e ao mesmo tempo, regulamentado.

É neste embate de repressão que são formados diferentes profissionais que buscam compreender a sexualidade, pesquisando o assunto no meio acadêmico.

A articulação de profissionais interessados na prática sexológica intensificou-se a partir da década de 1980. Algumas ações, no sentido de agregar profissionais, surgiram a partir de associações de ginecologia/obstetrícia. É o caso do Núcleo de Sexologia, na Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia do Rio de Janeiro (Sgorj), surgida a partir das iniciativas dos integrantes do Clube da Placenta, da Comissão Nacional Especializada em Sexologia, na Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo) e, mais tarde, do Núcleo de Sexologia, na Sociedade de Ginecologia do Rio Grande do Sul (Sogirs) (RUSSO et al., 2011, p.47).

Isto nos remete a pensar na responsabilidade de quem faz ciência em sexualidade, já que são estudos que possivelmente irão servir de referência para outros profissionais que

trabalhem a temática e, em contrapartida, como a produção acadêmica nos programas de Educação e Educação em Ciência vem sendo produzida, pois pressupomos que esses profissionais são formados nesse viés.

Figueiró (2001, p. 62-63) reitera que

[...] cada área deve abrir-se para autocríticas e reflexões, buscando repensar constantemente seu verdadeiro papel social, suas possibilidades de contribuição efetiva para uma vivência sadia da sexualidade, na tentativa de compreender seus próprios limites e se superá-los na interdisciplinaridade. Isto está diretamente relacionado com a questão do preparo do profissional, quando do período de sua formação universitária.

Os cursos de formação profissional, bem como os de Pós-Graduação, necessitam discutir a sexualidade dentro de uma visão totalizadora, desconstruindo verdades impostas através de repressão e que gerem compreensões que não favoreçam o preconceito, o tabu e a discriminação.

Faz-se necessário que o curso de formação profissional aborde a temática, pois, como adverte Melo (2004), a prática profissional envolve pressupostos que precisam ser compreendidos em profundidade, para proporcionar mudanças em relação à representação da sexualidade. Isto porque o desenvolvimento humano é fundamental, já que o corpo, sensação, percepção, afetos, emoção, prazer, são partes indissociáveis da estrutura do ser, que reconhece no mundo, outros seres e pode, assim, tornar o coletivo melhor.

É neste sentido que instituições de formação necessitam buscar espaços que possibilitem ao profissional reconstruir sua visão a respeito da sexualidade, compreendendo seu comportamento diante das adversidades que permeiam o assunto.

Desta forma, na ênfase de se pensar em Educação Sexual, deve-se privilegiar a sexualidade sob múltiplos olhares, consequentemente, tratando o corpo como expressão maior da sexualidade.

É importante conhecer a produção acadêmico-científica a respeito do tema, para o levantamento do conhecimento acerca da totalidade de estudos e pesquisas que estão sendo desenvolvidas nessa área de conhecimento, principalmente, para propiciar reflexões a respeito de aprofundamentos/estudos promovidos nos cursos de Pós-Graduação, incitando a debates e favorecendo os diálogos.

Neste sentido, a proposta da Educação Sexual na formação profissional é relevante, principalmente, na produção acadêmico-científica, vislumbrando a abordagem da temática,

contemplando suas várias dimensões e propiciando uma Educação Sexual crítica, reflexiva e emancipatória.

Apreender os conhecimentos que os profissionais de distintas áreas que atuam na educação têm em relação à sexualidade, possivelmente, permitirá as efetivas modificações da expressão e práticas quanto a este tema. E, estendendo aos diferentes meios acadêmicos, tais profissionais poderão incorporar em suas práticas, bem como na sua vida pessoal, os conhecimentos trazidos pelas diversas ciências que envolvem a sexualidade.

Entendemos assim que as mudanças são morosas e gradativas, já que requerem um amplo exercício de mudança de atitude, visão e comportamento em relação ao assunto, esvaziamento de conceitos obsoletos e ideias sobre a sexualidade, dando lugar para uma nova concepção por meio dessas reformulações de valores e pensamentos.

O tema da sexualidade está em debate em diferentes contextos. No entanto, a universidade e os cursos de Pós-Graduação são espaços específicos e privilegiados para o ensino da Educação Sexual (BUENO, 2001, 2009; CHAUÍ, 1987; EGYTPO, 2003; FAGUNDES, 1993; FIGUEIRÓ, 1998; GOLDBERG, 1988; GUIMARÃES, 1992; GUIMARÃES, 1995; HENDERSON et al., 2006; LEÃO, 2009; MAIA, 2004; RIBEIRO, 1990; SAYÃO, 1997).

Notamos que a literatura tem enfatizado a necessidade do investimento em formação de educadores, seja professor ou outro profissional que atue na educação, trabalhando com a sexualidade humana, ou seja, um processo de formação sobre sexualidade para formar profissionais mais preparados na tarefa de educar ou, ainda, profissionais preparados na arte de pesquisar a respeito do assunto (ALVES; OLIVEIRA, 2004; BUENO, 2009; CONCEIÇÃO et al., 2001; FIGUEIRÓ, 2006; GELAKE; WIGGERS, 2006; SILVA e MEGID, 2006).

Finalizamos a primeira etapa teórica do presente estudo evidenciando que, para se estudar a sexualidade, é importante conhecer a sua construção histórica, influências culturais, políticas, econômicas e sociais e também discuti-la na formação profissional e na produção científica.

A História da Sexualidade nos remete à compreensão dos receios populares e acadêmicos produzidos no universo acadêmico-científico. Neste sentido, devemos ter um olhar para a história da sexualidade, de forma que essa possibilite a busca, a investigação a respeito da construção de uma nova visão da sexualidade a partir de uma cultura, bem como o comportamento que é influenciado pela mesma, tentando propiciar uma educação sexual emancipatória embasada em fundamentos teórico-científicos.

O número de obras científicas abordando a sexualidade vem crescendo nas últimas décadas, como é possível presenciar no prefácio escrito por Sydney no Livro a História da sexualidade: da antiguidade à revolução sexual (GARTON, 2009, p. 17):

[...] em menos de quarenta anos, a história da sexualidade, como área específica de investigação acadêmica, cresceu de umas quantas obras descritivas de atitudes e comportamentos passados para um campo de uma riqueza enorme, que sustenta uma publicação periódica própria, várias coleções monográficas e inúmeros seminários, conferências, artigos e livros.

Assim, a sexualidade na produção científica ganha destaque, resgatando a necessidade da formação de profissionais e a verdade científica que apesar de importante, não é única e inacabada. Deve, portanto, ser sim valorizada, mas sempre revista e renovada, por meio de pesquisas e investigações efetivas de cunho científico apoiada em teóricos que investigam a temática, para que possamos obter uma noção clara das ideias, concepções, crenças, práticas, fantasias, comportamentos e lutas sexuais travadas no passado de uma sociedade e que influenciam sobremaneira a representação da sociedade atual.

3 JUSTIFICATIVA

“Eu acredito, não porque eu quero acreditar, acredito porque as evidências científicas são irrefutáveis, elas não mentem”.

Cello Vieira apud Pensador.Info (2013).

As teorias citadas nesta pesquisa se referem à sexualidade como essencial para a formação integral do ser humano, sendo necessário analisar estudos que contemplem a temática na área educacional.

Dentro de um projeto maior, de resgate da historicidade da sexualidade, desenvolvido pelo grupo NUSEX, buscamos sistematizar a produção do conhecimento sobre sexualidade e educação sexual desenvolvidas no meio acadêmico-científico, para que sejam referenciais na área da Educação. Analisamos a historiografia das produções de mestrado e doutorado da UNESP, na área da Educação e Ensino de Ciências, que abordam a temática, no intuito de conhecer o que tem sido produzido até então, qual a abrangência destas produções e quais as possíveis lacunas existentes, considerando que a sexualidade é um assunto que tem conquistado cada vez mais espaço a debates.

Ferreira (2002) se refere à realização desse tipo de pesquisa como sendo a constatação da produção acadêmica, usualmente empregada para a discussão das diversas problemáticas e, também, para destacar as lacunas ainda existentes, tanto em relação aos temas que não foram suficientemente abordados, como também, acerca das metodologias e novas tendências epistemológicas.

Para realização desta pesquisa, utilizamos o estudo do Estado da Arte sobre sexualidade, que é de extrema relevância, pois possibilita realizar uma pesquisa, articulando-se a ações que visem propor melhoria de qualidade da formação de pesquisadores/as, no que tange à temática.

O estudo do Estado da Arte ou Estado do Conhecimento visa ao levantamento bibliográfico de produções realizadas em uma determinada área de conhecimento; como explica Ferreira (2002, p. 258), este tipo de estudo busca

[...] responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários.

A sexualidade é estudada por diversas áreas de conhecimentos e, cada qual busca compreender um determinado aspecto que contempla a temática. O estudo do Estado da Arte é uma metodologia que propicia descortinar a produção acadêmica, relatando o conhecimento produzido, constituindo-se em inventários descritivos, cujo principal objetivo é o de criar um quadro panorâmico das pesquisas realizadas em torno de temas específicos, que, no caso deste estudo, é a sexualidade. A confecção de inventários desse gênero estabelece um passo de fundamental importância para a reflexão acadêmica, uma vez que todo conhecimento científico ancora-se na produção anteriormente realizada, quer para reafirmar ou aprofundar abordagens, ou para lançar novos questionamentos sobre uma realidade parcialmente conhecida (FERREIRA, 2002).

Diante destas considerações, a pesquisa que contemple o Estado da Arte sobre sexualidade e Educação Sexual, nas teses de doutorado e nas dissertações de mestrado desenvolvidas na UNESP, é de grande relevância, pois é um marco teórico da historiografia da produção acadêmica concernente a estes temas e poderá sugerir linhas de trabalho para futuros estudos que os abordem. Em linhas gerais, esperamos propiciar para a educação no contexto, sobretudo da UNESP, uma ferramenta que venha ajudar a esclarecer e ressignificar a sexualidade humana como parte do processo de aprendizado dos sujeitos, envolvendo a dimensão biopsicossocial e a sua construção histórica.

4 OBJETIVOS

“Uma coisa que aprendi nessa longa vida: toda nossa ciência, comparada com a realidade, é primitiva e infantil, ainda sim, é a coisa mais preciosa que nós temos.”

Albert Einstein, apud Pensador.Info (2013).

4.1 Objetivo geral

O presente estudo tem como escopo organizar, analisar, sistematizar, descrever e desvelar a elaboração no que concerne à matéria Estado da Arte nos temas sexualidade e educação sexual, presente nas dissertações de mestrado e teses de doutorado, dos Programas de Pós-Graduação de Educação e Ensino de Ciências da UNESP.

4.2 Objetivos específicos

- 1) Verificar e relatar a participação da UNESP na história da institucionalização dos saberes sexuais contemporâneos;
- 2) Organizar e descrever a trajetória percorrida pela UNESP para seu desenvolvimento e consolidação da institucionalização da sexualidade;
- 3) Analisar e verificar os assuntos concernentes à sexualidade presentes nas dissertações e teses e quais enfoques que se têm quanto à educação sexual.

Em suma, acreditamos que a pesquisa possibilite reflexões sobre as produções dos Programas de Pós-Graduação, de modo a proporcionar uma avaliação sobre a inserção destas temáticas.

5 METODOLOGIA

“A educação para o sofrimento, evitaria senti-lo, em relação a casos que não o merecem”.

Carlos Drummond de Andrade apud Pensador.Info (2013).

Esta pesquisa foi idealizada a partir das inquietações surgidas nas discussões ocorridas no grupo NUSEX acerca da importância de se conhecer as produções que abarcam o conhecimento sexual no universo acadêmico-científico, utilizando, para tanto, uma metodologia que pudesse contribuir, consideravelmente, para traçar a historiografia das pesquisas concluídas nesta área.

Evidentemente que o aumento quantitativo de pesquisas neste sentido representa um grande avanço para o conhecimento científico. Mas, é essencial, periodicamente, entender os estudos desenvolvidos contemplando a sexualidade, como explica Goergen (1998) que, na medida em que o número de pesquisas aumenta, cresce também, o volume de informações na área pesquisada, sendo necessário avaliar as produções realizadas, observando as possíveis lacunas e oportunidades de novos objetos de estudos ainda não explorados.

Isto nos remete a valorizar tanto o método quantitativo quanto a análise qualitativa de produções científicas, na busca de apreender o saber desenvolvido numa determinada área pesquisada, pois apenas o crescimento quantitativo não pode ser critério isolado do avanço no campo de investigação de uma ciência.

Sánchez-Gamboa (1998) mostra que a perspectiva qualitativa implica a análise de diversos aspectos, como o aparecimento de questões associadas com a avaliação dessa produção, suas características e tendências, os critérios de validade científica de seus resultados e a aplicabilidade de suas conclusões. A apreciação desses aspectos possibilita um novo desafio para os pesquisadores, que seria como pesquisar um estudo já terminado, ou ainda, como criar um novo objeto de investigação advindo de uma pesquisa já realizada, associando à metodologia quali-quantitativa.

Como metodologia, é um recurso utilizado no percurso de uma pesquisa científica para se responder ao objetivo traçado. Portanto, optamos por desenvolver uma pesquisa analítico-descritiva de caráter qualitativo e quantitativo, utilizando como opção metodológica o Estado da Arte ou Estado do Conhecimento.

Esta metodologia de caráter bibliográfico é entendida como o ato de investigar e de buscar informações sobre determinado assunto, através de um levantamento realizado em

base de dados, com o objetivo de detectar o que existe de produção em uma determinada área de conhecimento; como esclarece André et al. (1999), esse tipo de pesquisa é um trabalho de revisão de literatura que consiste num inventário do conhecimento, baseado na análise comparativa de vários trabalhos que incidem sobre determinada temática.

Esta metodologia denominada de Estado da Arte ou do Estado do Conhecimento teve o propósito de realizar uma revisão sobre publicações de dissertações e teses dos *campi* da UNESP, na área da Educação e Ensino de Ciências que contemplassem a temática sexualidade.

5.1 O Estado da Arte como opção metodológica

Como descrito anteriormente, esta pesquisa foi desenvolvida com base em um estudo exploratório qualitativo e quantitativo, mediatizado por uma metodologia de caráter bibliográfico através da elaboração do Estado da Arte que, para Figueiró (1996, p. 51): “[...] significa fazer o levantamento, a sistematização e avaliação do conhecimento produzido nessa área, podendo constituir-se numa contribuição ao avanço da ciência”.

O Estado da Arte ou Estado do Conhecimento representa um referencial teórico metodológico que visa realizar um levantamento quantitativo e avaliar o conhecimento sobre um tema específico, como ilustram Soares e Maciel (2000), ao caracterizarem a pesquisa em um estudo descritivo, explicativo ou ainda exploratório com base na análise de documentos, objetivando, num primeiro momento, quantificar, identificar, descrever um determinado saber científico e, num segundo momento, explicar e compreender o significado dessa produção no contexto da área de pesquisa, que, no caso desse estudo, trata da temática da sexualidade.

Ferreira (2002) considera que o caminho descritivo-analítico na pesquisa do Estado da Arte, pode ser desenvolvido em duas dimensões, sendo a primeira aquela em que o pesquisador

[...] interage com a produção acadêmica através da quantificação e de identificação de dados bibliográficos, com o objetivo de mapear essa produção num período delimitado, em anos, locais, áreas de produção. Nesse caso, há um certo conforto para o pesquisador, pois ele lidará com os dados objetivos e concretos localizados nas indicações bibliográficas que remetem à pesquisa. [...]. Nesse esforço de ordenação de uma certa produção de conhecimento também é possível perceber que as pesquisas crescem e se espessam ao longo do tempo; ampliam-se em saltos ou em movimentos contínuos; multiplicam-se, mudando os sujeitos e as forças envolvidas; diversificam-se os locais de produção, entrecruzam-se; desaparecem em algum tempo ou lugar. (FERREIRA, 2002, p. 265).

A autora mostra que esse primeiro momento da pesquisa consiste na análise de um panorama geral da produção em termos de identificação dos autores, orientadores, nível de titulação, objetos de estudo, entre outros. E, posteriormente, o pesquisador faz a análise dos aspectos específicos das produções como as tendências, enfoques teóricos e metodológicos, entre outros, que possibilitam traçar a historiografia das produções de uma determinada área, evidenciando os possíveis problemas e limitações apresentados pela pesquisa às lacunas existentes, demonstrando as possíveis áreas não exploradas que podem se tornar objeto de estudo em outra produção acadêmica.

Luna (2002, p. 82-83) alude que o Estado da Arte possui como objetivo, a descrição

[...] do estado atual de uma determinada área de pesquisa: o que já se sabe, quais as principais lacunas, onde se encontram os principais entraves teóricos e/ou metodológicos. Entre as razões que tomam importantes estudos com esse objetivo, deve-se lembrar que eles constituem uma excelente fonte de atualização para pesquisadores fora da área na qual se realiza o estudo na medida em que condensam os pontos importantes do problema em questão.

É importante a realização de estudos dessa natureza, pois permite resgatar a construção científica de uma área, como justificam Soares e Maciel (2000, p. 6, grifo do autor),

da mesma forma que a ciência se vai construindo ao longo do tempo, privilegiando ora um aspecto ora outro, ora uma metodologia ora outra, ora um referencial teórico ora outro, também a análise, em pesquisas de “estado do conhecimento” produzidas ao longo do tempo, deve ir sendo paralelamente construída, identificando e explicitando os caminhos da ciência, para que se revele o processo de construção do conhecimento sobre determinado tema, para que se possa tentar a integração de resultados e também, identificar duplicações, contradições e, sobretudo, lacunas, isto é, aspectos não estudados ou ainda, precariamente, estudados, [e] metodologias de pesquisa pouco exploradas.

Os autores defendem que pesquisa do tipo Estado da Arte deve ter caráter permanente, especialmente porque, no Brasil, as fontes de informação sobre estudos realizados são ainda precárias, de modo que os resultados de pesquisas dessa natureza podem constituir um banco de dados, regularmente atualizado que norteie pesquisadores, estudiosos e demais interessados.

É frequente encontrarmos pesquisas sobre o Estado da Arte na literatura científica americana, mas ainda são pouco conhecidas e utilizadas por investigadores brasileiros. Podemos considerar que são recentes no Brasil, mas de grande importância, pois pesquisas dessa natureza auxiliam no processo de evolução da ciência, posto que buscam ordenar,

periodicamente, as informações e resultados já conhecidos (BRANDÃO; BAETA; ROCHA, 1986; FERREIRA, 2002).

Soares (1989) também enfatiza a importância da organização das diferentes perspectivas investigadas, ao pontuar que

Essa compreensão do estado de conhecimento sobre um tema, em determinado momento, é necessária no processo de evolução da ciência, a fim de que se ordene periodicamente, o conjunto de informações e resultados já obtidos, ordenação que permita indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas, a identificação de duplicações ou contradições, e a determinação de lacunas e vieses. (SOARES, 1989, p. 7).

Concretizar uma pesquisa bibliográfica é elencar as produções realizadas e apresentadas no meio acadêmico em distintos espaços, como congressos, periódicos, entre outros, como demonstra Ferreira (2002, p. 258)

[...] o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica [...], tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e seminários.

Assim, a presente pesquisa utiliza o estudo do Estado da Arte para realizar uma revisão das pesquisas de mestrado e doutorado na área da Educação e Ensino de Ciências que contemplem a sexualidade, contribuindo para a construção da historiografia da sexualidade no Brasil. Aclarando, Messina (1998, p. 1) refere que:

[...] um estado da arte é um mapa que nos permite continuar caminhando; um estado da arte é também uma possibilidade de perceber discursos que em um primeiro exame se apresentam como descontínuos ou contraditórios. Em um estado da arte está presente a possibilidade de contribuir com a teoria e prática.

Lüdke (1984, p. 80) ressalta que esse tipo de metodologia permite constituir “um marco histórico” de uma área de conhecimento, possibilitando verificar sua evolução.

Ao utilizarmos o Estado da Arte como metodologia nessa pesquisa, destacamos a relevância das investigações da produção acadêmica para a sexualidade. Optamos pelas dissertações e teses porque, embora não retratem toda a produção da pesquisa na área, são as investigações produzidas no âmbito dos cursos de Pós-Graduação que representam importante ligação entre pesquisadores, profissionais e educandos, constituindo-se num *locus* importante

na formação de profissionais e de novos pesquisadores para atuarem em diferentes instituições do país.

A universidade brasileira se interessa e privilegia a produção de pesquisa no âmbito da Pós-Graduação e a maior parte das investigações científicas realizadas nas instituições de ensino superior está vinculada aos cursos de mestrado e doutorado. Essa produção é significativo indicador do que as instituições de nível superior realizam enquanto pesquisa científica, particularmente na área da sexualidade, sendo necessário inventariar as produções acerca da temática, de maneira a averiguar as lacunas existentes e contribuir para a historicidade e institucionalização do conhecimento sexual.

Sucintamente, reiteramos a riqueza e a relevância desse estudo, já que será um marco histórico para a ciência, principalmente no que tange à sexualidade.

5.2 Percurso metodológico

Para a realização desta pesquisa, após a definição do objeto de estudo, realizamos um levantamento bibliográfico sobre a literatura pertinente ao tema sexualidade, principalmente por meio de livros, artigos científicos, produções acadêmico-científicas, bem como a leitura das teses e dissertações estudadas, pois, como esclarece Gil (2002, p. 44): “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente, de livros e artigos científicos”.

Esta fundamentação teórica em uma produção científica é essencial, uma vez que possibilita ao pesquisador entrar em contato com os trabalhos desenvolvidos em uma determinada área de conhecimento. Não é apenas a reprodução de estudos já concluídos, mas proporciona a análise do que já foi escrito, identificando os avanços e as possíveis lacunas.

Após o levantamento bibliográfico pertinente, pesquisamos junto aos acervos das bibliotecas dos *campi* da UNESP de Araraquara, Bauru, Presidente Prudente, Rio Claro e Marília, bem como na biblioteca digital da reitoria da UNESP, C@thetra, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações na área da Educação e Ensino de Ciências, as dissertações e teses produzidas desde a abertura de cada programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, até as publicações ocorridas no ano de 2013, que tratam da temática sexualidade. Buscamos pelos títulos das teses e dissertações que apresentassem, pelo menos, uma das palavras:

Sexualidade, Sexo, Educação Sexual, Orientação Sexual, Mulher, Gênero e as derivações decorrentes destas palavras¹¹.

Primeiramente, realizamos a leitura do material obtido, considerando aspectos relevantes anotados em uma ficha descritiva que identificava se a pesquisa era tese ou dissertação, bem como o ano de conclusão, autor, orientador, abordagem teórica e metodológica, e tipo de pesquisa. Posteriormente, foi realizada outra leitura do material, avaliando o conteúdo de cada trabalho e as considerações obtidas.

Sucintamente descreveremos os critérios utilizados para levantamento dos dados:

- Levantamento das dissertações de mestrado e teses de doutorado, que continham os títulos que contemplavam as palavras Sexualidade, Sexo, Educação Sexual, Orientação Sexual, Mulher, Gênero e as derivações decorrentes destas palavras;
- Classificação das palavras-chave dos trabalhos apresentados, que continham as palavras Sexualidade, Sexo, Educação Sexual, Orientação Sexual, Mulher, Gênero e as derivações decorrentes destas palavras;
- Seleção e organização dos textos detalhados e as categorizações que surgiram com a análise do material pesquisado.
- Análise e discussão fundamentadas na análise de conteúdo dos dados obtidos.

Para análise do material, fundamentamo-nos na análise de conteúdo, que tem como referência principal um conjunto de técnicas de análises da comunicação que pode utilizar procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos apresentados pelas mensagens analisadas (BARDIN, 1977).

Essa metodologia de pesquisa analisa, descreve e interpreta conteúdos de diferentes documentos e textos. É uma análise que consiste na descrição sistemática, qualitativa ou quantitativa, com o objetivo de auxiliar a interpretação de mensagens, compreendendo seus significados, indo além de uma leitura considerada comum.

Essa metodologia de pesquisa faz parte de uma busca teórica e prática, com um significado especial no campo das investigações sociais. Constitui-se bem mais do que uma simples técnica de análise de dados, representando uma abordagem metodológica com

¹¹ Importante salientar que nem todos os trabalhos que apresentavam palavras correlatas como, por exemplo, mulher e corpo, abordava a temática da sexualidade e, portanto, não foram considerados nessa pesquisa.

características e possibilidades próprias. E, a partir dessa teoria, criamos categorias e subcategorias baseadas nos resultados encontrados nas teses e dissertações pesquisadas.

Na presente pesquisa, por ter um cunho analítico-descritivo e poder envolver tanto dados quantitativos quanto qualitativos, optamos por utilizar ambas as abordagens, evidenciando o que cada uma delas pode proporcionar na coleta dos dados, ou seja, a quantificação dos dados e sua descrição.

5.3 Métodos quantitativos e métodos qualitativos

O método quantitativo aqui empregado se justifica devido à metodologia escolhida necessitar de organizar os dados, quantificando-os em número de dissertações e teses que abordam a temática sexualidade, bem como as palavras-chave que aparecem em maior número nos trabalhos analisados. Assim como o professor (a) que mais orientou trabalhos na área da sexualidade, linha de pesquisa que produz maior quantidade de estudos abarcando a temática, e a quantificação dos temas investigados, por ano e por programa.

Explica Richardson (1989, p. 29) que os métodos quantitativos se caracterizam “[...] pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas [...], desde as mais simples, como percentual, média, desvio-padrão; às mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão, etc”.

Lembra o autor que esse método é frequentemente aplicado nos estudos descritivos, pesquisas que buscam identificar e classificar as características de um fenômeno e que é um método que garante a precisão dos resultados, evita distorções de análise, permitindo uma margem de segurança quanto às deduções.

O presente trabalho utilizou este método para explicitar de forma numérica a quantidade de pesquisa produzida nos programas de Educação e Ensino de Ciências.

O método qualitativo não se preocupa com a quantificação dos dados. Richardson difere (1989), afirmando em relação ao método quantitativo que, à medida que não emprega um instrumental estatístico como base na análise de um problema, não pretende, portanto, medir ou numerar categorias.

Pensando de forma mais ampla, os dados considerados qualitativos incluem as informações não expressas em palavras, tais como pinturas, fotografias, desenhos, filmes, videoteipes e trilhas sonoras (TESCH, 1990).

Entretanto, nesta pesquisa, a abordagem qualitativa buscou compreender e considerar os resultados encontrados em cada trabalho analisado. Mostra Minayo (1994, p. 21) que: “A pesquisa qualitativa responde questões muito particulares, ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados [...]”.

Acrescenta Diehl (2004) que a pesquisa qualitativa delinea a complexidade de um determinado estudo, sendo necessário compreender e classificar os processos dinâmicos vividos nos grupos, contribuindo com o procedimento de mudança e possibilitando o entendimento das mais variadas particularidades dos indivíduos.

Acreditamos que a análise qualitativa desenvolvida nesta pesquisa propiciou desnudar as contribuições que cada tese e dissertação trouxeram nas suas considerações, os pontos positivos e as lacunas encontradas.

A utilização dos métodos qualitativos e quantitativos, concomitantemente, nesta pesquisa, foi de grande valia, pois, como alude Gonçalves (2005), a interação do método qualitativo com o quantitativo na pesquisa enriquece os dados e proporciona maior autenticidade na sua análise, uma vez que estes se complementam.

Minayo (1994) complementa dizendo que as relações entre abordagens qualitativas e quantitativas demonstram que as duas modalidades não são incompatíveis e podem ser integradas num mesmo projeto, visando à complementaridade.

5.4 O caminho trilhado para a análise dos dados por meio da análise de conteúdo

É comum encontrarmos no meio acadêmico diversas formas de análises de materiais, por meio de diferentes metodologias. A presente pesquisa é fundamentada na análise de conteúdo, modalidade temática proposta por Bardin (1977). No universo da pesquisa, é comum pesquisadores utilizarem a análise de conteúdo propondo previamente as categorias. Esse método pode ser considerado uma das maneiras de análises, porém, não é uma regra.

Na presente pesquisa fundamentada em Bardin (1977), não definimos previamente as categorias e sim, a própria "inferência", feita após a "leitura flutuante" (imersão no discurso para apreender livremente o que foi dito). É nessa etapa que podem surgir as primeiras hipóteses ou questões norteadoras. A hipótese é uma explicação antecipada do fenômeno observado, uma afirmação provisória, que nos propomos verificar. Nem sempre as hipóteses são estabelecidas na pré-análise, elas podem surgir, assim como as questões norteadoras, no decorrer do trabalho.

Em seguida, ocorre o momento em que os dados brutos são transformados de forma organizada e agregada em unidades, as quais permitem uma descrição das características pertinentes do conteúdo. A codificação corresponde a uma identificação, que, por recorte, agregação, enumeração, permite atingir uma representação de conteúdo e de sua expressão.

É nessa fase que apresentamos a unidade de registro, que é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando à categorização e à contagem frequencial, por exemplo, a palavra, o tema, o objeto, a personagem, o acontecimento, entre outros. Também serve para compreender a unidade de registro. Uma frase para a palavra, por exemplo.

Portanto, a categorização é a passagem de dados brutos para dados organizados e estes elementos são agrupados devido ao fato de terem características comuns, considerados unidades de registros e que é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação, por reagrupamento, segundo o gênero, com critérios previamente definidos, que, no exemplo desse estudo, é a análise de teses e dissertações sobre sexualidade.

Então, sucintamente, a categorização ocorre da seguinte maneira; primeiramente é realizado o inventário do material pesquisado, posteriormente são isolados os elementos comuns, a sua classificação e organização. De posse desses resultados, podemos então propor inferências que levam às interpretações. Essa etapa é sempre realizada no sentido de buscar o que se esconde sob os documentos selecionados. É a leitura profunda das comunicações, indo além da leitura aparente. O papel do analista é semelhante ao do arqueólogo, do detetive, do terapeuta.

É importante ressaltarmos que a análise de conteúdo surge primeiramente na análise de material de imprensa, em que o pesquisador não propõe categorias antes da análise, mas sim faz inferências.

Desta maneira, nesse estudo, a partir das premissas de Bardin (1977), realizamos as seguintes etapas:

- 1- Identificamos temas (estes sim, podem ser já propostos pelo pesquisador quando elabora o roteiro de entrevistas. Normalmente é o que acontece: o pesquisador elabora o roteiro com base nos temas que quer perguntar); mas aqui nos embasamos nos trabalhos que apresentassem as palavras sexualidade, sexo, educação sexual e temas correlatos.

- 2- Inferência de categorias e subcategorias para cada tema. Estas emergem dos discursos e não é o pesquisador que estabelece previamente. Tanto é que elas são construídas-desconstruídas-reconstruídas constantemente para se chegar à versão final da tabela. Essa etapa da construção de categorias e subcategorias ocorreu a partir dos resultados

demonstrados nas teses e dissertações pesquisadas e a partir deles encontramos os resultados de nosso estudo.

5.5 Análise de conteúdo modalidade temática fundamentada em Laurence Bardin

A presente pesquisa para análise dos dados utilizou a análise de conteúdo fundamentada em Bardin (1979), que disserta que a análise de conteúdo é empírica e, por esse motivo, não pode ser desenvolvida com base em um modelo exato. Entretanto, para sua realização, é necessário seguir algumas regras de base, para se obter uma análise mais aprofundada.

Para a autora, na análise de conteúdo há duas necessidades a serem consideradas: a rigorosidade e a necessidade de ir além das aparências das mensagens analisadas. E ela tem duas funções que se complementam, o que na prática podem ou não ser dissociadas.

A primeira é a função heurística¹², onde “a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão à descoberta. É a análise de conteúdo para ver o que dá”¹³. A segunda é uma função de administração da prova. “Hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias servindo de diretrizes [...] para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma infirmação”¹⁴. É a análise do conteúdo para servir de prova (BARDIN, 1977, p. 23, grifo do autor).

Entendemos que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, das mensagens e que, apesar de poder ser considerada como um instrumento de análise, é marcada por uma grande diversidade de formas e é adaptável a um campo de aplicação muito vasto, ou seja, o campo das comunicações. A análise de conteúdo pode ser uma análise dos significados, como na análise temática, ou uma análise de significantes, como na análise léxica (BARDIN, 1977).

Os dados obtidos nesta pesquisa foram descritos e analisados baseando-se na fundamentação teórica da análise de conteúdo, modalidade temática, que, de acordo com Bardin (1977, p. 42) é

¹² Heurística = s.f. Em história, pesquisa de documentos que tem por objeto a descoberta de fatos. / Log. Hipótese que, numa pesquisa, leva a uma descoberta científica; método analítico para a descoberta de verdades científicas. <<http://www.dicionarioaurelio.com/Heuristica.html>>. Acesso 03 maio 2014.

¹³ Nessa pesquisa utilizamos a criação de categorias e subcategorias surgidas na análise dos materiais pesquisados.

¹⁴ Infirmação - s.f. Ação de infirmar. / Invalidação. / Dir. Anulação de uma decisão. <<http://www.dicionarioaurelio.com/Infirmacao.html>>. Acesso em: 3 maio 2014.

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens [...].

De acordo com a análise temática proposta por Bardin (1977), privilegiamos a construção de grades de significações para cada tema considerado relevante para o estudo da sexualidade, encontrados da análise das teses e dissertações pesquisadas neste estudo.

A técnica de análise de conteúdo utilizou como referência, a “categorial” ou “temática”, que para a autora “Fazer análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentidos que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido (BARDIN, 1977, p. 105).

Para esta técnica de análise de conteúdo, utilizamos as unidades de registro (UR), também denominadas de temas, que correspondem aos núcleos de sentido da mensagem. Assim, a análise temática consiste em descobrir esses temas ou categorias, cuja presença ou frequência de aparição tem algum significado para os objetivos da análise. A autora discute que a relação do tema enquanto UR “[...] corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que não é fornecida uma vez por todas, visto que o recorte depende do nível da análise e não de manifestações formais reguladas.” (BARDIN, 1977, p. 105).

A identificação dos temas ou da UR ocorre na fase de codificação da mensagem que, para Bardin (1977, p. 103)

[...] corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados bruto do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir a representação do conteúdo, ou da sua expressão; susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices [...].

Após a codificação, na análise temática ou categorial, ocorre a categorização, a qual consiste na divisão dos temas em categorias de acordo com as características que eles têm em comum. A elaboração das categorias pode ser realizada *a priori*, ou seja, antes da análise da mensagem, ou *a posteriori*, na qual é feita a classificação analógica e progressiva dos temas e o título da categoria é definido somente no final da operação (BARDIN, 1977).

Ponderando esta definição, dois elementos devem ser considerados relevantes para especificar as qualidades da análise de conteúdo, explicando a utilização desse método na análise dos dados da pesquisa. Primeiramente, os procedimentos sistemáticos e a descrição do conteúdo; posteriormente, a revelação de conteúdos manifestos nas entrelinhas das

mensagens. Destaca Bardin (1977) que essa técnica é utilizada para, a partir do conteúdo manifesto das mensagens, inferir sobre o conteúdo não manifesto, desviando o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem.

Assim, realizamos leituras contínuas do material pesquisado, no caso do estudo - teses e dissertações - objetivando apreender as mensagens contidas nos achados das produções acadêmico-científicas, superando o caráter do senso comum, como também o subjetivismo na interpretação dos dados.

A análise do material da presente pesquisa possibilitou identificar os núcleos de sentido que integram a comunicação, e a inferência de categorias e subcategorias. Assim, identificamos elementos significativos que apareceram nas análises dos resultados das dissertações e teses (BARDIN, 1977).

A análise dos resultados já obtidos nas teses e dissertações não reside na descrição dos conteúdos, mas sim, no que esses nos poderão ensinar após serem tratados.

Utilizamos a análise de conteúdo na busca de identificar temas que apareceram com frequência no material analisado, podendo significar algo importante a ser discutido, pois como aponta Bardin (1977, p. 105), o tema é

Uma unidade de significação complexa, de comprimento variável; a sua validade não é de ordem linguística, mas antes de ordem psicológica: podem constituir um tema, tanto uma afirmação como uma alusão; inversamente, um tema pode ser desenvolvido em várias afirmações (ou proposições). Enfim, qualquer fragmento pode reenviar (e reenvia geralmente) para diversos temas [...].

A autora alude ainda que a análise de conteúdo é um processo dedutivo ou inferencial, que parte de índices ou indicadores, em busca do sentido que se encontra em segundo plano.

A partir da análise, surgem vários recortes e palavras-chave que propiciam a caracterização do material para que, posteriormente, realizem-se as análises temáticas, isto é, a construção e significações atribuídas para cada termo, como base nos temas geradores, extraídos do material analisado e que serão relacionados com os referenciais teóricos pertinentes à temática sexualidade.

Para Bardin (1977), a técnica de análise de conteúdo pressupõe algumas etapas, como a preparação do material que podemos chamar de pré-análise, momento em que há um primeiro contato com o material pesquisado e sua organização. Em seguida, ocorre a exploração desse material por meio de uma análise mais minuciosa, para agrupar os dados em unidades, descrevendo suas características. Finalmente, é realizada a quantificação dos dados,

que chamamos de ocorrência, e a formação de categorias e subcategorias apresentadas em tabelas.

As etapas auxiliam o desenvolvimento da análise que se dá, primeiramente, por uma leitura flutuante, intuitiva do texto, para, posteriormente, determinar as unidades de registro (UR) que podem ser palavras, frases, parágrafos, temas, documentos, entre outros, para finalmente, haver a análise do material, a partir dos temas determinados e da sua quantificação, que devem ser agrupados, determinando as categorias e subcategorias.

As URs identificadas compõem a mensagem e, para Bardin (1977), é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando à categorização e à contagem de frequência.

A UR pode ser de natureza e de dimensões muito variáveis e, efetivamente, executam-se certos recortes em nível semântico, o “tema”, por exemplo, a “palavra” ou a “frase” (BARDIN, 1977).

Com base nesta definição, entendemos que as URs são, no caso da presente pesquisa, resultados mais evidenciados nas dissertações e teses analisadas, e que foram utilizados como base para a análise.

Os resultados obtidos na análise, fundamentados em teóricos que discutem a temática sexualidade, foram descritos de acordo com a exemplificação de unidades de registro significativas para a criação de cada categoria que representa a reconstrução do discurso.

6 A UNESP: SUA ORIGEM E CRIAÇÃO¹⁵

“Tenha em mente que tudo que você aprende na escola é trabalho de muitas gerações. Receba essa herança, honre-a, acrescente a ela e, um dia, fielmente, deposite-a nas mãos de seus filhos.”

Albert Einstein apud Pensador.Info(2013).

Nesse item, narraremos a formação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), verificando como ocorreu todo o processo de construção da instituição. Esse relato histórico de sua formação é de grande relevância, pois a presente pesquisa sistematizou e apreendeu o conhecimento sexual que vem sendo desenvolvido no curso de Pós-Graduação de Educação e em Ensino de Ciências, oferecido pela instituição.

Figura 1- Fotografia: UNESP da cidade de São Paulo



Fonte: Wikipédia (2013a).

Esta breve retrospectiva histórica da formação da UNESP possibilita o resgate de sua gênese a partir do conhecimento de sua organização inicial, representada pelos antigos Institutos Isolados, que tiveram grande relevância na Educação e contribuíram para o desenvolvimento do estado de São Paulo e, conseqüentemente, do Brasil, na área educacional. Como bem explica Vaidergorn (1995) em seus estudos, relatando que a criação dessa

¹⁵ Cf. Informações no Portal oficial da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (2013f).

instituição ocorreu em um período de grande estímulo ao desenvolvimento regional do estado de São Paulo.

A UNESP se originou em 1976, mas anterior a esse período, em 1950, houve a interiorização do ensino superior do estado de São Paulo. Nessa época, sucedeu a junção dos Institutos Isolados autônomos de ensino superior do estado de São Paulo, em diferentes cidades do interior paulista, abrangendo diversas áreas do conhecimento (VAIDERGORN, 1955).

O autor lembra algumas particularidades em comum entre as cidades onde se localizavam os Institutos Isolados, como, por exemplo, a presença de linha férrea e o plantio de café, o que proporcionou a expansão comercial, demográfica e territorial da região, bem como o crescimento da renda *per capita*, empregos e o crescimento econômico do estado.

Neste período, as políticas públicas que vigoravam pretendiam modernizar o país e a educação superior era uma estratégia essencial, já que contribuiria para esse processo. Assim, “[...] em 1948, a Lei estadual nº 161 de 24 de setembro, promulgada pelo Governador Adhemar de Barros, dispunha sobre a criação de estabelecimentos públicos de ensino superior em cidades do interior do Estado” (VAIDERGORN, 1955, p. 149).

A partir da nova Lei, a UNESP passou a ser composta pela chamada Faculdade de Filosofia, voltada para a formação de professores que futuramente, faria parte dos quadros das escolas secundárias do estado.

Formavam esta composição as unidades de Assis, Araraquara, Franca, Marília, Rio Claro e São José do Rio Preto e, posteriormente, outros Institutos Isolados foram agregados, vislumbrando a formação profissional, oferecendo qualificação entre a docência e a pesquisa, para aprimoramento acadêmico, fundamentado na docência, pesquisa e extensão de serviços à comunidade.

Desde sua criação, estes Institutos foram administrados pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo até 1969, ano em que foi instituída a Coordenadoria do Ensino Superior do Estado de São Paulo (CESESP), com a finalidade de gerir a administração das escolas, apesar das várias críticas recebidas, devido à falta de organização e estrutura para administração dos Institutos Isolados agrupados (VAIDERGORN, 1955).

Devido a problemas administrativos, houve várias discussões para obter novas maneiras de organização dos Institutos Isolados do Estado de São Paulo. Várias sugestões foram expostas, visando a uma nova organização e independência desses Institutos da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. As propostas concordavam em uma

integração dos Institutos Isolados numa federação ou numa universidade, sendo que esta última foi a que contou com maior apoio (VAIDERGORN, 1955).

Por determinação do governador Paulo Egydio Martins, e em conformidade à Lei 952 de 30 de janeiro de 1976, os Institutos Isolados agrupados assumiram uma direção própria, na forma de universidade, uma autarquia submetida ao governo do Estado de São Paulo. Nessa época foi criada a Universidade Estadual Paulista e chamada pelo governador de Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Primeiramente, a sede da Universidade se localizou em Ilha Solteira, e posteriormente, a sede da UNESP, constituída por 14 *campi*, foi transferida para a cidade de São Paulo, ou seja, a reitoria.

A UNESP, assim, passou por várias etapas de organização, com o intuito de se tornar uma Universidade democrática, na qual seus integrantes tivessem poder de decisão, ou seja, democratização e expansão. Para isso, a fim de otimizar a administração, o estatuto de 1989 criou as pró-reitorias, distribuindo as várias atribuições de administração da Reitoria de São Paulo.

Atualmente, a UNESP possui multicampi situados em 24 municípios do estado. Desses, 22 *campi* estão localizados no interior paulista, um *campus* na cidade de São Paulo e outro na cidade de São Vicente, no litoral.

Outras inovações vieram contribuir para uma ação mais completa da Universidade, com a criação da FUNDUNESP¹⁶, em 1987, que buscou justamente difundir o conhecimento, os avanços e as inovações tecnológicas resultantes da atuação das mais de 25 unidades da UNESP, e do trabalho de seus docentes e pesquisadores. Nesse esforço por construir elos entre a Universidade e a sociedade, age das mais variadas formas, incluindo a intermediação de convênios e projetos, o fomento à pesquisa, a promoção de seminários, o incentivo ao intercâmbio cultural e científico nacional e internacional, e o registro de marcas e patentes (FUNDUNESP, 2013). Também a Editora (1987), transformada posteriormente, em Fundação e o Jornal da UNESP, além da expansão e desenvolvimento de um plano de informatização.

Durante toda a década de 1990, a UNESP ampliou seu raio de atuação, sobretudo na forma de aumento da oferta de vagas.

¹⁶ Fundação para o Desenvolvimento da UNESP (FUNDUNESP) que tem como missão apoiar a UNESP em diferentes formas de parcerias, intervindo e efetuando canais de cooperação com instituições sociais e empresas públicas e privadas. A instituição auxilia a tornar mais eficiente a interação da Universidade com a sociedade, em áreas como educação, meio ambiente, relações de trabalho, saúde, artes, desenvolvimento social, produção agropecuária, extrativa e industrial (FUNDUNESP, 2013).

Na atualidade, a UNESP é uma das maiores e mais importantes universidades brasileiras e conta com mais de 3,5 mil professores e 7 mil funcionários, que garantem a sólida formação aos alunos. Oferece 179 opções de cursos de graduação, em 68 profissões de nível superior, formando, por ano, 5,6 mil novos profissionais¹⁷ (UNESP, 2013f).

A Pós-Graduação possui mais de 10 mil alunos, que estudam em 118 programas, com 117 mestrados acadêmicos, 6 mestrados profissionais e 93 doutorados acadêmicos. Há, ainda, 6,5 mil estudantes em cursos *lato sensu* promovidos pelo Núcleo de Ensino à Distância (Nead) (UNESP, 2003f).

Em relação à pesquisa, a UNESP está entre as instituições que mais produzem ciência no Brasil, em todas as áreas. Os alunos são estimulados, desde a graduação, a participarem de projetos de pesquisa por meio de um conceituado programa de Iniciação Científica. A Universidade é um exemplo em pesquisa em todas as áreas do conhecimento, e os alunos de graduação podem participar dessas pesquisas, auxiliando professores ou desenvolvendo seus próprios projetos.

Os projetos de extensão universitária buscam repassar à sociedade os conhecimentos da Universidade e, em contrapartida, professores e alunos recebem dados valiosos para o aprimoramento de suas atividades de ensino e pesquisa.

A UNESP se destaca pela quantidade e qualidade dos serviços que presta à comunidade e, dentre eles, podemos enumerar atendimento médico e odontológico, assessoria jurídica a pessoas carentes, orientação à micro e pequenos empresários, atendimento psicopedagógico a crianças com problemas de aprendizagem e previsão do tempo para agricultores (UNESP, 2013f).

Hoje, a infraestrutura da Universidade inclui 1.900 laboratórios e 30 bibliotecas, com 1,2 milhões de livros. Além disso, há museus, hortos, biotérios, jardins botânicos e cinco fazendas experimentais, perfazendo uma área total próxima a 62 milhões de m², sendo 884 mil m² de área construída. Somando-se a esse formidável conjunto, também há hospitais veterinários e clínicas de odontologia, psicologia, fonoaudiologia e fisioterapia, disponíveis para auxiliar a prática docente e o desempenho do aluno. (UNESP, 2013f)

Por ser tratar de uma universidade rica em oferecimento de cursos em diferentes áreas do conhecimento, principalmente na Educação, é importante resgatar a historiografia da universidade, investigando nos *campi* da UNESP que oferecem programa de Educação e Ensino de Ciências, especificamente, a produção e sistematização da produção do

¹⁷ Cf. Informações no Portal oficial da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (2013f).

conhecimento em sexualidade nas teses e dissertações, para se tornar referência na área educacional.

6.1 Unidades da UNESP

A UNESP é constituída por 24 *campi*, situados em diferentes cidades do estado de São Paulo, como podemos conferir na figura a seguir.

Figura 2- Mapa – Localização das Cidades onde se situam os *campi* da UNESP



Fonte: Portal da universidade, seção unidades da UNESP (2013f).

Estas vinte e quatro cidades abrigam um *campus* da UNESP, sendo elas: Araçatuba, Araraquara, Assis, Bauru, Botucatu, Dracena, Franca, Guaratinguetá, Ilha Solteira, Itapeva, Jaboticabal, Marília, Ourinhos, Presidente Prudente, Registro, Rio Claro, Rosana, São João da Boa vista, São José do Rio Preto, São José dos Campos, São Paulo, São Vicente, Sorocaba e Tupã.

Entretanto, o presente trabalho terá como universo de pesquisa apenas alguns *campi* da UNESP, por oferecer as áreas de Educação e Ensino de Ciências. Dentre eles, destacamos o *campus* de Araraquara, a Faculdade de Ciências e Letras (FCL); no *campus* de Bauru, a Faculdade de Ciências (FC); no de Marília, a Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC); no de Presidente Prudente, a Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) e, no de Rio Claro, o Instituto de Biociências.

Sendo assim, fizemos um recorte da história apenas dessas cinco unidades que disponibilizaram estes programas, apontando algumas características que os contemplam, bem como, sua trajetória na consolidação do conhecimento sexual.

Em suma, a UNESP é uma grande universidade e os programas de Pós-Graduação, cada vez mais, têm revelado crescimento na produção em pesquisas na área da Sexualidade Humana e, por isso, é importante fazer um mapeamento dos estudos já realizados, para conhecer o desenvolvimento e consolidação de tal conhecimento.

7 RESULTADOS¹⁸ E DISCUSSÕES

“Você nunca sabe que resultados virão da sua ação. Mas se você não fizer nada, não existirão resultados”.

Mahatma Gandhi apud Pensador.Info(2013).

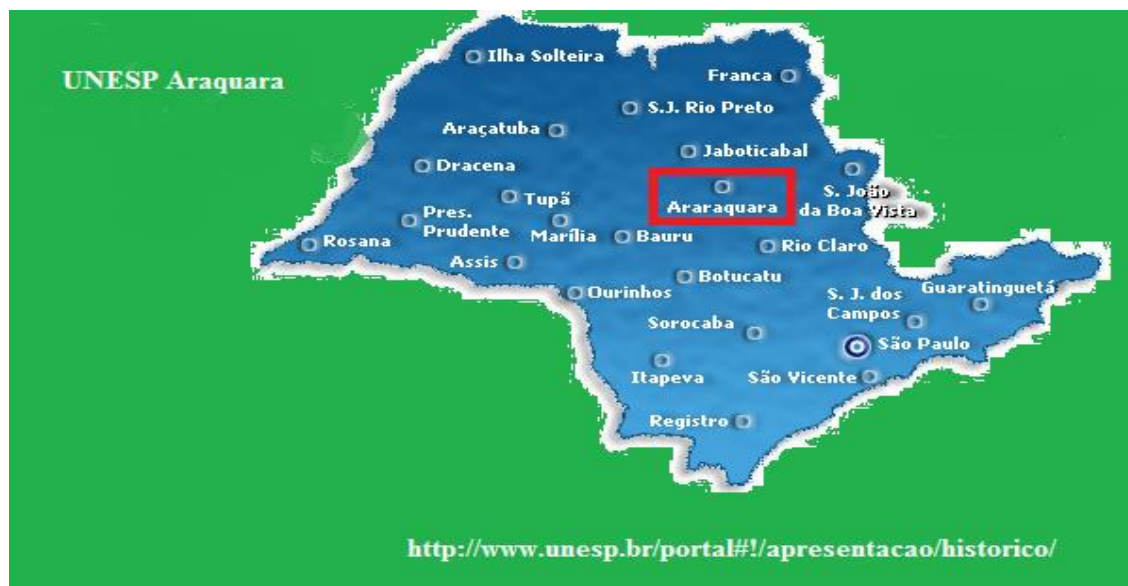
Este tópico propõe apresentar os resultados obtidos nas análises das teses e dissertações dos Programas de Pós-Graduação dos *campi* da UNESP estudados.

As análises aconteceram aleatoriamente, e os resultados serão apresentados na sequência em que foram realizados.

7.1 UNESP *Campus* Araraquara - Faculdade de Ciências e Letras (FCL)

Iniciamos nossa pesquisa com a análise do *campus* de Araraquara, descrevendo sucintamente, suas particularidades, e como é produzido o conhecimento sexual nessa unidade de ensino.

Figura 3 - Mapa – Localização do Campus da UNESP Araraquara – FCL



Fonte: Portal da universidade, seção unidades da UNESP (2013f).

A UNESP de Araraquara tem seu *campus* Universitário situado no km 1, da Rodovia Araraquara-Jaú. Ela foi criada, em 1957, como Instituto Isolado do Estado de São Paulo e teve autorização para iniciar suas atividades em 13 de abril de 1959, com os cursos de

¹⁸ Os resultados aqui apresentados referem aos dados encontrados nas teses e dissertações analisada, bem como, suas considerações.

Pedagogia e de Letras. O Curso de Ciências Sociais teve início em 1963, por Deliberação do Conselho Estadual de Educação (UNESP, 2013a)¹⁹

Em 26 de janeiro de 1977, por meio do Decreto Estadual nº 9.449, passou a Faculdade ser denominada de Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação (ILCSE) e, em 22 de abril de 1989, com o novo Estatuto, a UNESP passou a ser nomeada como Faculdade de Ciências e Letras (FCL). (UNESP, 2013a)

Figura 4 - Fotografia - UNESP Campus Araraquara – FCLAR



Fonte: Faculdade de Ciências e Letras, seção galeria de fotos UNESP (2013a).

7.1.1 A Graduação da Faculdade de Ciências e Letras (FCLAR)

Atualmente, a FCLAR conta com cinco cursos de graduação devidamente reconhecidos pelas instâncias governamentais competentes, sendo todos oferecidos em dois períodos, diurno e noturno, num total de mais de 2.700 alunos matriculados, como podemos observar na Tabela 1. (UNESP, 2013a)

Tabela 1 - Cursos Oferecidos pela FCL – Araraquara/SP

Curso	Diurno	Noturno	Total
Administração Pública	50	50	100
Ciências Econômicas	50	50	100
Ciências Sociais	50	50	100
Letras	60	60	120
Pedagogia	50	50	100
TOTAL	260	260	520

¹⁹ Cf. Informações - Campus Araraquara, seção Instituição. (UNESP, 2013a).

Fonte: Portal da unidade, *campus* de Araraquara, seção Instituição - apresentação UNESP (2013a).

7.1.2 Pós-Graduação da FCL

Os programas de Pós-Graduação da UNESP de Araraquara da FCL são de alto nível, em número de seis, reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pelo Ministério da Educação (MEC), e somando, até 2011, mais de 1870 defesas, entre teses de doutorado e dissertações de mestrado (UNESP, 2013a)²⁰.

A FCL, além dos cursos de Pós-Graduação *lato sensu*, especialização e cursos de extensão universitária, oferece também, palestras, encontros, conferências para profissionais da área do ensino fundamental e médio, bem como para a comunidade em geral, abordando temas de relevância social.

A Faculdade de Ciências e Letras conta, aproximadamente, com 175 professores que trabalham, em sua maioria, em Regime de Dedicação Integral à Docência e à Pesquisa (RDIDP). A sua tarefa vai além da sala de aula, pois seu trabalho se divide em docência, pesquisa e extensão de serviços à comunidade.

Um levantamento realizado nos anos de 2001, 2003 e 2004 especificamente, revelou que no *campus* de Araraquara há uma grande produtividade em diferentes linhas de pesquisa.

Tabela 2 - Produtividade da FCL – UNESP Araraquara

ATIVIDADE	QUANTIDADE
Linhas de Pesquisa	168
Trabalhos Publicados	888
Resumos e Artigos de divulgação	859
Eventos (organização)	347
Participações em comissões e bancas	1891
Assessoria e participação em corpo editorial e conselhos técnico-científicos	1448
Produtos/técnicas/produções	540
Orientações de pesquisa	2394

Fonte: Portal da unidade, *campus* de Araraquara, seção Instituição - apresentação UNESP (2013a).

Quanto à Pós-Graduação *Stricto Sensu*, a FCL da UNESP de Araraquara oferece mestrado e doutorado nos programas de Ciências Sociais; Economia; Estudos Literários;

²⁰ Cf. Informações no departamento de Pós-Graduação *stricto sensu* / educação sexual – *campus* Araraquara (UNESP, 2013a).

Linguística e Língua Portuguesa; Educação Escolar e, principiando suas atividades no ano de 2013, com nota 3 da CAPES. Esse Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, primeiramente, está oferecendo o Curso de Mestrado em Educação Sexual na modalidade profissional. Esse curso propõe oferecer estudos de pesquisa e extensão à comunidade no campo da sexualidade e da educação sexual, visando contribuir para a formação de profissionais das áreas de Educação e Saúde no Brasil e no exterior.

7.1.3 Grupo de pesquisa em sexualidade humana

Ligado ao Programa de Educação Sexual há o desenvolvimento do Grupo de estudo e pesquisa denominado Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX)²¹, fundado no ano de 2000, e coordenado pelo Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro. O grupo desenvolve pesquisas que podem servir de referencial para pesquisadores e profissionais interessados no campo da sexualidade e da Educação Sexual.

Atualmente, o NUSEX faz intercâmbio com pesquisadores da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC – Florianópolis/SC), Universidade Estadual de Londrina/PR, e Universidade Estadual de Maringá/ PR, além de outros *campi* da UNESP. Há também intercâmbio com a USP de Ribeirão Preto.

No exterior, mantém intercâmbio com a Universidade de Alcalá (Espanha); com a Universidade de Lisboa, Universidade de Aveiro e Escola Superior de Educação de Coimbra (Portugal); Universidade do Minho (Portugal) e com a Universidade Autónoma de Entre Rios, Argentina.

O NUSEX possui o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Sexualidade (LASEX), vinculado ao Departamento de Psicologia da Educação, da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - *Campus* de Araraquara. Esse grupo de pesquisa possibilitou a criação e está à frente da Linha de Pesquisa "Sexualidade, Cultura e Educação Sexual" no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, em Araraquara, e é responsável pela abertura do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual (CNPQ, 2010).

²¹ Cf. trajetória do Grupo de pesquisa NUSEX, dissertação: A institucionalização do conhecimento sexual enquanto tema de investigação e ensino em universidades brasileiras a partir das ações de grupos de pesquisa, de autoria de Regina Célia Bedin, 2010.

7.1.4 A Pós-Graduação em Educação Escolar na FCL

O Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da FCL é um programa que objetiva a formação de profissionais qualificados para atuar como pesquisadores, docentes, gestores e técnicos em todas as esferas de alcance do Sistema Escolar Brasileiro, por meio de uma estrutura curricular assentada nos estudos já sancionados e nas pesquisas dos docentes sobre a Educação Escolar.

As atividades desenvolvidas objetivam a preparação dos mestrandos e doutorandos para produzirem conhecimentos sobre o sistema educacional.

A partir do ano de 2011, o programa se apresenta com as seguintes linhas:

- Sexualidade, Cultura e Educação Sexual;
- Formação do Professor, Trabalho Docente e Práticas Pedagógicas;
- Teorias Pedagógicas, Trabalho Educativo e Sociedade;
- Estudos Históricos, Filosóficos e Antropológicos sobre Escola e Cultura;
- Política e Gestão Educacional.

O programa de Pós-Graduação da UNESP de Araraquara, oferecido na Área de Educação Escolar, iniciou suas atividades no 2º semestre de 1997 e apresentou, até o ano de 2013, treze (13) teses e dezoito (18) dissertações que abordam temas referentes à Sexualidade, Sexo, Educação Sexual, Orientação Sexual, Mulher, Gênero e as derivações decorrentes dessas palavras. As primeiras produções acadêmicas que contemplaram a temática foram defendidas no ano de 2001, o que contribuiu para incentivar e consolidar os estudos nessa área.

7.1.5 Breves relatos dos resultados obtidos nas teses e dissertações sobre sexualidade no programa de educação da FCL

Passaremos, sucintamente, a descrever as produções acadêmicas realizadas desde a abertura do programa de Educação de cada Programa de Pós-Graduação até o ano de 2013, relatando os resultados obtidos e algumas características do desenvolvimento de cada trabalho, distintamente entre os *campi* da UNESP, considerando no primeiro momento o campus de Araraquara, seguido dos de Bauru, Rio Claro, Marília e Presidente Prudente, segundo a temática da sexualidade e Educação Sexual.

Quadro 1 - Produções do Ano de 1999 da FCL - Araraquara

Ano de 1999	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
1999	Os anjos, afinal, têm ou não sexo? Uma reflexão à luz da psicanálise sobre as concepções de Sexualidade Infantil dos professores – Regina, Célia Mendes Senatore (Dissertação)	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Qualitativa + entrevista	Psicanálise + Teóricos da sexualidade	9 professoras , 3 de cada instituição.	Não consta	Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo

Fonte: Elaborado pela autora.

O programa de Pós-Graduação da UNESP de Araraquara sempre buscou e busca pesquisar a temática sexualidade e temas correlatos, haja vista que, desde o início deste programa, no ano de 1997 e desde então, já produziu pesquisa estudando esta temática. A primeira defesa de uma dissertação de mestrado sobre sexualidade ocorreu no de 1999.

Constatamos que a dissertação não apresentou resumo, palavras-chave e linha de pesquisa. Acreditamos que, por ser um dos primeiros estudos na área de Pós-Graduação, não havia um estabelecimento de normas de publicação e por isso, a justificativa da ausência de elementos essenciais para nortear o leitor sobre o que trata a pesquisa em questão.

Esta dissertação intitulou-se “Os anjos, afinal, têm ou não sexo? uma reflexão à luz da psicanálise sobre as concepções de sexualidade infantil dos professores” com objetivo de compreender as concepções dos professores de educação infantil que trabalhavam com crianças de 5 a 6 anos de idade, em três instituições no município de Araraquara, visando à sexualidade infantil, procurando fazer um resgate histórico da concepção da sexualidade empregando autores da psicanálise, sociologia e antropologia. Aponta que, nos cursos de formação de professores, há um pequeno espaço destinado ao ensino da psicanálise, sem refletir o que ocorre em sala de aula e como esses docentes devem atuar no cotidiano escolar. Segundo a autora da dissertação, o assunto, quando muito, restringe-se às fases do desenvolvimento psicosssexual.

Nos seus resultados, a pesquisa detectou que o ensino da psicanálise nos cursos de formação de professores pode auxiliar na quebra de cristalizações nas posturas educacionais e

propiciar momento de reflexão e embasamento sobre sexualidade infantil. Salientou que a psicanálise propõe quebrar esquemas pré-fabricados, conceitos estagnados, incentivando o sujeito a reescrever e ressignificar sua própria história.

Em linhas gerais, mostra que as professoras por vezes se sentem culpadas e inseguras nesse processo, e refletem sobre seus procedimentos para entender porque a criança apresenta um comportamento considerado anormal. Salientam as docentes que, na sua formação, houve falta de informação na área da sexualidade. O pouco que conseguem abordar sobre sexualidade se mistura entre o biológico e o religioso.

Sintetizando os resultados que o estudo analisado encontrou:

- O ensino da psicanálise nos cursos de formação de professores pode auxiliar na quebra de posições cristalizadas, esquemas pré-fabricados nas posturas educacionais e momento de reflexão e embasamento sobre sexualidade infantil e incentiva o sujeito a reescrever e ressignificar sua própria história;
- As professoras se sentem culpadas e inseguras e procuram refletir se seus procedimentos influenciam a criança na apresentação de um comportamento considerado anormal;
- Há ausência de informação sobre sexualidade na formação docente;
- O conhecimento sobre sexualidade pelas professoras se mistura entre o biológico e o religioso.

Quadro 2 - Produções do Ano de 2000 da FCL - Araraquara

Ano de 2000	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
2000	NOME Jane Cruz Gallacho (Dissertação)	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro					Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo

Fonte: Elaborado pela autora.

O Trabalho apresentado no Quadro 2 não possui exemplar na biblioteca e até o presente momento, não conseguimos acesso ao conteúdo da dissertação, para poder analisar e incluir os dados na presente tese.

Quadro 3 - Produções do Ano de 2001 da FCL - Araraquara

Ano de 2001	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
22/nov	A Escola Pública e a Sexualidade: estudo analítico-descritivo sobre o discurso de um grupo feminino de adolescentes acerca de suas vivências sexuais - Valéria Cristina Gimenes (Dissertação)	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Pesquisa qualitativa utilizando entrevista semiestruturada	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Oito (8) adolescentes, com idades entre 15 e 18 anos de uma escola de Araraquara.	Não contem Palavras Chave	Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo

Fonte: Elaborado pela autora

Podemos considerar esse trabalho como um marco, pois foi o primeiro na unidade da UNESP Araraquara a ousar escrever sobre esse assunto tão polêmico. Orientada pelo Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, a pesquisadora buscou obter uma visão ampliada sobre como as adolescentes lidam com assuntos referentes ao sexo, bem como procurou identificar as dificuldades enfrentadas na vivência de sua sexualidade.

O trabalho traz uma abordagem teórica rica sobre a sexualidade, a repressão da sociedade diante desse assunto e a trajetória do reconhecimento da temática como inerente ao homem e não apenas ao ato sexual.

A autora considera nos seus achados a presença de valores produzidos em nosso passado histórico, e que perduram até os dias atuais, como a propagação de mitos, tabus e preconceitos, valores enraizados na cultura e, aponta ainda, a importância da contextualização histórica em relação à temática, revelando assim, a influência determinada pela cultura no comportamento sexual do indivíduo através das gerações.

Os resultados apresentados neste estudo revelaram que os adolescentes estão enfrentando inúmeros problemas quanto à vivência de sua sexualidade, que podem ser decorrentes de todo o processo de transmissão histórico-cultural e que, em pleno século XXI, mesmo com toda a abertura para discussão da temática, há jovens que são completamente desinformados sobre as etapas de desenvolvimento sexual, sobre métodos contraceptivos, e desconsideram os riscos da Aids e outras Doenças Sexualmente Transmissíveis, como

também não conhecem as circunstâncias de uma gravidez, mesmo tendo acesso a toda gama de informações sobre os métodos contraceptivos e preservativos.

Outro ponto observado na pesquisa foi a falta de orientação familiar a respeito da temática, além da grande carência afetiva e emocional, que levou algumas adolescentes a recorrer à gravidez como uma maneira de recuperar a posição perdida, após a passagem do estado de menina para o de mulher, dentro do contexto familiar.

O estudo também mostrou a ausência de formação em relação à Educação Sexual nas instituições escolares e destaca a necessidade de se trabalhar a temática na família e na escola, pois será a única maneira de auxiliar os adolescentes durante o processo do desenvolvimento da Sexualidade.

Percebemos que, talvez, por se tratar da primeira produção desse programa, a sua estrutura ainda não apresentava linha de pesquisa e ausência no resumo, das palavras-chave.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontram:

- A importância de se abordar a concepção histórico-cultural quando se discute Sexualidade, visto que influencia não só comportamentos atuais como os de demais gerações;
- Os adolescentes, apesar de terem informações, não têm formação neste sentido, o que culmina com gravidez não planejada ou até não desejada, entre outras situações complexas ao contingente infanto-juvenil;
- Carência de Educação Sexual, desde a tenra idade, tanto na escola quanto na família;
- Necessidade de implantação da Educação Sexual nas escolas e espaços para discutir também, com a família, a temática.

Quadro 4 - Produções do Ano de 2002 da FCL - Araraquara

Ano de 2002	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras -Chave	Linha de Pesquisa
18/06	Adolescência, Aids e educação escolar: elementos para reflexão - Vania Maria Carradore (Dissertação)	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Bibliográfica	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Não há	Aids; Adolescência; educação escolar	Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo

20/nov	O sexo na Universidade: um estudo sobre a sexualidade e o comportamento sexual do estudante universitário - Maria Cristina Zampieri (Dissertação)	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Pesquisa qualitativa /quantitativa utilizando questionário	Não apresenta uma linha, cita vários autores	1067 estudantes universitários de uma instituição privada com idade entre 18 a 23 anos	Não contém Palavras Chave	Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo
--------	---	---------------------------------------	--	--	--	---------------------------	--

Fonte: Elaborado pela autora.

No ano de 2002, a produção de trabalhos que abordam a temática ainda é tímida. Há, nessa época, apenas duas defesas de dissertação de mestrado que contemplam tais estudos apresentando algumas das palavras Sexualidade, Sexo, Educação Sexual, Orientação Sexual, Mulher, Gênero ou ainda derivações decorrentes destas palavras, como no caso da dissertação intitulada “Adolescência, Aids e educação escolar: elementos para reflexão”, que, traz a discussão da Aids, buscando conhecimentos sistematizados para pensar a prevenção da Aids entre adolescentes no contexto escolar, realizando uma pesquisa bibliográfica.

A pesquisa alude sobre a importância de haver debates entre professores e seus alunos e considera que atividades preventivas terão maior eficácia se inseridas em programas de Orientação Sexual, que possibilitem vivenciar um processo educativo nas questões da sexualidade, as relações de gênero e Aids.

O estudo evidencia a necessidade de discussões do tema na escola, distanciando da conotação negativa da sexualidade, como causadora de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e de gravidez na adolescência.

A segunda dissertação, concluída no ano de 2002, é nomeada de “O sexo na universidade: um estudo sobre a sexualidade e o comportamento sexual do estudante universitário”.

O trabalho buscou analisar a visão que estudantes universitários possuem da Sexualidade Humana e, para tanto, realizou uma pesquisa de campo quali-quantitativa aplicando um questionário com um mil e sessenta e sete (1.067) educandos de uma instituição privada, considerando em suas análises dos dados, o contexto histórico que contempla e influencia a sexualidade.

A pesquisa traz um levantamento bibliográfico rico, fazendo uma retrospectiva histórica da sexualidade, o que contribui para o entendimento do pensamento sexual contemporâneo. A abordagem teórica revela os vários aspectos e mudanças que a Sexualidade

Humana sofreu no decorrer dos tempos, devido às influências sociais, culturais e políticas, bem como, pontuando a Educação Sexual incipiente nas escolas e a falta de espaços para se trabalhar a temática, não se atendo apenas aos aspectos biológico e higienista.

Além disto, o estudo ainda aborda a influência da mídia neste sentido, valorizando e individualizando padrões de comportamento. A pesquisadora faz alusão à manipulação dos grupos sociais pela classe dominante, padronizando comportamentos sexuais, o consumo sexual, individualização do sexo e a corrida por audiência e a informação sobre a filosofia do sexo.

Os resultados da pesquisa ainda apontam a ausência de educação sexual desde tenra idade e as consequências do sexo sem orientação, e esse fator é verificado entre os universitários. Também mostra a escassa produção de pesquisas que abordam a Sexualidade com os adolescentes e a necessidade de uma Educação Sexual satisfatória.

Em suas considerações, a autora revela que é difícil a compreensão e a abordagem da temática, pois é permeada por tabus, preconceitos e normas que resultam nos interditos, conflitos e depende de cada momento histórico. Lembra o pouco diálogo sobre sexo e sexualidade com família e escola e muito diálogo com os amigos, perpetuando, assim, os valores advindos do senso comum.

Percebemos, ainda, que a estrutura dos trabalhos não apresentava linha de pesquisa e a ausência das palavras-chave continuava no resumo.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- Necessidade de conhecimento sistematizado para discutir a Aids na escola;
- Importância de debates com os professores e desses com os alunos;
- Atividades preventivas realizadas no programa de Orientação Sexual para distanciar a sexualidade do rótulo de transmissora de DST e gravidez;
- A importância de se abordar a concepção histórico-cultural quando se discute sexualidade, visto que influencia não só comportamentos atuais como os de demais gerações;
- A influência da mídia incentivando comportamentos sexuais e se valendo da temática para obter íbope;
- A ausência de Educação Sexual influencia a vida do indivíduo desde a infância até a universidade;

- Ausência de Educação Sexual adequada;
- Carência de Diálogo sobre a temática desde tenra idade, tanto na escola quanto na família;
- Muito diálogo entre amigos sobre a temática, reforçando o senso comum;
- Temática de difícil compreensão e abordagem, pois é permeada por tabus, preconceitos e normas que resultam nos interditos, conflitos, dependendo de cada momento histórico.

Quadro 5 - Produções do Ano de 2003 da FCL - Araraquara

Ano de 2003	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
26/fev	O uso de técnicas expressivas gráficas e verbais em casos de violência sexual doméstica infantil - Mayra Rocha Vollet (Dissertação)	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Pesquisa de campo utilizando pranchas	Autores da Psicanálise	Pais que tinham filhos na Educação Infantil	Não contém Palavras Chave	Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo
27/fev	Um estudo sobre a concepção que os pais de crianças, em idade escolar, têm acerca da sexualidade infantil e sua manifestação na escola - Vanessa de Melo Fragiacomio (Dissertação)	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Pesquisa de campo utilizando pranchas	Autores da Psicanálise	Pais que tinham filhos na Educação Infantil	Não contém Palavras Chave	Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo
26/jun	Meninos e meninas na escola: um encontro possível? - Fabiana Cristina de Souza (Dissertação)	Profª Drª Jane Soares de Almeida	Investigação o exploratória e de observação + Entrevista + Diário de Campo	Autores da Psicanálise do desenvolvimento	1 professora da pré-escola	Relações de gênero; prática docente; educação infantil.	Trabalho Docente,

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir do ano de 2003, algumas pesquisas começaram a apresentar as palavras-chave e a linha de pesquisa, o que não se visualizava nos primeiros trabalhos concluídos. Nesse ano, encontramos três publicações de dissertação contemplando a temática sexualidade e suas derivações.

O trabalho intitulado de “O uso de técnicas expressivas gráficas e verbais em casos de violência sexual doméstica infantil”, trabalha com a pesquisa qualitativa, utilizando métodos e técnicas e se baseia em referenciais psicanalíticos para investigar a forma como crianças vítimas de violência sexual doméstica se expressam diante da apresentação de técnicas expressivas.

A pesquisa trata da violência praticada em vários segmentos sociais, como a mídia, a escola e a doméstica. O estudo ressalta a incapacidade dos profissionais que trabalham nas escolas de identificar os problemas psicológicos, consequência do abuso sexual que a criança sofre e, muitas vezes, ignoram a informação por não saberem como proceder.

Revela o estudo que o abuso sexual em meninas leva-as a se sentirem culpadas pelo ato sofrido, pois acreditam que provocaram a situação. Já para os meninos, há tabu, incesto e homossexualidade e esses são valores transmitidos de geração para geração e que envolvem questões culturais no que concerne à sexualidade. Por isso, algumas crianças abusadas, quando adultas, passam a ser agressoras dos filhos.

O trabalho intitulado “Um estudo sobre a concepção que os pais de crianças, em idade escolar, têm acerca da Sexualidade Infantil e sua manifestação na escola” utiliza a teoria psicanalítica da Sexualidade Infantil. Como método para coleta de dados, a pesquisadora se valeu de pranchas (desenhos situacionais), que representam o que acontece com a criança no interior da escola. O estudo objetivou entender como os pais percebem a sexualidade dos filhos no ambiente escolar.

Os resultados obtidos identificaram que as professoras da Educação Infantil se omitem neste sentido, silenciando-se por acreditarem que o assunto é complexo e por não se encontrarem preparadas para abordar o tema. O trabalho ainda aponta que o descaso para com a Sexualidade Infantil gera graves consequências.

A pesquisadora situa que a família, em relação à Educação Sexual, sempre esbarra no autoritarismo e a escola perpetua esse sistema autoritário e castrador familiar e passa apenas conhecimentos higienistas e biologizantes para os filhos/educandos.

Outro ponto observado nesta dissertação é a discriminação e o preconceito em relação à questão de gênero. O trabalho não fez menção sobre a concepção histórica e social que influencia a expressão da sexualidade. O estudo, apesar de tratar a sexualidade e seu

desenvolvimento, utilizando como base teórica a Psicanálise de Sigmund Freud, ponderou alguns pontos da repressão sexual no período vitoriano.

Já a pesquisa “Meninos e meninas na escola: um encontro possível?” discursa sobre a dimensão social da identidade de gênero e da mulher, utilizando uma abordagem teórica da psicanálise do desenvolvimento das personalidades masculina e feminina.

A autora desenvolveu uma pesquisa exploratória de observação, utilizando a entrevista e o diário de campo, para coletar os dados com uma professora da educação infantil.

O trabalho buscou desvendar e aprofundar o conceito da relação de gênero que é entendida como uma relação social desigual. Os resultados encontrados apontam que a professora pesquisada, ao exercer sua prática, não tem consciência de que as relações de gênero também se estabelecem no espaço escolar, e que é um fato que perpassa a escola, mas se converte em social.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- As Professoras são despreparadas para trabalhar a temática, pois se silenciam;
- Há desconhecimento da professora em relação à construção social do gênero;
- O descaso com a Sexualidade Infantil gera graves consequências;
- A família e a escola oferecem uma Educação Sexual autoritária e castradora, fornecendo conhecimentos higienista e biologizante;
- Há discriminação e preconceito em relação à questão de gênero;
- Não houve nos trabalhos a abordagem da concepção histórica e social na influência à expressão da sexualidade. Apenas um dos estudos ponderou alguns pontos da repressão sexual, no período vitoriano;
- Profissionais que trabalham nas escolas não são capazes de identificar quando a criança sofre abuso sexual e as consequências psicológicas que ela gera.

Quadro 6 - Produções do Ano de 2004 da FCL – Araraquara

Ano de 2004	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
27/fev	Docência universitária: memórias femininas e relações de gênero - Maria Cecilia Luiz - (Tese)	Profª Drª Jane Soares de Almeida	Pesquisa de campo utilizando entrevistas	Não apresenta uma linha, cita vários autores	10 docentes mulheres dos cursos da UNESP	Gênero; Professoras universitárias; História de vida; Memória; Educação	Trabalho Docente
10/dez	Implicações da extensão do conceito ampliado de sexualidade, de Freud, para a formação do educador - Maria Tereza Luz Eid da Silva (Dissertação)	Profª Drª Maria Lucia de Oliveira	Teórica	Psicanálise e Educação baseando-se em Freud	Não Há	Psicanálise; Sexualidade; Educação; Escolar	Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo

Fonte: Elaborado pela autora.

O trabalho “Docência universitária: memórias femininas e relações de gênero” contemplou a questão de gênero, objetivando relatar a história de vida de mulheres do ensino superior por meio da memória, e entender o que significou ser mulher no Brasil, mais especificamente, no interior paulista, tanto em espaços públicos (profissional) quanto privados (pessoal), nas últimas décadas do século XX.

O estudo aponta que gênero é compreendido como uma construção social, histórica e cultural sobre as diferenças sexuais e as relações de poder, que revelam os conflitos e as contradições que marcaram uma sociedade em que a ênfase é estabelecida pela desigualdade, seja de classe, gênero, raça ou etnia.

A pesquisa analisou a construção sócio histórica dos conceitos da questão de gênero, fazendo um percurso histórico da universidade no Brasil, inclusive a UNESP, pontuando aspectos do gênero que compõem a formação acadêmica da instituição e verificou que questões de gênero e sexualidade, nesses espaços, não são consideradas.

Ponderou o estudo que os papéis sexuais são adequados conforme as normas sociais e são interiorizados, desde muito cedo, pelas mulheres, ou seja, desde o nascimento. Quando as barreiras dos estereótipos sexuais são quebradas, ou desafiadas, a discriminação sexual aparece como resposta, sendo que a opção da carreira profissional foi atrelada à

homossexualidade, apesar da autora utilizar o termo **homossexualismo**²², deixando a dúvida se não conhece a diferença²³ entre as palavras.

Portanto, o estudo esclarece que as professoras encontram dificuldades de trabalhar estas questões, pois a universidade ainda pode ser tachada de um ambiente machista²⁴.

O trabalho “Implicações da extensão do conceito ampliado de sexualidade, de Freud, para a formação do educador” refletiu a respeito das contribuições de Freud em relação ao conceito ampliado da sexualidade por ele elaborado, e as possíveis implicações dessa ampliação para a formação do educador.

Foi um estudo teórico a partir do levantamento da produção acadêmica e de trabalhos de pesquisadores que se dedicam à aproximação da Psicanálise e à Educação acerca dos estudos de Freud. A pesquisa demonstrou a importância do conceito freudiano de sexualidade para a compreensão do sujeito e que o desenvolvimento psíquico, se abalado, deixa marcas profundas no processo de formação educacional da criança.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- O desenvolvimento psíquico, se abalado, deixa marcas profundas no processo de formação educacional da criança;
- O gênero é compreendido como uma construção social, histórica e cultural sobre as diferenças sexuais e as relações de poder que revelam os conflitos e as contradições que marcaram uma sociedade;
- Há discriminação e preconceito em relação à questão de gênero;
- Construção sócio-histórica dos conceitos de gênero, fazendo um percurso histórico da universidade no Brasil, inclusive a UNESP;
- Não houve nos trabalhos uma abordagem da concepção histórica e social que influencia a expressão da sexualidade;

²² O termo “homossexualismo” foi substituído por “homossexualidade”, já que o sufixo “ismo” é utilizado para caracterizar doenças e o sufixo “dade”, para designar modo de ser (DIAS, 2006; GUIMARÃES, 2007). Dias (2006, p. 31) conclui que “[...] a busca da despatologização da homossexualidade visa defini-la como simples variante natural da expressão sexual humana, um comportamento que determina uma maneira de viver diferente”.

²³ A homossexualidade é um termo utilizado para se referir o modo afetivo que as pessoas do mesmo sexo se relacionam. A medicina no final século XVIII procurou diagnosticar “homossexualismo” como doença patológica, portanto, curável, começando a fomentar o preconceito (COSTA, 1989; 1992).

²⁴ Considerações da autora da tese Docência universitária: memórias femininas e relações de gênero.

- Dificuldade das docentes trabalharem por se tratar a universidade de um ambiente machista; além de haver o preconceito de que a docência é uma profissão de mulher e quando se trata do homem docente, este é homossexual.

Quadro 7 - Produções do Ano de 2005 da FCL - Araraquara

Ano de 2005	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
28/jun	Orientação Sexual para Jovens do Ensino Médio: uma proposta motivadora, reflexiva e emancipatória - Flávia Mazitelli de Oliveira (Dissertação)	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Pesquisa de campo utilizando dinâmicas de grupo	Não apresenta uma linha, cita vários autores	alunos e alunas que cursavam a 1ª série do ensino médio	Não Consta	Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo
04/jul	Histórias da Sexualidade no Brasil - Regina Célia Mendes Senatore (Tese)	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Bibliográfica	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Não Há	Não Consta	Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo
22/out	Sexo e Concepção de Sexualidade para Jovens Estudantes de uma Escola Pública - Elaine Italiano Vidal - (Dissertação)	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Qualitativa/Quantitativa	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Adolescentes com idade entre 14 e 19 anos do ensino médio	Sexo; Sexualidade; Adolescência; Educação Sexual; Orientação Sexual; Escola	Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo

Fonte: Elaborado pela autora.

Em 2005, houve a produção de duas dissertações e uma tese que contemplavam a temática sexualidade.

A pesquisa intitulada “Orientação sexual para jovens do ensino médio: uma proposta motivadora, reflexiva e emancipatória” mostrou a fragilidade de se trabalhar a temática na escola devido ao despreparo dos professores e educadores e da carência de formação especializada para eles. A pesquisa é uma proposta de Orientação Sexual em uma escola

pública de uma cidade do interior paulista, a partir das necessidades e interesse dos alunos e alunas que cursavam a 1ª série do ensino médio.

A pesquisadora utilizou como metodologia dinâmicas de grupo semanais, e os resultados revelaram que programas de orientação sexual, planejados sistematicamente, em uma perspectiva crítica, reflexiva e emancipatória, com tempo pré-determinados e objetivos que priorizam os aspectos subjetivos da sexualidade, são bem recebidos pelos adolescentes e podem contribuir para seu crescimento afetivo e subsidiar o estabelecimento de relações mais confiantes e seguras.

O trabalho considera que o projeto desenvolvido nesta pesquisa pode servir como modelo para que educadores trabalhem com orientação sexual em seus estabelecimentos de ensino e, considerando a formação da autora em terapia ocupacional, também mostrou que questões de sexualidade e Educação Sexual podem constituir campo de atuação do terapeuta ocupacional.

Já a tese “Histórias da sexualidade no Brasil” desvendou a história da sexualidade traçando um perfil de todas as interferências ocorridas pelos colonizadores e demais povos, construindo historicamente as modificações e influências que a sociedade brasileira sofreu em relação à sexualidade.

Este estudo abordou a sexualidade e suas histórias, questionando os padrões morais do poder dominante, que sempre visa moldar cidadãos, classificar, racionalizar e transformar as classes populares, disciplinando corpos.

A pesquisa “Sexo e concepção de Sexualidade para jovens estudantes de uma escola pública” foi realizada com adolescentes de escola pública estadual e objetivou verificar como pensam e como se comportam os jovens em relação ao sexo e à sexualidade.

O estudo observou que há visões tradicionais e contraditórias em relação ao assunto. Os alunos apresentam ideologia machista e religiosa a respeito do sexo, têm dificuldade de dissociar sexo de amor e dão importância à virgindade, pois são obrigados pela sociedade a “perder” a virgindade. Entre as adolescentes, há o encantamento e a espera do “príncipe encantado”.

A ideia de se discutir a sexualidade é baseada só no aspecto higienista, ressaltando a prevenção da gravidez, DST e Aids, e a prevenção com uso de camisinha. Mesmo com todo esse discurso, os jovens, na sua maioria, agem contraditoriamente em relação ao que afirmam conhecer.

Explica a autora que os estudantes sentem falta de dialogar a respeito do assunto e, por isso, têm preconceitos contra homossexuais e prostitutas.

Considerou no estudo a urgência de enfocar as necessidades das escolas disponibilizarem espaços para se trabalhar a Educação Sexual com os alunos desde a Educação Infantil, para que possam compreendê-la e vivenciá-la na sua totalidade, livre dos preconceitos sociais.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- Os alunos apresentam ideologia machista e religiosa a respeito do sexo;
- Os alunos têm dificuldade de dissociar sexo de amor;
- Os educandos dão valor à virgindade da mulher, mas são obrigados pela sociedade a “perder” a sua virgindade;
- Entre as adolescentes, há o encantamento e a espera do príncipe encantado;
- A abordagem sobre a Sexualidade é só referente ao aspecto higienista; prevenção da gravidez, DST, Aids e uso de camisinha;
- Os jovens apresentam um discurso sobre a temática e agem contraditoriamente em relação ao que afirmam conhecer;
- Os estudantes sentem falta de dialogar a respeito do assunto;
- Há preconceito contra homossexuais e prostitutas;
- Considerou a urgência das escolas terem espaços para se trabalhar a Educação Sexual com os alunos desde a Educação Infantil;
- A fragilidade de se trabalhar a temática na escola devido ao despreparo dos professores e educadores e da carência de formação especializada para os mesmos;
- Orientação Sexual planejada sistematicamente em uma perspectiva crítica, reflexiva e emancipatória, contribui para seu crescimento afetivo e relações mais confiantes e seguras;
- O projeto com Orientação Sexual pode servir como modelo para que educadores trabalhem com orientação sexual em seus estabelecimentos de ensino;
- As questões de sexualidade e Educação Sexual podem constituir campo de atuação do terapeuta ocupacional;
- Compreendeu a história da Sexualidade e todas as interferências dos colonizadores e demais povos na construção histórica da sociedade brasileira em relação à sexualidade;

- Abordou a sexualidade e suas histórias, questionando os padrões morais do poder dominante, que sempre visa moldar cidadãos, classificar, racionalizar e transformar as classes populares, disciplinando corpos.

Quadro 8 - Produções do Ano de 2006 da FCL – Araraquara

Ano de 2006	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
13/fev	O inconsciente na produção científica sobre Aids e educação escolar - Patrícia da Silva Pereira (Dissertação)	Profª Drª Maria Lucia de Oliveira.	Bibliográfica	Psicanálise e Educação	Análise de 30 dissertações e teses	Inconsciente; Psicanálise; Educação; Aids; Prevenção; Orientação Sexual; Dissertações e Teses.	Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo
03/mar	Sexologia e educação sexual no Brasil nas décadas de 1920-1950: um estudo sobre a obra de José Albuquerque - Giselle Volpato dos Reis - (Dissertação)	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Histórico Documental	Utiliza vários autores	Não Há	Educação Sexual; História da Educação Sexual; Sexologia; José de Albuquerque, História da Educação no Brasil.	Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo

Fonte: Elaborado pela autora.

Na produção acadêmica do ano de 2006, apesar do Quadro 6 mostrar duas publicações, apenas uma analisou o conteúdo das obras do médico José de Albuquerque que envolvia a temática sexualidade.

O estudo evidencia que a ideia higienista e eugenista era disseminada pela medicina do século XIX e início do século XX, e os meios de comunicação eram vistos como uma forma de propagação da Educação Sexual visando à ordem familiar e ao papel dessa educação na escola. O trabalho reconstrói, assim, o momento histórico em que a institucionalização do discurso sobre a Educação Sexual foi forjada.

A dissertação “O inconsciente na produção sobre Aids e educação escolar” relata que o uso de preservativo é feito pelo indivíduo que tem informação, mas não o conhecimento. Há, portanto, nítida importância da atuação docente para trabalhar o assunto com o aluno.

A pesquisadora alerta para o conhecimento oferecido na escola em relação à Sexualidade e à Aids, devendo ser algo mais amplo e que instrua a formação do indivíduo e de sua sexualidade.

A autora se preocupa com a construção histórica da Aids, relatando a influência da moral religiosa. A Aids é vista como uma doença moral, revelando a necessidade de rever os valores sexuais, bem como em relação ao gênero, uso de preservativo e prática sexual fora de uma moral dominante e homofóbica. O trabalho, portanto, buscou analisar trinta dissertações e teses sobre prevenção da Aids nas escolas.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- A importância dos estudos de José de Albuquerque para a Educação Sexual e sua historicidade;
- O uso de preservativo – informação sem conhecimento;
- História da Aids na sociedade;
- O preconceito homofóbico;
- A ideia de que a Aids é uma doença moral;
- Necessidades de reavaliar valores e práticas sexuais;
- Aponta a construção Histórico-social na Educação Sexual brasileira e a influência da cultura;
- A historicidade da Orientação Sexual.

Quadro 9 - Produções do Ano de 2007 da FCL – Araraquara

Ano de 2007	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
27/fev	Desvendando práticas familiares e escolares a partir das relações de gênero: uma reflexão sobre a educação de meninos e meninas - Fabiana Cristina de Souza (Tese)	Profª Drª Jane Soares de Almeida	Analítico-descritiva, qualitativa+ Entrevistas + questionário	Utiliza vários autores, mas faz uma retrospectiva em relação ao gênero, citando Foucault	Professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental; alunos/as da 3ª série, e um os/as pais/mães das crianças.	Gênero, desempenho escolar, coeducação, socialização de meninos e meninas.	Trabalho Docente

2007	Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940): representação e história - Raquel Discini Campos – (Tese)	Profª Drª Rosa de Fátima Souza	Qualitativa + Análise de Jornais	Utiliza vários autores, mas faz uma retrospectiva em relação ao gênero,	Não Há	mulheres; crianças; interior paulista; imprensa; educação.	Epistemologia do Trabalho Educativo
2007	Em busca da imagem corporal : análise da representação que o jovem universitário tem do corpo - Darvim Ianuskiewtz (Tese)	Profª Drª Ângela Viana Machado Fernandes	Qualitativa	Utiliza vários	Estudantes universitárias 213 do sexo feminino e 154 do sexo masculino	Corpo, Cultura, Ideologia, Indústria Cultural, Juventude, Mídia	Não consta

Fonte: Elaborado pela autora.

Em 2007 houve a defesa de duas teses. A pesquisa intitulada “Desvendando práticas familiares e escolares a partir das relações de gênero: uma reflexão sobre a educação de meninos e meninas” objetivou verificar as concepções de gênero manifestadas no ambiente familiar e escolar e que significado exerce na socialização das crianças. O estudo destacou que o gênero é uma construção social que conduz os processos que diferenciam homens e mulheres, envolvidos por relações de poder.

A autora faz uma retrospectiva em relação à teoria do gênero, citando Foucault e mostra o quanto a questão de gênero está relacionada ao poder. Para isso, foi desenvolvida uma pesquisa de natureza analítico-descritiva, qualitativa nas escolas do Município de Monte Alto, a partir de entrevistas com professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental e com uma turma de alunos/as da 3ª série, com ampliação de um questionário aos pais/mães dessas crianças.

Os resultados assinalam que, no ambiente familiar, a criança aprende algumas percepções de gênero e as reproduzem e/ou transformam. Ele é um espaço onde as crianças são socializadas e aprendem os valores, as ideias, as práticas do que é ser homem ou mulher. Assim, as representações de masculinidade e feminilidade são manifestadas pelas crianças identificando como o gênero interfere no processo de aprenderem a serem meninos e meninas.

A pesquisa destacou, ainda, que o gênero está presente no ambiente escolar e examinou o fato de um número maior de meninos do que de meninas apresentarem um baixo desempenho escolar e também promover desigualdades.

O estudo ressaltou a necessidade de compreender a multiplicidade de masculinidades e feminilidades, que influenciam no resultado acadêmico das crianças, e como a prática da coeducação, um modo de ensinar conjuntamente, envolvendo as diversas formas de educar, pode contribuir, no âmbito educacional, para conduzir e transformar o cotidiano escolar em um espaço igualitário para meninos e meninas.

A pesquisa “Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940): representação e história - Raquel Discini”, um trabalho rico revelando a história de a imprensa noticiar conceitos a respeito da mulher e criança. O estudo revela o olhar a respeito do gênero que a sociedade da época tinha. Para tanto, faz uma pesquisa documental de jornais que noticiaram propagandas direcionadas ao público feminino e a criança, e que recriava o mundo do qual falava, influenciando o mundo sobre o qual falava, educava os pais, as mães, as crianças e as famílias “de bem”, com graciosas meninas, valentes meninos, pais extremosos, mães exemplares e tantos outros adjetivos utilizado pelos jornalistas. O jornal vende o imaginário da mulher e da criança de acordo com a intenção de determinada época e assim o estudo revelou as construções sociais e de gênero de uma sociedade e suas contradições.

O estudo “Em busca da imagem corporal: análise da representação que o jovem universitário tem do corpo” analisou a imagem corporal de estudante universitário, e fundamenta-se em autores que mostram como o corpo disciplinado criado pela Indústria cultural adentra os lares inculcando valores e padrões corporais, vendendo o imaginário do ser humano moderno, sedutor, corpo sarado, uma beleza física que se constitui como identidade e necessária para o indivíduo ser reconhecido e pertencente a um determinado grupo social.

O estudo evidencia uma preocupação maior de se fazer atividade física, não apenas pela saúde, mas sim, para manter o corpo esbelto entre o sexo feminino e entre o sexo masculino; e ainda o ganho de massa muscular, contribuindo para reforçar o estereótipo de gênero construído pela sociedade atual, preocupando-se com a imagem corporal

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- Diferença existente em relação ao gênero;
- Despreparo das docentes ao trabalhar a temática para amenizar o preconceito;

- Necessidade de ações que reelaborem os paradigmas existentes em torno da questão de gênero, pela sociedade.

Quadro 10 - Produções do Ano de 2008 da FCL - Araraquara

Ano de 2008	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
09/mai	Palavras, "palavrões": um estudo sobre a repressão sexual com base na linguagem empregada para designar a genitália e práticas sexuais na cultura brasileira - Eliane Rose Maio Braga (Tese)	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Pesquisa qualitativa	Não apresenta uma linha, cita vários autores	4.916 pessoas, sendo pais/mães e professores/as, com as idades entre dezoito a sessenta e oito anos.	Sexualidade; Sexo; Palavras; Sinônimos; Repressão Sexual; Orientação Sexual Escolar.	Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo
10/jun	O comportamento sexual do universitário brasileiro: estudo analítico-descritivo acerca de suas concepções, valores e atitudes sobre a sexualidade. - Maria Cristina Zampieri (Tese)	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Qualitativa + Quantitativa + Questionário	Não apresenta uma linha, cita vários autores.	1.067 estudantes universitários, de ambos os sexos, com a faixa etária compreendida entre 18 e 23 anos de idade.	Universitário. Adolescência. Sexualidade. Sexo.	Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo

Fonte: Elaborado pela autora.

O ano de 2008 foi contemplado com a defesa de duas teses de doutorado que abordavam a temática sexualidade. A intitulada “Palavras, "palavrões": um estudo sobre a repressão sexual com base na linguagem empregada para designar a genitália e práticas sexuais na cultura brasileira” se revelou um trabalho rico, pois buscou compreender as diferentes nomeações em diversos estados do Brasil, referentes à genitália masculina e feminina: pênis e vulva, e para algumas práticas sexuais, masturbação e relação sexual.

A pesquisa mostra como as atitudes e os comportamentos sexuais das pessoas, nos dias de hoje, são representados pelas palavras, ou então pelos sinônimos proferidos cotidianamente, e também dentro do universo escolar.

Utilizou-se para obter os resultados a coleta de palavras que representassem o pênis, vulva, vagina, práticas sexuais, masturbação e relação sexual, empregando uma dinâmica retirada do material do SEBRAE e aplicada em seis estados brasileiros (sul, sudeste, centro-oeste e nordeste).

Participaram do estudo 4.916 pessoas, sendo pais/mães e professores/as, e as palavras identificadas foram agrupadas e analisadas por meio da análise de conteúdo de Laurence Bardin.

O trabalho discutiu o porquê da importância e/ou a necessidade da utilização de tantos sinônimos que se refiram a sexo/sexualidade, e constatou que há dificuldade de as pessoas verbalizarem palavras de cunho sexual. Há resistência e desinformação, que são passadas aos educandos, denotando, assim, uma repressão sexual e a conseqüente necessidade da Educação Sexual, no ambiente escolar, envolvendo toda a comunidade educativa, ou seja, família/responsáveis e docentes, equipe pedagógica e administrativa, funcionários/as e alunos/as.

O estudo nomeado de “O comportamento sexual do universitário brasileiro: estudo analítico-descritivo acerca de suas concepções, valores e atitudes sobre a sexualidade” teve como objetivo traçar um perfil do comportamento sexual do estudante universitário brasileiro, mapeando sua visão acerca das concepções, valores e atitudes sobre a Sexualidade Humana. Para realização do trabalho, foi aplicado um questionário com 30 questões fechadas com 1.067 estudantes universitários, de cinco regiões do Brasil, englobando os estados: Amazonas, Rondônia e Pará (região Norte); Bahia, Paraíba e Maranhão (região Nordeste); Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (região Centro-Oeste); São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro (região Sudeste); Santa Catarina e Paraná (região Sul).

Os resultados evidenciaram que os jovens têm interesse em discutir a temática e analisam a sexualidade a partir da própria visão, que, muitas vezes, entrelaçam com valores tradicionais, preconceitos e ambiguidades frente a ideias e posturas, em certas ocasiões, contraditórias e confusas.

Afirma a autora que os adolescentes são movidos a manter a prática da sexualidade, pois a relacionam com situações amorosas, sendo, portanto, o amor e a afetividade, as condições essenciais para a vivência sexual e, a sexualidade está vinculada à fidelidade, ou seja, relações sexuais com parceiros ou parceiras definidos.

O estudo revela, ainda, que o sexo é associado aos relacionamentos como namoro ou noivado, perpetuando a prática da monogamia e de valores pré-concebidos. Há, também, pouca preocupação com a utilização de métodos contraceptivos, já que a relação de confiança passa a ser conquistada.

Muitos participantes ainda apresentaram desconhecimentos em relação à sexualidade e as práticas sexuais, mas tinham uma visão crítica em relação à forma como a temática é abordada pelos meios de comunicação de massa, e que não deveriam apenas valorizar a beleza da mulher, considerando fundamental a educação sexual.

Os participantes afirmam que mantêm diálogo sobre a sexualidade com amigos (as) e/ou namorados (as) e há uma ausência de diálogo entre os (as) filhos (as) e os pais. Os adolescentes veem nos pais os representantes de uma moral rígida, que dificulta o diálogo e perpetua tabus, preconceitos, mitos e distorções, que poderiam ser destruídos com uma orientação madura e correta.

Os resultados também apontam percentuais diferentes em relação à liberdade que os pais devem dar entre os sexos masculino e feminino, marcando a presença de valores arraigados culturalmente, relativos aos gêneros na orientação sexual tradicional.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- A importância da utilização de diferentes palavras para serem usadas como sinônimos quando o assunto se refere a sexo/sexualidade;
- Dificuldade, resistência e desinformação de verbalizar palavras de cunho sexual;
- Educação sexual desinformada, passada aos/as alunos/as, denotando, assim, uma repressão sexual;
- Necessidade da Orientação Sexual no ambiente escolar, envolvendo toda a comunidade educativa;
- A Sexualidade, na perspectiva dos jovens, é objeto de interesse, debate e reflexões passíveis de interpretação;
- Analisam a sexualidade a partir da própria visão, baseando-se em valores tradicionais, preconceitos e ambiguidade frente a ideias e posturas, em certas ocasiões contraditórias e confusas;
- A prática da sexualidade está relacionada a situações amorosas;

- Amor e afetividade, fidelidade e parceiro definido são condições essenciais à vivência sexual;
- Sexo deve ser realizado só nos relacionamentos de namoro ou noivado, o que confirma a existência de valores pré-concebidos;
- Pouca preocupação com métodos contraceptivos devido à confiança no parceiro;
- Mitos e desconhecimentos em relação à sexualidade e práticas sexuais;
- Os participantes apresentam uma visão crítica em relação à forma como a sexualidade é abordada pelos meios de comunicação de massa, e que não deveriam apenas valorizar a beleza da mulher;
- Consideram fundamental a Educação Sexual, mas discutem o assunto com parceiros e amigos, o que perpetua tabus, preconceitos, mitos e distorções;
- Os pais são representantes de uma moral rígida, o que gera o medo de dialogar;
- Presença de valores arraigados culturalmente relativos aos gêneros na orientação sexual tradicional.

Quadro 11 - Produções do Ano de 2009 da FCL - Araraquara

Ano de 2009	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
10/set	A Companhia de Jesus e a formação da cultura sexual brasileira: um estudo histórico e documental a partir dos escritos do Padre Manuel da Nóbrega - Anne Caroline Mariank Alves Scalia (Dissertação)	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Histórica Documental	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Não Há	Companhia de Jesus. Manuel da Nóbrega. Brasil Colônia. Século XVI. História da Educação Sexual. Cartas.	Trabalho Educativo: Fundamentos Psicológicos e Educação Especial
06/nov	As concepções de sexualidade de um grupo de alunas do curso de Pedagogia: uma análise a partir do recorte de gênero - Ana Paula Costa	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Qualitativa, de tipologia analítico-descritiva + Entrevista.	Não apresenta uma linha, cita vários autores.	Alunas do quarto ano do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Araraquara	Sexualidade. Relações de gênero. Formação Acadêmica. Currículo.	Trabalho Educativo: Fundamentos Psicológicos e Educação Especial

	(Dissertação)						
09/nov	Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da Unesp-Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos - Andreza Marques de Castro Leão (Tese)	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Analítico-descritivo + quantitativa e qualitativa	Não apresenta uma linha, cita vários autores	70 alunos do 4.º ano do curso de Pedagogia da UNESP. Araraquara.	Orientação sexual. Sexualidad e. Pedagogia. Formação de professores .	Trabalho Educativo: Fundament os Psicológic os e Educação Especial
16/nov	Breve olhar sobre a sexualidade na fala dos professores da educação de jovens e adultos - Arnaldo Martinez de Bacco Junior (Dissertação)	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Qualitativa + entrevista + questionário	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Professores que atuam na EJA em diversas escolas de Ribeirão Preto.	Sexualidad e; Formação de professores ; Educação de Jovens e Adultos; Orientação Sexual na Escola.	Trabalho Educativo: Fundament os Psicológic os e Educação Especial

Fonte: Elaborado pela autora.

O ano de 2009 foi um ano com significativas produções na área da Sexualidade. Verificamos a defesa de três dissertações e uma tese que contemplam a temática de forma emancipatória e contextualizando a sua construção histórica.

A dissertação “A Companhia de Jesus e a formação da cultura sexual brasileira: um estudo histórico e documental a partir dos escritos do Padre Manuel da Nóbrega” traz uma abordagem teórica fazendo um levantamento da colonização do Brasil, a fé portuguesa (catolicismo) e as disputas pelas posições comerciais.

A pesquisa busca delinear a educação brasileira nas relações de poder e revela que nesse período havia dois tipos de Educação Sexual: a indígena (nudez e liberdade sexual) e a jesuítica (repressora), que visualiza a mulher como perigo e a tentação da carne. Assim, a educação baseia-se em disciplinar, ou seja, fabricar corpos submissos e dóceis e prega uma organização familiar repressora.

É um estudo bibliográfico e documental a partir de uma leitura exploratória e interpretativa da análise do discurso baseando-se teoricamente nos estudos de Foucault.

A pesquisa contribui para o desenvolvimento da historiografia da Educação Sexual no Brasil, permitindo a compreensão das concepções da Sexualidade e a institucionalização do conhecimento sexual no Brasil.

A dissertação “As concepções de sexualidade de um grupo de alunas do curso de Pedagogia: uma análise a partir do recorte de gênero” buscou investigar, a partir do recorte de gênero, as concepções de sexualidade de um grupo de alunas do curso de pedagogia que já atuam na educação escolar como professoras, considerando as mediações e intervenções desse curso na ideia que fazem da temática e como esse conceito adquire formato na prática pedagógica dessas professoras.

A autora, na sua pesquisa, fez a descrição dos programas das disciplinas que compõem o currículo do curso de pedagogia e realizou entrevista estruturada com as universitárias escolhidas. A fundamentação teórica se baseou nos estudos de Foucault, Scott e Louro.

Os resultados revelaram que a formação das professoras carece de disciplinas que discutam a sexualidade e questões de gênero. A falta de subsídios teóricos e pedagógicos para o trabalho com esses temas na escola torna-se um problema para essas futuras profissionais da educação, uma vez que esses assuntos aparecem com frequência em suas salas de aula.

As professoras possuem duas atitudes diante das manifestações da sexualidade e relações de gênero dos (as) alunos (as): não enfrentam, ou se abstêm em orientar sexualmente, ou tratam essas temáticas pela perspectiva biológica, discutindo-as nas aulas de ciências e fazendo uso do ensinamento de preceitos morais, estipulando o que consideram “certo” e/ou “errado” à vivência sexual e de gênero de cada sujeito.

A tese de doutorado “Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da UNESP-Araraquara quanto à inserção das temáticas de Sexualidade e Orientação Sexual na formação de seus alunos” apresenta um estudo analítico-descritivo analisando o Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia da UNESP - Faculdade de Ciências e Letras, do Campus de Araraquara quanto à inserção das temáticas da Sexualidade e Orientação Sexual, a partir da avaliação dos programas e matrizes curriculares e dos saberes expressos pelos alunos.

Foi aplicado um questionário com 20 questões fechadas, com 70 alunos do 4º ano do curso de Pedagogia, bem como a análise dos programas e das disciplinas.

Os resultados demonstraram que, de modo geral, não há na grade curricular do curso, disciplinas obrigatórias que discutam a sexualidade e Orientação Sexual. Por isso, em seu histórico, houve apenas a opção de disciplinas optativas que abarcavam estes temas, as quais

não foram mais ofertadas, e o currículo oficial deste curso não dá margem para discussão da sexualidade, embora no currículo oculto haja a possibilidade de abordar o tema.

O espaço existente para esta discussão, segundo os apontamentos do estudo, é velado e o ideal seria que a temática pudesse fazer parte da grade curricular. Por isso, é nítida a ausência de conhecimento dos diversos temas que compõem a sexualidade humana, existindo conhecimentos ancorados no senso comum para atuar com estes temas.

Há carência de disciplina no curso de Pedagogia em sexualidade e Orientação Sexual, que evidencia a necessidade de uma revisão deste curso para as exigências da contemporaneidade, à qual a sexualidade não pode mais ser postergada, de maneira a oferecer aos discentes uma formação adequada, na qual esta abordagem seja ~~como~~ parte integrante do currículo formal.

A dissertação “Breve olhar sobre a sexualidade na fala dos professores da educação de jovens e adultos” discutiu a necessidade de se trabalhar a sexualidade e a Orientação Sexual na Educação de Jovens e Adultos e analisou se os professores observavam mudanças comportamentais em seus alunos no que diz respeito à sexualidade, se trabalhavam com a temática em sala de aula e se estavam preparados para abordá-la na sua prática.

O estudo norteia a sexualidade e a História da Orientação Sexual no Brasil e faz um breve histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Realiza, também, um diagnóstico da formação docente pela análise das falas dos professores da Educação de Jovens e Adultos.

A pesquisa utilizou entrevistas, e os resultados obtidos detectaram a urgência da Orientação Sexual voltada à Educação de Jovens e Adultos e a disposição dos professores em trabalhar com este tema.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- Carência de disciplinas nos cursos de formação de professores que discutam sexualidade e Gênero, apesar dos assuntos serem frequentes na sala de aula;
- Falta de subsídios teóricos e pedagógicos para o trabalho com esses temas na escola;
- As professoras, frente a situações que exigem trabalhar os temas, tratam as temáticas pela perspectiva biológica, discutindo-as nas aulas de ciências e fazendo uso do ensinamento de preceitos morais, estipulando o que consideram “certo” e/ou “errado” à vivência sexual e de gênero de cada sujeito;

- Não há na grade curricular do curso de Pedagogia da UNESP/ Araraquara disciplinas relacionadas à Sexualidade e Orientação Sexual;
- Há, no histórico do curso, apenas a oferta de disciplinas optativas que abarcavam estes temas, mas que não dão margem para discussão da sexualidade, embora no currículo oculto haja a possibilidade de abordar a temática;
- Espaço existente para esta discussão é velado e o ideal seria que a sexualidade pudesse fazer parte da grade curricular;
- Ausência de formação dos licenciados de conhecimento dos diversos temas que compõem a sexualidade humana, tendo conhecimentos ancorados no senso comum para atuar com estes temas;
- Há carência na formação específica em Sexualidade e Orientação Sexual, evidenciando a necessidade de uma revisão deste curso para trabalhar a temática;
- Dar oportunidade, aos discentes, à formação adequada em sexualidade como tema integrante do currículo formal;
- Contribuição do desenvolvimento da historiografia da Educação Sexual no Brasil, permitindo conhecer as concepções da sexualidade e a institucionalização do conhecimento sexual no Brasil;
- Urgência da Orientação Sexual voltada para a Educação de Jovens e Adultos;
- Disposição dos professores em trabalhar com este tema.

Quadro 12 - Produções do Ano de 2010 da FCL - Araraquara

Ano de 2010	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
11/ago	Sexualidade e orientação sexual na formação de professores: uma análise da política educacional - Lucia Rejane Gomes da Silva (Tese)	Profª Drª Ângela Viana Machado Fernandes	Qualitativa, descritiva	Não apresenta uma linha, cita vários autores	16 sujeitos, de três cursos de pedagogia de instituições públicas e privadas.	Orientação sexual. Sexualidad e. Formação de professores. Política educacional. Educação	Não Consta

18/nov	A institucionalização do conhecimento sexual enquanto tema de investigação e ensino em universidades brasileiras a partir das ações de grupos de pesquisa - Regina Celia Bedin - (Dissertação)	Profª Drª Luci Regina Muzzeti	Qualitativa, descritiva	Não apresenta uma linha, cita vários autores	questionário respondidos pelos sujeitos, sendo eles os líderes dos grupos de pesquisa e mais três integrantes de cada grupo, sendo um aluno de graduação e dois de Pós-Graduação	Sexualidade; educação sexual; conhecimento sexual; grupos de pesquisa; universidade; história da educação sexual no Brasil.	Formação do Professor, Trabalho Docente e Práticas Pedagógicas
--------	--	-------------------------------	-------------------------	--	--	---	--

Fonte: Elaborado pela autora.

No ano de 2010, aconteceu a defesa da tese “Sexualidade e orientação sexual na formação de professores: uma análise da política educacional”, que aborda a ausência de conteúdos de sexualidade e orientação sexual na formação inicial de professores nos cursos de pedagogia. O objetivo foi investigar a Orientação Sexual como política educacional, o lugar que o tema ocupa na formação docente, e como as instituições formadoras de professores, em Porto Velho, capital do estado de Rondônia, estão preparando os futuros professores para lidar com o tema.

A pesquisa para obtenção de dados analisou o conteúdo das respostas dadas por coordenadoras, professores e alunas líderes de turma de três cursos de Pedagogia, totalizando 16 sujeitos de instituições públicas e privadas.

Os resultados revelaram ser a sexualidade distante ou negada, mostrando que a temática é ausente nas relações sociais e na formação dos professores. Apesar dos cursos trabalharem o assunto, ainda mantêm os seus traços conservadores, contradições, conflitos e problemas. Além disso, identificou-se a necessidade de maiores investimentos na formação inicial e continuada a respeito da temática e atenção das políticas públicas para a Educação Sexual nos cursos de formação docente.

A dissertação “A institucionalização do conhecimento sexual enquanto tema de investigação e ensino em universidades brasileiras a partir das ações de grupos de pesquisa” realizou uma investigação para verificar como a UNESP e algumas universidades brasileiras, enquanto instituições de ensino e pesquisa, têm dado contribuições ao campo da Educação Sexual a partir da atuação de grupos de pesquisa.

O estudo descreveu e analisou a institucionalização do conhecimento sexual e a consolidação da Educação Sexual enquanto tema de investigação e ensino em algumas universidades brasileiras e qual o papel dos grupos de pesquisa neste processo. Para isso, foram entrevistados coordenadores e integrantes de seis grupos da UNESP e seis grupos de outras universidades.

Os resultados apontam a obtenção de informações sobre a estrutura, funcionamento e realizações de cada grupo de pesquisa, e permitiu traçar o percurso, desde a criação dos grupos, além de verificar qual a situação atual, a produção acadêmico-científica e como ocorreu o processo de institucionalização desses grupos.

A pesquisa possibilitou descrever a existência de estudos sobre a institucionalização do saber sexual na universidade, por meio dos grupos de pesquisa da UNESP e algumas universidades brasileiras, enquanto instituições de ensino e pesquisa, e as suas contribuições ao campo da Educação Sexual.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- Ausência de formação a respeito da sexualidade nos cursos de formação de professores;
- Desconhecimento e valores pré-concebidos por parte dos alunos e professores dos cursos em relação à sexualidade;
- Necessidade de investimento na formação inicial e continuada a respeito do conhecimento sobre a sexualidade;
- Descrever a existência de estudos sobre a institucionalização do saber sexual na universidade por meio dos grupos de pesquisa da UNESP, e algumas universidades brasileiras, enquanto instituições de ensino e pesquisa, e as suas contribuições ao campo da Educação Sexual.

Quadro 13 - Produções do Ano de 2011 da FCL - Araraquara

Ano de 2011	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
11/jan	Mulher e Criança: ambivalência de dois mundos ditados por especialistas em artigos de revistas destinadas ao grande público entre os anos de 1940 a 1950 - João Guilherme Rodrigues (Tese)	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Bibliográfico	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Não Há	História da mulher. História da criança. Mídia feminina impressa. Mídia impressa. Intervenção médica. Puericultura.	Educação Especial para o Trabalho Educativo
2011	Entreaberto botão, entrefechada rosa: vivências da adolescência feminina em assentamento de reforma agrária- Silvia Regina Marques Jardim (Tese)	Profª. Dra. Dulce Consuelo Andreatta Whitaker	Qualitativa	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Doze meninas adolescentes, estudantes da Escola do Campo, no Assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara/SP	Juventude Rural. Educação. Relações sociais de gênero	Política e Gestão Escolar

Fonte: Elaborado pela autora.

A tese de doutorado “Mulher e criança: ambivalência de dois mundos ditados por especialistas em artigos de revistas destinadas ao grande público entre os anos de 1940 a 1950” aborda características essenciais em relação à mulher, o que nos remete a entender o porquê da nossa pedagogia ser vista como uma profissão feminina.

A pesquisa utiliza vários teóricos que evidenciam a trajetória da mulher, considerada invisível, sem voz e sem vontade até o século XX, quando há significativas mudanças no papel da mulher na sociedade, mesmo que de forma sutil.

O estudo resgata a Sexualidade da mulher, apesar de não tratar, especificamente, da Educação Sexual. Revelou, ainda, que a influência dos colonizadores interferiu e interfere, até nos dias atuais, na imagem da mulher.

Outro ponto ressaltado é a influência da igreja e da medicina, que incutem na sociedade, a imagem da “mãe-maria” e “mãe-mulher”.

A pesquisa, “Entreaberto botão, entrefechada rosa: vivências da adolescência feminina em assentamento de reforma agrária” propôs compreender a concepção que doze meninas entre 12 a 15 anos estudantes da Escola do Campo, no Assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara/SP, têm em relação à juventude rural e relações sociais de gênero por meio do estudo de suas percepções de adolescentes, do ciclo da vida que resulta de processos educativos e culturais que ocorrem em espaços diversos, expressadas em seus diários. Foram realizadas entrevistas com as adolescentes, suas mães e algumas avós, para aprofundar temas surgidos nos diários e captar elementos de mudanças de comportamentos.

A pesquisa ressalta a questão de gênero, enfocando o poder exercido pela família patriarcal e comunidade em vigiar as adolescentes, e, a elas, ser negado o direito de lazer e estudo, porém lhes delegando a função dos afazeres domésticos e de cuidar dos irmãos mais novos.

Os resultados mostram que os diários podem ser uma fonte rica de dados, pois permitem vislumbrar como as meninas adolescentes interagem com sua realidade a partir de vivências no cotidiano. É a partir dessa linguagem que revelam suas paixões, sonhos, dificuldades; questionam preconceitos como a imposição de tarefas domésticas, versus a liberdade de ir e vir dos meninos; descrevem sentimentos de angústias perante o exercício do poder paterno. As escritas evidenciam as diferentes formas com que as meninas adolescentes do meio rural se posicionam no seu contexto social, atribuem sentidos ao cotidiano e fortalecem suas identidades ao produzir uma subcultura pautada em mecanismos de resistência às imposições de normas e em anseios educacionais e profissionais.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- A sexualidade da mulher e a influência dos colonizadores interferiram e interferem, até nos dias atuais, na imagem da mulher;
- Emergência de uma sensibilização, abrindo um espaço para se refletir e discutir a sexualidade no mundo escolar;
- Necessidade de reelaborar juízos de valores como uma só verdade;
- Importância de desenvolver um trabalho coletivo, amenizando o impacto dessas questões nas relações do trabalho educativo, principalmente, junto à criança;

- Trabalhos educativos junto às famílias e adolescentes em relação ao gênero.

Quadro 14 - Produções do Ano de 2012 da FCL - Araraquara

Ano de 2012	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
30/mar	O saber e o não revelar da violência sexual doméstica infantil na dinâmica do profissional escolar - Mayra Rocha Vollet (Tese)	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Qualitativa + entrevistas	Psicanalítico	5 profissionais escolares	Psicanálise. Violência sexual doméstica infantil. Educação Sexual. Escola. Sexualidade	Sexualidade, Cultura e Educação Sexual.
28/ago	Corpo e homossexualidade: metáforas da cultura - Maria de Fátima Pessoa de Assis (Tese)	Profª Drª Maria Lúcia de Oliveira	Bibliográfica	Psicanalítico	Não tem	Corpo. Psicanálise. Sexualidade. Cultura. Educação.	Trabalho educativo – fundamentos psicológicos e Educação especial

Fonte: Elaborado pela autora.

Utilizando da psicanálise como fundamentação teórica e baseando-se nos estudos de Sigmund Freud, a tese “O saber e o não revelar da violência sexual doméstica infantil na dinâmica do profissional escolar” faz um levantamento da conceituação da sexualidade de acordo com a visão freudiana. Esta ressalta ser a sexualidade uma energia de origem fisiológica que “direciona” para uma ação, um impulso, ou pulsão, bem como um conjunto de funções de desejos e “pulsões parciais” (representantes instintuais), que ao encontrar uma série de “barragens” (da ordem de constructos socioculturais), desemboca numa genitalidade.

Continuando o estudo, a autora revela que Freud diz estar a Sexualidade relacionada às influências culturais sobre o indivíduo, entendidas como “barragens”, e estabelece as relações entre sexualidade, recordações infantis reprimidas e aparecimento de enfermidades psíquicas e que a sexualidade está na gênese das “doenças nervosas”.

A pesquisa contou com um estudo analítico-descritivo da fala de um grupo de profissionais escolares sobre violência sexual infantil doméstica, por meio de entrevistas. Esse estudo buscava investigar como profissionais escolares conceituam violência sexual doméstica infantil, como identificam esses casos entre seus alunos e como agem diante da suspeita de tal violência.

Os resultados obtidos revelaram que o silêncio de profissionais escolares diante da violência sexual contra crianças é uma realidade e mantêm-se por meio de mecanismos psicológicos complexos que exercem influência sobre a condução do problema e são mediados por construções sociais e culturais. Além disso, a realidade institucional descrita pelos entrevistados revela que ainda pouco se investe na vinculação entre as diversas áreas de atendimento à família incestuosa, favorecendo o isolamento e o silêncio de profissionais que estão muito próximos da criança, o que revela sua vitimização doméstica.

O Trabalho “O corpo e a psicossexualidade: metáfora da cultura” traz uma visão da psicanálise fazendo um recorte histórico para estabelecer uma síntese das imagens do corpo. Aborda, ainda, a construção da noção de corpo, baseando-se nos estudos de Freud, e em diferentes momentos de sua construção teórica, tomando como eixos balizadores, as teorizações sobre o corpo erógeno e o corpo pulsional, além disso, traz à luz de seu trabalho a questão do conceito sexualidade influenciada pela sociedade burguesa, apontando Foucault para ilustrar sua teoria.

A autora busca explicação do corpo na educação e, então, objetivando abordar o corpo e a psicossexualidade pela psicanálise freudiana e seus desdobramentos para explorar suas possibilidades como metáforas da cultura.

Trata-se de uma pesquisa teórica sobre o tema corpo e psicossexualidade, fundamentada, prioritariamente, em Sigmund Freud, realizada em livros, artigos, teses e dissertações sobre o tema, nos últimos dez anos (1999-2009).

O estudo investigou os sentidos que o corpo adquire na modernidade, por intermédio da história do corpo, enfatizando o período moderno como um projeto cultural e identitário; a noção de corpo em Freud, estabelecendo conceitos de corpo e psicossexualidade, como operadores analíticos, refletindo sobre a cultura em condições de modernidade tardia.

A autora utiliza metáforas para analisar o corpo na atualidade. Foram três metáforas destacadas: a juventude, a depressão e o cinismo.

Os resultados do estudo mostraram que corpo e psicossexualidade são metáforas da cultura, sinalizadores que indicam que há precipitação de múltiplos sentidos a serem decifrados. Revelaram que corpo e psicossexualidade são metáforas do homem e de seu mundo e, como tal, permitiram-nos revigorar a metáfora como ponto de confluência dos sentidos de identidade e de realidade. A reflexão das três metáforas sobre a cultura na atualidade revelou que estamos em um momento de crise, de realidade e de identidade, sob a égide dos direitos, e não mais dos deveres, em uma sociedade pós-moralista em que

problematizar é nossa tarefa de educar, diante dos novos desafios de um mundo sem fronteiras e cada vez mais plural.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- Corpo e psicossexualidade são metáforas da cultura;
- O corpo e psicossexualidade são metáforas do homem e de seu mundo, e, como tal, permitiu-nos revigorar a metáfora como ponto de confluência dos sentidos de identidade e de realidade;
- A reflexão sobre a cultura na atualidade revelou que estamos em um momento de crise, de realidade e de identidade, sob a égide dos direitos, e não mais dos deveres, em uma sociedade pós-moralista;
- É importante problematizar e educar diante dos novos desafios de um mundo sem fronteiras e cada vez mais plural;
- O silêncio de profissionais escolares diante da violência sexual contra crianças é uma realidade e mantêm-se por meio de mecanismos psicológicos complexos que exercem influência sobre a condução do problema;
- É um silêncio mediado por construções sociais e culturais;
- Há pouco investimento na vinculação entre as diversas áreas de atendimento à família incestuosa, favorecendo o isolamento e o silêncio de profissionais que estão muito próximos da criança, o que revela sua vitimização doméstica.

Quadro 15 - Produções do Ano de 2013 da FCL - Araraquara

Ano de 2013	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
20/fev	A sexualidade como tema pedagógico: análise das propostas do MEC e da UNESCO para inserção do tema nas escolas - Márcio Magalhães da Silva (Dissertação)	Profa. Dra. Lígia Márcia Martins	Teórico-conceitual	Pedagogia histórico-crítica,	Não há pesquisa bibliográfica	Pedagogia histórico-crítica. Educação sexual. Educação em sexualidade. Orientação sexual. Temas transversais. UNESCO.	Teorias pedagógicas, trabalho educativo e sociedade

Fonte: Elaborado pela autora.

O trabalho intitulado “A sexualidade como tema pedagógico: análise das propostas do MEC e da UNESCO para inserção do tema nas escolas” disserta a respeito da educação sexual que oficialmente foi inserida no currículo das escolas brasileiras de ensino fundamental por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Ministério da Educação (MEC) no ano de 1997.

O estudo objetivou responder para quê ou para quem serve a educação sexual na escola; pretendeu ainda explicar as relações existentes entre o processo educativo específico, tal como proposto pelo MEC e pela UNESCO, a educação escolar e a sociedade contemporânea.

Assim, o estudo foi realizado a partir de uma análise dessas propostas tomando por base o método materialista histórico-dialético e a pedagogia histórico-crítica, visando identificar, por meio de documentos, como ocorre a educação sexual na escola a partir de sua análise.

As informações coletadas permitiram concluir que historicamente a educação sexual é proposta com a finalidade de controle social, o que se verifica também nas propostas analisadas.

A necessidade de inserção da educação sexual na escola atesta que essa instituição não tem cumprido o seu papel de socializar o conhecimento historicamente produzido pela humanidade, o qual abrange o conhecimento sobre a constituição histórica da própria humanidade, do indivíduo, da sexualidade, bem como dos gêneros masculino, feminino ou outros que existam ou venham a existir.

Para a pedagogia histórico-crítica, a escola deve inserir os temas relacionados à sexualidade humana no tratamento de questões artísticas, científicas e filosóficas mais amplas, visando promover o desenvolvimento do pensamento teórico na relação dos alunos com a realidade.

O estudo faz uma crítica acerca da construção da educação sexual na escola e alerta que esta deveria ser feita por professores com formação teórica abrangente, tendo em vista não apenas a superação de eventuais “constrangimentos” relacionados ao tema, mas principalmente, a possibilidade de reconhecimento da sexualidade como aspecto histórico e cultural do ser humano.

A educação sexual na escola não é um processo inerentemente humanizador, mesmo se tomadas como exemplo as propostas aparentemente mais críticas, ou pós-críticas. No caso das propostas do MEC e da UNESCO, a educação sexual pode ser considerada um processo tendencialmente alienante (a contradição está sempre presente), posto que essas propostas se

vinculam ao interesse do oferecimento de cursos constantemente “adaptados às necessidades da economia” nos vários níveis de ensino!

Sintetizando os resultados que o estudo analisado encontrou:

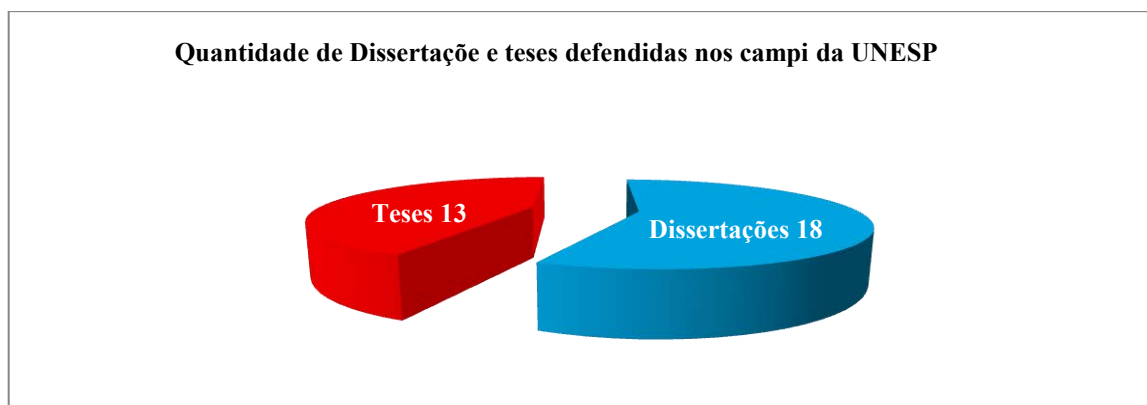
- Historicamente a educação sexual é proposta com a finalidade de controle social, o que se verifica também nas propostas analisadas;
- Quanto à educação sexual na escola, a instituição não tem cumprido o seu papel de socializar por meio de conhecimento historicamente produzido pela humanidade, o qual abrange a sexualidade, gêneros masculino, feminino, entre outros;
- Para a pedagogia histórico-crítica, a escola deve inserir os temas relacionados à sexualidade humana visando promover o desenvolvimento do pensamento teórico na relação dos alunos com a realidade;
- O estudo salienta que a educação sexual na escola deveria ser feita por professores com formação teórica abrangente, tendo em vista não apenas a superação de eventuais “constrangimentos” relacionados ao tema, mas principalmente a possibilidade de reconhecimento da sexualidade como aspecto histórico e cultural do ser humano;
- A educação sexual na escola oferecida a partir das propostas do MEC e da UNESCO é um processo considerado alienante (a contradição está sempre presente), posto que essas propostas atendem ao interesse do oferecimento de cursos constantemente “adaptados às necessidades da economia”.

Considerações

O programa de Pós-Graduação em educação escolar da FCL *campus* de Araraquara, pode ser considerado pioneiro no estudo do conhecimento sexual, pois apresenta um número significativo de pesquisas abarcando a sexualidade humana.

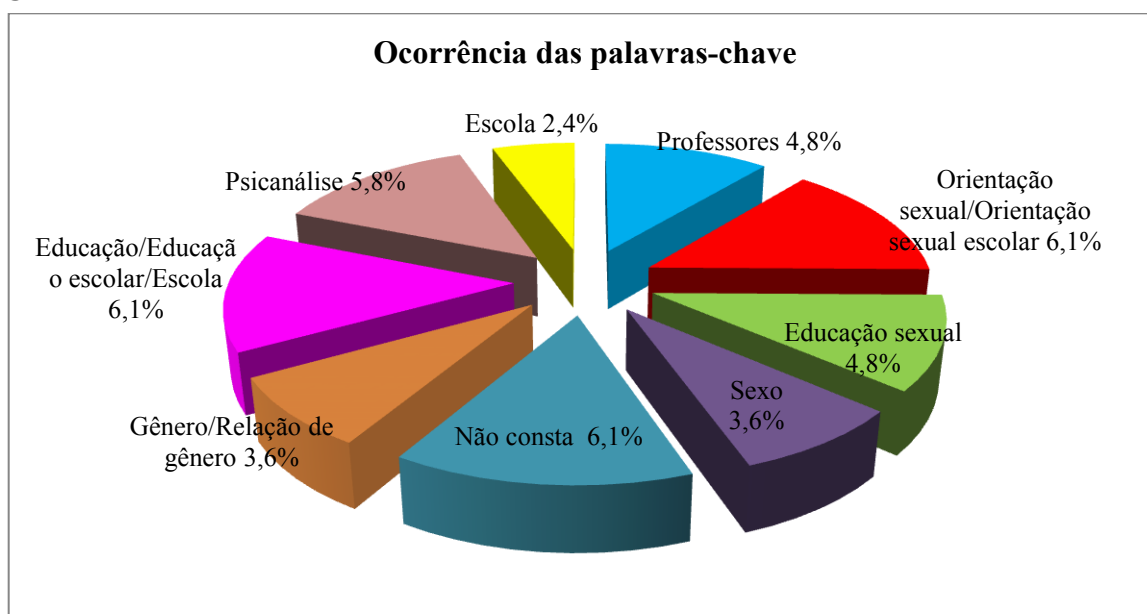
Em 2013 o programa completou 16 anos de existência, com trinta (31) produções acadêmico-científicas defendidas, sendo dezoito (18) dissertações e treze (13) teses que contemplam a temática da sexualidade.

Figura 5 - Quantidade de Dissertações e Teses FCL - Araraquara

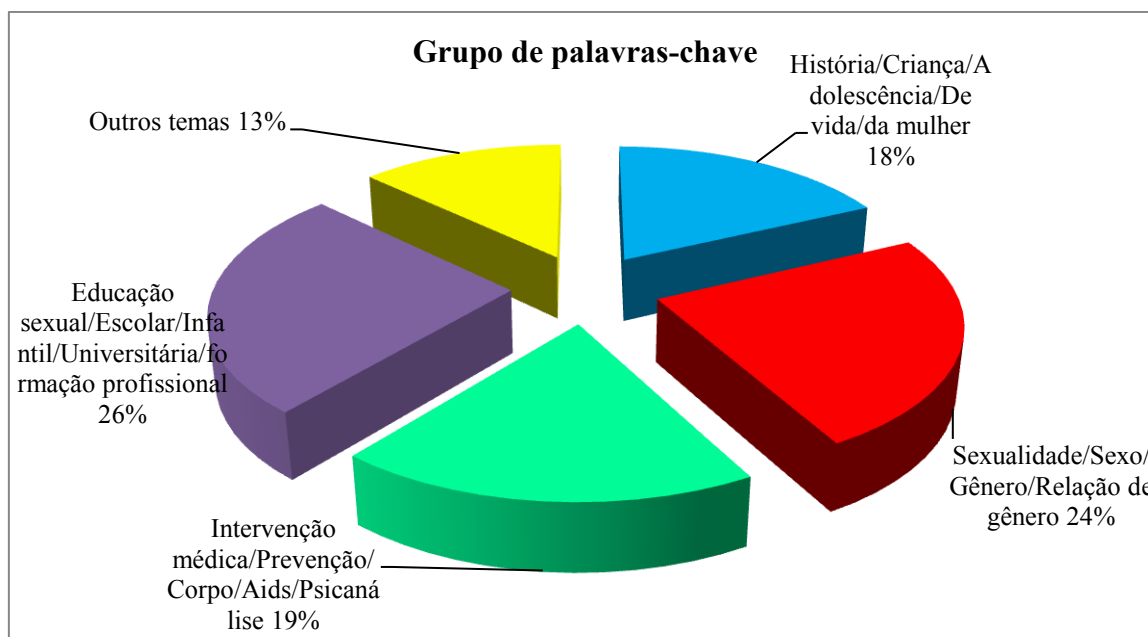


Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 6 - Ocorrências das Palavras-Chave



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 7 - Grupo de Palavras-chave

Fonte: Elaborada pela autora.

Nos trabalhos analisados, as palavras-chave que tiveram mais aparição foram Sexualidade e Educação/Orientação Sexual, enfocando a escola. Agrupando-as em temas que mais se aproximaram, como podemos verificar na Figura 7, percebemos que há uma preocupação igualitária em discutir a temática na perspectiva médica, voltada para a psicanálise, prevenção e Aids. Pela perspectiva educacional destacam-se a Educação Infantil e o ensino universitário, considerando a formação do profissional, em que há muitos trabalhos ligados à história da sexualidade, história de vida, história da infância e da adolescência e à história da mulher.

Todas as palavras destacadas concernem à sexualidade, e destacamos que o estudo da temática deve envolver todas as suas dimensões, voltando para a compreensão dessa importante característica do ser humano na sua totalidade. Sendo assim, ao estudarmos a temática, devemos focalizar todos os aspectos de seu existir, pois o homem constitui o conjunto, a integralidade que revela o seu jeito de ser biologicamente, o seu modo de agir, de pensar, de se expressar, de sentir, não podendo ser reduzida apenas a uma dimensão epistemológica, devendo considerar, inclusive, sua construção histórica.

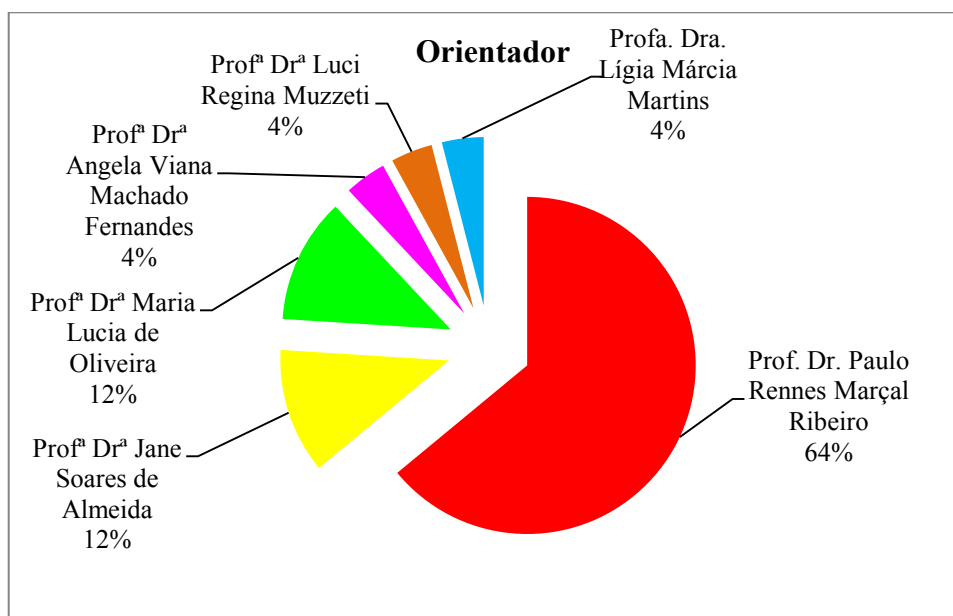
Fernández et al. (2004) falam que a sexualidade reflete o patrimônio biológico do indivíduo, as experiências do desenvolvimento sexual, as características da personalidade e a avaliação que o indivíduo faz de si próprio enquanto pessoa. Ela é afetada pelas relações

interpessoais estabelecidas, pelas circunstâncias da vida e pela cultura do indivíduo, não podendo, então, deixar de considerar a sua construção social.

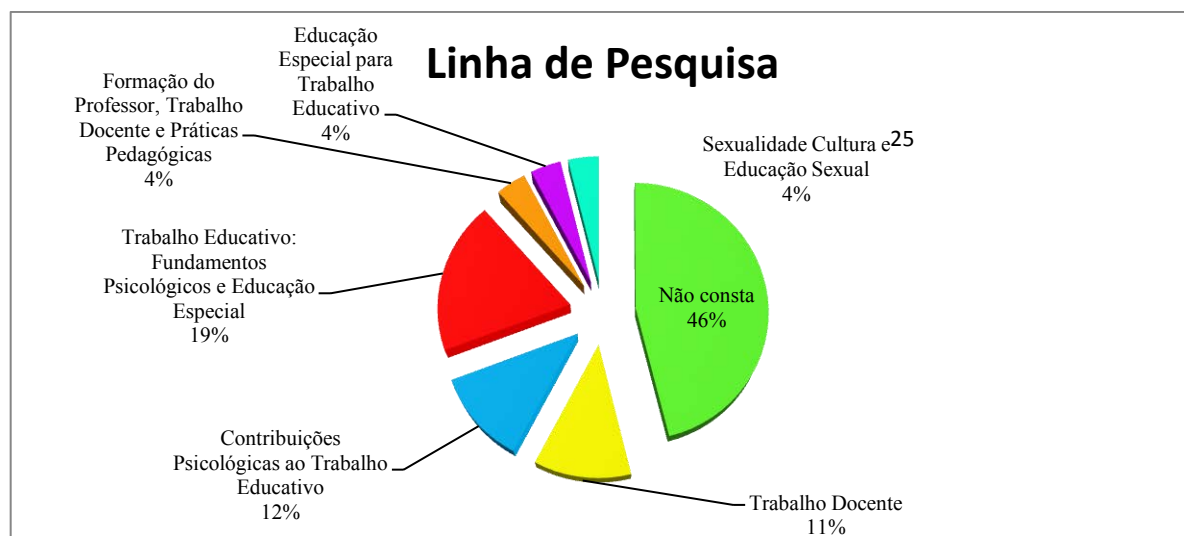
O ser humano é envolto em uma sociedade culturalmente construída, que interfere na sua sexualidade. Afirmar Vasconcellos (1971, p. 60), “[...] se quisermos compreender o que seja a natureza humana, o primeiro dado que se nos apresenta, é o de que ela é uma natureza significativa, imersa em um meio propriamente humano, no qual, se desenvolvem as espirais de significação de suas atividades, isto é, imersa em uma cultura [...].”

A construção do conhecimento em pesquisas sobre sexualidade deve valorizar as diferentes dimensões que contemplam a temática, propiciando uma educação sexual emancipatória, como considera Figueiró (2001, p. 3) que “[...] toda ação ensino-aprendizagem sobre sexualidade humana, seja no nível do conhecimento de informações básicas [...] e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual [...]”, deve possibilitar o comportamento sexual sem repressão.

Figura 8 - Orientador - FCL



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 9 - Linha de Pesquisa – FCL²⁵

Fonte: Elaborada pela autora.

Como visto no presente trabalho, considerando a complexidade deste tema, sua inserção nestes estudos pode-se considerar um avanço. Importante salientar que, anteriormente ao ano de 2012, não havia a linha de pesquisa Sexualidade, Cultura e Educação Sexual no Programa de Pós-Graduação em Educação.

Em relação à linha de pesquisa, as áreas que mais se destacam em produções são: Fundamentos Psicológicos e Educação Especial, Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo; apesar de 46% dos trabalhos não apresentarem a sua linha de pesquisa, todas as pesquisas foram desenvolvidas no programa de Pós-Graduação em educação escolar, o que podemos considerar ser um fator importante, ou seja, um avanço na discussão da temática.

Mesmo que seja uma produção incipiente, a ciência possibilitou uma abertura para pesquisas sobre tal tema e espaços para discussão em diferentes segmentos, envolvendo profissionais de diversas áreas de formação.

É importante a busca de novas formas de olhar a sexualidade, sem a rigidez, normalmente imposta por tabus, dogmas e normas sociais, um novo paradigma que vislumbre diferentes aspectos, construídos multidisciplinarmente, a fim de despertar autonomia e felicidade entre os seres humanos (ALMEIDA FILHO, 1990).

Quanto ao orientador dos estudos, percebemos que, de acordo com o perfil do docente e sua área de atuação, os trabalhos acadêmicos são construídos dentro de uma perspectiva.

²⁵ Essa linha de pesquisa Sexualidade Cultura e Educação Sexual, teve suas atividades iniciadas no ano de 2012, o que justifica a pouca produção de teses e dissertações.

Podemos aqui exemplificar esse fato mencionando as pesquisas orientadas pelo Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, historiador da institucionalização do saber sexual no Brasil e que apresenta maior número de orientação de teses e dissertações na área.

Foram estudos que buscaram fazer um recorte na construção histórica da sexualidade brasileira, revelando as influências culturais e sociais, para compreensão da visão sexual que a sociedade contemporânea possui e que é influência da nossa colonização, mesmo que algumas pesquisas utilizassem a abordagem da psicanálise, construíram esse referencial histórico da sexualidade.

As pesquisas analisadas revelaram a necessidade e importância de abordar e conhecer a concepção histórico-cultural da sexualidade para a construção do saber sexual na atualidade.

Mesmo com os avanços e pesquisas que abordam a temática, ainda é necessário profissionais interessados em realizar estudos que discutam a sexualidade e temas correlatos, como mostra Figueiró (2001, p. 115): “Certamente a necessidade de investimento da formação inicial e continuada dos professores, é uma condição *sine qua non* [...]”, para se obter formação de profissionais que irão desenvolver educação sexual efetiva.

Por isso são necessárias novas pesquisas, com o intuito de debater a sexualidade, de forma crítica e emancipatória, contemplando, assim, seus aspectos biopsicossociais, culturais e históricos.

7.1.5.1 Análise dos dados obtidos

No percurso da análise dos dados obtidos nessa pesquisa encontramos alguns temas que mais se destacaram e que foram considerados unidade de registro dos trabalhos analisados, sugerindo relevantes categorias e subcategorias que agora serão apresentadas.

Tabela 3 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações das teses e dissertações (N=ocorrências²⁶) – FCL/Araraquara

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	N
Sexualidade	Necessidade do Conhecimento da Abordagem Histórica e cultural da sexualidade para entender a visão da sexualidade atual	24
	Valores Culturais e históricos influenciam o comportamento sexual de gerações	17
	Temática de difícil compreensão e abordagem esbarra na construção social/histórica/ cultural gerando preconceitos/discriminação/conflitos/contradições também em relação ao gênero.	25

²⁶Quantidade de aparição de assuntos nos trabalhos. Houve mais de um trabalho que apresentou esses temas.

Educação/Orientação Sexual ²⁷ / Diálogo	A sua ausência (falar) prejudica a expressão da sexualidade	10
	Ausência desde tenra idade na família/escola/universidades.	36
	Necessidade de implantá-la na escola, universidade e família para discutir a sexualidade e temas correlatos desde a Educação Infantil	62
	Castradora/Autoritária/Higienista/preventiva/biologizante. Alienante/ Controle social	14
	Entre os amigos e pares gerando tabu/preconceitos/mitos	07
Adolescente/Infância	Ausência de formação adequada/ discurso e atitude contrária às informações recebidas e relacionam a Sexualidade a contos de fadas e a práticas amorosas afetivas/fidelidade/com parceiros fixos	21
	Descaso com a Sexualidade na infância gera consequências no desenvolvimento da criança	06
Valores do senso comum	Tabus/preconceitos/certo/errado/discriminação em relação a sexualidade/ prostituição/virgindade/gênero/violência sexual e assuntos correlatos	26
	Mídia influência comportamentos sexuais	03
Ausência de Formação Profissional /apoio	Gera profissionais despreparados com conflitos/dificuldade e indisposição de abordagem da temática/	21
	Carência de formação profissional e subsídios para trabalhar a Sexualidade e assuntos correlatos	26

Fonte: Elaborada pela autora.

A análise realizada nas teses e dissertações produzidas no programa de Pós-Graduação em educação da FCL possibilitou a identificação de cinco categorias, seguidas das subcategorias, de acordo com assuntos que mais aparecem nas considerações das teses e dissertações concluídas.

As categorias encontradas se inter cruzam, já que todas abarcam a sexualidade humana e as interfaces originadas na construção da temática.

As categorias e subcategorias sugeridas revelam que a temática é de grande interesse por diferentes profissionais, mas ainda de difícil compreensão e abordagem, esbarrando na construção histórica, social e cultural do indivíduo, influenciando o comportamento sexual ocasionando conflitos, gerando preconceitos, discriminação, contradições a respeito do assunto, na relação ao gênero e temas correlatos.

Sugerem as categorias e subcategorias que a sexualidade é pouco abordada, tanto na família quanto nas escolas; quando é discutida, tem um viés castrador, autoritário reproduzindo concepções higienistas, preventivas e biologizantes. Supõem ainda que é uma

²⁷ Nesse trabalho utilizaremos nos resultados a expressão educação sexual, apesar dos PCN utilizarem o termo Orientação Sexual, pois acreditamos que na educação sexual, o indivíduo participa do processo de construção do seu conhecimento. Assim, a expressão educação sexual parece ser a mais indicada para designar a prática educativa intencional em matéria de sexualidade. Por outro lado, a expressão educação sexual já é consagrada e usada em praticamente todos os países. (MAIA; RIBEIRO, 2011).

discussão que deveria ser realidade desde a tenra idade nas duas instituições mais importantes e que participam da constituição do sujeito, que são a família e a escola, desde a Educação Infantil, pois o descaso com a sexualidade na infância gera consequências no desenvolvimento da criança.

Os jovens, devido a esse discurso repressivo reproduzido pela família e escola, buscam informações a respeito da sexualidade, para sanar dúvidas e conflitos, com seus pares e amigos, o que culmina em reforçar valores arraigados no senso comum, gerando tabu, preconceitos, mitos, binômio certo/errado, discriminação em relação à prostituição, virgindade, homossexualidade e violência sexual, pois a maioria revela ter informação de determinados assuntos, mas agem contraditoriamente em relação às informações recebidas.

As adolescentes ainda reproduzem discursos sobre a sexualidade, relacionando-a a contos de fadas e a práticas amorosas, sendo possível se relacionar sexualmente apenas quando há um relacionamento afetivo, baseado na fidelidade e com parceiros fixos.

Há forte menção da importância e necessidade de implantação da Educação Sexual nas escolas e nas universidades, formando profissionais preparados e oferecendo subsídios para abordarem o assunto sem conflitos, dificuldade e indisposição.

É necessário e importante discutir a temática no seio familiar e na escola com profissionais preparados, já que a ausência de informação adequada, ou seja, de uma Educação Sexual efetiva limita o indivíduo ao expressar sua sexualidade.

Assim, iniciamos nossa análise, ressaltando que o diálogo é muito importante e perpassa a construção da sexualidade, ou seja, a Educação Sexual. A ausência do diálogo, com os pais e no ambiente escolar, foi um aspecto que apareceu nas discussões de alguns trabalhos, e neste sentido, Tockus (1986) admite que o ser humano ainda apresenta dificuldades para lidar, ou se expressar sobre temas relacionados à sexualidade naturalmente, devido à ausência de Educação Sexual contínua de geração a geração.

A nossa Educação Sexual é ancorada em um modelo repressivo, que proibia a discussão da sexualidade por ser considerada como pecado além de suja. Na atualidade, ainda presenciamos que a temática é abordada de forma superficial, trazendo à tona essa característica herdada das gerações anteriores e, nas poucas vezes, que os pais ou professores conversam com seus filhos/educandos sobre o assunto, a questão gira em torno de uma educação repressiva, evidenciando a gravidez, e as possíveis doenças que a sexualidade possa vir a ocasionar.

Observamos que tanto a família quanto a escola estão distantes de oferecer uma Educação Sexual libertadora, e, no entender de Zagury (1999), a melhor ajuda que poderia ser

dada para as crianças e adolescentes é o esclarecimento permanente, o diálogo honesto e verdadeiro sobre o tema, o que não é verificado nos dias atuais, deixando lacunas para que os jovens busquem com seus pares as informações a respeito do assunto, reforçando os estereótipos, tabus e preconceitos advindos do senso comum.

A Educação Sexual deveria iniciar-se no seio familiar, espaço em que a criança e o jovem se sentem seguros para se expressar. E os pais, nesse intento, necessitam conversar e introduzir esse diálogo com os filhos, que se encontram em fase de descobertas, para desmistificar conceitos errôneos sobre a sexualidade, mas, Trindade e Schiavo (2001, p. 76) revelam outra realidade quando empõe que:

[...] a família está distante de cumprir o papel de informar e esclarecer [...] pai e mãe mostraram-se pouco presentes neste papel. Apesar de vivermos numa sociedade conceituada como moderna, muitos pais ainda têm dificuldades para falar de sexualidade [...] gerando desinformação, desconhecimento e, conseqüentemente, maior vulnerabilidade.

Diante dos resultados encontrados em diferentes trabalhos acadêmicos, podemos entender, conforme diz Waideman (2003, p. 40), que a sexualidade é contextualizada na sociedade com discursos de aparente liberdade em relação ao sexo, “[...] o que, de certa forma, tem permitido ao jovem maior possibilidade de contatos sexuais. Entretanto, será que isto tem sido suficiente para resolver os conflitos da sexualidade, se ainda permanecem as inibições pessoais e os preconceitos sociais?”.

Este preconceito foi observado nas pesquisas com jovens, que mesmo com toda a possibilidade de se falar sobre sexualidade, ainda mantém seus valores arraigados nos juízos do senso comum, como valorização da virgindade, sexo apenas no namoro e noivado, a espera do príncipe encantado pelas meninas, e o direito de liberdade diferente para os garotos e garotas, reforçando valores herdados. Ribeiro (1990) revela que os jovens vivem um momento da vida rico em modificações físicas e emocionais e entram em embate com os valores que a sociedade apresenta em determinado período.

Os valores e a história de vida que acompanham o indivíduo desde a infância estão de tal modo incorporados que dificilmente o jovem consegue viver sua sexualidade sem tabus, os conflitos e os sentimentos de culpa, em consequência do confronto entre estes valores e os que a sociedade oferece hoje, entre regras e o desejo. (RIBEIRO, 1990, p. 16).

Os resultados das pesquisas analisadas revelaram que, ainda na contemporaneidade, presenciamos que os jovens possuem informações sobre sexo e sexualidade, e em alguns

casos, até questionam a postura da mídia na exploração do corpo feminino, e como essa veiculação influencia o comportamento sexual, porém, a ausência de uma Educação Sexual adequada leva esses jovens a ter um discurso contrário de suas atitudes. Ficando assim claro, portanto, que as informações recebidas, no que se refere às práticas sexuais, são obtidas através de diálogos com os/as amigos/as e parceiros/as, momento em que expõem suas dúvidas, angústias e trocam informações que se tornam verdades.

A Educação Sexual está presente nestes espaços frequentados pelos jovens; como afirmam Frida e Andrade-Silva (1995, p. 67), ela acontece em diferentes espaços, efetuando-se

[...] de maneira informal e formal. Informalmente, ela acontece nas situações do cotidiano, onde a família, os amigos e os meios de comunicação encontram-se como seus principais agentes. Pelas dificuldades da família em dar informações mais claras, no que se refere aos questionamentos sexuais, muitas vezes os jovens encontram-se entregues aos impulsos de seu próprio organismo aos estímulos da mídia e às pressões e modismos de seus grupos de iguais.

A ausência do diálogo com a família e a busca de informação através de amigos podem gerar mais comportamentos preconceituosos, já que o pouco diálogo existente na família é castrador e repressivo, fazendo com que os jovens reproduzam esses conceitos.

Para Werebe (1998), a família, por meio de sua ação educativa, é decisiva na construção e formação de conceitos, opiniões, desenvolvimento de atitudes, comportamentos e principalmente em relação à sexualidade das crianças e dos jovens.

Os pais e responsáveis, na maioria das vezes, são omissos em relação à abordagem da sexualidade com seus filhos, e quando falam, acentuam e reproduzem a Educação Sexual repressiva que tiveram ao tratar o assunto como proibido, ou ainda, apenas para alertar os filhos da prevenção contra as doenças sexualmente transmissíveis, Aids e gravidez. Como observa Santos (2000), o receio dos pais é compreensível, se levarmos em conta a construção social, cultural e histórica da sexualidade, que tem como consequência a desinformação e a dificuldade para se tratar do assunto.

Essa dificuldade que as pessoas têm de falar sobre sexualidade, e que ainda presenciamos na contemporaneidade, é decorrente da história de vida de cada um, da repressão sexual que permeia a experiência dos jovens, futuros adultos influenciados pela sociedade, religião e aspectos culturais e a família sente desconforto ao lidar abertamente com a questão da sexualidade, delegando a educação sexual para a escola.

Acompanhando esse cenário, a escola e os profissionais não estão preparados para trabalhar a Sexualidade Humana, visto que há carência de formação profissional e subsídios para trabalhar a temática nessa instituição que apenas faz reproduzir a educação sexual repressora que formou nossa sociedade.

Contudo, essa situação deve ser modificada quando a escola realmente assumir a sua função de transformadora social, como reitera Ribeiro (1990, p. 51), ao delegar a esta instância social a responsabilidade pela educação e desenvolvimento do indivíduo, a mesma não poderá

[...] continuar omissa para tratar da sexualidade. Ela deve propiciar encontros, palestras, debates, atingindo os professores, alunos e família. As propostas formais de educação sexual ou os programas aprovados até agora não têm atingido o maior objetivo, que é o de participar das transformações socioculturais ligadas à questão sexual; nem propiciando um clima descontraído, onde o aluno possa colocar suas dúvidas, temores, dificuldades específicas, suscitar a consciência das responsabilidades que suas opções trarão em sua vida e desenvolver respeito por si mesmo e pelo outro.

A ausência de informação pode gerar conflitos e consequências no indivíduo em expressar a sua sexualidade. Como apontam Nunes e Silva (2000), a ausência de informações adequadas da Sexualidade Humana não permite ao professor lidar com estas questões, e muito menos permite ao aluno assumir responsabilidades sobre seu corpo ou a forma de utilização do sexo num contexto mais abrangente. O papel fundamental do educador neste processo envolve esclarecer e ressignificar a sexualidade junto aos alunos, englobando as dimensões biopsicossociais.

Grande parte das produções aqui analisadas revela a necessidade e importância da Educação Sexual nas escolas desde a tenra idade até nas universidades, bem como frisam a importância de envolver a família (pais, mães e/ou responsáveis) nesse processo, buscando reelaborar valores castradores, autoritários, higienistas, biologizantes e preventivos, que geram tabus, preconceitos e o binômio certo/errado no que diz respeito à sexualidade.

Esclarece Silva (1993) que a escola é um local apropriado para discussão da temática, e os jovens possuem necessidade e interesse de receber Educação Sexual. Assim, a escola deveria propiciar espaço para que os educandos sanassem suas dúvidas, não supridas pela família, que, com a ajuda do próprio grupo, pode oferecer conhecimentos, informações, esclarecimentos, discussões e habilidades para mudar comportamentos, oferecendo uma educação emancipatória.

É importante a escola dialogar a respeito da importância da sexualidade com os jovens, pois, assim, possibilita aos educandos reelaborar seus valores e conhecimentos distorcidos, superando tabus e preconceitos. É no espaço escolar que o jovem entra em contato com diferentes valores e significados e que passam a ser confrontados, permitindo reelaborar a sua própria conduta, desde que a Educação Sexual possa ser discutida dentro da realidade individual sentida pelos alunos (BRUNS, 1995).

A mídia também exerce forte influência na Educação Sexual do jovem, como mostra Simonetti (1993, p. 87) “[...] a TV atual [...] é usada pelo mercado para formar, informar e enformar (no sentido de colocar numa forma), a sexualidade das pessoas [...].”

Werebe (1998) alude que, para se tratar a sexualidade em sala de aula, devemos abordá-la utilizando das mensagens transmitidas pela família, colegas, amigos e pelos professores, sem deixar de considerar também as mensagens da mídia e de outras instituições da sociedade, enfatizando suas repercussões e implicações. É um momento oportuno para se exorcizar os fantasmas criados devido às informações arraigadas nos valores sociais, criando assim, a possibilidade de se reelaborar opiniões a respeito do tema.

Há necessidade de mais estudos sobre a temática e como aponta Costa (1997), não só nas escolas, mas também nas universidades, pois existem ainda poucos trabalhos sobre sexualidade no Brasil:

[...] Nas escolas, o debate é tímido, quando medíocre, valorizando apenas os aspectos biológicos e reforçando tabus e preconceitos que cercam a questão. Dentro das próprias universidades, o assunto ainda é tratado de maneira superficial, demonstrando que tanto médicos como psicólogos, professores e profissionais da saúde não conseguiram, em grande parte, superar os próprios medos, que carregam como qualquer pessoa comum. (COSTA, 1997, p. 7).

Importante salientar que, principalmente os trabalhos que fazem pesquisa de campo em escolas, com educandos, docentes, entre outros participantes, não revelam ter realizado uma devolutiva para o universo pesquisado, com o intuito de propor ações em relação aos dados encontrados na pesquisa e assim colaborar para se pensar na implantação da Educação Sexual emancipatória.

7.2 UNESP – *Campus* Bauru - localização e criação

A próxima unidade estudada nesta pesquisa foi o *campus* de Bauru, e sucintamente apresentamos características e particularidades que compõem esse *campus* e a constituição do conhecimento sexual.

Figura 10 - Mapa localização do *campus* da UNESP de Bauru –FC



Fonte: Portal da universidade, seção unidades da UNESP (2013f).

Figura 11 - Fotografia UNESP *Campus* Bauru



Fonte: Pazzini (2013).

O *campus* de Bauru é um dos mais novos, agrupado à UNESP dia 15 de agosto de 1988. Possui três unidades universitárias, a Faculdade de Ciências (FC), Faculdade de Engenharia de Bauru (FEB), Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) e a Administração Geral (AG), Pós-Graduação e Especialização e também o Instituto de

Pesquisas Meteorológicas (IPMet), a Rádio UNESP FM, o Colégio Técnico Industrial (CTI) e o Centro de Psicologia Aplicada (CPA). (UNESP, 2013b)²⁸

O campus Bauru apresenta uma área total de 456,68 hectares, e 61.649,09 m² de área construída, constituída de Salas de Aula, Laboratórios, Biblioteca, Departamentos e Área Administrativa. Atualmente possui 540 docentes e 477 servidores, atendendo diariamente mais de 6.300 alunos. (UNESP, 2013b)

Por ser objeto de estudo da nossa pesquisa as produções acadêmicas produzidas pelo programa em Educação em Ciências sobre Sexualidade, daremos destaque apenas na Faculdade de Ciências que oferece o programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências.

7.2.1 A Faculdade de Ciências

Figura 12 - Fotografia da Faculdade de Ciências do *campus* de Bauru



Fonte: Seção instituição, apresentação (UNESP, 2013b).

A Faculdade de Ciências (FC), Unidade Universitária da UNESP, parte integrante do *campus* de Bauru, nasceu com a Fundação Educacional de Bauru (FEB), entidade de direito público, sem fins lucrativos, criada pela Lei Municipal nº 1.276, de 26/12/66, tendo seu Estatuto sido aprovado pelo Decreto Municipal nº 1.932, de 09/07/73 (UNESP, 2013b).

A FC conta com nove (09) Cursos de Licenciatura e Bacharelado, que abrangem as três áreas do conhecimento (Ciências Humanas, Biológicas e Exatas). O curso de Psicologia (integral e noturno) vem sendo oferecido desde a fundação da Faculdade. As Licenciaturas em Matemática (noturno), Física (noturno) e Ciências Biológicas (diurno e noturno) dia-a-dia se afirmam como cursos importantes da FC desde 1975.

²⁸ Cf. Informações Faculdade de Ciências, *campus* de Bauru, seção Instituição/ apresentação.

O Departamento de Computação conta com dois cursos bastante procurados: Ciência da Computação (integral), criado em 1984, e Sistemas de Informação (noturno), implantado em 1997. O Curso de Educação Física integral existe desde 1986 e o noturno se iniciou nos meados do ano de 1998.

Em reunião do Conselho Universitário, realizada em 17 de maio de 2001, foram aprovados mais dois cursos de graduação para a Unidade Universitária: Licenciatura Plena em Química (noturno) e Licenciatura Plena em Pedagogia (noturno) para a Formação do Professor da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.

7.2.2 A Graduação

A graduação a FC da UNESP *campus* Bauru disponibiliza os cursos:

Licenciatura em:

- ✓ Ciências Biológicas;
- ✓ Educação Física;
- ✓ Física;
- ✓ Matemática;
- ✓ Pedagogia;
- ✓ Química;
- ✓ Psicologia e Formação de Psicólogos.

Bacharelado em:

- ✓ Ciência da Computação;
- ✓ Sistemas de Informação.

7.2.3 Cursos de extensão e unidades auxiliares da FC

Os cursos de Extensão: a FC desenvolve projetos e atividades de extensão universitária, articulados ao ensino e à pesquisa, para a comunidade unespiana, bauruense e região, nas áreas de ciências humanas, biológicas e exatas e o seu objetivo, especialmente, é oportunizar as comunidades sociais o acesso ao universo acadêmico e a propagação do conhecimento científico.

A FC ainda possui um Centro de Psicologia Aplicada que objetiva cuidar da formação acadêmica e profissional dos alunos do curso de Formação de Psicólogos. O Centro privilegia a experiência prática por meio de pesquisas, de estágios e projetos de extensão de serviços à

sociedade. Isso acontece nas várias áreas do conhecimento em Psicologia, de modo a criar condições para que professores, supervisores e alunos possam responder satisfatoriamente às demandas da sociedade, oferecendo projetos que vão ao encontro de suas necessidades. (UNESP, 2013b)

7.2.4 A Pós-Graduação

A FC disponibiliza Mestrado e Doutorado nos programas de Ciência e Tecnologia de Materiais; Educação para a Ciência; Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem; Ciência da Computação e Programa multicampus.

O Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência em nível de mestrado é aprovado pela CAPES, e em 2003, deu-se início ao curso de doutorado o que garante também a consolidação do programa em nível nacional e projeta-o para parcerias com importantes grupos de pesquisa nacionais e internacionais, caracterizando a UNESP de Bauru (INESP, 2013b).²⁹

Podemos destacar que no rol de suas disciplinas há conteúdos temáticos transversais que permite a discussão da sexualidade como: Comunicação e Saúde; Representações Sociais do Corpo Humano; Temas Transversais em Educação.

7.2.5 Grupo de pesquisa

A FC da UNESP de Bauru conta com 16 Grupos de Pesquisa que estão constituídos no Programa e que estão articulados com uma ou mais das seis linhas de pesquisa existentes atualmente no programa.

O Grupo de Pesquisa que estuda a Sexualidade Humana esta cadastrado no CNPq como, “Sexualidade, Educação e Cultura”, GEPESEC e tem como responsáveis a Prof^a Dr^a Ana Cláudia Bortolozzi Maia, do Departamento de Psicologia – FC da UNESP campus Bauru.

Esse grupo foi fundado em março de 2006 com o objetivo de aprofundar o estudo e a pesquisa sobre sexualidade humana a partir de trabalhos de pesquisas individuais e com alunos do Curso de graduação em Formação de Psicólogos e alunos do curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. O grupo mantém

²⁹ Cf. Departamento de Pós-Graduação, programa educação para a ciência – *campus* Bauru

intercâmbio com o Grupo de Pesquisa NUSEX, coordenado pelo Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, da UNESP campus Araraquara. (GEPESSEC, 2013)

7.2.6 A Pós-Graduação em educação para a ciência

O Programa de Pós-Graduação, com Área de Concentração em Ensino de Ciências, tem como núcleo de pesquisa a Ciência, a Educação e as relações entre saber científico e seu ensino. Propõe-se à formação de pesquisadores cuja produção intelectual e científica possa contribuir para o Ensino de Ciências. O Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência é aprovado pela CAPES e iniciou suas atividades em 1997, sendo que em 2012 o programa completou 15 anos.

Desde a abertura do curso de mestrado em Educação para a Ciência já se formaram mais de 205 mestres. A partir de 2003 aconteceu a implantação do curso de doutorado; hoje, com 44 teses já defendidas, o programa garante também a consolidação do programa em nível nacional e projeta-o para parcerias com importantes grupos de pesquisa nacionais e internacionais, caracterizando a UNESP de Bauru, e os *campi* que compõem o quadro de docentes do programa, como importante centro de referência na pesquisa em Ensino de Ciências e na formação de licenciandos, mestrandos e doutorandos nesta área.

Devido à produção de pesquisas do programa, nasceu a revista *Ciência & Educação*, considerada hoje importante veículo nacional de divulgação da pesquisa acadêmica na área de Ensino de Ciências. Esse avanço só foi possível com a instituição e consolidação dos grupos e linhas de pesquisa, apoiados em seus projetos individuais e coletivos pelos principais órgãos financiadores do país. (UNESP, 2013b)³⁰

7.2.7 Breve relato dos resultados obtidos nas teses e dissertações sobre sexualidade da FC no programa de educação para a ciência da UNESP *campus* de Bauru

Sucintamente apresentaremos as produções científicas acadêmicas da Faculdade de Ciências da UNESP *campus* Bauru do programa de pós-graduação em Educação para Ciências, com os quadros representativos que descrevem os trabalhos publicados em cada ano.

³⁰ Cf. Informações - Departamento de Pós-Graduação, programa educação para a ciência, objetivos – *campus* Bauru

Quadro 16 - Produção do Ano de 2003 da FC/Bauru

Ano de 2003	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Área de Concentração
17/jan	A Orientação Sexual na Escola: como os Professores, Alunos e Pais Percebem A Sexualidade e o Papel da Escola Na Orientação Sexual - Antonio Miguel Garcia (Dissertação)	Profª Drª Mara Alice Fernandes de Abreu	Pesquisa Qualitativa Questionário + Entrevista	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Docentes, discentes e genitores de alunos de duas escolas da Rede Pública Estadual	Não contém Palavras Chave	Ensino de Ciências
14/fev	Formação de Professores em Orientação Sexual: a sexualidade que está sendo ensinada nas nossas escolas BAURU - Terezinha Mariuzzo (Dissertação)	Profª Drª Sueli Terezinha Ferreira Martins	Pesquisa Qualitativa Entrevista	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Professores do Ensino Fundamental e Médio da escola estadual do bairro em que se implementa o Subprojeto, como explicitado na apresentação deste trabalho.	Formação de professor; Orientação sexual; Sexualidade e na escola e Temas Transversais.	Ensino de Ciências

Fonte: Elaborada pela autora.

O Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências iniciou suas atividades no ano de 1997 e a primeira produção científica abarcando a temática se deu no ano de 2001, cinco anos após a abertura do programa, revelando-se, no entanto, incipiente produção nessa área do conhecimento.

A pesquisa intitulada “A Orientação Sexual na Escola: Como os professores, alunos e pais percebem a sexualidade e o papel da escola na orientação sexual” traz um levantamento bibliográfico rico sobre a sexualidade, fazendo uma retrospectiva histórica, delimitando as implicações que presenciamos na atualidade acerca da abordagem da temática.

Esse estudo objetivou, por meio de entrevistas e questionários sobre sexualidade, investigar a percepção dos professores, alunos e pais de alunos (entendidos como genitores) sobre a Sexualidade Humana e, também, sobre a viabilidade e adequabilidade do

oferecimento de atividades que tratem da Orientação Sexual dos alunos, incluindo os três segmentos envolvidos: família, escola e educando.

Os participantes da pesquisa foram os docentes, discentes e genitores de alunos de duas escolas da Rede Pública Estadual do município de Bauru.

A pesquisa possibilitou perceber a necessidade de uma proposta de intervenção na escola, com a participação da família, dos educandos e dos profissionais da educação para se desenvolver a Orientação Sexual considerando seus aspectos biológicos, psicológicos, sociológicos, culturais, educativos, históricos e religiosos. Pretendia, desta-forma, valorizar as características de seus integrantes, e possibilitar a abordagem adequada e específica dos temas a serem desenvolvidos.

Segundo os apontamentos dessa pesquisa, os docentes precisam reconstruir os valores em torno da temática em questão, bem como a sua sexualidade, colaborando na sua atuação como elemento de formação. Os jovens devem ter informações do desenvolvimento sociocultural de sua sexualidade para possibilitar a elaboração de sua própria conduta e consequente descobrimento de suas capacidades.

Os genitores devem ampliar os conhecimentos em direção à diversidade de valores existentes na sociedade, e colaborar com a escola.

A Orientação Sexual carece de ser contínua e interdisciplinar, de modo a acompanhar todas as etapas do desenvolvimento da sexualidade dos educandos em seu ambiente escolar, bem como tentar solucionar as dúvidas e conflitos apresentados por eles.

O estudo apreendeu ainda ser necessária a formação adequada para os docentes, no intuito de colaborar com a implantação de um programa sobre a temática na escola, pois é o local adequado para tratar das questões relacionadas à sexualidade e assuntos correlatos, mesmo porque o oferecimento desse tipo de programa não é realizado com frequência.

A pesquisa nomeada “Formação de Professores em Orientação Sexual: a Sexualidade que está sendo ensinada nas nossas escolas” faz alusão que a Sexualidade Humana é de natureza sócio-histórica e que o conhecimento que a sociedade possui acerca do assunto é acumulado pela humanidade ao longo da sua história.

Aborda que, mesmo após tantas considerações acerca da temática, ela ainda, muitas vezes, é tratada apenas na sua dimensão biológica e/ou carregada de moralismo, tendo grande interferência dos dogmas religiosos. Com a globalização e a modernidade, os problemas que se atrelam ao assunto têm ganhado destaque e se intensificaram ocasionando sofrimento naqueles que possuem formação inconsistente acerca do assunto, como o das Doenças Sexualmente Transmissíveis, Aids e a gravidez não planejada.

Mostra o trabalho que há um consenso de que a escola é um espaço que pode e deve oferecer formação a respeito da temática, aliás, refere que a escola tem que compreender o seu papel socializador e de formador de cidadão. Essa pesquisa buscou através de entrevistas com oito professores de Escola Pública Estadual de Ensino Fundamental e Médio, levantar as concepções dos professores sobre sexualidade; se abordam efetivamente o assunto Orientação Sexual em suas aulas e de que forma; e evidenciar as principais dificuldades dos professores de trabalhar o assunto.

Os resultados obtidos revelaram que a maioria dos professores tem dificuldade de desenvolver trabalhos sobre a temática e o pouco que falam é carregado de vergonha e moralismo, salvo exceção. A maioria trabalha o assunto se os alunos perguntarem ou se for determinada pelos superiores, durante uma semana no ano, geralmente vinculando às doenças transmissíveis, salvo a professora de Ciências que insere o tema ao falar sobre reprodução humana e o professor de Psicologia que planeja a temática em sua disciplina. Estes docentes estão trabalhando de forma precária, fragmentada, moralista, com a presença marcante de conteúdos de senso comum.

A maioria dos professores não conhece os PCN e o Tema Transversal Orientação Sexual e não os implementam em suas aulas, mesmo sabendo que a partir deles os assuntos relativos à sexualidade devem ser abordados em suas aulas. A dificuldade maior apresentada é a não formação a respeito da sexualidade.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- Necessidade de uma proposta de Orientação Sexual na escola em que participem a família, os educandos e os profissionais;
- Orientação Sexual contínua considerando seus aspectos biológicos, psicológicos, sociológicos, culturais, educativos, históricos e religiosos, e valorizando as características de seus integrantes, de forma a possibilitar a abordagem adequada e específica dos temas a serem desenvolvidos;
- Possibilita a Orientação Sexual, a reconstrução da sexualidade, e a atuação como elemento de formação;
- As informações do desenvolvimento sociocultural da sexualidade possibilitam a elaboração da própria conduta e a ampliação dos conhecimentos em direção à diversidade de valores existentes na sociedade;

- A orientação sexual deve ser contínua e interdisciplinar, de modo a acompanhar todas as etapas do desenvolvimento da Sexualidade dos educandos em seu ambiente escolar, bem como tentar solucionar as dúvidas e conflitos apresentados por eles;
- Necessidade de formação adequada dos docentes para que seja implantado na escola um programa para trabalhar a temática, pois a maioria dos professores tem dificuldades em falar sobre sexualidade e o pouco que falam é carregado de vergonha e moralismo, salvo exceção.
- Os docentes, em sua maioria, abordam o assunto se os alunos perguntarem ou se for determinada pelos superiores, durante uma semana no ano, geralmente vinculando às Doenças Sexualmente Transmissíveis, salvo a professora de Ciências que insere o tema ao falar sobre reprodução humana e o professor de Psicologia que planeja a temática em sua disciplina. O pouco que estão fazendo é de forma fragmentada, moralista, com a presença marcante de conteúdos de senso comum;
- A maioria não conhece os PCN e o Tema Transversal em Orientação Sexual e não os implementam em suas aulas;
- O que mudou a partir deles é que os assuntos relativos à sexualidade devem ser abordados em suas aulas;
- A dificuldade maior apresentada é a não formação em sexualidade.

Após as defesas do ano de 2003, o programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências da UNESP, campus Bauru, na área do Ensino de Ciências, não teve mais nenhuma publicação de tese e/ou dissertação, sendo que a próxima aparição de defesa de produção científica na área data no ano de 2007, como podemos observar no quadro a seguir.

Quadro 17 - Produção do Ano de 2007 da FC de Bauru

Ano de 2007	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Área de Concentração
2007	Corpo, ciência e educação: representações do corpo junto a jovens estudantes e seus professores - Ana Carolina Biscalquini Talamoni (Dissertação)	Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho	Pesquisa Qualitativa + baseada na fenomenologia + entrevista	Não apresenta uma linha, cita vários autores	alunos e professores do 8º ano do ensino fundamental	representações, corpo, educação, ciências, fenomenologia de MerleauPonty.	Ensino de Ciências

Fonte: Elaborado pela autora.

A pesquisa “Corpo, ciência e educação: representações do corpo junto a jovens estudantes e seus Professores” aborda as representações que alunas e professores do 8º ano do Ensino Fundamental têm a respeito do corpo, utilizando uma pesquisa qualitativa.

A coleta de dados da presente pesquisa foi realizada no início do ano de 2006, com duas classes de 7ª série e seus respectivos professores, em duas escolas diferentes da Rede Municipal de Ensino de Bauru.

A pesquisadora optou por investigar as representações das alunas destas classes, já que, por ser tratar de uma pesquisadora mulher, poderia haver maior fluidez no diálogo, sendo que grande parte da literatura aponta para a dificuldade (cujas origens são, inclusive, históricas) dos indivíduos em falarem sobre seus corpos.

O estudo faz a relação de como a educação aborda o corpo, no terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (quinta a oitava séries) nas disciplinas de Ciências Naturais, e nos Temas Transversais Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual, destacando assim os PCN que fazem alusão à importância de se considerar os aspectos sociais e culturais implicados na construção da percepção do corpo, promovendo o questionamento da imposição de certos padrões de beleza veiculados pela mídia. Visava auxiliar aos alunos a construir uma postura crítica ante os padrões de beleza idealizados como pessoas jovens, esbeltas ou musculosas, que não correspondem à realidade e estão a serviço do consumismo.

Aborda as fases do desenvolvimento humano, enfatizando as diferentes características que as compõem.

A pesquisa, nos seus resultados, relata que, tanto nos discursos das adolescentes como nos de seus professores, há representações sociais, culturais e em menor escala, científicas acerca do corpo humano.

As adolescentes relataram que na fase da adolescência acontece a primeira menstruação, sem terem tido antes esclarecimentos ou as devidas informações que as ajudassem a compreender o que se passa em seus corpos e, no entanto, possuem representações acerca deste e da menstruação que são derivadas de um conhecimento cotidiano, de senso comum, cuja principal fonte é a figura materna, bem como as próprias amigas.

As dificuldades, no discurso e no diálogo, acerca do corpo e da sexualidade, são vistas pelos alunos e também por parte dos pais e professores.

A pesquisa verifica a ideia religiosa, evidenciando o corpo ligado pela alma e reitera que se o corpo é algo que nos é dado, ele deve ser cuidado, sendo que o papel da educação e dos professores, neste sentido, não cumpriria apenas esclarecer sobre as questões científicas e fisiológicas do corpo (que devem ficar a cargo do professor de ciências), mas antes envolve um compromisso com a formação integral do aluno.

As participantes recorrem às suas mães para falarem acerca da sexualidade e assuntos mais íntimos. Na escola, as educandas falam da liberdade para falar sobre o assunto com a professora de ciências, e a designam como uma amiga, com quem podem conversar.

Com relação às alunas, percebe-se que grande parte das falas por elas articuladas têm suas origens no conhecimento amplamente divulgado pela mídia.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- As adolescentes e professores têm representações sociais, culturais acerca do corpo humano;
- As adolescentes não têm conhecimento a respeito da menstruação e das mudanças que ocorrem em seus corpos e as informações que possuem são derivadas do conhecimento de senso comum, da mãe e amigas;
- Dificuldades de dialogar sobre corpo e a sexualidade pelos alunos, pais e professores;
- Na escola, conversam com a professora de ciências sobre corpo;
- O conhecimento sobre corpo e sexualidade das educandas advém da mídia.

Quadro 18 - Produção do Ano de 2012 da FC de Bauru

Ano de 2012	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Área de Concentração
26/11	Sexualidade, Gênero e Pedagogias culturais: Representações e problematizações em contexto escolar. Silvia Helena dos Santos Rabello (Tese)	Profª. Drª Ana Maria de Andrade Caldeira	Qualitativa	Não apresenta uma linha, cita vários autores	14 estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental	Educação em Sexualidade; Gênero, Pedagogias Culturais . Escola	Ensino de Ciências

Fonte: Elaborado pela autora.

O ano de 2012 consta com apenas a defesa de uma tese de doutorado “Sexualidade, Gênero e Pedagogias culturais: Representações e problematizações em contexto escolar”.

É uma pesquisa que traz um vasto referencial teórico acerca da sexualidade e gênero, e definições apontando diferentes terminologias para explicar a Educação Sexual, evidenciando as particularidades apresentadas em cada termo. A autora opta por utilizar na sua pesquisa a terminologia Educação em Sexualidade para descrever como deve acontecer o estudo sobre a temática.

A pesquisadora é professora dos alunos pesquisados e propôs identificar as representações que eles têm em relação às temáticas: sexualidade e gênero.

Os resultados indicaram que os alunos têm uma representação de sexualidade associada às práticas sexuais e, as relações de gênero são reconhecidas como desiguais e naturalizadas. Revelou também que as Pedagogias culturais veiculam a noção biologizante sobre sexualidade e gênero, originando estereótipos.

Assim, é essencial a produção do conhecimento na área, de forma planejada e sistematizada, com estratégias didáticas para oferecer conceitos que abrangem os aspectos sociais e culturais da sexualidade, bem como profissionais capacitados para trabalhar a temática com os educandos e para tanto, sugere a pesquisa, a implantação da discussão da temática nas Diretrizes Curriculares do curso de Ciências Biológicas.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

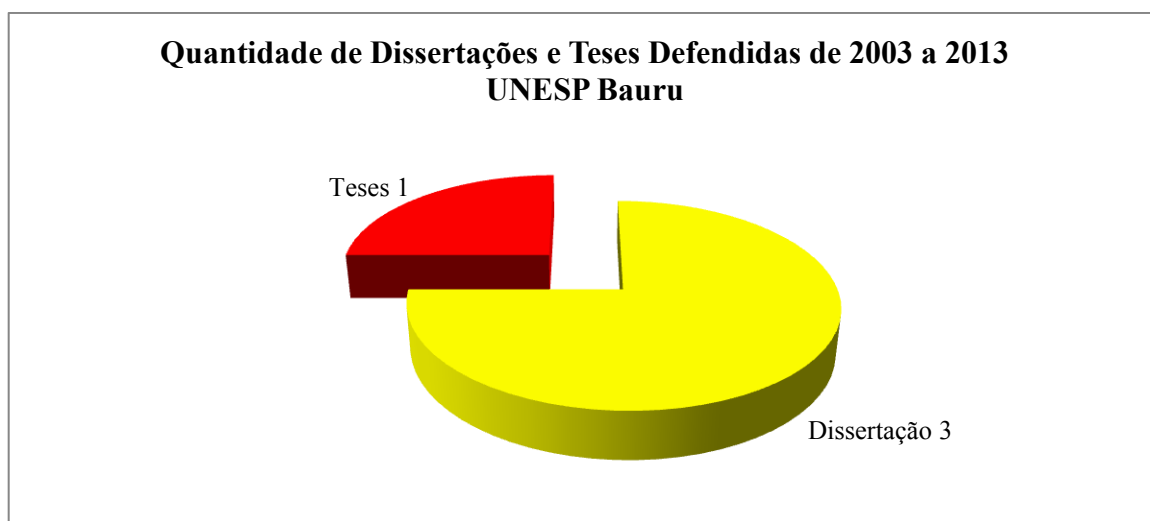
- A sexualidade é associada às práticas sexuais;
- Há veiculação de noção biologizante pelas pedagogias culturais e mídia sobre sexualidade e gênero, ocasionando estereótipos;
- Necessária à produção de conhecimento na área de forma planejada e sistematizada, com estratégias didáticas para trabalhar a temática abordando aspectos culturais e sociais;
- Formação de profissional, principalmente na área de Ciências Biológicas, implantando nas Diretrizes Curriculares desse curso a abordagem da sexualidade numa perspectiva integral focando outros aspectos e somente os biológicos.

Considerações

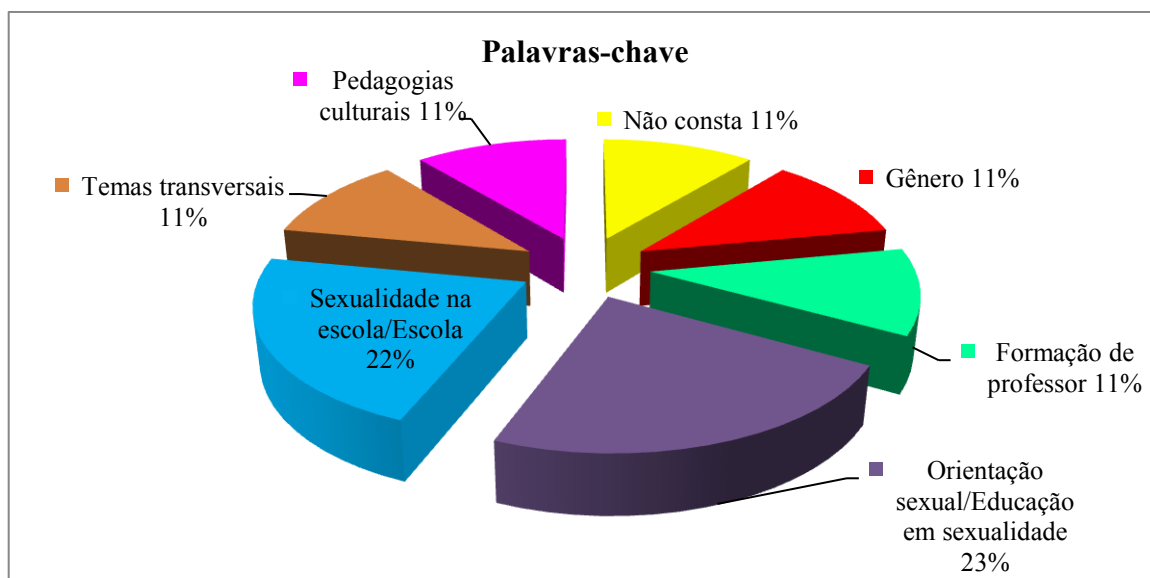
O programa de Pós-Graduação em ensino de ciências da FC do *campus* de Bauru ainda apresenta produções incipientes no campo da sexualidade humana.

Até o ano de 2012 o programa apresenta quatro (4) produções acadêmicas científicas defendidas, sendo três (3) dissertações e uma (1) tese que contemplam a temática.

Figura 13 - Quantidade de Dissertações e Teses FC



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 14 - Palavras-chave -FC

Fonte: Elaborada pela autora.

Resumidamente, os dados analisados no programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da UNESP do campus de Bauru revelaram o desinteresse de se pesquisar a temática sexualidade nesse programa. Notamos que as orientações dos professores aparecem na mesma proporção, ou seja, não houve destaque de quantidade em produção da temática dos docentes, cada professor orientou uma pesquisa apenas que contemplou a temática e todas elas foram desenvolvidas na área de concentração de Ensino de Ciências da FC.

Dentre as palavras-chave que mais se destacaram, podemos considerar que há preocupação de se fazer orientação/educação sexual nas escolas, contando com 23% de estudo nessa categoria, seguido de 22% em Orientação Sexual/Educação em Sexualidade³¹.

Tabela 4 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações das teses e dissertações (N=ocorrências³²) – FC/Bauru

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	N
Orientação Sexual	Necessidade na escola/ família/ educador/ profissionais/interdisciplinar/contínua	10
	Considerando aspectos biopsicossocial, culturais, históricos e religiosos/formação sobre sexualidade/sem valores do senso comum.	15
Professor/Profissional em relação à Educação Sexual	Necessidade de Formação Docente/Profissional	14
	Dificuldade de Abordagem do assunto e quando o faz é com vergonha//moralismo/aspectos biologizante e higienista/Valores do senso comum	13

³¹ Termo utilizado pela a autora da pesquisa para retratar o trabalho com a sexualidade, ou seja a Educação Sexual.

³² Quantidade de aparição de assuntos nos trabalhos. Houve mais de um trabalho que apresentou esses temas.

	Aborda a temática apenas quando solicitado (aluno/superior) e não conhecem os PCS e o Tema Transversal Orientação Sexual	06
--	--	----

Fonte:Elaborada pela autora.

Na análise dos trabalhos acadêmicos da Pós-Graduação em Estudos de Ciências da UNESP *campus* de Bauru observamos que as categorias apontam para a carência e necessidade de Orientação Sexual, tanto na família quanto na escola, de forma contínua e interdisciplinar, trabalhando os aspectos biopsicossociais, culturais, históricos e religiosos propiciando formação do indivíduo sobre sexualidade, desvestida de valores do senso comum.

Os resultados apontam que os professores têm dificuldades de trabalhar a temática e os poucos que abordam quando solicitados ou por exigência de instâncias superiores, o fazem focando os aspectos biologizantes, higienistas e valores morais. Os docentes desconhecem documentos, como o PCN, que preconizam a discussão de Temas Transversais, entre eles, a Orientação Sexual.

Evidenciamos os resultados das pesquisas e a urgência de cursos de formação profissional que ofereçam em suas diretrizes curriculares a abordagem da sexualidade, contemplando a sua totalidade.

É importante destacar que cada área de conhecimento deve ter formação e estudos específicos para se preparar para abordar a sexualidade, como evidencia Figueiró (2001, p. 62)

[...] cada área científica deve abrir-se para autocrítica e reflexões, buscando repensar constantemente seu verdadeiro papel social, suas possibilidades de contribuição efetiva para uma vivência sadia da sexualidade, na tentativa de compreender seus próprios limites e de superá-los na interdisciplinaridade.

A Educação Sexual é uma prática que deve ser iniciada na família e continuada nas escolas de Ensino Infantil, Fundamental e Médio, estendendo-se para os cursos de formação profissional, ou seja, nas universidades, buscando preparar o cidadão, de forma integral e humanizada sobre as questões da sexualidade (BUENO, 2009).

O despreparo do profissional em abordar a temática na escola origina estereótipos, preconceitos, tabus, mitos e uma Educação Sexual inadequada, impregnada de preconceitos. Quando falamos de Educação Sexual devemos nos lembrar de que a educação não é só oferecida na escola ou família, mas em toda situação que possibilita o ser humano adquirir experiência e construir conceitos, e isso envolve o professor, como relata Louro (2000, p. 71) ao dizer que “O cinema, a televisão, as revistas e a publicidade”, assim como a informação

informal presente na escola, também exercem sua pedagogia e interfere na construção da sexualidade do indivíduo. E completa reiterando que muitas vezes, as informações informais são mais percebidas pelo indivíduo do que o conteúdo programático e explica que.

[...] possivelmente, as marcas mais permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que nos foram apresentados, mas referem-se a situações do dia-a-dia, a experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professores e professoras. As marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje dessas instituições, têm a ver com as formas como construímos as nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual. (LOURO, 2000, p.70).

A Educação Sexual deve ser pensada como toda ação que possibilita o indivíduo aprender, construir conceitos e formar sua identidade acerca das questões de cunho sexual. Ela deve ser considerada como sendo uma forma de transmissão de conhecimento que esbarra nos valores, normas, sentimentos, emoções e vai proporcionar o comportamento em relação à expressão da sexualidade. Nesse sentido, precisa ser oferecida abarcando os aspectos biopsicossociais, culturais, históricos e religiosos que constituem a sexualidade, desmitificando os conhecimentos advindos do senso comum.

Esta educação sempre existiu e existirá, mas, acontece mais pela omissão e repressão do que por intermédio de uma educação dialogal, humanista e libertária. A família, desde o nascimento da criança, incute-lhe normas e binômios certo/errado, no que se diz respeito à temática e nem sempre de forma verbalizada. Na escola, a reprodução desses valores continua. Os professores repassam consciente ou inconscientemente, noções sobre o tema, por meio de verbalizações e/ou posturas. Neste contexto, conforme Silva e Megid (2006), as noções passadas pelos docentes no ambiente escolar recebem reforço dos meios de comunicação, podendo ser positivas e instrutivas ou repressoras e castradoras.

Assim, a Educação Sexual sempre foi oferecida por meio de normas e comportamentos relacionados à sexualidade, e essa educação recebe influência do contexto socioeconômico, histórico e cultural, que determina a transmissão de um conhecimento pautado nos valores e crenças sociais e religiosas. Ribeiro (2004) reitera que essa educação é ligada à reprodução, às doenças sexualmente transmissíveis, ou seja, tudo que perpassava às relações interpessoais e fortalecendo a imagem de pecado, imoral e erro (RIBEIRO, 2004).

Entretanto, o profissional da área da educação, ou de qualquer outra área que atua no ambiente escolar, precisa se instrumentalizar para abordar a sexualidade despida de tabus, preconceitos e valores construídos socialmente, que ocasionam prejuízos na formação da identidade sexual do educando. Como mencionam Silva e Megid (2006, p. 191), o despreparo

[...] produz condutas discriminatórias e pouco reflexivas, verificadas tanto na postura pessoal quanto profissional, o que colabora para a imposição de valores, mitos e crenças relativos à Educação Sexual [...] a importância de, na graduação, incluir-se a Educação Sexual na formação dos alunos não só de Pedagogia e de Ciências Biológicas, mas também nos demais cursos de licenciatura, além daqueles que lidam com a área da saúde, como Medicina, Enfermagem, Psicologia e Serviço Social.

É necessária a discussão da sexualidade nos cursos de formação profissional e indispensável na busca de desconstruir valores e tabus embutidos na formação do indivíduo social, dando espaço para a construção de conhecimento da sexualidade pautado na totalidade do ser humano, como explica Foucault (2005) que devemos entender que a sexualidade se coloca não apenas no palpável, mas também se expressa dentro de valores e padrões de normalidade impostos na convivência social, e também na sua concepção biológica e psicológica. É nessa perspectiva que devemos considerar de suma importância a dessexualização³³ do sexo em todo o ambiente social, incluindo os cursos de formação profissional, família e escola, pois a Educação Sexual advinda desses meios sociais exercem influência no indivíduo, bem como na formação de sua identidade sexual.

A discussão acerca de como a sexualidade vem sendo abordada nos diferentes cursos de formação profissional, bem como nos cursos de Pós-Graduação, principalmente em Educação e Educação em Ciências é de fundamental importância, haja vista que são profissionais que reproduzirão, nos espaços públicos, conhecimentos considerados “verdades”, sendo importante considerar a educação sexual oferecida nesses espaços educativos e de formação profissional.

7.3 UNESP – *campus* Rio Claro

Continuando nossa análise, teceremos a descrição da próxima unidade estudada nesta pesquisa, que é o *campus* de Rio Claro. Apontaremos suas particularidades, bem como se processa a constituição do conhecimento sexual.

³³ Dessexualização, termo utilizado por Louro (2000, p.71) no Livro Currículo, Género e Sexualidade. Portugal: Porto Editora, LTDA, 2000.

Figura 15 - Localização e Criação da UNESP Rio Claro



Fonte: Portal da universidade, seção unidades da UNESP (2013f).

A formação do *Campus* da UNESP de Rio Claro se deu com a origem na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, criada pelo Governo do Estado em 1958. Esse *campus* hoje inclui o Instituto de Biociências (IB), o Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) e o Centro de Estudos Ambientais (CEA).

O *campus* da UNESP de Rio Claro está situado no Bairro Bela Vista, em uma área de 1.155.147,79 m², que aloca prédios de Departamentos, Unidades Auxiliares, Biblioteca, Setor de Informática, Centro de Convivência Infantil, Moradia Estudantil, Restaurante Universitário, Museus, Associação de Servidores (ASFAFI) e é cercada por uma imensa área verde. As antigas instalações do Bairro Santana, na rua 10, abrigaram o Centro de Bioenergia da UNESP (BIOEN) e as da rua 11 foram cedidas à Prefeitura Municipal de Rio Claro. (UNESP, 2013e)³⁴

7.3.1 A graduação

Nesse tópico vamos destacar os cursos de graduação oferecidos pelo Instituto de Biociências (IB), haja vista que é o instituto que oferece a Pós-Graduação em Educação. O IB abarca os cursos de Ciências Biológicas; Ecologia; Educação Física e Pedagogia.

³⁴ Cf. Informações, portal da universidade, *campus* de Rio Claro, seção apresentação.

Tabela 5- Cursos oferecidos pelo Instituto de Biociências (IB) – Rio Claro/SP

Curso	Diurno/Duração	Noturno/Duração	Integral/Duração
Ciências Biológicas		5 anos	4 anos
Ecologia			4 anos
Educação Física			5 anos
Pedagogia		4 anos	

Fonte: Elaborada pela autora.

7.3.2 Grupo de pesquisa

A área da educação apresenta os seguintes grupos de estudo:

Tabela 6 - Grupo de pesquisa da área da Educação – Rio Claro/SP

Pesquisador (a)	Grupos de Pesquisa
Aurea Maria de Oliveira	GEPEM - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Moral
Joyce Mary Adam de Paula e Silva	Educação, cultura e subjetividade
Maria Aparecida Segatto Muranaka	
Maria Rosa R. Martins de Camargo	Grupo de Estudos e Pesquisas - Linguagens
César Donizetti Pereira Leite	Experiência e Formação
Leila Maria Ferreira Salles	Estudos Sobre Jovens, Educação e Violência
Luiz Marcelo de Carvalho	A Temática Ambiental e o Processo Educativo
Rosa Maria Feiteiro Cavalari	
Maria Cecília de Oliveira Micotti	Alfabetização
Samuel de Souza Neto	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física (NEPEF)
Theresa Maria de Freitas	
Adrião	Grupo de Estudos e Pesquisas em Política Educacional (GREPPE)

Fonte: Instituto de biociências, programas - educação, grupos de pesquisa (UNESP, 2013e).

Nesta tabela, não visualizamos o Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Sexualidades (GSEXs), porém é um grupo de estudo que teve sua formação no ano de 2003, vinculado ao Instituto de Biociências da UNESP de Rio Claro, do Departamento de Educação, que tem como organizadores, a Profª Drª. Célia Regina Rossi.

O GSEXs objetiva, através da reflexão, discussão, leituras e redação de textos, interação, trocas, bem como trabalhos de extensão com a comunidade escolar e local, a

mediação da ampliação do conhecimento e a desmitificação de questões e temas relativos à sexualidade humana. E, para isso, utiliza-se das teorias da psicologia e da filosofia, para fornecer subsídios para a intervenção em sala de aula e nos diferentes espaços não formais de educação, no que tange à Orientação Sexual, tendo subsídios para futuras publicações. O grupo também realiza discussões e faz proposições pelo *Facebook*, com um grupo fechado. (CNPQ, 2012; GESEX, 2013)

O grupo está envolvido no projeto Webinar: Web Educação Sexual 2013, organizada pelo GRUPO GESX/UNESP - Rio Claro, tendo como responsável a Prof^a Dr^a Célia Regina Rossi (GEISEXT, 2013).

Este Projeto WebEducaçãoSexual 2013 foi organizado pelo Grupo de Estudos e Investigação em Sexualidade Educação Sexual e TIC – GEISEXT- do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL), em parceria com o Grupo EDUSEX da UDESC, GSEX da UNESP.

Trata-se de um projeto que tem por objetivo organizar e formalizar uma rede de parceiros/as que estudam e investigam questões relativas à: Sexualidade; Educação sexual; Relações de gênero e Diversidade sexual. Ele tem o intuito de levar estes estudos e investigações aos professores/as que estão atuando na escola e demais pessoas interessadas nestas questões, utilizando-se do potencial das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), abrindo espaços de estudos e discussões (GEISEXT, 2013).

7.3.3 Pós-Graduação

Na UNESP, *campus* Rio Claro, a Pós-Graduação em Educação é oferecida pelo Instituto de Biociências, por isso enfatizaremos as produções de mestrado e doutorado realizadas por esse instituto.

Este Programa de suas atividades em 2003 (Portaria RUNESP nº. 40, de 11 de junho de 2003) e tem como área de concentração a Educação, pauta-se, basicamente, por diretrizes que se manifestam no forte compromisso com o significado social de suas ações e com a pesquisa como meio para produzir saberes e para formar pesquisadores e profissionais críticos nessa área educacional. Assim, as temáticas que articulam as linhas de pesquisa do Programa têm como foco de investigação questões que contribuem para a reflexão sobre os problemas

da educação brasileira e mundial no âmbito da educação como prática social (UNESP, 2013e)³⁵.

Este programa de Pós-Graduação tem como proposta e objetivos o aprofundamento teórico que permite compreender de forma mais aprofundada os múltiplos problemas da educação que marcam a história de nosso país, cujas soluções reclamam a produção de conhecimentos pertinentes e a formação de pessoal especializado.

As suas linhas de pesquisa possibilitam a investigação que contemplem questões relativas às políticas, gestão e cultura das organizações educacionais, dos processos de acesso e produção das linguagens, da formação de educadores, dos pressupostos epistemológicos e educacionais de práticas culturais e pedagógicas e da educação ambiental.

O Programa é constituído por 24 pesquisadores com experiências de pesquisas na área da educação, envolvidos em atividades de produção de pesquisa e em atividades diversas na área da educação, tanto em ações de políticas educacionais, como na assessoria técnica na área. Nesse tempo, relativamente curto de sua existência, o PPGE-IB-RC já produziu 76 trabalhos de investigação em nível de mestrado. (UNESP, 2013e)

Tabela 7 - Linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação Instituto de Biociências – Rio Claro/SP

Linha de Pesquisa	Projetos
Educação Ambiental	A Temática Ambiental e a Educação Ambiental no Contexto da Educação Básica: tendências e perspectivas.
	Educação Ambiental, Valores e Práticas Pedagógicas.
	Educação e Educação Ambiental: análise da produção acadêmica.
	Natureza e relação sociedade-natureza: análise da produção acadêmica em Educação Ambiental.
Educação: políticas, gestão e o sujeito contemporâneo	Adolescência e Juventude na Sociedade Contemporânea: estilos de vida, diversidade e educação.
	Incivilidades, indisciplina e criminalização dos conflitos escolares.
	Princípios da Organização do trabalho em gestão da educação.
	Processos de Inserção Social de Jovens na Sociedade Contemporânea: políticas sociais, violência e educação.
Formação de Professores e Trabalho Docente	A produção dos saberes, das práticas profissionais e a inserção no campo de trabalho da educação física nos processos formais e não formais de educação.
	O campo da formação de professores hoje:

³⁵ Cf. Instituto de Biociências, programa de Pós-Graduação em Educação - UNESP/RC - mestrado e doutorado – campus Rio Claro (UNESP, 2013e).

Linguagem - Experiência - Memória - Formação	tendências, disputas, possibilidades e limites.
	Professores em Formação: o currículo. As Práticas Educacionais, os Estágios, os Conteúdos Disciplinares e o Processo de Profissionalização.
	A Aventura da Escrita por Pessoas em salas de EJA como Objeto de Formação para Professores (em EJA): por entre práticas culturais, saberes e linguagens.
	A Aventura da Escrita: por entre práticas culturais, saberes, linguagens e cenários.
	A Cena que encena a educação: A construção de olhares a partir do cinema, infância e da educação.
	Ação Câmera Luz: Entre imagens e olhares experiência de infância e montagens.
	Eja na UNESP.
	História da matemática e da educação matemática: caminhos para a análise de verdades na formação docente?
	História e Filosofia da Matemática e de seu Ensino.

Fonte:Elaborada pela autora.

7.3.4 Breves relatos dos resultados obtidos nas Teses e Dissertações sobre sexualidade na Pós-Graduação em Educação do IB/UNESP/Rio Claro

O Programa de Pós-Graduação em Educação do IB/UNESP/Rio Claro iniciou suas atividades no ano de 2003 e apresenta apenas produções de dissertações, podendo considerar que são poucas as pesquisas que contemplam a temática sexualidade, como podemos observar nos resultados apresentados, a seguir.

Quadro 19- Produção do Ano de 2006 – IB/UNESP/Rio Claro

Ano de 2006	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
Fev/06	Sobre Noções de Constituição do Sujeito: Mulheres Alfabetizadas têm a Palavra. Renata Rodrigues de Araújo (Dissertação)	Profª. Dra. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo	Pesquisa Qualitativa Participativa e + Relatos + Entrevistas	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Cinco mulheres que participavam do PEJA	Noção de sujeito-Educação de Jovens e Adultos - Mulheres	Linguagens, práticas culturais e formação.

Fonte: Elaborada pela autora.

A pesquisa “Sobre Noções de Constituição do Sujeito: Mulheres Alfabetizadas têm a Palavra” buscou compreender como ocorre a constituição do sujeito, especificamente, de um grupo de mulheres que tem objetivos comuns, como serem capacitadas para exercer uma atividade produtiva e reinserção social.

A pesquisa teve como participantes cinco mulheres oriundas do Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) da Universidade Estadual Paulista de Rio Claro, de baixa renda, pouca escolaridade, desempregadas, na faixa etária de 40 anos. Elas fazem parte da cooperativa Usina do Trabalho, em Rio Claro, SP, que desenvolve um projeto social na empresa Multibrás, proprietária das marcas de eletrodomésticos Cônsul e Brastemp, objetivando atender as pessoas que estão às margens da sociedade “produtiva”, ou seja, pessoas que não possuem escolarização básica e que estão fora do mercado de trabalho.

Para coleta de dados, a pesquisadora analisou o material produzido por meio dos registros em diário de campo, que deram origem aos relatos da pesquisadora, os depoimentos orais dos sujeitos envolvidos e as entrevistas gravadas e transcritas posteriormente.

Descreve a pesquisadora que são mulheres que entremeiam suas falas com sonhos, desejos e sentimentos: sonho de uma vida melhor, desejo de que a vida continue a lhes dar condições para a materialização de seus sonhos e sentimentos que balançam entre a esperança e a incerteza de estar trilhando o caminho mais seguro para a realização destes anseios. São mulheres que se integram de diferentes modos, em circunstâncias diversas, às múltiplas relações pessoais, por exemplo. A autora apresenta o trecho de uma música de Chico Buarque de Holanda (1976) que exprime, com força, a relação com seus maridos: “Vivem pros seus maridos, orgulho e raça [...] Sofrem pros seus maridos, poder e força [...] geram pros seus maridos, os novos filhos [...], não têm gosto ou vontade, sem defeito nem qualidade [...].”

Mesmo sem considerar uma narrativa que absorva uma discussão a respeito do gênero, a pesquisadora, com o trecho da música, provoca uma sensibilização do olhar voltado para essas mulheres, o qual aponta indícios das relações estabelecidas entre a obrigatoriedade de sua saída de casa, pelas circunstâncias e condições sociais, econômicas, globais; e seu papel, real ou idealizado, cultural, de esposa; relações estas permeadas por intervenientes de diferentes ordens. Aprofundar uma análise dessas relações não é propósito deste estudo, mas não dá para ignorar o tema, entrelaçado ao objeto da pesquisa.

O estudo pondera que a possibilidade de estudo e ascensão social na vida já faz a participante se sentir uma nova mulher; a vida mudou muito depois que começou a trabalhar, a relacionar-se com outras pessoas e a vislumbrar coisas novas. É uma nova condição de vida,

tanto financeira (ainda que a cooperativa não lhe traga o retorno financeiro esperado) como, e principalmente, emocionalmente, e se sente muito bem trabalhando.

O estudo revelou que por mais que aquelas mulheres, na interação com o grupo social, utilizassem a palavra como veículo das ideias, mostrando o que pensavam sobre si mesmas, ainda é necessário entender sua constituição, como se constrói o sujeito e, fica a pergunta, afinal, quem são essas mulheres?

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- Mulheres que se silenciam, mesmo nas suas falas expressando sonhos, desejos e sentimentos: sonho de uma vida melhor, desejo de que a vida continue a lhes dar condições para a materialização de seus sonhos e sentimentos que balançam entre a esperança e a incerteza de estar trilhando o caminho mais seguro para a realização de seus anseios;
- São mulheres que integram diversas relações pessoais devendo ser analisadas com mais atenção; música de Chico Buarque que explica a relação com os maridos; aqui mesmo sem considerar uma narrativa que absorva uma discussão a respeito do gênero há a provocação para o olhar voltado para essas mulheres, apontando indícios das relações estabelecidas;
- A mulher busca possibilidade de ascensão social e de reconhecimento por meio dos estudos; e que mesmo o PEJA ofereça espaço para expressão, ainda é necessária a compreensão de como se constrói o sujeito e fica a pergunta, afinal, quem são essas mulheres?

Quadro 20- Produção do Ano de 2007 – IB/UNESP/Rio Claro

Ano de 2007	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
05/nov	Atividades físicas e o corpo na concepção de graduandos de Educação Física: análise das práticas corporais de estudantes universitário. Joacir Rogge Mugnaini (Dissertação)	Profa. Dra. Leila Maria Ferreira Salles	Qualitativa + Entrevistas	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Alunos de um curso de licenciatura em Educação Física	Educação Física, corpo, escola	Organizações educacionais, gestão, cultura e subjetividades,

Fonte: Elaborada pela autora.

O trabalho intitulado “Atividades físicas e o corpo na concepção de graduandos de Educação Física: análise das práticas corporais de estudantes universitários” buscou analisar as concepções que estudantes que cursavam o primeiro, o terceiro e o quinto semestre do curso de Educação Física têm sobre o corpo, sobre as atividades físicas e a Educação Física na escola.

Para fundamentar a análise das entrevistas, o pesquisador utilizou autores que caracterizam a Educação Física escolar no Brasil desde a década de 1920, e conceituação de temas relativos à área como a saúde, a estética e o corpo no contexto social.

O autor evidencia que o corpo, historicamente, é marcado pelas heranças que as sociedades deixaram e que dita padrões de comportamento de acordo com os objetivos a serem atingidos no contexto histórico, político ou social dominante. O corpo tem sido utilizado para diferentes finalidades, e na sociedade brasileira, ele possui um valor ideológico e econômico muito grande, tornando-se alvo de diferentes tipos de controles advindos de vários grupos estabelecidos dentro e fora da sociedade que visa à educação corporal, à educação do comportamento, ou seja, educar o comportamento humano.

O autor adverte que nunca, na história e na sociedade atual, as práticas esportivas foram associadas com a saúde e com a estética, e esse estereótipo vem sendo estimulado e veiculado pela mídia tornando o corpo humano objeto de pesquisas, para a promoção do consumo de produtos especialmente desenvolvidos para proporcionar vigor físico, saúde e simetria corporal, influenciando a mudança de hábitos alimentares e físicos em função de novos valores relacionados ao corpo.

A pesquisa também aponta que essa influência acontece, diferentemente, para homens e mulheres. A sociedade ainda estabelece padrões estéticos e comportamentais que são diferentes segundo o gênero, exigindo da mulher um corpo esbelto, gestos e atitudes equilibradas e do homem, espera-se que, por meio do exercício físico, desenvolva um corpo compacto e musculoso e se apresentarem modelo de corpo valorizado pelo mercado do consumo, serão valorizados e aceitos nos grupos que exibem o estereótipo nos moldes estabelecidos.

Isto acontece através da disciplinarização dos corpos, que se baseia na força física do homem, destituída da reflexão e assim, a sociedade se ocupa na disciplina, na tarefa de fabricar corpos submissos e exercitados para o desempenho de tarefas específicas que auxiliem a mente e a ordem racional.

É nesse contexto que o autor revela o porquê dos clubes e academias estarem lotados de pessoas. Essas, de forma irracional passam a executar movimentos automatizados sob a

promessa de que atingirão medidas que, muitas vezes, suas potencialidades genéticas estão longe de alcançar. Mais uma vez, os valores estabelecidos têm escravizado os corpos e domesticado as pessoas.

Evidencia a pesquisa que a Educação Física se constitui em uma área importante para divulgação de informações que reproduzam valores importantes de interesse de um grupo social específico e que vê o corpo como uma máquina que deve estar a serviço dos ideais estabelecidos pela minoria dominante.

O autor infere ainda em seu estudo que, na verdade, a corporeidade deve ser entendida, pela área de Educação Física, como a imagem que o ser humano possui de seu corpo. E que deve considerar as influências recebidas pelo indivíduo no desenvolvimento de sua consciência corporal, não se limitando aos aspectos biológicos, mas entendendo que tais valores, conhecimentos e hábitos motores são, na verdade, estabelecidos não apenas pela sua herança genética, mas, principalmente, pela sociedade onde vive e pela cultura dentro da qual foi criado. Sendo assim, a corporeidade serve como pano de fundo para a exacerbação da aparência, e o importante é reter o que ela faz ver ou nela se reflete a partir da influência de todos aqueles tipos de corpos que se interagem num determinado espaço, durante um período de tempo.

Os resultados da pesquisa revelaram que os graduandos de Educação Física possuem uma visão crítica a respeito dos valores impostos ao corpo e à prática de atividades físicas, à desvalorização da Educação Física como componente curricular e à postura do profissional que atua na área escolar, sendo necessária uma contextualização a respeito da real função deste profissional para a sociedade.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- O corpo é historicamente marcado pelas heranças sociais dominantes que prega uma corporeidade disciplinadora, fabrica corpos submissos e exercitados para o desempenho de tarefas específicas que auxiliem a mente e a ordem nacional; influenciando padrões de comportamentos, visando atingirem objetivos específicos, sejam eles econômicos ou políticos;
- As práticas esportivas são associadas com a saúde e com a estética e, veiculadas pela mídia, estimulam o estereótipo do corpo saudável, magro, promovendo o consumo de produtos e influenciando a mudança de hábitos alimentares e físicos em função de novos valores relacionados ao corpo;

- A sociedade ainda estabelece padrões estéticos e comportamentais que são diferentes segundo o gênero, exigindo da mulher um corpo esbelto, gestos e atitudes equilibradas e do homem espera-se que, por meio do exercício físico, desenvolva um corpo compacto e musculoso e assim serão valorizados e aceitos nos grupos que exibem o estereótipo nos moldes estabelecidos;
- A corporeidade deve ser entendida, pela área de Educação Física, como a imagem que o ser humano possui de seu corpo, considerando as influências recebidas pelo indivíduo no desenvolvimento de sua consciência corporal, não se limitando aos aspectos biológicos, e que valores e hábitos são estabelecidos;
- Os graduandos de Educação Física possuem uma visão crítica a respeito dos valores impostos ao corpo e à prática e atividades físicas, à desvalorização da Educação Física como componente curricular e à postura do profissional da Educação Física que atua na área escolar, sendo necessária uma contextualização a respeito da real função da Educação Física para a sociedade.

Quadro 21- Produção do Ano de 2009 – IB/UNESP/Rio Claro

Ano de 2009	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
01/jul	Um estudo das práticas da escrita de mulheres (escritoras ou não). Thais Surian (Dissertação)	Profa. Dra. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo	Qualitativa + Questionário + Entrevista	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Quatro alunas frequentam classes de jovens e adultos, particularmente no Ensino Fundamental	Corpo, processo de subjetivação, riso e risco.	Linguagens, práticas culturais e formação.

Fonte: Elaborada pela autora.

Podemos verificar que, durante um ano, não houve produção de dissertação que evidenciasse a sexualidade ou assuntos correlatos. Vamos encontrar um trabalho com narrativa acerca da temática no ano de 2009.

A pesquisa nominada “Um estudo das práticas da escrita de mulheres (escritoras ou não)”, foi um estudo de campo com quatro estudantes do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) que têm o hábito de escrever, pois dizem que estimula o conhecimento e porque gostam, além de ser uma possibilidade para saber lidar consigo, revelando ser bom e fundamental para o espírito. As narrativas apontam que as escritoras amam ler e escrever, que as faz sentirem-se melhores, sendo uma forma de expressar as experiências.

Primeiramente, traz um referencial teórico que retrata a trajetória da mulher na busca de reconstruir sua história contada pela figura masculina e recontá-la na sua visão, com seu sentimento e realidade.

A pesquisadora se embasa nas histórias de escritoras que, nas suas narrativas, descrevem sua trajetória de vida e aspectos presenciados no meio social em que estavam inseridas, como a obra “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus que fez sucesso no período populista, denunciando uma realidade oposta à da sociedade letrada do Brasil, sendo escrito por uma mulher negra, pobre, mãe solteira, semialfabetizada, vivendo em uma favela com seus três filhos, originados de três relacionamentos distintos, com homens que as abandonaram, deixando-a com os filhos para criar.

Os escritos de Carolina possibilitam entender como é o percurso dos caminhos de mulheres semianalfabetas e em quais condições vivem essas mulheres, ocupando lugar na vida com a dificuldade em ser negra, mulher, mãe solteira e sofrer preconceitos.

A pesquisa retrata a história de outra mulher escritora que viveu no mesmo período que Carolina, mas na França, e teve oportunidade de concluir sua formação e que nos seus escritos, pronuncia a respeito de si mesma, suas percepções e reflexões sobre sujeitos e ou indivíduos, além de questões sociais e políticas.

A pesquisa traça um paralelo entre as produções das participantes da pesquisa com mulheres escritoras que tiveram suas obras publicadas, e até hoje são consideradas importantes; e traça um perfil da mulher e seu comportamento na sociedade, descrevendo seu papel, função e modos na sociedade.

Isto pode ser visto em resultados apresentados na pesquisa quando narra que uma das participantes da pesquisa relata que seu companheiro a proibiu de ir à escola, de trabalhar, de ler e escrever. Ela tinha que permanecer em casa cuidando do filho e dos afazeres domésticos e teve que encontrar maneiras de continuar lendo e escrevendo às escondidas.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- As participantes, ao escreverem suas histórias, saem do silêncio em que a vida as confinou;
- A trajetória da mulher na busca de reconstruir sua história contada pela figura masculina e recontá-la na sua visão, com seu sentimento e realidade;

- Importância de se trabalhar o gênero nos cursos, e de um profissional para compreender o sentimento de preconceito e humilhação vivido pelas mulheres ao tentarem exercer atividades tidas como de competência masculina;
- Descreve os modelos e funções desempenhadas pela mulher em uma determinada época e sociedade.

Quadro 22- Produção do Ano de 2010 – IB/UNESP/Rio Claro

Ano de 2010	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
set	O corpo na escola: um estudo sobre as relações entre cultura e processo de subjetivação. Rafael Praxedes Souza (Dissertação)	Prof. Dr. Romualdo Dias	Qualitativa + cartografia	Bentham; Skinner e Thoreau	Não há	Corpo, Processo de subjetivação, Controle e Emancipação	Cultura e objetividade das Organizações Educacionais
05/nov	O corpo e a escola: Um estudo sobre políticas de subjetivação na sociedade contemporânea - Márcio Donizetti Rocha (Dissertação)	Prof. Dr. Romualdo Dias	Qualitativa + cartografia como método de pesquisa	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Estudantes de uma escolar pública	Não há	Cultura e objetividade das Organizações Educacionais

Fonte: Elaborada pela autora.

O ano de 2010 foi contemplado com a defesa de duas dissertações, a primeira nomeada de “O corpo na escola: um estudo sobre as relações entre cultura e processo de subjetivação”, na qual se traçou um percurso de investigação do controle sobre os corpos na escola, analisando as anotações dos livros de ocorrências e também um Programa Educacional da Polícia Militar Dentro da Escola (PROERD).

O estudo considerou que a escola pública se encontra doente, tanto professores como alunos, e sem conseguir manter um diálogo construtivo. Segundo ele, a escola está envolvida em uma prática hegemônica de tentar planificar a sociedade, controlar os corpos e a vida, buscando, no sistema de penas, resolver seus problemas, impondo uma política policlesca

na escola e até invocando policiais fardados e armados para a sala de aula, com um programa “pedagógico” baseado no preconceito e isolamento de certas crianças. Tanto a polícia militar como a escola busca amedrontar os alunos para, assim, obter sua obediência, porém, nem os que controlam dão conta desta tarefa, e os que deveriam ser controlados não desejam e não aceitam esta violência, e reagem.

É uma geração que não aceita mais a formação de uma geração anterior e passam ao ato do fazer, sem antes passar pelo ato do pensar, gerando mais violência.

Os jovens são educados/induzidos para o consumo e a escola recebe uma geração filha da televisão, sem a capacidade de comunicação com o outro, além de chegar carregada de um egocentrismo.

Entretanto, a violência não pode ser combatida com mais violência e ameaças e salienta que a Educação Física pode contribuir para esse processo, reformulando o estereótipo de corpo padrão e de verdades existentes.

A dissertação intitulada “O corpo e a escola: um estudo sobre políticas de subjetivação na sociedade contemporânea” descreveu a trajetória da experiência docente do autor da dissertação que ao se efetivar em uma escola pública, entrou em contato com um universo cultural e religioso que chamou a atenção do professor, levando-o a pesquisar e desenvolver um trabalho analisando a cartografia da cultura, especificamente, das relações da escola com estudantes egressos da Igreja evangélica.

Mesmo não utilizando autores que abordam a sexualidade ou a educação sexual, o trabalho possibilita a reflexão em relação ao assunto, bem como a respeito da repressão sexual. O autor, em seu discurso, descreve a repressão exercida por um pastor de uma Igreja evangélica sobre seus adeptos, alunos da escola pesquisada, impedindo-os de participar das atividades das aulas de Educação Física.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- A escola pública se encontra doente, tanto professores como alunos, e sem conseguir manter um diálogo construtivo;
- A escola busca uma prática hegemônica de controlar os corpos com um programa pedagógico baseado no preconceito e isolamento dos educandos;
- Os educandos não desejam e não aceitam esta violência e reagem. É uma geração que não aceita mais a formação de uma geração anterior e passam ao ato do fazer, sem antes passar pelo ato do pensar, gerando mais violência;

- Os jovens são educados/induzidos para o consumo e a escola recebe uma geração filha da televisão, sem a capacidade de comunicação com o outro, além de chegar carregada de um egocentrismo;
- A violência dever ser combatida com propostas, como a Educação Física, que pode contribuir para esse processo, reformulando o estereótipo de corpo padrão e de verdades existentes;
- Universo cultural e religioso paralelo no universo escolar;
- A repressão exercida por um pastor de uma Igreja evangélica sobre seus adeptos, alunos de uma referida escola, impedindo-os de participar das atividades das aulas de Educação Física;
- Mesmo não utilizando autores que abordam a sexualidade ou a educação sexual, os trabalhos possibilitam a reflexão em relação ao assunto, bem como a respeito da repressão sexual.

Quadro 23- Produção do Ano de 2011 – IB/UNESP/Rio Claro

Ano de 2011	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
01/set	Entre tapas e beijos quais as possibilidades? Tessituras nas relações de gênero em uma escola do Ensino Fundamental II. Maria Teresa Mendes de Oliveira Lima (Dissertação)	Profª. Drª. Leila Maria Ferreira Salles	Qualitativa	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Professores, Professoras, Alunas e Alunos	Sexo, Gênero, Corpo, Sexualidade, Escola.	Educação: Políticas, Gestão e o Sujeito Contemporâneo.

Fonte: Elaborado pela autora.

O trabalho intitulado “Entre tapas e beijos quais as possibilidades? Tessituras nas relações de gênero em uma escola do Ensino Fundamental II” investigou os significados atribuídos por professores, professoras, alunas e alunos às questões de gênero masculino e feminino e de sexualidade; como essas questões se manifestam no cotidiano escolar, problematizando, na busca de reflexão e a construção de novos comportamentos e relações.

A pesquisadora utiliza vários teóricos para fundamentar as temáticas trabalhadas, como Foucault na sexualidade e Louro na discussão de gênero, entre outros.

A pesquisa qualitativa foi desenvolvida em uma escola estadual e teve vários instrumentos de coleta de dados, como entrevistas, questionários e grupo focal.

A instituição escolar, historicamente, tem, de forma geral, reproduzido preconceitos, posturas, conceitos em relação às diferenças, favorecendo a construção de identidades tradicionais de gênero – homens-masculinos e mulheres-femininas, contribuindo de maneira significativa para a perpetuação da heterossexualidade.

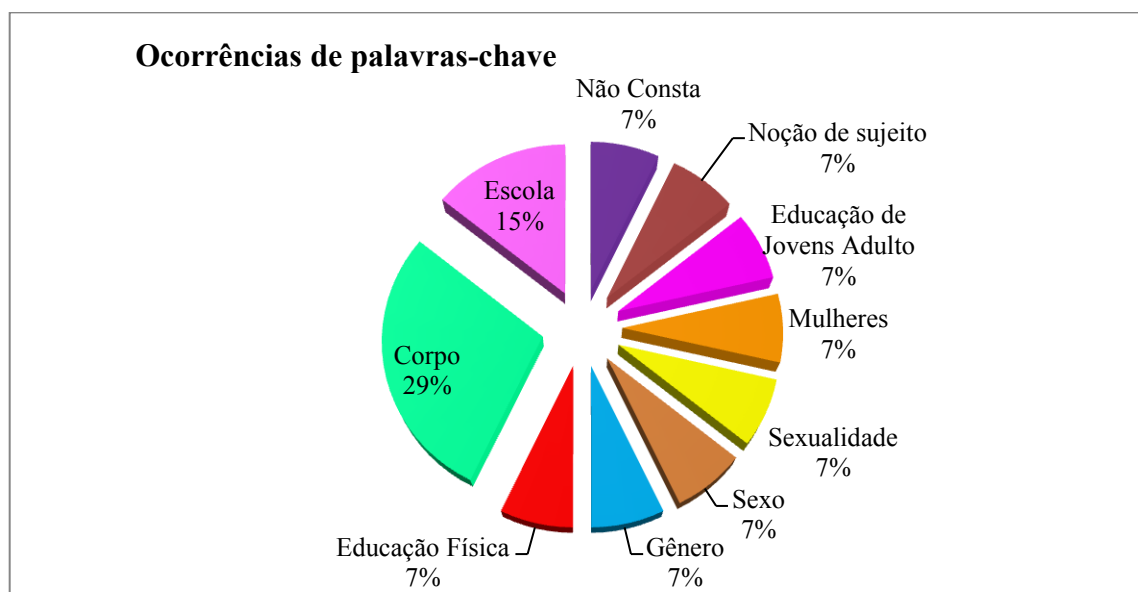
Ainda há reprodução de estereótipos em relação ao gênero pelos participantes, apesar de já existirem reflexões acerca dessa situação, bem como, certo constrangimento e resistência de discussão da sexualidade, sendo assunto proibido, mesmo havendo distintas ocorrências envolvendo a temática, preferindo deixar o assunto para a família abordar.

Sintetizando os resultados que o estudo analisado encontrou:

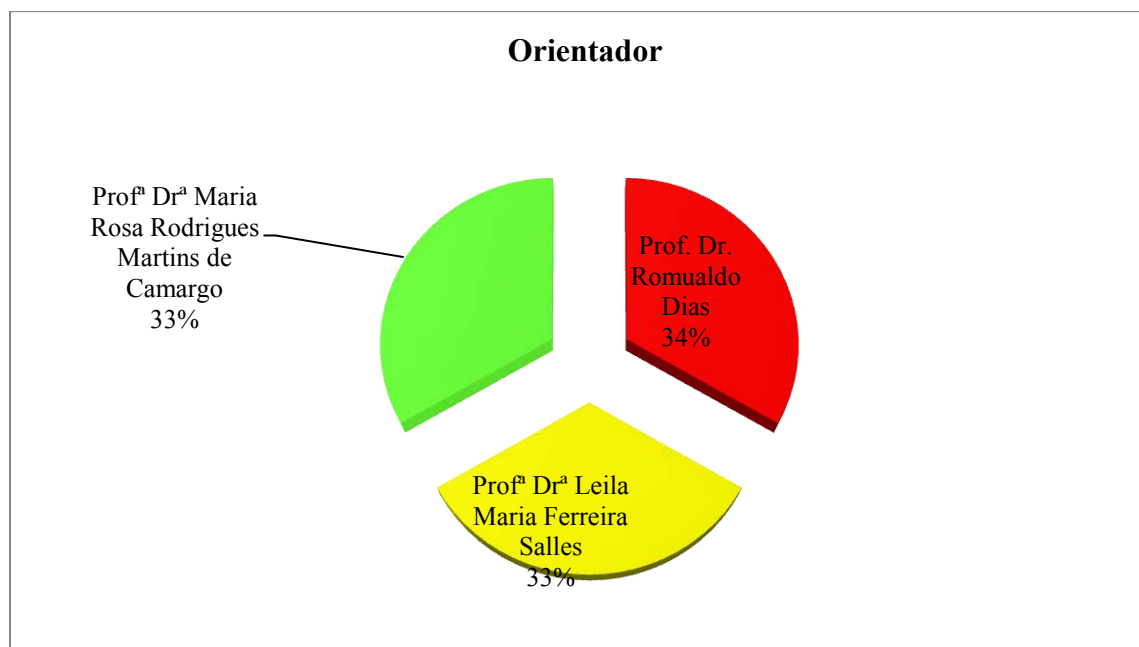
- A escola reproduz preconceitos, posturas, conceitos em relação às diferenças, favorecendo a construção de identidades tradicionais de gênero, perpetuando a heterossexualidade;
- Constrangimento e resistência de discussão da sexualidade, sendo assunto proibido, mesmo havendo distintas ocorrências, envolvendo a temática;
- A escola prefere deixar o assunto ser discutido pela família.

Considerações

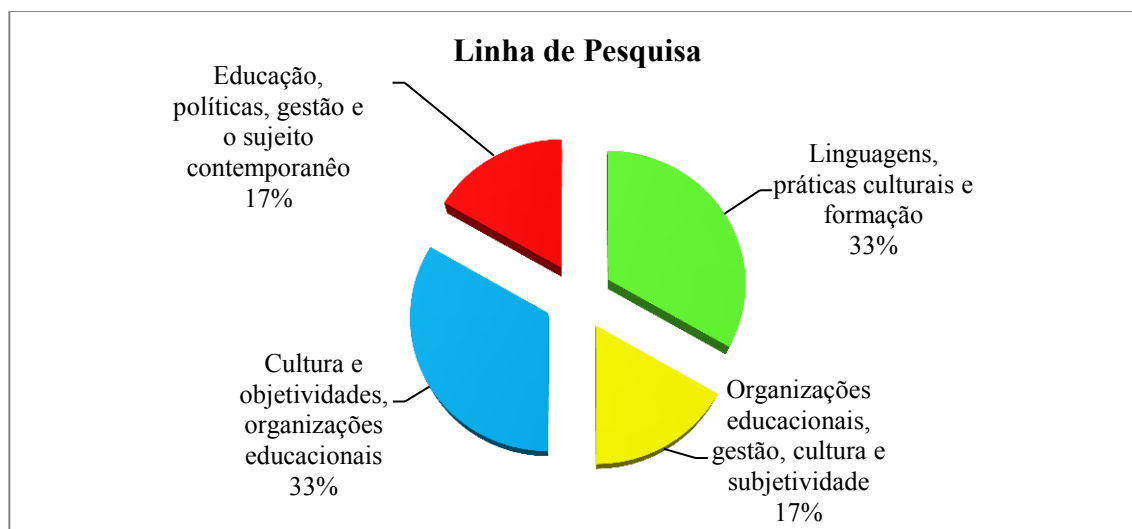
O Programa de Pós-Graduação da UNESP de Rio Claro é um programa novo, assim se justifica a não defesa de teses de doutorado, contando apenas com a defesa de 6 dissertações de mestrado defendidas contemplando a temática da sexualidade até o ano de 2013.

Figura 16 - Palavras-chave -IB

Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 17 - Orientador IB

Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 18 - Linha de Pesquisa

Fonte: Elaborada pela autora.

No campus da UNESP de Rio Claro, as produções abordando a temática sexualidade ainda são incipientes. O programa dispõe, até o ano de 2012, de seis (6) dissertações defendidas, que podemos considerar serem assuntos correlatos à sexualidade humana. Muitos tratam de cursos de Educação Física e outros de mulheres, como podemos visualizar nos quadros anteriormente apresentados. Entretanto, a palavra-chave que mais se destaca é corpo.

Tabela 8 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações das teses e dissertações (N=ocorrências³⁶) – IB/Rio Claro

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	N
Mulher	Expressa sonhos, desejos, sentimentos, incertezas e inseguranças de uma vida melhor por meio dos estudos.	17
	Reconta sua história e a relação com companheiros desconstruindo narrativas masculinas e construindo histórias com realidade e sentimento feminino.	10
Corpo/Corporeidade	Construção histórica/social/aspecto biológico	08
	Disciplinados/submissos/padrões de comportamentos evidenciando o estereótipo corporal	11
	Determina o comportamento do estereótipo um para o homem e outro para a mulher	08
Mídia	Influência a violência entre professor e aluno	02
	Contribui para a disseminação de estereótipo do corpo perfeito e do consumo.	12
Escola	Reproduz preconceitos em relação ao gênero e propaga modelo heterossexual.	06
	Reproduz educação sexual repressora	14

³⁶ Quantidade de aparição de assuntos nos trabalhos. Houve mais de um trabalho que apresentou esses temas.

Formação Profissional	Para compreender e desconstruir o conceito de gênero	05
-----------------------	--	----

Fonte:Elaborada pela autora.

A todo momento nessa pesquisa observamos que a sexualidade faz parte de nossa vida, de nossa conduta cotidiana, manifestando-se de diferentes formas nos nossos comportamentos, gostos, falas e expressões.

As categorias encontradas no programa de educação da UNESP de Rio Claro mostram que a sexualidade foi expressa de diferentes maneiras. Como mostra Foucault (2005), a sexualidade é algo que nós mesmos criamos, não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo e sim uma construção e que devemos compreender que, com nossos desejos e através deles, instauram-se novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de sexualidade e de criação.

Apesar de presenciarmos, nas últimas décadas, grandes conquistas pelas mulheres, ainda existe, principalmente nas sociedades mais pobres e carentes de recursos e informações, uma herança cultural de muitos preconceitos sobre os corpos das mulheres, na vida pessoal e na própria hierarquia familiar.

Os estudos mostram que ainda nos século XXI a mulher busca realização de seus sonhos e ideais, por meio de estudos e de qualificação, para conseguir entre outros, ser mais bem remunerada no trabalho, contudo, enfrenta relacionamentos constrangedores, e recai sobre sua responsabilidade a educação dos filhos.

Na atualidade, a mulher ainda é estigmatizada, seu salário é menor, mesmo quando desempenha a mesma função do homem, e além de trabalhar fora, mantém suas obrigações domésticas, resultando em responsabilidades muito maiores que as do homem.

Os resultados das pesquisas analisadas evidenciam que as mulheres buscam se autoafirmar recontando suas histórias, suas ânsias, as vivências que tiveram com seus maridos e companheiros e buscando desconstruir narrativas de suas vidas sugeridas pelo homem para construir histórias com realidade e sentimento feminino. Como aponta Perrot (2007, p. 16) “Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas.”

Os homens, ao tecerem seus registros históricos, não viam e não escreviam sobre a mulher como sendo sujeito da história de um lugar, de um povo. Os homens eram o centro dos acontecimentos e as mulheres, quando aparecem, são apenas como figurantes, sem voz e sem marcar presença. O historiador geralmente é um ofício de homens que escrevia a história no masculino, ignorando a mulher e evidenciando o homem tão assexuado quanto a Humanidade (PERROT, 2001).

Todavia, são importantes as narrativas históricas dentro da perspectiva feminina, pois uma sociedade não é constituída só de homens e assim, os relatos apenas na visão masculina seriam incompletos, pois as mulheres não podem ser adicionadas sem uma remodelação fundamental dos padrões e suposições do que passou para a história, porque esta visão incluía na própria definição de si mesma a exclusão das mulheres (SCOTT, 1992, p. 90)

Entretanto, recontar, reescrever, remontar momentos históricos por diferentes perspectivas e permitir conhecer como cada sujeito construiu suas emoções e sensações, é o sentido que Foucault (2006, p. 152, grifo do autor) traz ao dizer que

[...] o papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constitui, um "corpo". E é preciso compreender esse corpo não como um corpo de doutrina, mas sim como o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida "em forças e em sangue"

A corporeidade e o corpo aparecem em destaque nas pesquisas, revelando que, assim como a sexualidade, a noção de corpo é uma herança histórica além dos aspectos biológicos que nele se inserem. Romero (1995) menciona que existe uma construção cultural do corpo, definida e colocada em prática, em virtude das características de cada sociedade, ou seja, o conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizam uma cultura. Também se referem ao corpo havendo uma valorização de certos comportamentos em detrimento de outros, gerando um conjunto de gestos ou expressões corporais típicas de cada cultura.

A todo momento há um objetivo traçado por uma sociedade dominante, que visa disciplinar os corpos, tornando-os submissos, fazendo com que as pessoas busquem padrões de comportamentos, evidenciando o estereótipo corporal através do discurso de que corpo saudável é o esbelto e malhado. Como afirma Santin (2003), o corpo, na atualidade, está a serviço de um ideal de desempenho ou *performance* de dominação, ou seja, faz-se da atividade física uma forma de obter o corpo estabelecido, ideologicamente.

A submissão dos corpos tem sempre um objetivo político, social ou econômico. A sociedade dominante utiliza desses artifícios para atingir seus objetivos, e, como observado por Bracht (1999), na forma como o homem produz e reproduz a vida, o corpo sofre uma ação, ou seja, sofre intervenções com a finalidade de se adaptar às exigências das formas sociais de organização da vida. Enquanto alvo das necessidades produtivas (corpo produtivo), das necessidades sanitárias (corpo saudável), das necessidades morais (corpo deserotizado) e das necessidades de adaptação e controle social (corpo dócil).

Os estudos mostram que a mídia exerce forte influência na divulgação dessa imagem, propagando o consumismo e comportamento diferenciado entre o homem e a mulher, incentivando a discriminação e a diferenciação entre o gênero, buscando atingir a corporeidade disciplinadora, e como complementa Santin (2003), a busca irrefletida por padrões estabelecidos pela sociedade e pelos veículos de comunicação.

Para a mulher é exigido o modelo do corpo esbelto, mas com gestos e atitudes equilibradas, e essa só se sente bonita, segura e atraente se estiver com um corpo dentro desses padrões de normalidade social; como explica Marzano-Parisoli (2004), o julgamento moral da pessoa passa pela avaliação de seu corpo, o corpo musculoso que representa o único marco, ao qual um homem pode referir-se para saber o que a sociedade exige dele e quanto à mulher, o modelo a se atingir é o corpo magro, esbelto, com leveza de movimentos e sem defeitos. Em ambos os casos há que se comprovar o domínio sobre si mesmo, pois a magreza e os músculos, transformados em valores em si, conferem qualidades que não são apenas físicas, mas também, o charme, a competência, a energia e o autocontrole.

Já o homem deve ter corpo musculoso, e esse discurso se reproduz quando se fala da sexualidade masculina, pois os homens devem ser fortes, racionais, educados para ir à caça, onde o macho toma sempre a iniciativa (SAFIOTI, 2004).

Assim, o corpo ganha espaço na sociedade, academias ficam lotadas na busca do corpo perfeito, exigido pelos padrões sociais. E há a reprodução de discursos de corpo saudável que é o corpo malhado, para justificar as atitudes que são exercidas, devido à influência da mídia manipulada por uma classe dominante. Revela Baudrillard (1991) que o corpo foi redescoberto após a era do puritanismo, sob o signo da libertação física e sexual, presente na publicidade, na moda e na cultura das massas, com o discurso de higiene e terapêutica, ganhando as classes sociais, abrangendo diferentes faixas etárias na busca da juventude, elegância, virilidade/feminilidade, cuidados, regimes, entre outras. Assim, adverte o autor, que “[...] o corpo encontra-se, estreitamente vinculado às finalidades de produção enquanto suporte (econômico), como princípio de integração (psicológica) dirigida do indivíduo e à maneira de estratégia (política) de controle social.” (BAUDRILLARD, 1991, p. 145).

Isto nos remete à reflexão frente à relação entre o corpo e a cultura, que estabeleceu por sua vez relação com a história e reflete também quanto a valores e a identidade cultural do indivíduo através do corpo, seja nos seus gestos, no modo de se vestir ou ainda na maneira como se relaciona com a sociedade.

Assim, a escola é um espaço que culmina com a propagação de valores e conhecimentos repressores, midiáticos e sociais em relação à sexualidade, gênero, violência, entre outros assuntos, como por exemplo, se ter um corpo ideal dentro dos padrões tidos como normais. Ela propaga o modelo heterossexual e permite que valores religiosos sejam exercidos no seu interior.

O pastor da Igreja, mencionado na dissertação analisada, da qual pertenciam alguns alunos que frequentavam uma referida escola, não lhes permitia participar das aulas de Educação Física, por considerar uma conduta condenatória.

Podemos considerar que, mesmo não estando dentro da escola, o pastor atua com o que Foucault (2008, p. 244) chamou de “dispositivo da sexualidade”, ou seja, “O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante”.

O pastor em questão, de forma repressiva, proíbe seus adeptos de vivenciar sua sexualidade, incutindo em suas cabeças ser errado cuidar do corpo, e isso fica explícito na fala de um educando, ao dizer que, “[...] tudo o que vem do corpo é pecado e vaidade” (ROCHA, 2010, p. 37).

Chauí (1987, p. 15) considera que a “[...] repressão sexual nos coloca diante de um fenômeno peculiar, qual seja, o da existência de proibições, punições, permissões e recompensas concernentes a algo que seria puramente natural.”

Neste sentido, o pastor em questão proíbe tudo o que vem da expressão do ser humano, ou seja, a expressão de sexualidade, e trata esses aspectos como algo pecaminoso e impuro, em que apenas “[...] as pessoas do mundo que não conhecem Jesus [...]” podem usufruir. (ROCHA, 2010, p. 97)

Chauí (1987, p. 16, grifo do autor), a esse respeito, revela: “Torna-se aquilo de que se deve ter vergonha. Aquele “inferno” que é preciso coibir, refrear, moderar, dissimular, ocultar e disfarçar. Como escreveu o escritor Bataille, o sexo nos humanos é erotismo e esse é impossível sem as interdições e as transgressões”.

Ao exemplificar, Rocha (2010, p. 32) ressalta na sua dissertação que os frequentadores da igreja conversam apenas entre si, pois “[...] as criaturas³⁷ não são bons exemplos para eles e que, se conversassem, poderiam ser influenciados a sair do caminho correto. Agindo assim, negariam os ensinamentos do pastor.” E ainda observa o autor que os adeptos não frequentam praias, academias ou lugares públicos, já que “[...] o pecado estava instalado nesses lugares

³⁷ Na fala do autor da dissertação, criaturas aqui referidas, são as pessoas que não frequentam a Igreja e que então, não são boas influências. Criatura: pessoa do mundo, aquele que não conhece Jesus e que, consequentemente, não faz parte dos escolhidos, ou seja, não frequentam a igreja deles. (ROCHA, 2010, p. 32)

[...] o demônio agia nesse ambiente e o tornava pecaminoso [...] é uma pena que as pessoas fazem de um lugar tão lindo, de Deus, um local de “coisa ruim.” (ROCHA, 2010, p. 37)

O autor descreve a fala dos alunos relativa à proibição de participar das aulas: “Eram proibidos de fazer esse tipo de atividade pelo pastor da igreja [...] eram proibidos de usar *short* e camiseta [...] somente as “criaturas” poderiam mostrar o corpo [...]” (ROCHA, 2010, p.32)

O autor ainda mostra na fala de um educando que essa repressão referente ao comportamento dos adeptos da igreja é contida pelo castigo

[...] um deles me confidenciou que adorava jogar futebol e que nos finais de semana ia do outro lado da cidade para jogar escondido. O pastor não podia saber, pois ele perderia a “liberdade”. Essa é outra expressão usada para designar uma forma de castigo praticada dentro da igreja. (ROCHA, 2010, p. 34, grifo do autor).

Este trabalho nos remete a refletir como a produção acadêmica posteriormente concluída retorna ao universo pesquisado, na busca de reformular os conceitos a respeito da sexualidade, pois não menciona o autor ter dado uma devolutiva para a escola.

Importante lembrar que esta exposição dos dados encontrados, fundamentados cientificamente para o profissional que atua na instituição escolar seria de grande valia, já que alguns profissionais não estão preparados para lidar com situações dessa natureza, muito menos para auxiliar o professor a saber como agir.

Isto fica claro na fala da coordenadora, ao dizer ao professor que ele deveria ignorar esses alunos crentes que não queriam participar das aulas de Educação Física e ainda completa: “[...] a escola não tinha resposta para meus questionamentos e que a instituição não sabia lidar com esses problemas” (ROCHA, 2010, p. 40).

Encontramos também despreparo da direção da escola ao narrar ao professor que, apesar de conhecer suas dificuldades - pois alguns pais já haviam lhe procurado para reclamar do professor - admirava o seu trabalho. Mas, “[...] a escola como um todo, não estava preparada para pôr fim a esta situação de fato, ela não sabia o que fazer.” (ROCHA, 2010, p. 40)

Mokwa (2006, p. 155) lembra que o professor apresenta

[...] sentimento de insegurança profissional, que se traduz no medo de trabalhar as questões que envolvem o tema sexualidade, [...]. Isso ocorre como consequência da desaprovação da família, da escola e da igreja, bem como o medo de posicionamento condenatório e crítico por parte da comunidade, ao verificar que os professores estão abordando a temática sexualidade junto aos escolares.

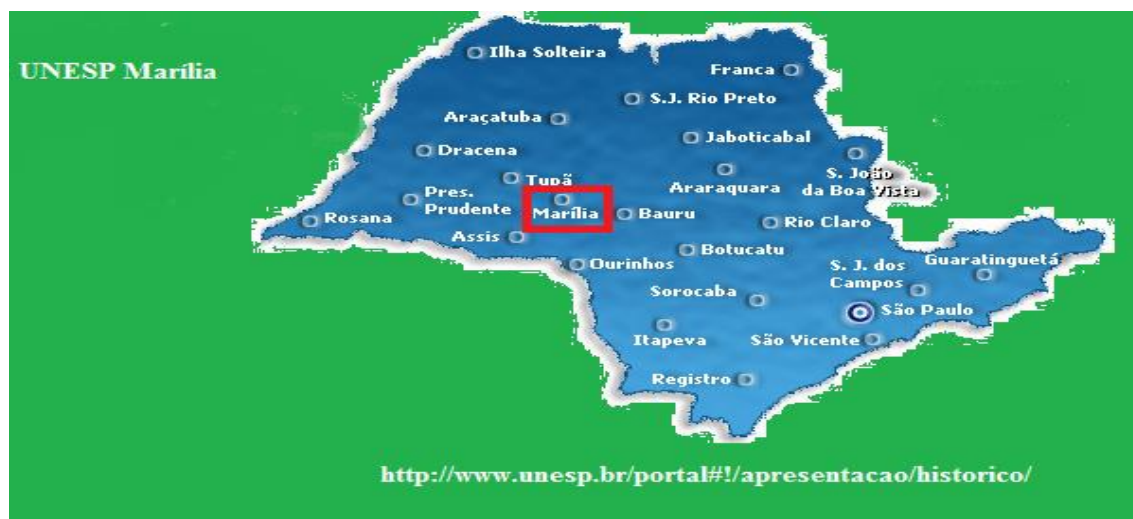
Apesar da pesquisa não abordar a temática da sexualidade, mas sim ressaltar o corpo, é importante lembrar as palavras de Weeks (1993, p. 6) ao referir que “[...] a sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo”.

Esses achados nos remetem a refletir a importância da historiografia das produções acadêmico-científicas na área da sexualidade, na busca de contribuir para a efetivação de um trabalho na área emancipatório, bem como possibilitar que profissionais de diferentes áreas de conhecimento reflitam a respeito de sua formação e atuação, no que tange à sexualidade e oportunidade do profissional que atua no ambiente escolar em estudar a sexualidade humana, para reelaborar conhecimentos advindos do senso comum e oferecer educação sexual emancipatória para os educandos.

7.4 UNESP – *Campus Marília*

O *campus* UNESP da cidade de Marília é a unidade agora analisada, e serão destacadas suas especialidades evidenciando como elabora a construção do conhecimento sexual.

Figura 19- Mapa localização do *campus* da UNESP de Marília-FFC



Fonte: Portal da universidade, seção unidades da UNESP (2013f).

Figura 20 - Fotografia do Campus I de Marília



Fonte: Faculdade de Filosofia e Ciências, seção Instituição, apresentação, introdução UNESP (2013c).

7.4.1 Localização e criação

No dia 25 de janeiro de 1957, pela Lei nº 3.781, aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado e promulgada pelo governador Jânio Quadros, é fundada a UNESP de Marília, chamada de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (FAFI), dentro da nova política de interiorização dos centros de pesquisa e ensino. (UNESP, 2013c)³⁸

Somente em 13 de janeiro de 1959, a faculdade foi solenemente inaugurada. Três dias depois, o Decreto Federal nº 45.262 concedia inspeção prévia aos cursos a serem instalados, o que marcou oficialmente o início de suas atividades didáticas. Em 1975, a FAFI passou a ser denominada Faculdade de Educação, Filosofia, Ciências Sociais e da Documentação da UNESP, Campus de Marília (UNESP, 2012c).

Por decisão do Conselho Universitário Provisório, as áreas de História, Letras e Licenciatura em Ciências foram extintas e a Faculdade recebeu, por transferência de Assis, o curso de Filosofia e o correspondente departamento. Esse período teve como marco a criação da área de Biblioteconomia e o curso de Educação Especial passou a ser localizado em Marília, dando um novo impulso ao curso de Pedagogia. Na década de 1990, foi criado o Curso de Fonoaudiologia e a denominação da Unidade passou a ser Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP (FFC), Campus de Marília (UNESP, 2012c).

Desde a sua criação, a Faculdade tem-se destacado como um espaço privilegiado na região, de formação de profissionais, de desenvolvimento de pesquisas na área de Ciências

³⁸ Cf. Informações no portal da unidade de Marília, setor instituição, apresentação da faculdade.

Humanas e como um dos principais polos desencadeadores e aglutinadores de reflexões e discussões sobre as mais relevantes problemáticas do país, articulando-se, no campo democrático, com várias outras entidades e instâncias. Atualmente, a Faculdade possui nove cursos de graduação, sendo que os cursos de Relações Internacionais, Fisioterapia, Terapia Ocupacional e Arquivologia foram implantados, em 2003 (UNESP, 2012c).

A Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) têm 182 Professores e 197 servidores técnicos administrativos para atendimento de 2.013 alunos matriculados em seus nove cursos de Graduação: Arquivologia, Biblioteconomia, Ciências Sociais, Filosofia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Pedagogia, Relações Internacionais e Terapia Ocupacional, além de 601 alunos matriculados em seus 10 Programas de Pós-Graduação entre Mestrado e Doutorado: Ciências da Informação, Ciências Sociais, Educação, Filosofia, Relações Internacionais e o de Fonoaudiologia, todos credenciados pela CAPES. (UNESP, 2012c)

A UNESP de Marília está distribuída em dois lugares diferentes, o *campus* I e II. O *campus* I é o local no qual ocorre a maioria das aulas, funciona a estrutura administrativa e localizam as salas da maioria dos professores, as secretarias dos Departamentos de Ensino, as Seções Administrativas e o Escritório de Pesquisa. No Prédio de Atividades Didáticas localizam-se as salas de aula, as dependências da Seção de Graduação, Seção Técnica de Apoio ao Ensino Pesquisa e Extensão (STAEPE), salas dos Grupos do Programa de Ensino Tutorial (PET), anfiteatro e outras atividades. Também no *campus* I, localizam-se o edifício da Biblioteca, o Prédio da Administração, o Prédio da Central de Laboratórios Didáticos de Informática, o Restaurante Universitário, a Seção Técnica de Saúde e outros edifícios destinados às atividades acadêmico-administrativas.

No *campus* II funciona o Centro de Estudos da Educação e da Saúde (CEES), o Centro de Documentação Histórica e Universitária de Marília (CEDHUM), o Núcleo de Ciência e Cultura, o Museu Histórico e Pedagógico Embaixador Hélio Antônio Scarabôto, a Fundação para o Desenvolvimento do Ensino, Pesquisa e Extensão (FUNDEPE) e a Coordenadoria Geral das Bibliotecas. (UNESP, 2012c)

7.4.2 A graduação

A FFC atualmente oferece nove cursos de graduação:

Tabela 9 - Cursos Oferecidos pela FFC – Marília/SP

Ciências Humanas			
Curso	Duração	Período	Vagas
Arquivologia	4 anos	Diurno	30
Biblioteconomia	4 anos	Diurno	35
Ciências Sociais	4 anos	Matutino	50
		Noturno	50
Filosofia	4 anos	Noturno	35
Pedagogia	4 anos	Matutino	40
		Noturno	80
Relações Internacionais	4 anos	Noturno	40
Ciências Biológicas e da Saúde			
Curso	Duração	Período	Vagas
Fisioterapia	4 anos	Integral	40
Fonoaudiologia	4 anos	Integral	35
Terapia Ocupacional	4 anos	Integral	40

Fonte: Departamento de graduação, seção de cursos UNESP (2013c).

7.4.3 A Pós-Graduação

A Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) oferece cursos de Mestrado Acadêmico e Doutorado em Educação, Ciência da Informação, Ciências Sociais e Relações Internacionais e ainda, Mestrado Acadêmico em Filosofia e Fonoaudiologia (UNESP, 2013c).³⁹

O curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação do *campus* de Marília teve início em agosto de 1988 e o de Doutorado se iniciou em março de 1993.

Tabela 10 - Cursos de Mestrado e Doutorado– Marília/SP

Programa	Nível	Duração	Período
Ciência da Informação	Mestrado	26 meses	Diurno
	Doutorado	48 meses	Diurno
Ciências Sociais	Mestrado	30 meses	Diurno
	Doutorado	48 meses	Diurno
Educação	Mestrado	24 meses	Diurno
	Doutorado	48 meses	Diurno
Filosofia	Mestrado	30 meses	Diurno
Fonoaudiologia	Mestrado	24 meses	Diurno

³⁹ Cf. Informações no departamento de Pós-Graduação, seção mestrado e doutorado - *campus* Marília.

Relações Internacionais	Mestrado Doutorado	30 meses 48 meses	Diurno Diurno
--------------------------------	-------------------------------	------------------------------	--------------------------

Fonte: Departamento de Pós-Graduação, seção mestrado e doutorado UNESP (2013c).

O Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC da UNESP Marília objetiva, através de suas áreas de concentração, a formação de mestres e doutores:

- ✓ Pesquisadores para a área de educação;
- ✓ Docentes para o ensino superior;
- ✓ Profissionais especializados para a área de educação. (UNESP, 2013c).

7.4.4 Grupo de pesquisa

A Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP de Marília apresenta o Grupo de Pesquisa Estudos sobre as Sexualidades (GPEES), que iniciou suas atividades no ano de 1997, e tem como coordenador o Prof. Hugues Costa de França Ribeiro. Este atua na formação de novos pesquisadores com alunos da graduação da FFC.

O grupo, através de seus membros, está afiliado à Associação Mundial de Saúde Sexual (WAS), à Federação Latino Americana de Sociedades de Sexologia e Educação Sexual (FLASSES), à Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH) e ao Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade (CEPCoS), com o qual mantém estreita parceria e com a Sociedade Latino-americana de Medicina Sexual (SLAMS). Nessas associações e centro de estudos e pesquisas, seus membros ocupam importantes funções nas diretorias científicas, consultorias, entre outras.

Seus membros estão desenvolvendo pesquisas dentro das linhas propostas pelo grupo, divulgando seus resultados através da publicação de artigos científicos em anais, revistas especializadas, boletins, capítulos de livros e livros numa abordagem multidisciplinar. O grupo atua na formação de novos pesquisadores com alunos da graduação da FFC, UNESP de Marília (CNPQ, 2011).

7.4.5 Breve relato dos resultados obtidos nas teses e dissertações sobre sexualidade da FFC no programa de Educação da UNESP, *campus* de Marília

Descreveremos as produções acadêmicas realizadas desde a abertura do programa de Educação da FFC do UNESP, *campus* de Marília, até o ano de 2012, relatando os resultados obtidos e algumas características do desenvolvimento de cada trabalho.

Quadro 24 - Produção do Ano de 2001 da FFC/UNESP/Marília

Ano de 2001	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
2001	A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites. – Mary Neide Damico Figueiró (Tese)	Prof. Dr. Celestino Alves da Silva Júnior	Qualitativa + entrevista + estudo de caso	Não apresenta uma linha, cita vários autores	11 professores	Educação sexual; sexualidade; formação de professores; formação continuada; saber docente.	Ensino na Educação Brasileira

Fonte:Elaborada pela autora.

Considerando que a Pós-Graduação em educação do *campus* de Marília iniciou em agosto de 1988, podemos considerar que era precário o interesse de se pesquisar a sexualidade. É possível notar que, após a abertura do programa, passaram-se treze (13) anos para que uma pesquisa fosse desenvolvida neste sentido.

O primeiro estudo que temos acesso é da Prof.^a Dr.^a Mary Neide Damico Figueiró, considerada uma renomada pesquisadora na área da Educação sexual.

A sua tese não está disponível no acervo da biblioteca da UNESP do *campus* de Marília, nem mesmo aparece na relação de produção que aconteceu na UNESP no ano de 2001. Na pesquisa realizada, encontramos a dissertação da autora defendida na USP, no ano de 1995, intitulada “Educação sexual no Brasil: estado da arte de 1980-1993”.

Não foi possível ter acesso a um exemplar da tese. Como essa foi publicada em livro “Formação de Educadores: adiar não é mais possível”, os dados aqui referenciados foram retirados do livro.

A sua tese de doutorado intitulada “A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites” objetivou compreender como se dá o processo do professor da rede pública que, por iniciativa própria, busca investir na sua formação continuada, promovendo mudanças em sua prática pedagógica no contexto de trabalho e continua aprendendo e crescendo com sua própria prática sem assessoria, bem como influencia outros profissionais de seu ambiente de trabalho a se envolverem com a educação sexual.

A pesquisadora, por meio de reunião quinzenal denominada Mutirão Orientador, norteava os participantes da pesquisa ao desenvolvimento do trabalho prático e formal de educação sexual com crianças e adolescentes. Após esse período de orientação, os integrantes

atuaram por conta própria nas escolas e os participantes foram entrevistados para se apreender as conquistas e dificuldades encontradas.

O estudo nos seus resultados apreendeu que há necessidade do processo de formação continuada pelos professores, para se desenvolver reflexões e habilidades, e sobretudo, para se trabalhar a educação sexual, por meio de prática como pano de fundo para as reflexões e assim, contribuir para o coletivo dos professores em busca de sua identidade, dando voz ao docente e proporcionando sua afirmação social.

A autora se lembra da necessidade e importância de criação de cursos de especialização e de disciplinas na pós-graduação (*stricto e lato sensu*) e graduação para favorecer a reeducação sexual, bem como a participação das universidades em projetos conjuntos com secretaria da educação para qualificação profissional.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- Necessidade do processo de formação continuada pelos professores para desenvolverem reflexões e habilidades para trabalhar a educação sexual;
- A prática como pano de fundo para as reflexões e contribuição para o coletivo dos professores em busca de sua identidade, dando voz ao docente e proporcionando sua afirmação social como educador sexual;
- Importância de criação de cursos de especialização e de disciplinas na pós-graduação (*stricto e lato sensu*), e graduação para favorecer a reeducação sexual, bem como a participação das universidades em projetos conjuntos com a Secretaria da Educação para qualificação profissional.

Quadro 25 - Produção do Ano de 2003 da FFC/UNESP/Marília

Ano de 2003	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
25/fev	Análise da participação de uma escola pública na educação sexual de seus alunos - Carmen Izaura Molina Corrêa (Dissertação)	Profª. Drª Tania Moron Saes Braga	Qualitativa + questionário + folha de registro	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Alunos da 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e da 1ª a 3ª do Ensino Médio + 30 professores 1 coordenador pedagógico e 2 vice-diretores	Educação sexual – escola pública; orientação sexual – programas de educação sexual – escola pública	Ensino na Educação Brasileira - Educação, Saúde e Comunidade.

2003	Sexualidade e deficiência no contexto escolar – Ana Claudia Bortolozzi Maia (Tese)	Profª Drª Maria Salete Fabio Aranha	Qualitativa-descriptiva	Sexualidade e deficiência como um fenômeno social e histórico	40 professores, de ambos os sexos do ensino regular e ensino especial	Sexualidade; Educação sexual; Deficiências	Educação Especial
------	--	-------------------------------------	-------------------------	---	---	--	-------------------

Fonte:Elaborada pela autora.

A dissertação intitulada “Análise da participação de uma escola pública na educação sexual de seus alunos” investigou as ações relativas à sexualidade, realizadas pela escola pesquisada, por meio das ocorrências relacionadas à educação sexual e como os professores e alunos consideram e abordam o assunto, bem como verificar sugestões de programas educativos, contextualizando a realidade escolar.

A pesquisa foi realizada numa escola pública estadual situada numa cidade do interior paulista, por meio de questionários e folhas de registro para cento e cinquenta e sete (157) alunos da 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e da 1ª a 3ª do Ensino Médio, trinta (30) professores das referidas séries, um (1) coordenador pedagógico e dois (2) vice-diretores.

O estudo retrata a importância da implantação da Educação Sexual nas escolas públicas e resgata índices que comprovam aumento significativo de jovens em idade escolar, antecipando a iniciação da atividade sexual, sem uso de contraceptivo, principalmente, na primeira relação sexual, aumentando a vulnerabilidade à gravidez, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e Aids.

A pesquisa revela a incipiência em projetos de prevenção nas escolas públicas e nas que dispõem de algum programa, é o professor que recebe a informação, devendo ele ser o multiplicador da informação, mas não há repasse por falta de tempo ou condições.

Retrata o trabalho que a Educação Sexual efetiva deve conter não apenas a transmissão de informação, pois não é suficiente, mas propostas educativas que possibilitem mudar o comportamento.

Resgata a pesquisa “Análise da participação de uma escola pública na educação sexual de seus alunos” que a preocupação de inserir a temática da sexualidade nas escolas brasileiras já tem quase um século. Também destacou os enfoques que perpassam cada momento histórico da sociedade e que influenciam o comportamento sexual das pessoas, destacando a necessidade de o professor se instrumentalizar para abordar a temática, de forma emancipatória.

Após a análise, a pesquisa constatou que, na escola pesquisada, o assunto é abordado nas aulas de Ciências – 6º e 9º anos do Ensino Fundamental e, Psicologia e Biologia no 1º ano do Ensino Médio.

A análise dos dados constatou também que a escola tem condições para abordar o assunto e disponibiliza conteúdo programático, recursos humanos e didáticos e capacitação de professores para trabalhar com a sexualidade, mas que essas ações não são realizadas e o tema fica sendo discutido no âmbito do conteúdo programático de matérias específicas, o que provavelmente ocorra devido ao déficit na capacitação de professores e falta de projeto interdisciplinar.

As ações educativas direcionadas à sexualidade são limitadas a matérias específicas como Ciências/ Psicologia e/ou às raras solicitações dos alunos sobre o assunto. É importante que se procure trazer mais informações sobre o assunto, tanto para o corpo docente quanto discente na referida escola, inclusive envolvendo pais de alunos, comprometendo-se como um todo, até porque a gravidez precoce foi apontada como o terceiro problema mais frequente existente, após indisciplina e violência.

A tese “Sexualidade e Deficiência no contexto escolar” não está disponível no acervo da biblioteca da UNESP do *campus* de Marília, nem mesmo aparece como sendo uma produção que aconteceu no ano de 2003. O acesso a essa pesquisa ocorreu através do *site* da reitoria da UNESP, pela C@thedra - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. (UNESP, 2013f)⁴⁰

A pesquisa traz uma reflexão acerca da sexualidade dos deficientes e objetivou investigar sobre a sexualidade e as deficiências, compreendendo as relações sociais da pessoa com deficiência, por meio da postura dos educadores frente às manifestações sexuais de seus alunos na escola.

O estudo utilizou entrevista e questionário para apreender as concepções dos professores em seus relatos sobre a sexualidade humana e, em especial, da sexualidade da pessoa com deficiência, já que é na escola regular ou especial que os professores percebem e interpretam a sexualidade de seus alunos, justificando suas diferentes concepções a respeito da questão.

A autora salienta que é no ambiente da escola que a sexualidade pode e deve ser tratada de forma ética e respeitosa, seja no âmbito da educação formal, o que inclui a

⁴⁰ Cf informações portal da universidade, bibliotecas digitais.

orientação sexual para a qual os professores poderiam contribuir, seja no âmbito da educação informal, que está presente em qualquer relação humana.

Em seus capítulos, o estudo traz uma reflexão sobre aspectos relevantes presentes na atual literatura científica como os aspectos socioculturais da Sexualidade Humana e o conceito de deficiência.

Em seus resultados, a pesquisa evidenciou que a maioria dos professores entendem que o (a) aluno (a) com deficiência teria uma sexualidade “normal”, mas que suas manifestações são “atípicas”, isto é, “exageradas”, sobretudo, os que apresentam deficiência intelectual.

Também ressaltam os achados que a crença em alguns mitos e a formação acadêmica deficitária, associadas a uma educação sexual familiar repressora e moralista, influenciam o olhar que os professores têm das manifestações sexuais dos alunos com deficiência e que não há uma postura da escola, seja esta regular ou especial, que inclua um esforço em reconhecer a sexualidade dos alunos e compreendê-la como manifestação saudável e própria do desenvolvimento, inserindo a discussão e o esclarecimento do tema no projeto pedagógico da escola.

Apesar de alguns docentes se preocuparem com a orientação sexual dos alunos e procurarem orientá-los, ainda são ações pontuais e pessoais e a maioria deles, diante dos comportamentos sexuais dos alunos, revelam apresentar preconceitos e resistências sobre o assunto, reconhecendo que têm uma formação deficitária para lidar com o tema.

Outro ponto destacado é a postura de omissão e de repressão da escola que determina o preconceito (mitos e estereótipos) presente na postura institucional em relação ao deficiente e também a má-formação do professor e a inexistência de programas de formação continuada voltados para a educação sexual dificultam a implantação de uma educação sexual emancipatória. Essa é uma característica observada tanto nos grupos de professores do ensino comum quanto no especial.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- Incipiência em projetos de prevenção nas escolas públicas;
- O professor é que recebe a informação e deveria ser o multiplicador da informação, mas não a repassa por falta de tempo ou condições;
- Educação Sexual efetiva deve conter não apenas a informação, mas, se faz necessário, propostas educativas para mudar o comportamento;

- A preocupação de inserir a temática da sexualidade nas escolas brasileiras já tem quase um século;
- Cada momento histórico da sociedade influencia o comportamento sexual das pessoas;
- O professor deve se instrumentalizar para abordar a temática de forma emancipatória;
- O assunto é abordado nas aulas de Ciências, Psicologia e Biologia e/ou às raras solicitações dos alunos sobre o assunto;
- A escola, apesar de ter condições para abordar o assunto e disponibilizar conteúdo programático, recursos humanos e didáticos e capacitação de professores para trabalhar com a sexualidade, não o faz por déficit na capacitação de professores e falta de projeto interdisciplinar;
- É importante que a escola procure trazer mais informações sobre o assunto, tanto para o corpo docente quanto discente, envolvendo pais e alunos;
- A gravidez precoce ou indesejada foi apontada como o terceiro problema mais frequentemente existente, após indisciplina e violência;
- A maioria dos professores entende que o(a) aluno(a) com deficiência teria uma sexualidade normal, mas com manifestações sexuais atípicas;
- Há crença em alguns mitos e a formação acadêmica deficitária, associadas a uma educação sexual familiar repressora e moralista que influenciam o olhar que os professores têm das manifestações sexuais;
- Há uma postura da escola, seja ser regular ou especial, que inclui um esforço em reconhecer a sexualidade dos alunos e compreendê-la como manifestação saudável e própria do desenvolvimento, inserindo a discussão e o esclarecimento do tema no projeto pedagógico da escola;
- A orientação sexual dos alunos com deficiência é de preocupação de alguns professores que tentam orientá-los, mas são ações pessoais e os docentes mostram-se despreparados e revelaram seus próprios preconceitos e resistências sobre o assunto, reconhecendo que têm uma formação deficitária para lidar com o tema;
- Posturas de omissão e de repressão da escola que determina o preconceito (mitos e estereótipos) é presente na postura institucional em relação ao deficiente;

- Inexistência de programas de formação continuada voltados para a educação sexual, o que dificulta a implantação de uma educação sexual emancipatória.

Quadro 26 - Produção do Ano de 2008 da FFC/UNESP/Marília

Ano de 2008	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
2008	Inclusão Escolar e Gênero: O Ambiente Escolar Como Fator de Influência no Currículo Social e Acadêmico dos Alunos das Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Mara Cleusa Peixoto Assis-Rister (Tese)	Prof. Dr. Sadao Omote	Qualitativa	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Estudantes de ambos os sexos do Ensino Fundamental + profissionais da educação	Ambiente Escolar – Ensino Fundamental – Gênero – Inclusão Escolar - Políticas Públicas.	Ensino na Educação Brasileira,

Fonte: Elaborada pela autora.

Observamos que continua incipiente a produção científica a respeito da sexualidade no programa de pós-graduação em Educação da FFC da Unesp de Marília, pois desde a primeira defesa de mestrado sobre o tema, em 2003, passaram-se cinco anos para que outro trabalho fosse desenvolvido, agora uma tese intitulada “Inclusão Escolar e Gênero: O Ambiente Escolar Como Fator de Influência no Currículo Social e Acadêmico dos Alunos das Séries Iniciais do Ensino Fundamental”.

A pesquisa aborda as relações de gênero e verificou o desempenho dos alunos nas séries iniciais do Ensino Fundamental, as ocorrências de episódios escolares registradas no Livro Negro e como essas situações estão relacionadas ao gênero, bem como, as percepções que os profissionais que atuam na escola têm a respeito do desenvolvimento, comportamento e desempenho escolar dos alunos. A pesquisa destaca que a relação de gênero é uma construção social que perpassa o universo escolar perpetuando a discriminação entre meninos e meninas.

Para coleta dos dados, a autora observou a atuação dos funcionários, direção, de professor em sala de aula e, separadamente, o aluno durante as aulas e no recreio de uma escola estadual, municipal e particular, utilizando como instrumento a filmagem do ambiente

escolar, análise de provas e documentos, e do Livro Negro para verificar a influência da questão do gênero no processo de ensino e aprendizagem e do comportamento.

Os dados encontrados na pesquisa revelaram que o gênero masculino está em defasagem comparado ao gênero feminino, e apresentam um percentual maior de alunos do gênero masculino com registro no Livro Negro (71%) do que o de meninas (29%).

Os achados evidenciaram uma ligeira tendência do professor ao direcionar aos meninos, ações mais ativas, pois os consideram mais ativos e agitados, mostrando mais iniciativa que as meninas. Constatamos a tendência dos profissionais da escola para avaliar negativamente os meninos e positivamente as meninas, pois estas são avaliadas com qualificativas mais benévolas, enquanto aos meninos foram atribuídos qualificativos mais excludentes.

O estudo mostrou a necessidade de a escola discutir com os envolvidos no processo educacional, a questão de gênero para desconstruir estereótipos reproduzidos por profissionais que atuam na escola e deixam esses valores serem reproduzidos na sua prática educativa.

Sintetizando os resultados que o estudo analisado encontrou:

- Percentual maior de alunos do gênero masculino com registro no Livro Negro (71%) do que o de meninas (29%);
- Ligeira tendência de o professor direcionar aos meninos ações mais ativas, pois os consideram mais ativos e agitados, mostrando mais iniciativa que as meninas;
- Constatamos a tendência dos profissionais da escola para avaliar negativamente os meninos e positivamente as meninas, pois estas são avaliadas com qualificativos mais benévolos, enquanto aos meninos foram atribuídos qualificativos mais excludentes;
- O estudo mostrou a necessidade de a escola discutir com os envolvidos no processo educacional a questão de gênero para desconstruir estereótipos reproduzidos por profissionais que atuam na escola e que levam para a prática educacional.

Quadro 27 - Produção do Ano de 2009 da FFC/UNESP/Marília

Ano de 2009	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
2009	A formação da noção da força corporal na criança: contribuições para a Educação Física- Orlando Mendes Fogaça Júnior (Tese)	Prof. Dr. Adrian Oscar Dongo Montoya	Qualitativa	Epistemologia Genética de Jean Piaget	40 crianças	Educação Física; Epistemologia Genética; Força Corporal	Ensino na Educação Brasileira

Fonte:Elaborada pela autora.

Começamos a notar que o interesse por pesquisas que contemplam a temática passa a ser realizada, mesmo que o título não revele de forma explícita palavras que se referem à sexualidade, mas discute temas correlatos.

O ano de 2009 é brindado com a defesa da tese “A formação da noção da força corporal na criança: contribuições para a Educação Física”. Esta pesquisa propôs um estudo a respeito da Educação Física considerando-a disciplina no âmbito educacional e que deve possibilitar aos educandos conteúdos sobre as manifestações corporais no processo de produção cultural realizado pelo homem, e compreensão de sua motricidade.

O autor faz um resgate histórico das diferentes civilizações para acompanhar o cuidado que as gerações passadas mantinham com o corpo, enfocando a motricidade, a beleza do físico ou sua força, alguns com objetivos diferentes, mas focado no exercício físico. Assim, o estudo busca investigar como se realiza a estruturação e evolução de um conteúdo específico desta área: a força corporal pelo aluno.

Para a realização do estudo, foi utilizada como base teórica a Epistemologia Genética de Jean Piaget, que explica como o desenvolvimento da formação da noção de força, no mundo físico, ocorre.

Os resultados encontrados indicam, de forma significativa, que somente a sensação de esforço muscular não possibilita ao sujeito compreender a noção de força; para tanto, é necessária a composição em um sistema de relações de outras noções, como: espaço, tempo, velocidade, peso, deslocamento, entendimento de mundo e as formas de relacionar-se com

ele, bem como na relação que as metas e objetivos definidos têm com a educação escolarizada e para isso o educador deve ter uma ideia crítica e reflexiva dos conhecimentos..

Apesar do estudo considerar a construção corporal uma construção cultural e citar nuances de que há civilizações que exercem atividade física para se obter corpos belos, ou ainda o corpo a serviço de uma ideologia como o militarismo, que buscava um corpo organizado e hierarquizado, a pesquisa não ressalta aspectos da sexualidade e assuntos correlatos que a Educação Física poderia explorar e trabalhar, como a questão de gênero e o consumismo pelo corpo idealizado por uma sociedade capitalista.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- Apesar de o estudo considerar a construção corporal uma construção cultural e citar nuances de que há civilizações que exercem atividade física para se obter corpos belos ou ainda o corpo a serviço de uma ideologia como o militarismo, que buscava um corpo organizado e hierarquizado, a pesquisa não ressalta aspectos da sexualidade e assuntos correlatos que a Educação Física poderia explorar e trabalhar, como a questão de gênero e o consumismo pelo corpo idealizado por uma sociedade capitalista.

Quadro 28 - Produção do Ano de 2010 da FFC/UNESP/Marília

Ano de 2010	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
2010	Comportamento sexual e percepção do HIV / AIDS entre estudantes universitárias do IBILCE/UNESP de São José do Rio Preto - Fabiana Augusta Donati - (Dissertação)	Prof. Dr. Raul Aragão Martins	Quantitativa	Não apresenta uma linha, cita vários autores	251 estudantes universitárias	mulheres, adolescentes, comportamento sexual, prevenção, HIV/Aids	Ensino na Educação Brasileira

Fonte:Elaborada pela autora.

A distância entre as realizações das produções diminui ano a ano e as pesquisas contemplando a temática começam a ser produzidas.

O ano de 2010 apresentou a defesa da dissertação “Comportamento sexual e percepção do HIV / AIDS entre estudantes universitárias do IBILCE/UNESP de São José do Rio Preto”.

A pesquisa analisou o comportamento sexual de 251 universitárias, de uma escola pública da cidade de São José do Rio Preto, SP, com idade entre 17 e 24 anos, com o objetivo de identificar o comportamental sexual das estudantes; o instrumento utilizado para a obtenção dos dados foi um questionário fechado quantitativo, que tinha perguntas referentes ao comportamento sexual, nível socioeconômico, estado civil, religião e uso do preservativo pelas participantes, além de entrevista individual para se compreender a trajetória de vida.

Do total de alunas entrevistadas, 158 apresentaram vida sexual ativa, tendo iniciado, em média, aos 17 anos; em relação ao uso de preservativo, na primeira relação sexual 88% destas jovens declararam terem feito o uso, já na última relação esta porcentagem cai para 62% de uso. Os resultados mostram um grande número de universitárias com vida sexual ativa, independentemente do nível socioeconômico e da área de conhecimento, e demonstraram que a iniciação sexual geralmente se dá no período da graduação.

O estudo sugere que ainda há certa resistência em se falar do assunto com a família e escola, há a necessidade de se fazerem mais pesquisas a respeito da temática, e também aponta a premência da implementação da Educação Sexual, tanto nas escolas quanto nas universidades, bem como instrumentalização dos educadores, a fim de propiciar momentos de diálogo na universidade, espaço evidenciado na pesquisa como marco decisório para o início da vida sexual das jovens.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- As alunas entrevistadas apresentam vida sexual ativa, tendo iniciado, em média, aos 17 anos;
- Usou preservativo na primeira relação sexual, mas não na última;
- A iniciação sexual geralmente se dá no período da graduação;
- Resistência em falar do assunto com a família e escola;
- Necessidade de se fazerem mais pesquisas a respeito da temática;
- Necessidade da implementação da Educação Sexual tanto nas escolas quanto nas universidades;
- Necessidade de instrumentalização dos educadores para trabalhar a temática.

Quadro 29 - Produção do Ano de 2011 da FFC/UNESP/Marília

Ano de 2011	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
2011	Disciplinamento corporal: as relações de poder nas práticas escolares cotidianas - José Tiago Cardoso (Dissertação)	Prof. Dr. Carlos da Fonseca Brandão	Qualitativa + Pesquisa Intervenção	Foucault	2 turmas do 1º ano do Ensino Fundamental	Disciplinamento corporal, relações de poder, sociedade disciplinar, práticas escolares.	Filosofia e História da Educação no Brasil.
2011	Direitos humanos e gênero na educação infantil : concepções e práticas pedagógicas - Valéria Pall Oriani (Dissertação)	Profª. Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo.	Qualitativa	Não apresenta uma linha, cita vários autores	1 professora e 1 professor de Educação Infantil; diretor. Coordenador e atendente da escola	Educação Infantil; Direitos humanos; Cidadania ; Relações de gênero; Concepções; Práticas pedagógicas	Políticas Educacionais, Gestão de sistemas e Organizações Educacionais.

Fonte: Elaborada pela autora.

O ano de 2011 apresentou duas defesas de dissertações contemplando a temática, o que revela o aumento do interesse de pesquisar o assunto no meio acadêmico-científico.

A pesquisa intitulada “Disciplinamento corporal: as relações de poder nas práticas escolares cotidianas” discutiu a respeito do processo de disciplinamento corporal produzido pelas relações de poder nas práticas cotidianas de uma instituição escolar municipal da cidade de Campinas. A realização da pesquisa se baseou na pesquisa-intervenção, registro em diário de campo e cartografias para identificar as formas sutis de relação de poder, valendo-se das técnicas disciplinares para produzir práticas discursivas que legitimam o disciplinamento corporal dos sujeitos fundamentando-se teoricamente em Foucault.

O estudo revelou que a disciplina escolar se baseia na resistência dentro da escola em relação ao outro e o disciplinamento corporal está além da organização das crianças em fileiras, em salas, em séries. O disciplinamento é também um dos modos de conhecer, pensar, ser. Problema que nos remete às generalizações que se fazem das crianças, olhando-as como sujeitos universais, iguais, e muitas vezes sem a possibilidade da diferença.

O estudo “Direitos humanos e gênero na educação infantil: concepções e práticas pedagógicas” observou a prática pedagógica e as concepções de uma professora e de um professor de Educação Infantil a respeito de direitos humanos, cidadania e gênero, em uma

escola de Educação Infantil Municipal no distrito de Padre Nóbrega, da cidade de Marília/SP. Para tal, foram realizadas observações com a turma do professor e da professora e entrevistas com os docentes; com a coordenadora e a diretora da escola e uma atendente do berçário. Devido à autora entender que a diretora e a coordenadora influenciavam nas atribuições das turmas e na seleção de conteúdos, e a atendente, por sua vez, poderia apresentar importantes contribuições a respeito das relações de gênero por parte do professor e da professora, já que trabalhava no berçário com ambos.

A pesquisa analisada utiliza autores que norteiam a educação em direitos humanos, a cidadania, a Educação Infantil e as representações de gênero que envolvem a docência.

O estudo evidenciou que na Educação Infantil há associação da professora com a mãe, devido ao processo histórico que constitui a Educação Infantil elegendo a professora como substituta da mãe, culpando-a e lançando-lhe a responsabilidade da educação da criança pequena e nesse sentido há teóricos da educação que defendem a mulher como ideal para a docência na Educação Infantil, já que possui biologicamente a capacidade para a maternidade, e é naturalmente apta para os cuidados com as crianças, sendo o homem incapaz de exercer essa tarefa, apesar de ser comparando à figura paterna.

Os próprios documentos também justificam o uso do termo professor como categoria genérica e apresentam certo desconhecimento em relação ao profissional que atua na Educação Infantil, além de desconsiderarem a importância das relações sociais para a construção da identidade de gênero da criança.

A diretora delega somente as classes de crianças maiores ao professor e menores às professoras, reforçando estereótipos, e acentua a discriminação do gênero ao utilizar as organizações de filas separadas por sexo e a escolha das cores e dos brinquedos, considerando-os de acordo com o gênero masculino e feminino.

A professora se tornou docente por influência de sua mãe e não consegue dissociar a maternidade da docência. A organização da escola reforça a associação da docência-maternidade, e para tanto utiliza características físicas da sala do berçário e também concepções como de que as crianças pequenas têm que se apegar à figura feminina para justificar a associação da professora com a mãe.

O professor escolheu a profissão docente por opção, atua em um ambiente considerado feminino e, portanto, todas as suas ações recebem um peso maior por parte das colegas de trabalho e dos pais e mães das crianças. Porém há também vantagens pelo fato de ser homem, como, por exemplo, a professora deixa as turmas maiores para ele, pois acredita que ele terá dificuldades, ou ainda, a diretora o considera especial porque ele continua atuando mesmo

tendo contrário a ele o tamanho da turma, e o fato de ser arrimo de família, reafirmando o estereótipo de o gênero masculino ter a responsabilidade de cuidar da mulher.

As práticas pedagógicas por todos os participantes do universo escolar dificultam o trabalho com as situações de gênero, devido à falta de compreensão da importância do tema, bem como de formação sobre o assunto.

Os estereótipos são constantemente reforçados, devido aos meninos brincarem de bola e carrinho e as meninas de boneca no espaço escolar. Isso acontece para se evitar reclamações dos pais e mães, mostrando o quanto a questão da identidade sexual é difícil de ser trabalhada, devido à falta de formação, o que gera insegurança para abordar o tema, além da preocupação com a família.

Na escola as relações de gênero não são trabalhadas nem com os envolvidos no processo educacional, nem com os educandos, apesar dos/as participante/s da pesquisa compreenderem que as questões de gênero existem e permeiam suas práticas, ele e elas parecem desconhecer como lidar com essa perspectiva e, portanto, buscam as referências que lhes são propostas socialmente. Assim, o professor tenta ser um homem mais sensível e a professora tenta agir como mãe para as crianças.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- A disciplina escolar se baseia na resistência dentro da escola em relação ao outro;
- O disciplinamento corporal nas escolas está além da organização das crianças em fileiras, em salas, em séries e acontece também nos modos de conhecer, pensar e ser
- A escola faz uma generalização das crianças sem considerar a possibilidade da diferença;
- Na Educação Infantil há associação da professora com a mãe;
- O processo histórico de que é constituída a Educação Infantil elege a professora como substituta da mãe, culpa-a e lança a responsabilidade da educação da criança pequena para a ela;
- Há teóricos da educação que defendem a mulher como ideal para a docência na Educação Infantil, já que possui biologicamente a capacidade para a maternidade, e é naturalmente apta para os cuidados com as crianças, sendo o

homem incapaz de exercer essa tarefa, apesar de ser comparando à figura paterna;

- Documentos justificam o uso do termo professor como categoria genérica e apresentam certo desconhecimento em relação ao profissional que atua na Educação Infantil, além de desconsiderarem a importância das relações sociais para a construção da identidade de gênero da criança;
- Estereótipo do gênero é reforçado pela diretora que delega classes de crianças maiores para o professor por acreditar que ele não consegue lidar com crianças menores;
- Discriminação do gênero ao utilizar as organizações de filas separadas por sexo e a escolha das cores e dos brinquedos direcionando-os ao gênero masculino e feminino;
- A professora não consegue dissociar a maternidade da docência;
- A organização da escola reforça a associação da docência-maternidade e para tanto a escola utiliza características físicas da sala do berçário e concepções como crianças pequenas tem que se apegar à figura feminina para justificar a associação da professora com a mãe;
- O professor atua em um ambiente considerado feminino e, suas ações têm vantagens na visão dos pais e colegas de trabalho por ser homem, não saber cuidar de crianças menores e ser arrimo de família, o que reafirma o preconceito e o estereótipo diante do gênero masculino e feminino;
- Os profissionais da escola não sabem trabalhar as situações de gênero devido à falta de compreensão da importância do tema, bem como de formação no assunto;
- Na escola os estereótipos de gênero são reforçados devido aos meninos brincarem de bola e carrinho e as meninas de boneca. Isso acontece para se evitar reclamações dos pais e mães;
- A identidade sexual é difícil de ser trabalhada, devido à falta de formação, o que gera insegurança para abordar o tema, além da preocupação com a família;
- As relações de gênero não são trabalhadas nem com os envolvidos no processo educacional, nem com os educandos;
- Os/as participantes da pesquisa compreendem que as questões de gênero existem e permeiam suas práticas;

- Ele e elas parecem desconhecer como lidar com a questão do gênero e, portanto, buscam as referências que lhes são propostas socialmente, assim o professor tenta ser um homem mais sensível e a professora tenta agir como mãe para as crianças.

Quadro 30 - Produção do Ano de 2012 da FFC/UNESP/Marília

Ano de 2012	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
27/fev	A construção do gênero nas Propostas Curriculares para o último ano da Educação Infantil e primeiro ano do Ensino Fundamental elaboradas pelo Município de Marília/SP - Elissandra Medeiros Dall Evedove - (Dissertação)	Profª Drª Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo	Bibliográfica	Teorias de Gênero e Foucault - relação de poder	Não Há	Gênero. Movimentos feministas. Políticas curriculares nacionais. Políticas curriculares municipais. Propostas curriculares municipais	Políticas Públicas e Administração da Educação Brasileira
2012	Da política educacional à política da escola: os silêncios e sussurros da diversidade sexual na escola pública - Késia dos Anjos Rocha - (Dissertação)	Profª. Drª. Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo	Qualitativa e documentos	Stephen Ball e Nancy Fraser	5 atores da escola	Políticas Educacionais; Proposta Curricular do Estado de São Paulo; Diversidade Sexual; Homofobia.	Políticas Educacionais, Gestão de Sistemas e Organizações Educacionais
04/jul	Discussões sobre políticas para mulher e família na Rússia revolucionária - Aline Monge dos Santos	Profª Drª. Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo	Bibliográfica	Marx e Engels	Não há	Mulher. Família. Opressão. Políticas Públicas. Revolução Russa. Educação Soviética.	Políticas Educacionais, Gestão de Sistemas e Organizações Educacionais

	Soares (Dissertação)						
--	-------------------------	--	--	--	--	--	--

Fonte: Elaborada pela autora.

O ano de 2012 teve um aumento no número de pesquisas abordando a sexualidade e temas correlatos, como podemos evidenciar no quadro 30.

O estudo “A construção do gênero nas Propostas Curriculares para o último ano da Educação Infantil e primeiro ano do Ensino Fundamental elaboradas pelo Município de Marília/SP” objetivou compreender como gênero está sendo contemplado nas políticas curriculares para o último ano da Educação Infantil e primeiro ano do Ensino Fundamental do município de Marília/SP.

Foram examinadas referências bibliográficas e documentos para compreender como o gênero está sendo contemplado nas políticas curriculares nacionais, para os anos de ensino em questão, tendo como foco os PCNs, RCNEI, Resoluções e Diretrizes Curriculares Nacionais, por compreender que os documentos curriculares municipais são de algum modo resultado da metamorfose dos documentos curriculares nacionais.

A pesquisa foi fundamentada na teoria feminista de gênero e na teoria foucaultiana para explicar a relação de poder. Os resultados das análises dos documentos curriculares nacionais averiguaram que o gênero é velado, demasiadamente limitado e contemplado por reivindicação social.

Nas propostas curriculares municipais analisadas foi constatado que a questão de gênero ficou perdido, não foi contemplado de modo algum na Proposta Curricular Municipal, mas observou-se que não se problematiza e conceitua o gênero prevalecendo a concepção limitada acerca do assunto.

No entanto, as políticas educacionais nacionais contemplaram de modo explícito o gênero como categoria de diferenciação social mediada por relações de poder, constatando a invisibilidade e a dificuldade em tratar dessa temática, tanto no âmbito das Unidades Escolares quanto no âmbito da própria Secretaria da Educação Municipal.

A pesquisa compreende a importância da percepção de gênero enquanto categoria de diferenciação social para a compreensão das políticas curriculares nacionais, uma vez que,

mesmo contemplando gênero, o modo como essa temática é abordada nos documentos, pode cooperar para uma leitura enviesada dessas relações, tanto por parte de professores/as, diretores/as, quanto de gestores/as que elaboram as políticas educacionais municipais e que não estão preparados para lidar com essa temática.

A pesquisa “Da política educacional à política da escola: os silêncios e sussurros da diversidade sexual na escola pública” buscou compreender qual a relação entre a política para a escola e a política da escola no que se refere à diversidade sexual.

A pesquisa analisou como as políticas de diversidade sexual, no âmbito federal, são absorvidas pelas micropolíticas dos Estados, em particular, nas escolas por meio da análise documental do novo currículo do Estado de São Paulo (Proposta Curricular), especificamente do Documento de Apresentação e Cadernos do Professor do Ensino Médio. Outrossim, o estudo contou com a realização de cinco entrevistas semiestruturadas, com atores e atrizes da escola.

Os resultados da análise dos documentos demonstram alguns avanços no que se refere ao reconhecimento da diversidade sexual, como um direito humano inerente a todos/as e, entre silêncios e sussurros, no qual podemos perceber o aumento da visibilidade daqueles/as que antes foram excluídos/as do cenário das políticas de educação no Brasil.

O professor/a tem uma postura limitada e completamente destituída de conhecimento. Quanto à escola, segue exercendo uma pedagogia das sexualidades que ainda disciplina corpos e hierarquiza o desejo.

Acerca da abordagem do tema sexualidade, esta permanece ancorada em referenciais heterocentrados e sua dimensão política e social ainda é sobreposta pelo aspecto pessoal da sexualidade. A compreensão do tema como algo para além das práticas reprodutivas ainda é um tabu.

Sobre gênero, houve alguns avanços no que tange ao aspecto afirmativo do reconhecimento das desigualdades entre homens e mulheres. No entanto, a abordagem que se restringe apenas a afirmar que existe desigualdade, não histórica e nem caminha no sentido de transformar a realidade.

Os Cadernos de História, por exemplo, deixam de abordar aspectos significativos, como o fato de as mulheres terem sido excluídas de muitos eventos da história ou questões como o porquê da maioria dos heróis nacionais e mundiais serem homens. São questionamentos pertinentes que poderiam ser contemplados e não o são.

As abordagens dos temas gênero, sexualidade e até mesmo da diversidade sexual aparecem ancoradas em bases neoliberais que individualizam as compreensões desses

conceitos, sem, no entanto, trazer à tona as origens e consequências de preconceitos, discriminações e violências decorrentes dessas interpretações errôneas.

Os Cadernos de Sociologia se referem à homossexualidade como homossexualismo, o material traz erros teóricos e de linguagem. Contudo, mesmo entre acertos e confusões que nascem, há avanços, pois os Cadernos abordam a questão da homofobia, mencionam a Conferência Nacional LGBT; as Paradas Gays, além de problematizarem algumas faces das desigualdades de gênero que tratam inclusive da violência contra a mulher. Há, portanto, abertura para que essas questões sejam trabalhadas na escola.

A diversidade sexual adentra as políticas de educação pela via do currículo, mas não garante que o professor/a tenha formação e que a prática docente seja diferenciada.

A pesquisa “Discussões sobre políticas para mulher e família na Rússia revolucionária” buscou verificar quais foram as principais políticas públicas para a mulher e para a família, propostas pelo Partido Bolchevique na Rússia Revolucionária, averiguando quais foram as principais políticas públicas para a mulher e para a família propostas pelo partido Bolchevique e implementadas pelo Governo Soviético a partir da Revolução Socialista de 1917.

Para a realização da referida pesquisa, utilizou-se revisão bibliográfica que contemplasse o assunto e que refletisse as discussões sobre a família, o patriarcalismo, a opressão às mulheres e as medidas necessárias à sua emancipação. Além de uma fonte específica que constitui uma ampla e documentada investigação histórica sobre a política a respeito das mulheres na extinta União Soviética.

O estudo reflete várias visões que perpassam a sociedade e que escravizam a família e oprime a mulher, devido a uma educação repressora e castradora alimentada pela relação do poder, mostrando caminhos que podem reverter essa situação.

É uma pesquisa rica em dados que constrói a história da mulher.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- Nos documentos curriculares nacionais o gênero é velado, contemplado por reivindicação social; não se problematiza e conceitua o gênero prevalecendo à concepção limitada do assunto ou contempla-se o gênero como categoria de diferenciação social mediada por relações de poder;
- Invisibilidade e a dificuldade em tratar o gênero, tanto no âmbito das Unidades Escolares quanto no âmbito da própria Secretaria da Educação Municipal;

- Importância da percepção de gênero enquanto categoria de diferenciação social para a compreensão das políticas curriculares nacionais;
- O modo como o gênero é abordado nos documentos pode cooperar para uma leitura enviesada das relações, tanto por parte de professores/as, diretores/as quanto de gestores/as que elaboram as políticas educacionais municipais e que não estejam preparados para lidar com o gênero;
- Sobre gênero, houve reconhecimento das desigualdades entre homens e mulheres, mas se restringe apenas à existência da desigualdade, não historiciza e nem caminha no sentido de transformar a realidade;
- Os Cadernos de História não abordam como as mulheres foram excluídas de muitos eventos da história ou a maioria dos heróis nacionais e mundiais são homens. Os Cadernos de Sociologia se referem à homossexualidade como homossexualismo; o material traz erros teóricos e de linguagem;
- Houve alguns avanços nos documentos em relação à diversidade sexual como um direito humano inerente a todos/as;
- A diversidade sexual adentra nas políticas de educação pela via do currículo, mas não garante que o/a professor/a tenha formação e que a prática docente seja diferenciada;
- O professor/a tem uma postura limitada e completamente destituída de conhecimento em relação à sexualidade que, quando trabalhada na escola, é por meio de disciplina de corpos e hierarquização do desejo e ancorada nos referenciais heterossexuais; e a compreensão do tema como algo para além das práticas reprodutivas ainda é um tabu;
- As abordagens sobre gênero, sexualidade e diversidade sexual são ancoradas em bases neoliberais que individualizam as compreensões desses conceitos sem mostrar as origens e consequências de preconceitos, discriminações e violências decorrentes das interpretações errôneas;
- Entre acertos e confusões há avanços, pois os Cadernos abordam a questão da homofobia, mencionam a Conferência Nacional LGBT, as Paradas Gays, além de problematizarem algumas faces das desigualdades de gênero tratando inclusive da violência contra a mulher; há abertura para que essas questões sejam trabalhadas na escola;

- O estudo reflete várias visões que perpassam a sociedade e que escravizam a família e oprime a mulher, devido a uma educação repressora, castradora alimentada pela relação do poder e, mostra caminhos que podem reverter essa situação.

Quadro 31 - Produção do Ano de 2013 da FFC/UNESP/Marília

Ano de 2013	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
2013	Pensando a Dimensão Erótica na Educação.- Elissandra Cinthia Alves Falchi (Dissertação)	Prof. Dr. Pedro Ângelo Pagni	Bibliográfica	Michel Foucault	Não há	Ensino; Educação; Foucault; Sexualidades; Erótica.	Não consta

Fonte: Elaborada pela autora.

A dissertação “Pensando a Dimensão Erótica na Educação”, defendida no ano de 2013, de cunho bibliográfico, utilizou a teoria de Michel Foucault para analisar os possíveis entraves entre Dimensão Erótica e a Educação.

O estudo a partir da temática “sexualidades” e através do PCN - Orientação sexual - analisou o método e a cientificidade utilizados para a inserção do tema no espaço escolar.

A análise do material (PCN) possibilitou a crítica, já que promove a educação sexual tradicional, é um ensino demarcado por regras e procedimentos que fazem com que os indivíduos sejam levados a desenvolver uma subjetividade dócil, disciplinada e obediente, ou seja, levando à dominação.

Os PCN, por meio do tema transversal Orientação Sexual, utilizam padrões estereotipados para que estudantes possam ser informados sobre quem e o que devem ser.

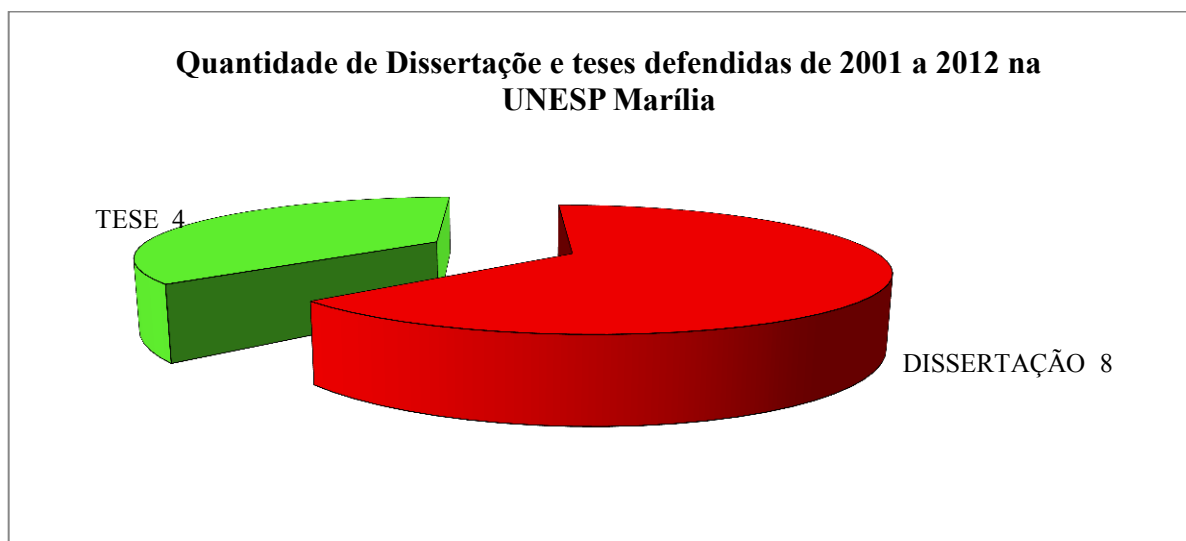
Sintetizando os resultados que o estudo analisado encontrou:

- Os PCN promovem a educação sexual tradicional, sendo um ensino demarcado por regras e procedimentos que fazem com que os indivíduos sejam levados a desenvolver uma subjetividade dócil, disciplinada e obediente, ou seja, levando à dominação;

- Os PCN, por meio do tema transversal Orientação Sexual, se utilizam de padrões estereotipados para que estudantes possam ser informados sobre quem e o que devem ser.

Considerações

Figura 21 - Quantidade de teses e Dissertações da FFC

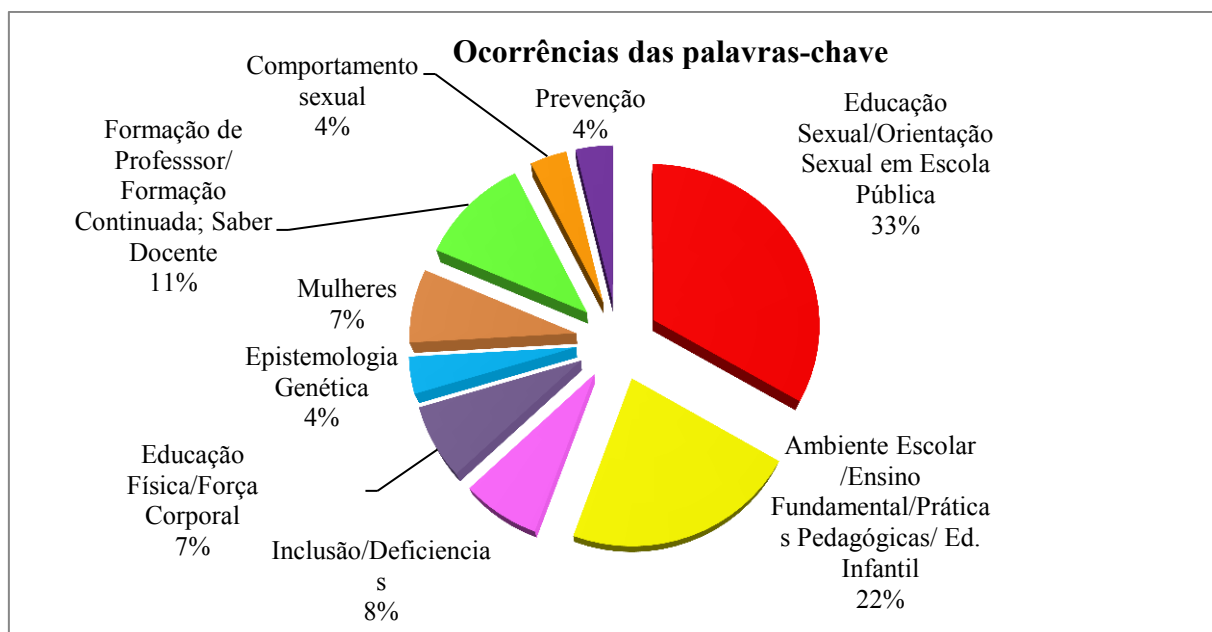


Fonte:Elaborada pela autora

O gráfico expressa que as produções acadêmico-científicas, no programa de pós-graduação em Educação da UNESP de Marília, que contemplam a temática da sexualidade ainda são incipientes. O programa, até o ano de 2012, tinha abordando o tema em sete (8) dissertações e duas (4) teses. Acreditamos, que mesmo com o grupo de estudo, ainda há pouco interesse de se pesquisar a temática.

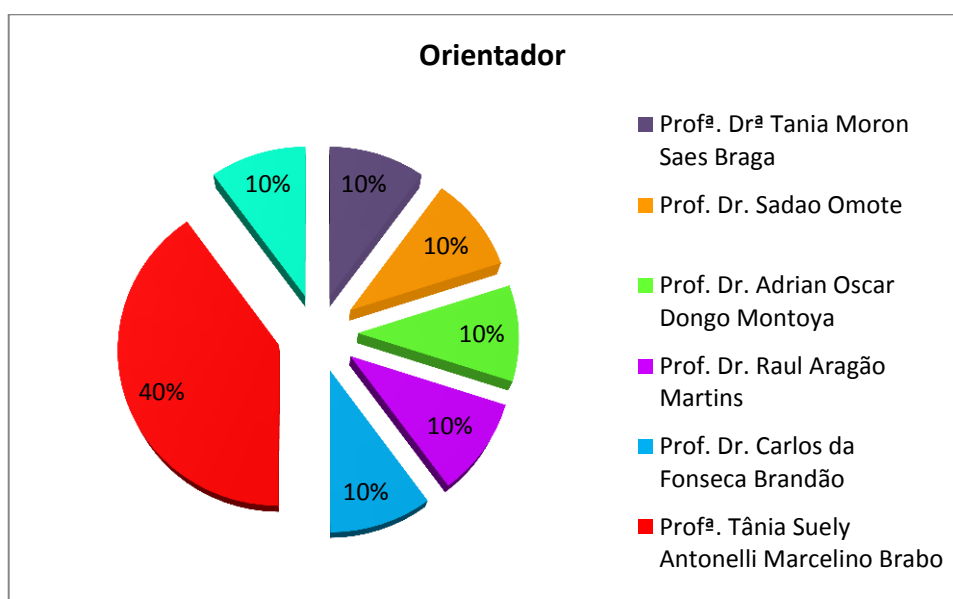
Consideramos que é um avanço em relação ao estudo da sexualidade, apesar dos poucos trabalhos encontrados, pois eles evidenciaram a necessidade da Educação Sexual no âmbito escolar.

Figura 22 - Palavras-chave



Fonte:Elaborada pela autora

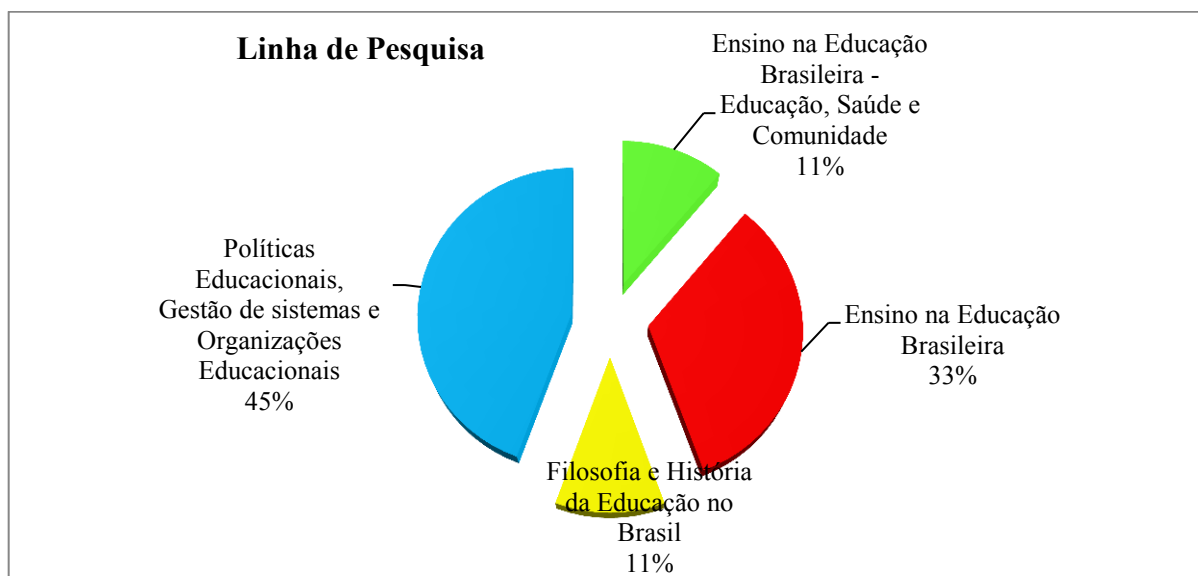
Figura 23 - Orientador



Fonte:Elaborada pela autora.

Presenciamos que diferentes professores orientam pesquisas que tratam a sexualidade ou assuntos correlatos. Damos aqui destaque para a Prof^a. Dr^a. Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo que apresentou maior número de orientação em pesquisas analisando a sexualidade, gênero, diversidade sexuais, entre outros. Isso denota que há um interesse em se pesquisar as questões da sexualidade

Figura 24 - Linha de Pesquisa



Fonte:Elaborada pela autora.

Em relação à linha de pesquisa, as áreas que mais se destacam em produções trabalhando a sexualidade foram Políticas Educacionais, Gestão de Sistemas e Organizações Educacionais e Ensino na Educação Brasileira. Essas trabalhos de Pós-Graduação em Educação Escolar e demonstra o interesse de algumas linhas de pesquisa em discutir a temática.

Tabela 11 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações das teses e dissertações (N=ocorrências⁴¹) – FFC/Marília

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	N
Educação Sexual	Ausência nas escolas	19
	Necessidade nas escolas e universidades com propostas educativas que viabilize a mudança de comportamento, não apenas informações.	05
	Momento Histórico de cada época influencia o comportamento sexual do indivíduo	03
Sexualidade	Necessidade de mais pesquisa	04
	Abordada para disciplinar os corpos/ manter a normatização/heteronormatividade.	13

⁴¹ Quantidade de aparição de assuntos nos trabalhos. Houve mais de um trabalho que apresentou esses temas.

	Sua abordagem gera Insegurança na escola devido à reclamação da família/	03
	Abordagem preconceituosa/ práticas reprodutivas/Tabu	05
	Influenciada pela construção cultural	03
Gênero	Assunto velado/Invisível/limitado nos documentos curriculares nacionais.	16
	É tratado com estereótipo na escola	17
	Na Educação Infantil a docência é para mulher associada à maternidade	16
	Na Educação Infantil o homem tem vantagens por ser visto como um pai/grande/arrimo de família/ não sabe lidar com crianças pequenas	08
Formação Profissional	Profissional/Professor tem que se instrumentalizar para trabalhar a educação sexual/ gênero/ identidade sexual/diversidade sexual sem insegurança	21

Fonte:Elaborada pela autora.

Verificamos que as questões da sexualidade, gênero, corpo, diversidade sexual, mulher, homossexualidade, entre outros assuntos correlatos, estão ganhando espaço de discussões nas pesquisas acadêmicas, na área de Educação.

Notamos que a influência do pesquisador e da linha de pesquisa do programa é importante para a definição de como trabalhar temas que tratam do assunto, com o olhar voltado a desmistificar valores construídos pelo senso comum, que ocasiona estereótipos e tabus.

No programa de Pós-Graduação de Marília, verificamos uma diversidade desses assuntos, que trouxeram várias reflexões que originaram as categorias aqui analisadas.

No decorrer da pesquisa presenciamos que há uma carência de Educação Sexual nas escolas e nos espaços de formação profissional que prejudicam a prática no tocante à temática, o que se confirma nos resultados das pesquisas desse programa.

Encontramos estudos que analisam documentos curriculares nacionais que tratam a questão de gênero com indiferença e invisibilidade, acentuando o que podemos chamar de despreparo profissional, pois partimos do pressuposto de que quem elabora esses documentos são profissionais considerados capacitados para tal, e acreditamos que esse cenário se repete em relação a assuntos como a homossexualidade, diversidade sexual, entre outros.

Apesar dos avanços em torno da temática, pois os documentos oficiais na atualidade criaram espaços para inserir essas questões, o que se percebe na execução e no currículo no Brasil é que ele é elaborado por especialistas, sendo que a sua execução se dá por profissionais que não são e nem foram preparados para contextualizar o assunto e propor discussões efetivas acerca da temática de gênero, sexualidade, entre outras, no intuito de propiciar uma Educação Sexual Emancipatória. Como apontam Sacristán e Gómez (1998),

historicamente, quem executa o currículo é o professor e este sequer auxilia na elaboração de tal documento. Resta a ele apenas recebê-lo e executá-lo, sem qualquer preparo para sua aplicação.

A sexualidade no Brasil ainda é assunto velado e tratado nas escolas como tabu, pois essa instituição e os envolvidos no processo educativo não estão preparados para ajudar na Educação Sexual dos educandos, e também muitas vezes se veem acuados diante da represália da família e da pressão da religião.

Quando encontramos escolas propondo alguns projetos é devido aos alunos solicitarem, e na grande maioria são iniciativas pontuais de alguns professores, principalmente, da área biológica, voltadas à promoção da saúde, enfocando comportamento de risco, sexo seguro e saudável.

Os docentes se encontram despreparados para abordar assuntos dessa natureza, já que não foram instrumentalizados para tal e se sentem acuados devido ao medo dos pais acharem que estão estimulando os filhos a iniciar sua atividade sexual precocemente, ou ainda, por não estarem devidamente preparados ou por ter uma educação repressora a respeito do assunto (BUENO, 2005).

É importante a formação do professor para criar espaço para acerca da sexualidade, propondo uma Educação Sexual reflexiva e emancipatória, mas, como conclui Waideman (1997, p. 184) o “[...] professor da escola pública não se vê em condições de assumir o papel de educador sexual. Suas justificativas vão desde a falta de uma formação profissional, passando pela história pessoal de cada um.”.

Neste viés, nos deparamos com várias situações que impossibilitam desenvolver uma educação sexual livre das amarras do preconceito, como a questão do gênero que, até hoje, perpetua no imaginário da sociedade que há funções que devem ser realizadas pelo homem e outras pela mulher, como por exemplo, a docência na Educação Infantil ser um papel feminino e associado à maternidade, tal como lembrado por Louro (2000, p. 25): “[...] na história brasileira, as condições tinham permitido que a atividade docente, especialmente, quando dirigida às crianças, se tivesse tornado feminina.”. Contudo, é preciso pensar que a educação não é um espaço apenas de professoras, mas também de professores, pois a educação escolar é “[...] uma prática social que é constituída e constituinte de gêneros.” (LOURO, 2000, p. 25)

Neste sentido, não se deve privilegiar o gênero dentro de uma relação de poder, ligado ao desempenho de papéis masculinos ou femininos, mas sim, ligado à produção de

identidades como mostra Louro (2000, p. 26) “[...] - múltipla e plurais – de mulheres e homens no interior de relações e práticas sociais.”

É preciso que os envolvidos no universo escolar desconstruam valores arraigados nas relações de poder, para que haja a implantação das discussões de conceitos e historicidade da questão do gênero e da sexualidade.

A narrativa em torno do gênero, principalmente, de que a escola é um espaço feminino e que um professor deveria ter mais vantagens do que uma professora, é calcada na relação do poder. Como explica Foucault (2008, p. 183), ser:

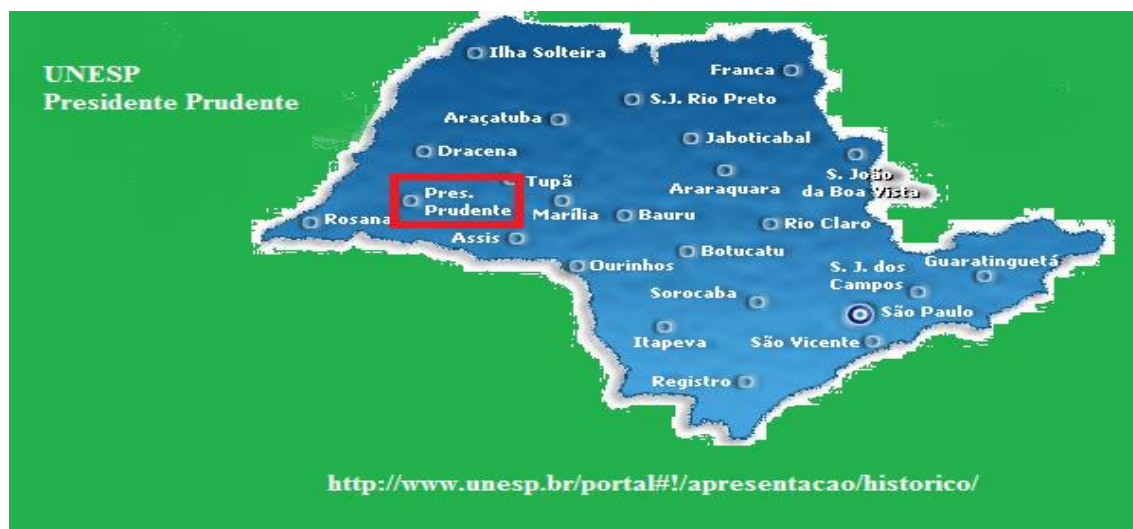
[...] aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu.

As relações de poder por meio dos sujeitos sociais propagam verdades, estabelecendo conceitos e histórias que são passadas por gerações e de difícil desconstrução. É importante a formação do profissional para abordar as temáticas no interior da escola, possibilitando que o educando rompa com os paradigmas e estereótipos que, até os dias atuais, ocasionam dificuldades de se trabalhar uma particularidade essencial do ser humano, que é a sexualidade na escola.

7.5 UNESP – *Campus* Presidente Prudente

O *campus* da UNESP da cidade de Presidente Prudente é a última unidade analisada nesta pesquisa, e narraremos a seguir, suas especialidades, evidenciando como elabora a construção do conhecimento sexual.

Figura 25 - Mapa localização do campus da UNESP de Presidente Prudente



Fonte: Portal da universidade, seção unidades da UNESP (2013f).

Figura 26- Fotografia do Campus de Presidente Prudente



Fonte: Departamento de pós-graduação, seção pesquisa- especialização *lato sensu* – UNESP (2013d).

7.5.1 Localização e criação

Inicialmente chamada de Faculdade de Ciências e Letras de Presidente Prudente, (FCT) foi criada em 1957, e autorizada a funcionar apenas em 1959, com atividades dos cursos de Geografia e Pedagogia, no dia 3 de maio.

No ano de 1963, foram autorizados os cursos de Matemática e Ciências Sociais; depois ainda foram instalados os cursos de Licenciatura em Ciências e de Estudos Sociais.

Em 1976, quando foi criada pelo governo do Estado de São Paulo a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), a FCT passou a se chamar Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais (IPEA).

Mas, foi apenas em 1989 que o *campus* de Presidente Prudente recebeu a denominação de Faculdade de Ciências e Tecnologia (UNESP, 2013d).⁴²

7.5.2 A graduação

A FCT, atualmente, oferece doze cursos de graduação, como podemos observar na tabela a seguir.

Tabela 12 - Cursos de Graduação da FCT Presidente Prudente/SP

CURSOS	DURAÇÃO	PERÍODO	VAGAS
<u>Arquitetura e Urbanismo</u>	5 anos	Integral	40
<u>Ciência da Computação</u>	4 anos e 6 meses	Vespertino e Noturno	35
<u>Educação Física</u>	4 anos	Matutino / Noturno	45
<u>Engenharia Ambiental</u>	5 anos	Integral	35
<u>Engenharia Cartográfica</u>	5 anos	Integral	40
<u>Estatística</u>	4 anos	Diurno	30
<u>Física</u>	4 anos	Noturno	30
<u>Fisioterapia</u>	4 anos	Integral	45
<u>Geografia</u>	4 anos	Matutino / Noturno	40 / 45
<u>Matemática</u>	4 anos	Matutino / Noturno	40 / 50
<u>Pedagogia</u>	4/5 anos	Vespertino / Noturno	35 / 45
<u>Química</u>	5 anos	Noturno	40

Fonte: Departamento de graduação, seção cursos UNESP (2013d).

7.5.3 A Pós-Graduação

O Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), *Campus* de Presidente Prudente, iniciou suas atividades em agosto de 2001 e tem como objetivos formar docentes e pesquisadores qualificados para as atividades de ensino, pesquisa e assessoria e produzir pesquisas na área de formação de professores e processos formativos em diferentes contextos educacionais. (UNESP, 2013d)⁴³

⁴² Cf Informações no departamento de Pós-Graduação, seção pesquisa- especialização *lato sensu* – *campus* Presidente Prudente – UNESP (2013d).

⁴³ Cf. informações no departamento de Pós-Graduação em educação, edital do processo seletivo - 2013/2014- *campus* Presidente Prudente.

A FCT de Presidente Prudente oferece seis programas em nível de Pós-Graduação, sendo eles em Ciências Cartográficas; Educação; Geografia Acadêmico; Geografia Profissional; Fisioterapia; Matemática Aplicada e Computacional e diversos cursos de especialização (*lato sensu*) em diferentes áreas (UNESP,2013d).⁴⁴

7.5.4 Grupo de pesquisa

O grupo de pesquisa é denominado Núcleo de Diversidade e Educação (NUDISE) e iniciou suas atividades no ano de 2003, sendo coordenado pelas professoras Arilda Inês Miranda Ribeiro e Maria de Fátima Salum Moreira.

O Grupo tem como objetivo aprofundar estudos no campo da diversidade sexual, bem como na construção da identidade de gênero e da identidade sexual com um enfoque maior na área Educacional.

Um dos propósitos é fornecer informações à sociedade sobre a diversidade sexual, mostrando sua multiplicidade e sua mutabilidade, buscando, através da Educação, apreender e compreender o processo de construção dos preconceitos sexuais e da homofobia, existentes no âmbito escolar e em suas práticas educativas. (CNPQ, 2012a)

7.5.5 Breve relato dos resultados obtidos nas teses e dissertações sobre sexualidade da FCT no programa de Educação da UNESP campus de Presidente Prudente

Quadro 32 - Produção do Ano de 2003 da FCT/UNESP Presidente Prudente

Ano de 2003	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
2003	Educação Feminina em Adamantina - SP: "O instituto de Educação Madre Clélia" (1951 -1978) - Therezinha Elizabeth Tofoli (Dissertação)	ProfªDrª Arilda Ines Miranda Ribeiro	Qualitativa (entrevista) + documental	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Vice-Provincial de São Paulo + Coordenadoras pedagógicas dos colégios + professoras; diretoras e alunas	História da Educação Brasileira; História da Educação Feminina; Educação Confessional; Gênero; História das Instituições Escolares.	Processos Formativos, Diferença e Valores

Fonte: Elaborada pela autora.

O programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP de Presidente Prudente iniciou em 2001 e teve a sua primeira produção abordando temas correlatos à sexualidade no ano de 2003.

⁴⁴ Cf. informações – campus Presidente Prudente, seção instituição, sobre o FCT.

A primeira dissertação, nomeada “Educação Feminina em Adamantina - SP: ‘O instituto de Educação Madre Clélia’ (1951 – 1978)”, faz um resgate da história da educação do Brasil e da influência religiosa, bem como a educação feminina, que teve pouco interesse devido à herança portuguesa de que a mulher era ignorante e inferior, devendo obediência ao marido, ser superior, e sobre a história da cidade de Adamantina, berço do Instituto de Educação Madre Clélia.

Esta Madre propagou a educação como sendo uma caridade. Esse colégio voltado para a educação feminina era fundamentado nos processos educacionais de mulheres, propostos pelos ideais católicos e pelos anseios da sociedade, com sólida base cristã.

O estudo evidenciou que o colégio preparava a aluna para ser uma excelente dona de casa, boa esposa e mãe de família, ser profissional do magistério, para transmitir valores do catolicismo conservador na família e sociedade por meio de uma educação que visa disciplinar os corpos.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- Colégio religioso preparava a aluna para ser uma excelente dona de casa, boa esposa e mãe de família;
- A mulher deveria ser profissional do magistério, para transmitir valores do catolicismo conservador na família e sociedade, por meio de uma educação que visa disciplinar os corpos.

Quadro 33 - Produção do Ano de 2007 da FCT/UNESP Presidente Prudente

Ano de 2007	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
2007	Injustiça na Escola e Gênero: Representações de Alunos(as) de Escolas Particulares e Públicas de Ensino Fundamental e Médio da Cidade de Presidente Prudente - SP - Renata Aparecida	Profª Drª Maria Suzana De Stefano Menin.	Qualitativa + Observação + Questionário	Abordagens da Psicologia do Desenvolvimento Moral de Piaget, Kohlberg e Gilligan + Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici	Alunos de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental e 1ª, 2ª. e 3ª séries do Ensino Médio de escolas particulares e públicas	Injustiça, Gênero, Escola, Representações Sociais	Processos Formativos, Diferença e Valores

	Carbone Mizusaki - (Dissertação)						
2007	Trajetórias afetivo-sexuais entre jovens do ensino médio: implicações dos sentidos de amor e maternidade - Taluana Laiz Martins Torres - (Dissertação)	Profª Drª Maria de Fátima Salum Moreira.	Qualitativa + Etnográfica + Questionário + caderno de campo + entrevistas semiestruturadas	Não apresenta uma linha, cita vários autores	6 estudantes do Ensino Médio de uma escola da periferia urbana de Presidente Prudente/SP	trajetórias afetivo-sexuais - juventude – maternidade	Processos Formativos, diferença e valores

Fonte: Elaborada pela autora.

Percebemos que durante quatro anos não houve pesquisas abarcando a temática da sexualidade e temas afins.

No ano de 2007, após quatro anos, encontramos novas publicações de dissertações, contemplando temas correlatos à sexualidade como a pesquisa “Injustiça na Escola e Gênero: Representações de Alunos(as) de Escolas Particulares e Públicas de Ensino Fundamental e Médio da Cidade de Presidente Prudente - SP” que busca compreender a representação social dos alunos(as) sobre injustiças na escola e na sala de aula, bem como os princípios morais que ancoraram tais representações; relacionar os possíveis efeitos da idade, gênero e do tipo de escola (particular ou pública) no julgamento moral dos alunos(as) e nas representações de noções de injustiças na escola; observar situações de conflito entre alunos(as) e professores(as) e entre os próprios(as) alunos(as) em sala de aula, nomeadas ou não como injustas, verificando como eram resolvidas pelos agentes escolares e como inspiraram diferentes representações de injustiças pelos alunos(as).

Participaram da pesquisa 52 meninas e 34 meninos com idades entre onze e dezoito anos. Além da aplicação do questionário, a pesquisadora observou a universo pesquisado para obtenção dos resultados.

A pesquisa revelou que as queixas espontâneas de injustiças que ocorrem no interior da escola foram frequentes tanto em meninos quanto em meninas.

Estas injustiças são relacionadas aos aspectos pedagógicos e às relações interpessoais estabelecidas no espaço escolar.

Há descaso dos sujeitos que compõem o cenário educativo em relação à sensibilização do desejo do outro (alunos e alunas)

A escola, contemporaneamente, é rica para pesquisas sobre indisciplina, violência, crise de valores, injustiças, entre outras.

A pesquisa intitulada “Trajetórias afetivo-sexuais entre jovens do ensino médio: implicações dos sentidos de amor e maternidade” objetivou compreender as trajetórias afetivo-sexuais de jovens, a partir do contexto sociocultural das relações interpessoais cotidianas às vivências particulares e subjetivas de vida.

A pesquisa contou com um material rico para coleta de dados, como questionário, entrevista e observação.

Participaram da sua elaboração seis alunas de uma escola pública estadual, situada na periferia urbana de Presidente Prudente, que já têm filho e outras três que não são mães, nem passaram pela experiência da gravidez.

Os resultados da pesquisa evidenciaram que, para as participantes, o namoro é um acordo, um relacionamento tradicional e o ficar, um relacionamento mais atual, um relacionamento identificado como o primeiro momento da vida amorosa, ou seja, o primeiro beijo, até o desenvolvimento das relações afetivas e sexuais.

A escolha do parceiro, as primeiras relações sexuais, são um marco na vida das pesquisadas e envolve expectativa, ideais e imaginação, associados ao namoro, compromisso e vínculo afetivo, o que leva a compreender que o ideal amoroso e romântico são sentimentos que permanecem interferindo na decisão das jovens de ter a primeira relação sexual, mas esses sentimentos também vêm acompanhados de vergonha, medo, insegurança, medo do ridículo, de não corresponder às expectativas referentes às pressões do grupo de pares, assim como o mal estar diante dos escrúpulos em ceder às insistências do parceiro.

Para as garotas pesquisadas, a virgindade ainda é considerada como um bem ou qualidade que se deve preservar, mas ao mesmo tempo, reconheceram que é difícil preservá-la até o casamento, justificando que, no intercuro da vida afetiva, a presença da paixão e do desejo podem ser determinantes para essa tomada de decisão.

Valorizam a oficialização da relação afetiva, dentro do ritual religioso do casamento, possuem uma identificação de gênero e de sexualidade de acordo com valores que receberam da família e o grupo de pares.

Metade das jovens participantes estabelece algum tipo de conversa com os familiares, sendo que a mãe é apontada como figura central para dialogar, mas são conversas pautadas em preocupações e regras e não no falar dos sentimentos, desejos e dúvidas das jovens.

As participantes casadas revelaram que a união é devido à gravidez e as relações se mostram tensas, enfraquecidas, conflituosas e restritas em relação às suas aspirações

sentimentais, às dificuldades socioeconômicas e familiares. Essa contradição entre o que é idealizado e o que é vivido é fonte de contínuas desavenças entre o casal, embora não se manifeste o desejo de romper a relação.

Apontam que o casamento, a princípio, representava o amor, o encanto e a paixão, mas, o que ocorre é a falta de liberdade, já que imaginavam que a saída da casa dos pais lhes proporcionaria mais autonomia e liberdade.

Elas ressaltam que há regras ou etapas que precisariam ser seguidas para chegar até o casamento, muito embora, no plano real, elas não se concretizem. Essas etapas se constituem, de modo geral, em terminar os estudos, conquistar a estabilidade financeira por meio de um emprego, namorar, noivar, casar e, por último, ter filhos, e que não seguiram essas etapas, o que gerou certo desconforto nos seus projetos de vida em relação ao casamento, escolarização, vida profissional e financeira, traduzindo numa experiência de gênero, de vivências de classe e de geração.

A adoção de um método contraceptivo é percebida, tanto pelas garotas como por seus parceiros, como uma tarefa exclusivamente feminina. Assim, a dificuldade de uso de um anticoncepcional perpassa todos os depoimentos – das jovens mães e das demais jovens.

Para elas, a maternidade está relacionada à realização pessoal e se vincula a um projeto afetivo futuro, assim como o casamento. É um forte desejo de ter filhos e está diretamente relacionado à conquista da felicidade pessoal e conjugal, mesmo constatando que a maternidade leva à perda da liberdade e há sacrifícios, é para elas valorização social.

As práticas da sexualidade das jovens pesquisadas são pautadas no relacionamento a dois, no ideal romântico, no casamento e na maternidade.

Há necessidade de Educação Sexual para desconstrução desses ideais, quando vistos enquanto possibilidades seguras para se alcançar a felicidade.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- As queixas de injustiças no interior da escola são tanto dos meninos quanto das meninas;
- Essas injustiças pedagógicas e as relações interpessoais se estabelecem nas escolas;
- Há descaso dos sujeitos que compõem o cenário educativo em relação ao desejo dos alunos;

- A escola é um espaço para se trabalhar a indisciplina, a violência, valores, injustiças, entre outras;
- Namoro é um acordo, um relacionamento tradicional e o ficar, um relacionamento mais atual, banal, o primeiro momento da vida amorosa, o primeiro beijo, até o desenvolvimento das relações afetivas e sexuais;
- Expectativa, ideias e imaginação associadas ao namoro, escolha do parceiro, a relação sexual, compromisso e vínculo afetivo;
- O ideal amoroso e romântico são sentimentos que interferem na decisão das jovens de ter a primeira relação sexual, mas esses sentimentos também vêm acompanhados de vergonha, medo, insegurança, medo do ridículo de não corresponder às expectativas referentes às pressões do grupo de pares, assim como o mal estar diante dos escrúpulos em ceder às insistências do parceiro;
- A virgindade ainda é considerada como um bem ou qualidade que se deve preservar, mas é difícil preservá-la até o casamento, devido à paixão e o desejo.
- Valorização da união em um ritual religioso;
- Identificação de gênero e de sexualidade de acordo com valores que receberam da família e o grupo de pares.
- Metade das jovens participantes estabelece algum tipo de conversa com os familiares, sendo que a mãe é apontada como figura central para dialogar, mas são conversas pautadas em preocupações e regras e não no falar dos sentimentos, desejos e dúvidas das jovens;
- O casamento é devido à gravidez e é um relacionamento tenso, enfraquecido, conflituoso, com dificuldades e restrições sentimentais e financeiras o que contradiz o que foi idealizado, mas não pensam em romper o casamento;
- Apontam que o casamento a princípio representava o amor, o encanto e a paixão, mas, o que ocorre é a falta de liberdade, já que imaginavam que a saída da casa dos pais lhes proporcionaria mais autonomia e liberdade;
- Elas ressaltam que há regras ou etapas que precisariam ser seguidas, para chegar até o casamento, muito embora, no plano real, elas não se concretizem;
- Essas etapas se constituem, de modo geral, em terminar os estudos, conquistar a estabilidade financeira por meio de um emprego, namorar, noivar, casar e, por último, ter filhos;

- Não seguiram essas etapas, o que gerou certo desconforto nos seus projetos de vida em relação ao casamento, escolarização, vida profissional e financeira, o que traduz uma experiência de gênero, de vivências de classe e de geração;
- O método contraceptivo é percebido como uma tarefa exclusivamente feminina, o que dificulta o uso de um anticoncepcional;
- A maternidade está relacionada à realização pessoal, e se vincula a um projeto afetivo futuro, assim como o casamento;
- O forte desejo de ter filhos está diretamente relacionado à conquista da felicidade pessoal e conjugal, mesmo constatando que a maternidade leva à perda da liberdade e há sacrifícios, é para elas valorização social;
- As práticas da sexualidade das jovens pesquisadas são pautadas no relacionamento a dois, no ideal romântico, no casamento e na maternidade;
- Há necessidade de Educação Sexual para desconstrução desses ideais, quando vistos enquanto possibilidades seguras para se alcançar a felicidade.

Quadro 34 - Produção do Ano de 2008 da FCT/UNESP Presidente Prudente

Ano de 2008	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
25/09/08	Olhares de “Crianças” Sobre Gênero, Sexualidade e Infância - Geisa Orlandini Cabiceira (Dissertação)	Profa. Dra. Maria de Fátima Salum Moreira	Qualitativa + etnográfica + Observação + Entrevista + Questionário + Dinâmica + Diário de campo	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Estudantes da 4ª série de recuperação de ciclo (RE) de uma Escola Estadual	Gênero. Sexualidade. Infância. Educação	Processos Formativos, Diferença e Valores
2008	Gênero e Profissão Docente: As Representações Sociais das Alunas Egressas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP, Campus de Presidente Prudente - Elizabeth	Profª Drª Arilda Inês Miranda Ribeiro.	História Oral	Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici	07 alunas egressas no curso de Pedagogia	Gênero - Profissão Docente - História Oral	Processos formativos, diferenças e valores

	Angela dos Santos (Dissertação)						
2008	Gênero, pentecostalismo e formação de professores na construção da cidadania: as professoras da congregação Cristã no Brasil - Iranilde Ferreira Miguel (Dissertação)	Profª Drª Arilda Inês Miranda Ribeiro	História Oral + entrevistas	Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici	5 Professoras + Diretores+ Ancião da Igreja + 1 aluna	gênero; religiosidade; cidadania; professoras da CCB	Processos formativos, diferenças e valores

Fonte:Elaborada pela autora.

O ano de 2008 apresenta três dissertações de mestrado que discutiram a temática sexualidade e assuntos afins.

A dissertação denominada “Olhares de ‘Crianças’ Sobre Gênero, Sexualidade e Infância”, objetivou compreender os modos de pensar, agir e sentir de crianças acerca de suas experiências de gênero, sexualidade e infância.

As entrevistas e dinâmicas foram realizadas apenas com dez (10) crianças, de uma Escola Estadual, que se dispuseram a participar e que tinham mais interesse pelo assunto e eram mais comunicativas.

Os resultados encontrados na pesquisa revelaram que as crianças questionam as regras e as normas propostas pela escola e as burlam, apresentam resistência e reivindicam seus direitos. Influenciam e são influenciadas pelos padrões de beleza, de identidade sexual, de identidade de gênero e pelos estereótipos de gênero e sexuais existentes em nossa sociedade, ou seja, são produtoras e produto dessa sociedade e cultura.

A escola concorre para a construção das identidades e/ou diferenças de gênero e de sexualidade das crianças e, igualmente, as próprias crianças são produtoras da dinâmica social que estrutura as relações escolares.

As construções sociais sobre as relações de gênero e a sexualidade, bem como os modos de vivenciá-la, estão presentes na escola e devem ser examinadas de forma associada a outras dimensões que organizam as identidades sociais, tais como classe, raça/etnia, religião, geração, concebidas pelas relações de poder e resistência.

Na escola, a abordagem da identidade e orientação-afetiva homossexual é tratada como sendo uma relação afetivo-sexual que não é normal, ou seja, desviante; e a prática do jogo de futebol é vista como uma atividade apropriada aos meninos, reforçando oposições binárias com respeito ao gênero.

São perceptíveis também as dificuldades dos professores e demais profissionais da educação em lidar com o tema da sexualidade e do gênero, evidenciando como as práticas e atitudes das crianças e jovens, na escola, têm sido provocadoras e evocativas de diversas formas de inquietação e reação, por parte desses profissionais.

As relações sexuais e o ato de namorar foram vistos como algo positivo e bom, somente indicando como negativas as suas possíveis consequências, como a gravidez.

As relações sexuais com pessoas do mesmo sexo foram discriminadas, revelando-se no pronunciamento das crianças o “discurso do respeito” por quem exerce a homossexualidade, ainda que manifestassem repúdio diante da possibilidade de seus filhos ou filhas serem homossexuais.

Os professores apontam a importância da educação sexual na escola ministrada por capacitadores, pois julgam ser uma questão ampla e envolve todo o sistema educacional dirigido para a formação e preparo dos professores, para lidar com questões sobre gênero e sexualidade, na escola.

Os resultados obtidos na pesquisa não foram apresentados para os participantes, porque as crianças não mais estudavam na escola, no ano seguinte; quando cursariam a 5ª série do ensino fundamental, foram estudar em outras instituições de ensino da cidade que ofereciam vagas para essa série, impossibilitando uma pesquisa-ação que oportunizassem o compartilhamento e redirecionamento da investigação, construção e mudanças por parte de todos os participantes, inclusive as professoras.

Segundo esta pesquisa, para que o tema da sexualidade seja mais bem abordado nas escolas, é importante que continuem a ser produzidas mais investigações, que possam ser levadas para discussão em cursos de formação inicial e contínua de professores.

A pesquisa intitulada “Gênero e Profissão Docente: As Representações Sociais das Alunas Egressas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP, *Campus* de Presidente Prudente”, objetivou identificar quais representações sociais, sete (7) alunas egressas do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista – Presidente Prudente constroem sobre a profissão docente, através da história oral.

A pesquisa obteve como resultado que a profissão docente foi vista de forma positiva, embora pouco valorizada. Há uma desvalorização do trabalho do professor, e isso tem pouco a ver com o fato de serem mulheres a desempenhá-lo.

O gênero está sempre relacionado à quantidade de mulheres e é usado muitas vezes para se referir ao sexo feminino.

Em geral, não demonstraram entender que a feminização na profissão existe por que se entende que “coisa de mulher” é algo menor e menos qualificado.

As entrevistadas incluem como competências do professor das séries iniciais também o cuidado, carinho e atenção (visão positiva) que são vistos por elas como importantes elementos impulsionadores das boas relações escolares.

As alunas egressas, em sua maioria, acabam reproduzindo o discurso de que a mulher está inclinada para a docência, pois tem as qualidades “ditas” femininas, que estão relacionadas à docência, como o cuidado, benevolência, paciência e doação.

Declaram entender que a mulher é mais capaz para exercer um trabalho que exige carinho, cuidado, atenção, e que isso não é necessariamente ruim, e também que os homens professores podem ter essas capacidades. Também indicam que as famílias não compreendem que isso seja possível e por isso têm mais dificuldade em aceitar um professor homem.

A docência passa ser considerada uma atividade feminina e de segundo nível que pode ser exercida como atividade paralela à função de dona de casa.

A pesquisa intitulada “Gênero, Pentecostalismo e Formação de Professores na Construção da Cidadania: as Professoras da Congregação Cristã no Brasil” objetivou provocar reflexões sobre a religiosidade e relações de gênero no contexto escolar, lugar escolhido como canteiro de obras na construção da cidadania e emancipação humana.

Os resultados obtidos evidenciaram que a escola não é laica e a neutralidade da religiosidade não existe nesse ambiente, pois nele evidenciam-se diferentes formas de expressão religiosas.

A religião não se discute, mas se faz necessário incluir na pauta das discussões, as questões referentes à identidade/diferença, produzidas pelas religiões.

As professoras da CCB não se organizaram para exigir “respeito” à sua identidade ou à sua diferença. Tampouco deixarão seus usos e costumes para conquistar uma suposta igualdade.

Trata-se de exercitar um olhar diferenciado sobre essas questões. Porém, não podemos esquecer que as regras de comportamento e a imposição de determinados usos e costumes são

mecanismos de dominação que perpetuam a desigualdade instituída, baseada na hierarquia entre os gêneros.

Não podemos do mesmo modo frisar que as relações de dominação baseadas na hierarquia entre os gêneros, sustentada e defendida pela religião, nega às mulheres a “vocação do ser mais”. O desejo da transcendência e a busca do sagrado são fenômenos religiosos, mas as regras e as relações estabelecidas a partir do fenômeno são históricas e culturais, e, portanto, passíveis de transformações.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- As crianças influenciam e são influenciadas pelos padrões de beleza, de identidade sexual, de identidade de gênero e pelos estereótipos de gênero e sexuais;
- A escola concorre para a construção das identidades e/ou diferenças de gênero e de sexualidade das crianças;
- As construções sociais sobre as relações de gênero e a sexualidade, bem como os modos de vivenciá-la, estão presentes na escola e devem ser discutidas;
- Na escola, a homossexualidade é tratada como anormal ou desviante; homossexuais são discriminados, e as crianças manifestassem repúdio diante da possibilidade de seus filhos ou filhas serem homossexuais;
- Estereótipo de gênero é reforçado na escola com o futebol, atividade apropriada aos meninos;
- Dificuldades dos professores e demais profissionais da educação em lidar com o tema da sexualidade e do gênero;
- As relações sexuais e o ato de namorar foram vistos como algo positivo e bom, somente indicando como negativas as suas possíveis consequências, como a gravidez;
- Os professores apontam a necessidade e importância da educação sexual na escola ministrada por capacitadores;
- Os resultados obtidos na pesquisa não foram apresentados para os participantes, pois mudaram de escola, impossibilitando uma pesquisa-ação que oportunizasse a Educação Sexual;

- Importância de novas investigações sobre a temática e discussão em cursos de formação inicial e contínua de professores;
- A profissão docente foi vista de forma positiva, embora pouco valorizada;
- Há uma desvalorização do trabalho do professor, e isso tem pouco a ver com o fato de serem mulheres a desempenhá-lo;
- O gênero está sempre relacionado à quantidade de mulheres e é usado muitas vezes para se referir ao sexo feminino;
- Em geral, não demonstraram entender que a feminização na profissão existe por que se entende que coisa de mulher é algo menor e menos qualificado;
- As entrevistadas incluem como competências do professor das séries iniciais também o cuidado, carinho e atenção (visão positiva), que são vistos por elas como importantes elementos impulsionadores das boas relações escolares;
- Reproduzem o discurso de que a mulher está inclinada para a docência, pois tem as qualidades ditas femininas, que são relacionadas à docência, como o cuidado, benevolência, paciência, doação;
- A mulher é mais capaz para exercer um trabalho que exige carinho, cuidado, atenção, e que isso não é necessariamente ruim e também que os homens professores podem ter essas capacidades. Também indicam que as famílias não compreendem que isso seja possível e por isso têm mais dificuldade em aceitar um professor homem;
- A docência passa ser considerada uma atividade feminina e de segundo nível que pode ser exercida como atividade paralela à função de dona de casa;
- A escola não é laica e a neutralidade da religiosidade não existe nesse ambiente, pois nele evidenciam-se diferentes formas de expressão religiosas.

Quadro 35 - Produção do Ano de 2010 da FCT/UNESP Presidente Prudente

Ano de 2010	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
12/fev	Educação Sexual na Escola : concepções e práticas de professores - Selma Alves de Freitas Martin - (Dissertação)	Prof. Dr. Cristiano Amaral Garboggini Di Giorgi.	Qualitativa + Questionário	Não apresenta uma linha, cita vários autores	13 professoras de 3ª séries da Rede Municipal de Educação de Presidente Prudente - SP	Educação Sexual. Sexualidade. Formação Continuada	Políticas Públicas, Organização Escolar e Formação de Professores

04/mai	Sexualidade(S) em cena: as contribuições do discurso audiovisual para a problematização das diferenças no espaço escolar - Vagner Matias do Prado (Dissertação)	Profª Drª Arilda Inês Miranda Ribeiro.	Histórico-sociológica	Não apresenta uma linha, cita vários autores	Não Há	Sexualidade. Diferenças Sexuais. Educação Sexual. Materiais Audiovisuais. Desconstrução.	Processos Formativos, Diferença e Valores.
--------	---	--	-----------------------	--	--------	--	--

Fonte: Elaborada pela autora.

O ano de 2010 foi contemplado com a defesa de duas dissertações de mestrado, sendo o primeiro trabalho “Educação Sexual na Escola: Concepções e Práticas de Professores”, que verificou o significado que treze professoras de 3ª séries da Rede Municipal de Educação de Presidente Prudente – SP atribuíram a um curso de extensão universitária *on-line* sobre Sexualidade e Adolescência, em que participaram, e se houve ações de educação sexual na sua prática educativa, após 18 meses da participação no curso.

As professoras participaram da pesquisa respondendo três questionários elaborados com conteúdos sobre o perfil das docentes, análise do trabalho de conclusão de curso *online*, sobre os registros das principais contribuições do curso para auxiliar a prática cotidiana no espaço escolar e um outro questionário, 18 meses após o término do curso.

Os resultados possibilitaram compreender que as professoras apresentam conhecimento sobre sexualidade humana, mas ainda incipiente e de forma tímida.

O curso propiciou que as docentes compreendessem muitas questões, favorecendo-as na abordagem do assunto, executando com mais propriedade o seu papel de educar sexualmente os alunos. E procurou também auxiliar na sua prática cotidiana, apesar da maioria não participar da discussão do Projeto Político Pedagógico sobre a educação sexual na escola.

A autora pretende dar devolutiva sobre os resultados da pesquisa para as professoras participantes e assim contribuir com a articulação de trabalhos de Formação Continuada para professores e gestores escolares sobre Educação Sexual, acreditando ser um dos caminhos para que a educação sexual se consolide no espaço escolar, de forma emancipatória.

A pesquisa “Sexualidade(S) em cena: as contribuições do discurso audiovisual para a Problemática das Diferenças no Espaço Escolar” objetivou contribuir para o

aprofundamento das discussões em torno da Educação Sexual no Brasil; e visibilizar alguns dos discursos que concorrem para a construção de posições estigmatizadas sobre sujeitos LGBTTT⁴⁵. É uma pesquisa bibliográfica e contribuiu para a reflexão de conceitos alicerçados em torno do assunto por intermédio de um exercício desconstrutivo.

O estudo demonstrou as potencialidades do trabalho com as (e através das) imagens para a área da Educação Sexual, por intermédio da metodologia desconstrutiva proposta por Jacques Derrida, utilizando como recurso didático para esse fim o filme governamental “Pra que time ele joga?” a fim de desestabilizar os conhecimentos e representações cotidianas que remetem sujeitos LGBTTT a processos diversos de estigmatização e desigualdades sociais, jurídicas e escolares, bem como problematizar a heterossexualidade como uma identidade natural e pressuposta para todos os sujeitos.

Os achados revelaram que a sexualidade é tema corrente no cotidiano escolar. Mesmo quando não inserida formalmente, em seus currículos, ela nos contempla com sua presença nas relações construídas entre os/as estudantes, nas transgressões geradas por aquelas/es que não se adequam ao modelo proposto, e/ou nas discriminações e violências direcionadas a suas diferenças.

As constantes transformações sociais e históricas que acontecem na sociedade fazem com que a sexualidade seja manifestada restritamente e abordada pela vertente biológica.

A heterossexualidade como a única verdade é questionada e lésbicas, gays, transexuais, travestis e transgêneros reivindicam reconhecimento social e jurídico, desestabilizando as “certezas” e “verdades” construídas historicamente em torno do exercício, vivência e relações às quais o modelo tradicional de sexualidade nos direcionou.

A pesquisa destacou a educação sexual por meio de recursos pedagógicos que atuariam como desencadeadores de reflexão e desvincula a sexualidade das raízes da biologia e da reprodução, buscando trabalhar o caráter político das relações sociais; a multiplicidade das identidades de gêneros e sexuais; os novos arranjos familiares; analisar os mecanismos de poder que a utilizam para justificar diversas formas de violência e invisibilidade.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- As professoras apresentam conhecimento sobre sexualidade humana, mas ainda incipiente e de forma tímida;

⁴⁵ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTTT).

- O curso propiciou que as docentes compreendessem o seu papel de educar sexualmente os alunos;
- Dar devolutiva sobre os resultados da pesquisa para as professoras, para contribuir com a articulação de trabalhos de Formação Continuada a professores e gestores escolares sobre Educação Sexual;
- A sexualidade é presente no cotidiano escolar nas relações construídas entre os/as estudantes, nas transgressões geradas por aquelas/es que não se adequam ao modelo proposto, e/ou nas discriminações e violências direcionadas a suas diferenças;
- As transformações sociais, históricas e sociais fazem com que a sexualidade seja abordada pela vertente biológica;
- A heterossexualidade como a única verdade é questionada, e lésbicas, gays, transexuais, travestis e transgêneros reivindicam reconhecimento social e jurídico, desestabilizam as “certezas” e “verdades” construídas historicamente;
- Educação Sexual por meio de recursos pedagógicos que atuariam como desencadeadores de reflexão desvincula a sexualidade das raízes da biologia e da reprodução buscando trabalhar o caráter político das relações sociais, a multiplicidade das identidades de gêneros e sexuais; os novos arranjos familiares; analisar os mecanismos de poder que a utilizam para justificar diversas formas de violência e invisibilidade.

Quadro 36 - Produção do Ano de 2011 da FCT/UNESP Presidente Prudente

Ano de 2011	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
16/jun	O papel da escola na vida de adolescentes vítimas de violência sexual: Risco e Proteção - Alex Sandro Gomes Pessoa (Dissertação)	Prof. ^a Dr. ^a Renata Maria Coimbra Libório	Qualitativa + Estudo de Casos Múltiplos	Sete Tensões de Michael Ungar	31 adolescentes, de ambos os sexos	Adolescência, Violência Sexual, Escola, Resiliência	Processos Formativos, Diferença e Valores.

30/jun	Brincadeiras no Recreio: uma reflexão sobre as relações de gênero e de sexualidade - Cleusa Maria Barnhes Penna - (Dissertação)	Profª Drª Arilda Inês Miranda Ribeiro.	Qualitativa + Bibliográfica	teóricos pós-estruturalistas de Guacira Lopes Louro e Tomaz Tadeu da Silva	Não Há	Gênero, Sexualidade, Recreio Escolar e Ensino Fundamental.	Processos Formativos, Diferença e Valores.
2011	Os contos de fadas e as práticas educativas: o uso do gênero em uma escola municipal de Presidente Prudente - Caroline Sanchez Massuia - (Dissertação)	Profª Drª Renata Junqueira de Souza	Qualitativa + Entrevista + Pesquisa-ação	Não apresenta uma linha, cita vários autores	7 professoras do 1º ao 5º ano	Conto de fadas, práticas educativas e produção de texto.	Infância e Educação
25/ago	Violência sexual e a formação de educadores: uma proposta de intervenção - Rita de Cássia Ferreira dos Santos - (Dissertação)	Profª Drª Renata Maria Coimbra Libório	Qualitativa + Questionário + Intervenção c/ encontros	Não apresenta uma linha, cita vários autores.	1ª fase 159 estudantes de educação física, física, geografia, matemática, pedagogia e química e 2ª fase 26 estudantes de educação física, física e pedagogia.	Violência Sexual. Crianças/ Adolescente. Formação de professores .	Processos Formativos, Diferença e Valores.
17/dez	Educação sexual na escola e juventude: um estudo das pesquisas acadêmicas no Brasil (2000-2004) - Fábio Henrique Gulo - (Dissertação)	Prof.ª Dr.ª Maria de Fátima Salum Moreira.	Estado da Arte	Teoria bakhtiniana, teoria do Construtivismo Social, abordagem Emancipatória da Educação Sexual	Não há	Sexualidade. Educação Sexual. Cultura organizacional escolar. Juventude. Estado da arte.	Processos formativos, diferença e valores.

Fonte: Elaborada pela autora.

O ano de 2011 apresenta cinco dissertações discutindo a temática da sexualidade e temas correlatos, o que se pode considerar um avanço no período em relação aos anteriores.

A pesquisa intitulada “O papel da escola na vida de adolescentes vítimas de violência Sexual” analisou o papel da escola na vida de adolescentes com histórico de violência sexual, considerando tanto os casos de abuso quanto exploração.

A pesquisa foi dividida em dois momentos. Do primeiro estudo participaram trinta e um (31) adolescentes, de ambos os sexos, com idade entre 12 e 17 anos, que frequentavam um projeto de atendimento a crianças e adolescentes, vítimas de violência sexual. Nessa etapa, os participantes responderam a dois questionários. O primeiro, denominado *Child and Youth Resilience Measure* (CYRM), investigou o acionamento de processos de resiliência em adolescentes.

O segundo momento da pesquisa foi intitulado Fatores de Risco e Proteção a Crianças e Adolescentes e buscou caracterizar o contexto dos participantes, explicitando os indicadores de risco e proteção em suas vidas.

A partir do primeiro questionário, utilizado na primeira etapa do estudo, foram selecionados seis (6) adolescentes do sexo feminino e um (1) do sexo masculino para a realização das entrevistas estruturadas individuais, sendo que o roteiro de perguntas investigou como os elementos advindos da escola e do processo de escolarização se articulam com a resolução das Sete Tensões.

Os resultados obtidos apontaram que os adolescentes pesquisados estão expostos a outros riscos, como o uso de substâncias psicoativas, manifestação de formas de violência e maus tratos na escola e em outros espaços e sensação de insegurança na comunidade.

A relação com a escola mostrou-se conflituosa, revelando que esta instância nem sempre é um espaço de proteção na vida de adolescentes.

Há uma série de situações e pessoas que ocupam um espaço de proteção na vida dos adolescentes, como a família, que mesmo apresentando algumas dificuldades, configura-se como um segmento de criação de vínculos significativos para os participantes.

A fé e a crença em Deus mostraram-se positivas, sobretudo quando acontecem coisas boas na vida dos adolescentes ou quando os mesmos se deparam com dificuldades.

Há escassez de pesquisas que investigam os efeitos subjetivos do processo de escolarização na vida de adolescentes, em situação de abuso e exploração sexual e de meios para a escola saber auxiliar a criança a não abandonar o estudo, ou seja, formas eficazes de se evitar a evasão escolar.

O estudo denominado “Brincadeiras no Recreio: Uma Reflexão Sobre as Relações de Gênero e de Sexualidade” buscou compreender/refletir, através de análise bibliográfica, sobre a construção das identidades sexuais e de gênero das crianças, no recreio escolar das séries iniciais do Ensino Fundamental, baseando-se nos teóricos pós-estruturalistas Guacira Lopes Louro e Tomaz Tadeu da Silva, para compreender que as construções das polaridades sexuais (heterossexual / homossexual) e de gênero (masculino / feminino) precisam ser problematizadas e desconstruídas.

A pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico revelou que os modos de agir, de brincar e de ocupar espaços, entre as crianças, no recreio escolar, estão ligados à construção das identidades sexuais e de gênero e que são verificadas nas brincadeiras que sinalizam modos de brincar apropriados para meninos e para meninas.

As brincadeiras também são vistas como atividades lúdicas que destacam as práticas heterossexuais, revelando o quanto nossas práticas sociais estão marcadas pela ideia de que as diferenças anatomossexuais definem naturalmente características e formas de agir para cada sexo.

A sensualização expressa no corpo das meninas, na dança ou no significado estético entre as crianças indicaram como elas constroem suas identidades de gênero a partir de valores sociais atribuídos à beleza da mulher ligados à erotização desde a infância, o que gera preconceito e discriminação em relação às pessoas que não se enquadram nos padrões de comportamento da heterossexualidade.

A homossexualidade se faz presente nas escolas, mas são raros os estudos que discutem essa temática, sendo necessárias mais investigações que possam contribuir para a reflexão de profissionais da educação sobre os valores éticos e morais que embasam as relações de gênero e sexualidade na infância, na escola e no recreio escolar.

A pesquisa intitulada “Os Contos de Fadas e as Práticas Educativas: o Uso do Gênero em Uma Escola Municipal de Presidente Prudente” verificou o trabalho de leitura e escrita a partir do conto de fadas, em uma escola municipal de Presidente Prudente.

Foram entrevistadas professoras de classes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal, para averiguar suas concepções sobre o gênero e o uso que fazem dele em suas aulas. Após as entrevistas, foram observadas algumas aulas de português de uma professora de 5º ano, a qual demonstrou interesse pela pesquisa, e ela também recebeu uma formação sobre o tema, com apoio teórico e propostas de atividades práticas a serem aplicadas posteriormente para poder comparar sua prática, antes e depois da formação recebida.

Os resultados obtidos na pesquisa demonstram a falta de formação específica das docentes para trabalhar com o gênero nos contos de fadas entre crianças de séries iniciais.

É possível, a partir de reflexões acerca da questão do gênero, realizar atividades com o conto de fadas, destacando a questão do gênero.

A pesquisa “Violência Sexual e a Formação de Educadores: Uma Proposta de Intervenção” objetivou verificar o conhecimento que alunos dos penúltimos anos dos cursos de licenciatura da FCT/UNESP de Presidente Prudente têm sobre o tema violência sexual contra crianças e adolescentes e aplicar um programa de intervenção junto aos licenciandos, visando a uma formação profissional sobre a temática.

A pesquisa foi dividida em duas etapas, sendo que na primeira fase participaram 159 estudantes dos cursos de licenciatura em Educação Física, Física, Geografia, Matemática, Pedagogia e Química e, na segunda fase, visando à elaboração, aplicação e avaliação de um programa de intervenção de alunos das licenciaturas, contou com a participação de vinte e dois (22) estudantes do curso de licenciatura em Educação Física, Física e Pedagogia que aconteceu em seis (6) encontros de três horas cada.

O estudo revela que a escola seria um dos locais privilegiados para que ocorra a detecção e intervenção em casos de violência sexual, levando em consideração o extenso período de tempo que as crianças e adolescentes passam nessa instituição.

Os dados coletados mostraram que os participantes têm conhecimento sobre a violência sexual, no que se refere aos seus aspectos enquanto fenômeno social, mas que desconhecem procedimentos e atitudes corretas que devem ser tomadas diante de suspeitas de casos.

Há escassez de discussões sobre a temática durante os cursos de graduação, deixando uma lacuna na formação de professores, no que diz respeito aos temas que contemplem a defesa dos direitos de crianças e adolescentes.

O programa de intervenção realizado possibilitou mudanças no conhecimento dos futuros professores depois da intervenção. Essas mudanças foram notadas de forma mais expressiva em relação às atitudes frente a uma situação de suspeita de violência sexual e sobre a identificação dos indicadores específicos de exploração sexual.

O estudo “Educação Sexual na Escola e Juventude: Um Estudo das Pesquisas Acadêmicas no Brasil (2000-2004)” objetivou analisar, entre resumos de produções acadêmicas nacionais publicadas no período 2000-2004, questões relacionadas à cultura organizacional escolar, às abordagens da Educação Sexual, eixos temáticos, conceituações de Educação e Orientação Sexual e às áreas da pesquisa nas quais foram produzidas.

Foi realizado um Estado da arte e os resultados constataram que as abordagens da Educação Sexual que prevalecem são a médica e a pedagógica. Os trabalhos privilegiam discussões sobre gravidez e saúde sexual/reprodutiva, seguidos pelos que discutem representações, concepções e práticas e, pelos que discutem política, currículo e discurso, enquanto poucos discutem identidade e diversidade sexuais e formação docente.

Grande parte dos trabalhos provém de cursos de Pós-Graduação na área da Educação.

Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- Os adolescentes estão expostos a outros riscos, como o uso de substâncias psicoativas, manifestação de formas de violência e maus tratos na escola e em outros espaços e sensação de insegurança na comunidade;
- A relação com a escola é conflituosa, e a escola nem sempre é um espaço de proteção na vida de adolescentes;
- A família representa um segmento de proteção na vida dos adolescentes, mesmo apresentando algumas dificuldades;
- A fé e a crença em Deus mostraram-se positivas, sobretudo quando acontecem coisas boas na vida dos adolescentes ou quando os mesmos se deparam com dificuldades;
- Há escassez de pesquisas que investigam os efeitos subjetivos do processo de escolarização na vida de adolescentes em situação de abuso e exploração sexual e de meios para a escola saber auxiliar a criança a não abandonar o estudo, ou seja, evitando a evasão escolar;
- Os modos de agir, de brincar e de ocupar espaços, entre as crianças, no recreio escolar, estão ligados à construção das identidades sexuais e de gênero;
- As brincadeiras sinalizam modos de brincar apropriados para meninos e para meninas e destacam as práticas heterossexuais;
- A sensualização expressa no corpo das meninas, na dança ou no significado estético entre as crianças indicou como elas constroem suas identidades de gênero a partir de valores sociais atribuídos à beleza da mulher, ligados à erotização desde a infância, o que gera preconceito e discriminação em relação às pessoas que não se enquadram nos padrões de comportamento da heterossexualidade;

- A homossexualidade se faz presente nas escolas, mas são raros os estudos que discutem essa temática, sendo necessárias mais investigações que possam contribuir para a reflexão de profissionais da educação sobre os valores éticos e morais que embasam as relações de gênero e sexualidade na infância, na escola e no recreio escolar;
- Falta de formação específica das docentes para trabalhar com o gênero entre crianças de séries iniciais, nos contos de fadas;
- É possível, a partir de reflexões acerca da questão do gênero, realizar atividades com o conto de fadas, destacando a questão do gênero;
- O estudo revela que a escola seria um dos locais privilegiados para que ocorra a detecção e intervenção em casos de violência sexual;
- Desconhecimento dos procedimentos e atitudes corretas que devem ser tomadas diante de suspeitas de violência sexual;
- Escassez de discussões sobre a temática durante os cursos de graduação deixando uma lacuna na formação de professores;
- As abordagens da Educação Sexual que prevalecem são a médica e a pedagógica;
- Os trabalhos privilegiam discussões sobre gravidez e saúde sexual/reprodutiva, seguidos pelos que discutem representações, concepções e práticas e pelos que discutem política, currículo e discurso, enquanto poucos discutem identidade e diversidade sexuais e formação docente;
- Grande parte dos trabalhos provém de cursos de Pós-Graduação na área da Educação.

Quadro 37 - Produção do Ano de 2012 da FCT/UNESP Presidente Prudente

Ano de 2012	Título/Autor	Orientador	Tipo de Pesquisa	Referencial Teórico	Participantes	Palavras-Chave	Linha de Pesquisa
27/set	Concepções de licenciandos sobre violência sexual e políticas educacionais / Michelle Venâncio Ikefuti (Dissertação)	Prof. ^a Dr. ^a Renata Maria Coimbra Libório	Qualitativa + Questionário	Não apresenta uma linha, cita vários autores	441 participantes alunos dos últimos anos de oito cursos de licenciatura (Biologia, Educação Física, Física, Geografia, Letras, Matemática,	violência sexual, políticas educacionais, formação de professores.	Processos Formativos, Diferença e Valores

					Pedagogia e Química)		
--	--	--	--	--	----------------------	--	--

Fonte: Elaborada pela autora.

Em 2012, temos uma produção tímida, mas importante sobre a temática sexualidade. Apenas uma dissertação de mestrado foi defendida nesse ano.

A pesquisa intitulada “Concepções de Licenciandos Sobre Violência Sexual e Políticas Educacionais” objetivou identificar o nível de conhecimento que os(as) futuros(as) professores(as) de oito cursos do último ano de licenciaturas dos cursos de Biologia, Educação Física, Física, Geografia, Letras, Matemática, Pedagogia e Química dos *campi* da UNESP de Araraquara, Presidente Prudente e São José do Rio Preto têm acerca da violência sexual e temas afins, bem como elucidar se esta temática é trabalhada dentro dessas faculdades.

A pesquisa contou com a participação de 441 estudantes que responderam a um questionário fechado, e as repostas foram tabuladas pela utilização de *softwares* SPSS, versão 12.0 e o *Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Évocations* (EVOC), versão 2000, para tabular as questões fechadas e as evocações de palavras, respectivamente.

Os resultados revelaram que nas três unidades da UNESP, os estudantes não se sentem preparados para lidar com casos de violência sexual que aparecerem na escola.

O tema nunca foi abordado em alguma disciplina no processo de formação inicial e esses profissionais não possuem a formação necessária para reconhecer casos de violências sexuais que a criança sofre ou sofreu.

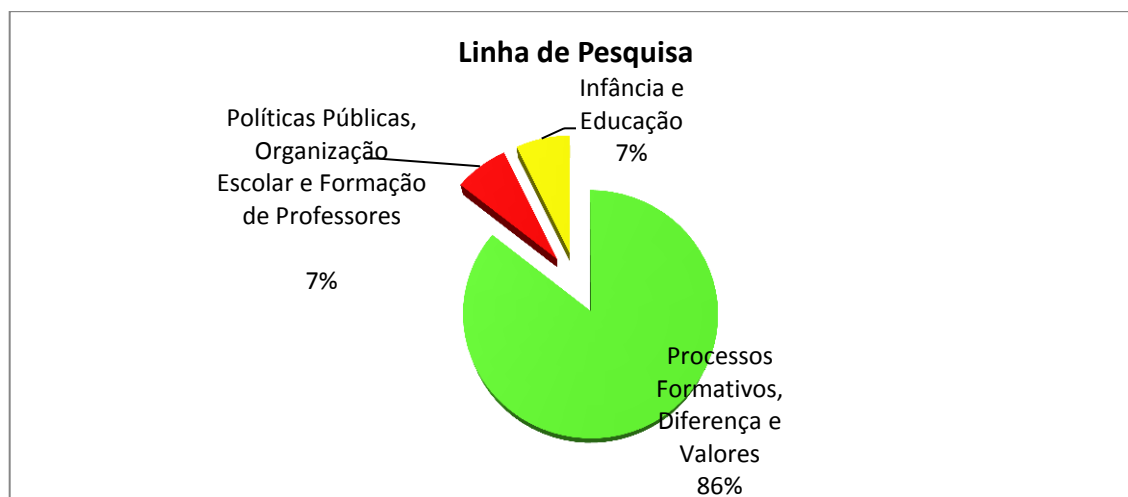
Sintetizando os resultados que os estudos analisados encontraram:

- Os estudantes não se sentem preparados para lidar com casos de violência sexual que aparecerem na escola;
- O tema nunca foi abordado em alguma disciplina no processo de formação inicial;
- Os profissionais não possuem a formação necessária para reconhecer casos de violências sexuais que a criança sofre ou sofreu.

Considerações

Devido o programa de Pós-Graduação ser recente, ainda não houve defesa de teses, apenas 14 dissertações de mestrados defendidas narram violências sexuais que a criança sofre ou sofreu.

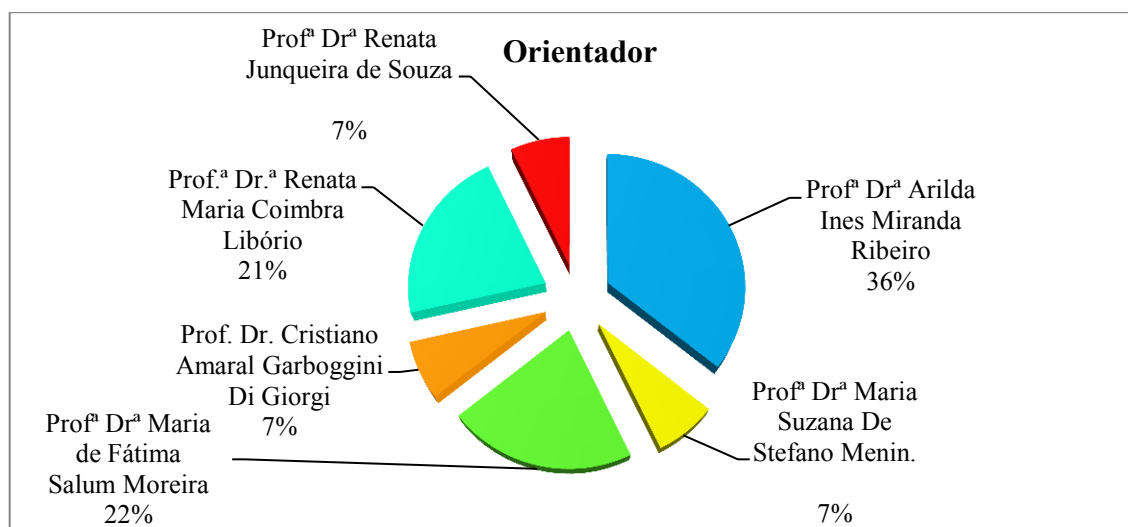
Figura 27 - Linha de Pesquisa



Fonte:Elaborada pela autora

Dentre as linhas de pesquisa que abordam a temática, a linha que estuda Processos Formativos, Diferenças e Valores, se destaca em produção acadêmica abordando a temática sexualidade, com 86% de trabalhos apresentados.

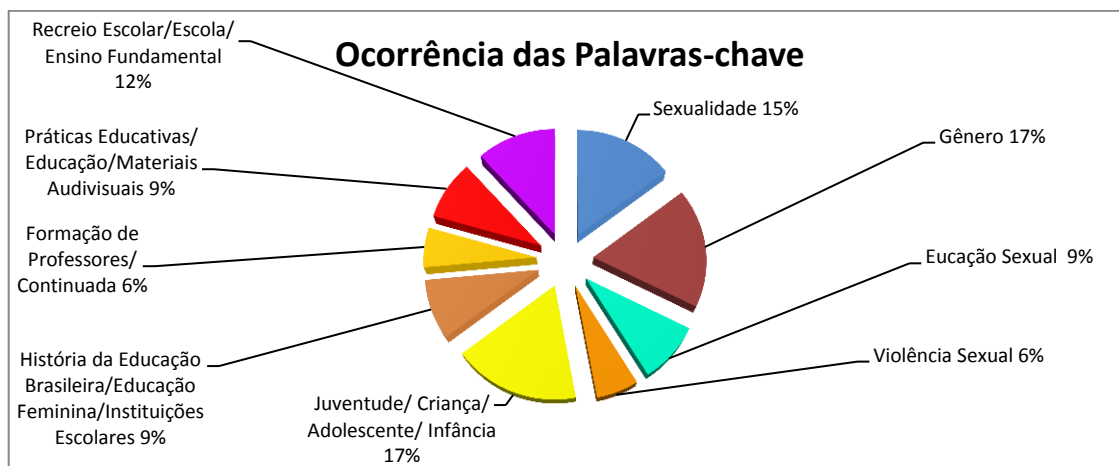
Figura 28 - Orientador



Fonte:Elaborada pela autora.

O Gráfico revela o interesse dos orientadores na realização de pesquisas que instigam a reflexão acerca de temáticas, como gênero, sexualidade, religiosidade, violência sexual, entre outros temas presentes no cotidiano escolar.

Figura 29 – Palavras-Chave



Fonte:Elaborada pela autora.

O gráfico acima destaca as palavras-chave, mas utilizadas nos trabalhos analisados e gênero é um tema que aparece em destaque com 17% referência ao assunto, seguido de Educação Sexual e Violência Sexual.

Tabela 13 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações das teses e dissertações (N=ocorrências⁴⁶) – FCT/Presidente Prudente

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	N
Gênero	Educação para formar mãe/esposa/dona de casa/professora/cuidados contraceptivos.	32
	Presentes nas escolas que reforça estereótipos (crianças e docentes).	35
	Identificado de acordo com valores recebidos da família e sociedade.	06
	A escola é heteronormativa e transmite valores preconceituosos.	10
Educação Sexual	Repressora e religiosa transmitindo valores católicos para família e sociedade /disciplinando corpos.	10
	Emancipatória realizada na família e escola.	71
	Abordada através de regras tradicional e vertente biológica.	12
	Necessidade de ser ministrada por capacitadores.	18

⁴⁶ Quantidade de aparição de assuntos nos trabalhos. Houve mais de um trabalho que apresentou esses temas.

Sexualidade	Conflituosa na adolescência.	61
	Dialogada enfatizando valores sociais	20
	Presente na escola em diferentes expressões e na vertente biológica	16
Formação Profissional	Profissional/Professor tem dificuldade trabalhar educação sexual/ gênero/ identidade sexual/diversidade sexual	15
	Necessidade de Educação Sexual na formação inicial e continua e na Pós-Graduação do profissional.	16

Fonte: Elaborada pela autora.

Chegamos à última análise das publicações das dissertações e teses dessa pesquisa, e constatamos que no *campus* de Presidente Prudente, a Pós-Graduação em Educação, apesar de até o presente momento não apresentar defesa de tese contemplando a sexualidade, possui um número considerável de dissertações, ou seja, quatorze (14) abordando temas que nos remetem à discussão da sexualidade humana, sendo a maioria realizada na linha de pesquisa sobre Processos Formativos, Diferença e Valores.

Sucintamente, podemos considerar que a categoria que mais frequentemente se apresenta nas diferentes pesquisas se referem a gênero, educação sexual, sexualidade e formação sexual. São tópicos que aparecem em diferentes momentos dessa pesquisa, sendo evidenciada a necessidade de discussão ou implantação de uma educação Sexual emancipatória.

Diferentes trabalhos buscaram apontar, historicamente, a trajetória da mulher e a influência da religião na sua formação como mulher, profissional, mesmo na sua própria identidade e o mais importante aqui para se destacar é que, mesmo no século XXI, esbarramos em conceitos propagados por essas profissionais, a respeito da sexualidade e gênero, no interior da escola, espaço considerado laico, plural e democrático.

A educação para a mulher era vislumbrada para formar uma boa mãe de família, dona de casa, esposa e professora, ou seja, uma educação conservadora, como pregava a Igreja católica. Esse aspecto é evidenciado por Rosado Nunes (2005, p. 91) ao dizer dos atributos da mulher voltado para o “[...] papel doméstico, seu reconhecimento social como mãe e como ‘dona-de-casa’ [...] valorização da virgindade, da maternidade e do casamento ao mesmo tempo [...]”.

O autor ainda lembra que esses valores religiosos advindos de uma Educação Sexual repressora visava disciplinar os corpos “[...] o controle da sexualidade feminina, a normatização dos comportamentos sexuais que a Igreja visa [...] O acesso feminino aos cursos superiores [...] só aceito pela Igreja” (NUNES, 2005, p. 91).

Estes valores são passados por gerações e adentram os espaços escolares, e lá são reproduzidos como os estereótipos de gênero, preconceitos, discriminação, entre outros. Tanto as crianças quanto os profissionais envolvidos no processo educativo influenciam e são influenciados pelos padrões construídos, socialmente, como a heteronormatividade, pois como aponta Furlani (2013, p.81) “[...] o contexto social não apenas define as representações hegemônicas, mas, a partir delas, estabelece a diferença, a hierarquia, a qualificação valorativa das identidades.”

Neste cenário, a sexualidade é difundida pelos meandros de uma Educação Sexual tradicional, religiosa, enfatizando valores sociais e conceitos higienistas e biologizantes, normatizando comportamentos presenciados na escola em diferentes expressões, ocasionando conflitos, e ansiedades. Nesse sentido, ressalta Louro, (2000, p. 47) que

Preocupada em disciplinar e normalizar os indivíduos, a escola, ao longo da história, ao mesmo tempo que negou o seu interesse na sexualidade, dela se ocupou. As instituições escolares constituíram-se, nas sociedades urbanas, em instâncias privilegiadas de formação das identidades de gênero e sexuais, com padrões claramente estabelecidos, regulamentos e legislação capazes de separar, ordenar e normalizar cada um/uma e todos/as.

Diferentes pesquisas analisadas apontam a necessidade e a importância da Educação Sexual emancipatória na família e na escola, pois consideramos que, intencionalmente ou não, todos nós somos educadores sexuais na família, na rua, nas escolas, ou seja, em diferentes espaços sociais em que há possibilidade de se transmitir e compartilhar vivência e conceitos a respeito da sexualidade. É neste intuito que destacamos Werebe (1998, p. 139) ao dizer que

A educação sexual, num sentido amplo, processo global, não intencional, sempre existiu, em todas as civilizações, no decurso da história da humanidade, de maneira consciente ou não, com objetivos claros ou não, assumindo características variadas, segundo a época e as culturas.

Assim, a Educação Sexual deve ir além dos modelos médicos, sendo importante o profissional ser devidamente instrumentalizado para oferecer conhecimentos que emancipem o indivíduo nas suas atitudes, tal como explica Silva (1998, p. 37):

Uma educação que tem como conceitos básicos as palavras doença, saúde, sujeira, normal, anormal e está centrada numa perspectiva quantitativa, mecânica e descritiva está fadada ao fracasso, pois não se educa com informações e prescrições. Educar implica em ir além desta dimensão, educar é possibilitar a transformação do que até então era considerado formado e pronto. Reside aí um desafio para os educadores, pois educação é o ato de formar sujeitos capazes de tomar decisões com autonomia e responsabilidade e não transmitir informações livrescas e descontextualizadas.

Nunes (1996) salienta que a Educação Sexual emancipatória é uma utopia político-social e um desafio para a educação, que só poderá acontecer com a socialização de experiências criativas, pluralistas e democráticas, de projetos intencionais de Educação Sexual crítica, originando novas significações para o indivíduo e isso só será possível com a superação do moralismo tradicional.

Desta forma, a Educação Sexual emancipatória só será efetiva com o desenvolvimento de ações educativas comprometidas com a promoção da autonomia do indivíduo, na busca de superar padrões comportamentais hierarquizados e geradores de estereótipos, preconceitos e tabus, bem como compreendendo os diferentes aspectos sociais, históricos, culturais e políticos que influenciaram a construção da sexualidade e, conseqüentemente, o comportamento do sujeito, para que este possa reconstruir seus valores acerca da sexualidade, vivenciando-a sem medo e sem sentimento de culpa.

As pesquisas aqui analisadas ressaltam que a Educação Sexual, para ser efetivada, necessita de profissionais preparados para dialogar a respeito da temática sem juízos de valores, preconceitos e tabus e para tanto, são necessários cursos de formação profissional que ofereçam discussões sobre a temática na formação inicial e nos cursos de Pós-Graduação, oferecendo “conhecimentos e habilidades específicas” (FIGUEIRÓ, 2004, p. 126), para que o profissional, na sua prática, possa ter habilidades para abordar o assunto.

8 RELATO DE DISCUSSÕES : APONTAMENTOS NECESSÁRIOS⁴⁷

“Uma série de pequenas vontades faz um grande resultado”.
Autor Desconhecido apud Pensador.Info(2013).

Considerando que a presente pesquisa buscou elaborar o Estado da Arte a respeito da sexualidade e, para tanto, organizar e sistematizar os estudos desenvolvidos no programa de Pós-Graduação de Educação e Ensino de Ciências da UNESP, nos *campi* de Araraquara, Rio Claro, Marília, Presidente Prudente e Bauru, assim, apresentaremos aqui os resultados obtidos da análise desse material pesquisado nesse estudo com a intenção de contribuir para a institucionalização do conhecimento sexual, para a historicidade da Educação Sexual, bem como a sua consolidação no meio acadêmico-científico.

8.1 A busca pelo material analisado: alguns aspectos técnicos

Passaremos agora a dissertar alguns aspectos técnicos que entendemos relevantes serem apresentados para melhoria das futuras produções científicas.

No início da pesquisa, conversamos com a bibliotecária da UNESP de Araraquara para apreender a melhor maneira de obter os exemplares das teses e dissertações que seriam pesquisadas.

Neste diálogo, mostramos o nosso interesse em visitar a biblioteca de todas as unidades pesquisadas para adquirir esses exemplares, mas fomos orientados que a pesquisa deveria ser pela internet, pois todas as produções de cada programa de Pós-Graduação, desde o seu início, já se encontravam no *site* de cada *campus* e que a maioria do material já estava digitalizada. Aqueles mais antigos, que por ventura não estivessem disponíveis ao acesso pelo *site*, poderíamos solicitar o empréstimo através das bibliotecas, sem termos que nos deslocar.

Assim, iniciamos o nosso percurso de acesso em cada unidade para realizar a pesquisa pelas teses e dissertações produzidas desde o início do programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências da UNESP dos *campi* de Araraquara, Bauru, Rio Claro, Marília e Presidente Prudente.

O primeiro ponto que aqui ressaltamos é a dificuldade que encontramos para obter esse material, pois o *site* de cada unidade pesquisada nem sempre disponibilizou os exemplares, ou ainda não informaram todas as teses e dissertações que lá foram produzidas.

⁴⁷ Aqui são apresentados os achados finais desse estudo com as discussões dos dados analisados.

Diante desta nova realidade, necessitamos fazer uma pesquisa no *site* da reitoria da UNESP, mais precisamente, no banco de teses - C@thedra - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, o que, a princípio, não era um dos nossos critérios para selecionar o material pesquisado, mas, para nossa surpresa, encontramos estudos que não estavam relacionados no *site* de cada *campus* pesquisado.

Podemos considerar ser este o primeiro resultado encontrado, ou seja, a necessidade da universidade reorganizar seus dados e trabalhos apresentados, no caso as teses e dissertações defendidas, e reapresentá-los de forma sistematizada, para que em uma pesquisa bibliográfica, ao cruzar as informações para obtenção de material, consiga-se agilidade e não ocorrência da contradição ou erro de resultados.

Outro ponto observado é que alguns programas de Pós-Graduação iniciaram suas atividades na década de 1990 e as produções passaram a ser disponibilizadas no *site* somente a partir do ano de 2000, dificultando conhecer realmente quais foram as publicações ocorridas no período desde a sua abertura. Assim, é importante se ter um acervo com todos esses dados disponíveis, para que tenhamos real visão das produções realizadas.

Mais uma dificuldade encontrada foi que, às vezes, a tese ou dissertação estava relacionada no *site*, mas quando solicitada na biblioteca, não havia exemplar disponível, impedindo a continuidade da pesquisa, fazendo com que procurássemos outras formas de conseguir o material para estudo.

Todas as produções apresentadas nessa pesquisa foram obtidas devido a uma exaustiva busca por trabalhos realizados nos *campi* das UNESP, que contemplavam a temática sexualidade, pois tínhamos conhecimento de que havia algumas publicações realizadas, mas que não estavam elencadas nos *sites*, ou ainda, que não encontravam exemplares disponíveis.

Assim, a organização do *site* é relevante no momento da pesquisa. Por exemplo, quando fomos fazer o levantamento do material produzido na Pós-Graduação da UNESP de uma das cidades, apesar dos caminhos percorridos indicarem que estávamos fazendo uma pesquisa das produções da área do Ensino de Ciências, na realidade as áreas estavam todas misturadas, dificultando a busca.

Seria importante esta separação para se apreender a noção das publicações de cada área de conhecimento, mensurando as produções realizadas, assuntos discutidos, entre outros aspectos.

Acreditamos que estes são pontos destacados que podem ser aperfeiçoados, se houver troca de informação entre as bibliotecas para que, conjuntamente, criem uma forma única e eficaz para padronização e disponibilização dos dados e informações, já que a catalogação e

indexação de documentos seguem códigos pré-estabelecidos pelas unidades ou centros de informação.

Consideramos importante a padronização, no que concerne à apresentação dos documentos, a fim de aperfeiçoar a busca de dados na biblioteca, e—importante também,—a apresentação de resumo nas teses e dissertações, pois muitas pesquisas não apresentam no corpo de seu texto a descrição da linha de pesquisa, apenas cita o programa em que está se desenvolvendo a pesquisa, ou ainda, apenas coloca a área de concentração, e como salienta Gulo (2011) é importante estruturar as pesquisas.

Presenciamos estudos em que os resumos não apresentam palavras-chave, sem explicações mínimas do que se trata a pesquisa, e outros, que não têm o resumo no corpo do trabalho.

Considerando que este é o primeiro contato do leitor com o texto, os resumos devem esclarecer a abordagem da pesquisa, metodologia utilizada, e alguns resultados, ou seja, os resumos devem oferecer dados sucintos que descrevam a pesquisa realizada. Como aponta Gulo (2011), os resumos são elementos fundamentais dos trabalhos acadêmicos, e têm apresentado, em sua maioria, informações incompletas, insuficientes ou ausentes.

Na leitura das pesquisas analisadas, vimos o quão se faz importante a padronização de uma terminologia quando pesquisamos sexualidade, pois há teóricos que usam Orientação Sexual, Educação Sexual ou ainda Educação em Sexualidade. Pressupomos então, que todos esses termos remetem ao mesmo objetivo e assim, propomos a utilização de uma única terminologia para designar o estudo ou a pesquisa em Educação Sexual, ou a utilização de espaços remetendo a termos correlatos.

O termo mais adequado para ser utilizado em pesquisas dessa natureza seria Educação Sexual, já que os estudos aqui analisados nessa pesquisa trabalharam valores e conhecimentos advindos do senso comum e propuseram a desconstrução e a reflexão de novos saberes, ou seja, a possibilidade de uma Educação Sexual emancipatória, pois como alude Maia e Ribeiro (2011, p. 77)

Nada mais equivocado! Se confunde a forma de abordagem, a concepção de sexualidade, a perspectiva da ação pedagógica com o termo em si. Não é trocando o termo empregado que será mudado o ponto de vista, os valores e muito menos a ideologia por trás da intervenção e da formação. Seja educação sexual, seja Educação para a Sexualidade, se a ideologia dominante for normatizadora, a prática neste campo também o será.

Os resultados revelam que há pesquisas com grande preocupação em abordar a construção histórica, cultural, social, religiosa, biológica da sexualidade e do gênero, mas que ainda se pautam no conhecimento do senso comum, sem analisar os resultados encontrados dentro de uma visão científica.

Encontramos estes aspectos presentes nos trabalhos que discutem questões religiosas. São pesquisas que perdem o foco do seu objetivo e se detêm a detalhes que a religião propaga, sem uma discussão aprofundada, que permita emergir novas elucidações e proposições dessa abordagem, para serem discutidas no meio acadêmico e auxiliar a prática profissional.

Ademais, é importante ressaltar que os resultados apontaram que houve realização de estudos que trouxeram grandes contribuições para o conhecimento da discussão da sexualidade e se tornaram um marco referencial na discussão da temática e embasam na atualidade trabalhos científicos.

Neste contexto, faz-se urgente, nos programas de formação profissional, a inserção em sua grade curricular, da disciplina Educação Sexual, de maneira a possibilitar a formação de profissionais capacitados, para desenvolverem a temática em sua prática, bem como em pesquisas científicas.

Sendo assim, acreditamos ser necessário que os pesquisadores tenham, na sua formação, embasamentos teóricos que venham a contribuir com uma posição laica nas pesquisas sobre sexualidade.

8.2 Resultados encontrados: uma revelação

Na trajetória desta pesquisa, tivemos a oportunidade de entrar em contato com distintos estudos que aqui não foram utilizados, por não contemplarem a temática da sexualidade, mas que poderiam também abarcar a discussão do assunto.

Podemos citar como exemplo as pesquisas realizadas na área da Educação Física, que trouxeram a discussão do corpo. Entretanto, seus autores preferiram teorizar o estudo voltando para embasamentos que respondessem questionamentos de ordem técnica, como a motricidade.

Outras pesquisas também estudaram assuntos que poderiam ter ousado apresentar um tópico que aprofundasse a sexualidade. E, apesar de serem poucos trabalhos que pontuaram algumas questões sobre a temática, sucintamente, mencionaram o corpo, o gênero e a sexualidade como sendo produto de um sistema capitalista. Ressaltam que o corpo é domesticado e moldado por valores presentes em uma cultura que determina padrões,

estereótipos e comportamentos dos indivíduos, mas, são trabalhos que apenas mencionam essas características, mas não aprofundam e teorizam suas discussões.

Alguns estudos ressaltam a religião como repressora e preconceituosa em relação à sexualidade e ao gênero e responsável por atrasar a discussão do tema nos espaços acadêmicos e sociais devido à sua forte influência na vida dos indivíduos. Mas essas pesquisas não progridem na discussão, fixando-se apenas em um relato superficial do assunto abordado.

Isto nos remete a refletir e reforçar a necessidade de introduzir a disciplina Educação Sexual, tanto nos cursos de formação profissional quanto na Pós-Graduação, para proporcionar espaços de discussões da temática, evidenciando ser necessária a análise de pesquisas nas entrelinhas dos discursos, pois há neles valores disseminados que visam propagar ideias e modos de se comportar perante uma sociedade. Como lembra Nunes (1996, p. 237) “Ainda que haja abismos provocadores entre as múltiplas formações, acredito que o encaminhamento mais adequado seja o de provocar uma exigente e rigorosa especialização em educação sexual junto ou além das graduações e licenciaturas existentes”.

A Educação Sexual junto aos profissionais deve contribuir para desnudar o véu a respeito da sexualidade que reveste o ser humano advindo de uma educação repressora, dando espaço para se reconstruir novos valores.

Isto é de suma importância, haja vista que a preparação do professor universitário para enfrentar a tarefa de educar, trabalhando com discentes, valores positivos a respeito da diferença de gênero, preconceitos, sexualidade, entre outros, é um exercício que requer do indivíduo se despir de conceitos construídos em toda sua formação, para fazer emergir novas concepções.

Sabemos que, desde o nascimento, recebemos uma Educação Sexual que é transmitida pela família e meios sociais, informalmente; que reproduzem padrões e valores morais e éticos dominantes na sociedade e são essas informações recebidas que se tornam vivências sobre a sexualidade e que moldam a concepção do indivíduo.

É pensando neste cenário que os cursos de formação precisam disponibilizar espaços para se discutir e refletir a temática, pois, como enfatiza Ribeiro (1990), é difícil encontrarmos material de fácil acesso para a reflexão crítica dos profissionais que pretendem atuar na educação sexual e que tampouco se questiona a desenvoltura desse profissional em falar do assunto, seja ele educador, enfermeiro, médico, psicólogo. Enfim, qualquer profissional que lida com o ser humano, e que ao se deparar com assuntos atrelados à sexualidade, há que tecer diálogo sem preconceito, tratando o assunto com naturalidade, mas o autor questiona como

pode esse profissional se propor a agir naturalmente e se sentir à vontade com a própria sexualidade se não há espaços para abordagem do assunto?

Educar para a sexualidade requer exercício de deseducação e reeducação, proporcionando espaços de reflexão e construção de novos saberes. Essa prática deve ser empregada tanto no curso de formação profissional quanto na Pós-Graduação, como aponta Figueiró (2006, p. 295).

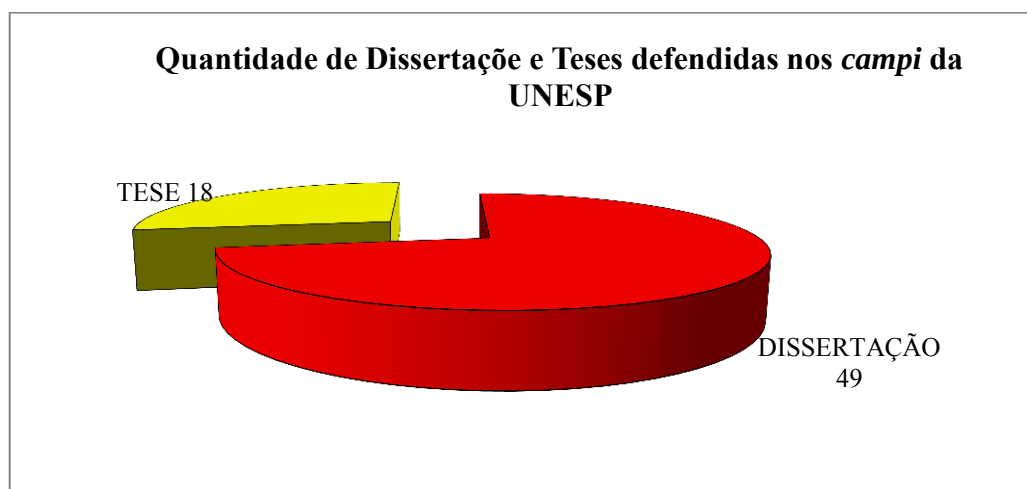
A criação dos cursos de especialização e de disciplinas na Pós-Graduação (*stricto e lato sensu*) é um caminho promissor, pois pode trazer oportunidades de estudos teóricos, reflexões, debates em grupo e também favorecer um processo de reeducação sexual. Isso pode se dar, também, em disciplinas de graduação. A Pós-Graduação, no entanto, tem uma grande vantagem adicional: viabilizar ao professor e qualquer outro profissional [...] (matriculado como aluno) a investigação de seu próprio trabalho, com orientação de um pesquisador.

A implantação da Educação Sexual nos cursos de formação e de Pós-Graduação irá redesenhar a construção de saberes sexuais, ou ainda, conhecimentos sobre sexualidade livre das algemas da cultura, buscando discutir o assunto em diferentes espaços sociais, como por exemplo, na escola, de forma segura, por profissionais capacitados.

8.3 Quantificação das produções analisadas

Após inventariar as pesquisas realizadas no programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências que discutem a sexualidade relatando seus achados, contribuições e lacunas, iremos, através do gráfico a seguir, quantificar os trabalhos, teses e dissertações analisadas nessa pesquisa e encontradas nos *campi* da UNESP.

Figura 30 - Quantidade de dissertações e teses defendidas nos *campi* da UNESP



Fonte: Elaborada pela autora.

No percurso do desenvolvimento desta pesquisa, percebemos que, ano após ano, há um significativo aumento de trabalhos que se disponibilizaram a estudar a temática no meio acadêmico-científico.

Foram ao todo quarenta e nove dissertações (49) e dezoito (18) teses contemplando a temática da sexualidade e realizadas apenas na UNESP (Araraquara, Bauru, Rio Claro, Marília e Presidente Prudente).

Apesar de não ser nosso objeto de estudo, no momento da organização do material, nos deparamos com pesquisas desenvolvidas em outros programas de Pós-Graduação nos *campi* da UNESP abordando a sexualidade. Isso reforça a importância da implantação da Educação Sexual nos cursos de formação profissional e de Pós-Graduação, bem como pesquisas que organizem essas produções para acrescentar na institucionalização do conhecimento sexual.

Vários foram os temas abordados aqui no presente estudo, trazendo contribuições de diferentes teóricos que discutem gênero na escola e na religião, sexualidade na adolescência, na escola, entre outros. Isto revela a necessidade e a importância de estudos acerca da temática, e nessa contextualização, reitera Figueiró (2006, p. 296), da importância da “[...] participação das universidades em projetos conjuntos com secretarias de educação, delineando estratégias e mecanismos mais sistemáticos de qualificação de seus profissionais.”

Sendo assim, a Educação Sexual deve ser oferecida pela família, escola, universidades e em cursos de Pós-Graduação, não com a transmissão de conteúdos biológicos e fisiológicos da sexualidade, mas abarcando valores, atitudes, e comportamentos. É necessário o educador sexual ter consciência de que educar não é doutrinar, a partir de seus valores, mas sim, possibilitar espaços para discussões e reconstruções de conhecimentos, para que o sujeito possa viver plenamente a sua sexualidade, com prazer, sem medo e sem culpa.

8.4 Resultados encontrados nas produções analisadas

De todas as produções analisadas nessa pesquisa, constatamos que, de maneira geral, há uma incidência de indicadores que originaram as categorias como gênero, sexualidade, Educação Sexual/Orientação Sexual e formação profissional, conforme apresentadas na tabela a seguir.

Tabela 14 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações (N=ocorrências⁴⁸)

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	N
Gênero	Assunto velado/invisível/limitado nos meios sociais Presente como heteronormativo e transmitido por meio de valores sociais preconceituosos e que gera estereótipos.	166
Sexualidade	Dialogada nos meios sociais enfatizando valores culturais, sociais e históricos influenciando o comportamento sexual de gerações gerando conflitos/ insegurança/preconceitos/discriminação/contradições/tabus; disciplinando corpos e propagando a heteronormatividade.	250
	Necessidade de mais conhecimento e pesquisa compreendendo a abordagem histórica e cultural da sexualidade para entender a visão da sexualidade atual na sociedade.	25
Educação Sexual/Orientação Sexual	Ausente na escola e família e quando ocorre é repressora, religiosa, biológica transmitindo valores religiosos, sociais, familiares, disciplinando corpos, gerando tabus, preconceitos e mitos.	196
	Necessidade nas famílias, escolas e universidades com propostas emancipatórias e reflexivas realizadas na família e escola por educadores sexuais capacitados e que viabilize a mudança de comportamento e não apenas informação.	311
Formação Profissional	Profissional/Professor tem dificuldade trabalhar educação sexual/ gênero/ identidade sexual/diversidade sexual e quando o faz é baseando nos aspectos biologizantes, higienistas e usando valores do senso comum.	102
	Necessidade de Educação Sexual na formação inicial e continua e na Pós-Graduação do profissional para desconstruir e construir novos conhecimentos acerca da sexualidade e assuntos correlatos	149

Fonte: Elaborada pela autora.

As pesquisas estudadas, de modo geral, evidenciaram que o gênero e a sexualidade quando são abordados em diferentes contextos sociais ainda são assuntos discutidos de forma velada, muitas vezes, abordados de forma limitada pelas políticas públicas.

Os meios sociais, e dentre eles podemos citar a escola e Igreja, ainda apresentam um forte discurso propagando valores heteronormativos, gerando preconceitos e estereótipos, ditando regras e padrões de como deve ser o comportamento do homem e da mulher, seus deveres e direitos, propagando assim, valores culturais, sociais e históricos, influenciando o comportamento sexual de gerações, resultando em conflito, insegurança, preconceito, discriminação, contradição e tabus, ou seja, proporcionando uma Educação Sexual repressora, religiosa, biológica, higienista, visando à disciplina de corpos.

Oliveira e Chagas (2010, p.8) dizem ser

A abordagem à Educação Sexual não pode centrar-se exclusivamente nos conceitos e nas teorias biológicas/médicas, mas precisa alargar o seu âmbito para a

⁴⁸ Quantidade de aparição de assuntos nos trabalhos. Houve mais de um trabalho que apresentou esses temas.

complexidade daqueles processos a nível psicológico, social, bem como dos valores e dos afetos. A incidência no estudo da reprodução humana/sexualidade traduz uma imagem redutora da Educação Sexual que os especialistas nesta área procuram combater.

Tanto gênero quanto sexualidade são discutidos na escola e em diferentes espaços sociais, vinculados ao aspecto biologizante e higienista, e conforme Louro (1998, p. 41):

[...] a sexualidade que é geralmente, apresentada na escola, está em estreita articulação com a família e a reprodução. O casamento constitui a moldura social adequada para seu “pleno exercício” e os filhos, a consequência ou a benção desse ato. Dentro desse quadro, as práticas sexuais não reprodutivas ou não são consideradas, deixando de ser observadas, ou são cercadas de receios e medos. A associação da sexualidade ao prazer e ao desejo é deslocada em favor da prevenção dos perigos e das doenças. Nesse contexto que centraliza a reprodução, os/as homossexuais ficam fora da discussão [...] A homossexualidade é virtualmente negada, mas é, ao mesmo tempo, profundamente vigiada.

Ao se vincular à sexualidade, simplesmente, enfocando os aspectos biológicos, ocorre a negação do fato de que fatores psicológicos, sociais, históricos e culturais a influenciam e também as formas como os sujeitos dela se apropriam.

Mas, estes valores advindos da formação familiar, religiosa e social, vão se perpetuar nas diferentes situações do cotidiano do indivíduo, revelando os preconceitos e as expectativas sociais geradas em relação à representação dos papéis sexuais, como por exemplo, o preconceito em relação à homossexualidade, pois, lembra Louro (2012) que o estereótipo de gênero é o conjunto de crenças acerca dos atributos pessoais adequados a homens e mulheres, sejam essas crenças, individuais ou partilhadas.

Este compartilhamento de identidade se torna imutável perante homens e mulheres. É a sociedade que gera um modelo de identidade sexual que se torna essencial, ou seja, são padrões e regras que a sociedade estabelece para ordenar os comportamentos e classificar os sujeitos e que são propagados de geração a geração, graças à nossa herança de Educação Sexual castradora a respeito da sexualidade que vislumbrava corpos dóceis e obedientes.

Louro (2012, p. 25) entende que a aprendizagem de papéis femininos e masculinos está intimamente ligada ao âmbito das relações interpessoais dos indivíduos. As identidades de gênero são produzidas em um campo relacional da vida social, em que múltiplas faces da vida humana se entrecruzam de modo dinâmico, contraditório, mutável e múltiplo e afirma que o gênero institui a identidade do sujeito, entendendo que tal fato “transcende o mero desempenho de papéis”, uma vez que o gênero é um dos elementos que fazem parte da constituição dos sujeitos.

É, portanto, nesse contexto que homens e mulheres se moldam aos papéis determinados pela sociedade, por meio de uma educação oferecida desde a infância, em que se ensina como ser menina e como ser menino e essa concepção de ser masculino e feminino acompanha o indivíduo por toda a sua vida.

As pesquisas evidenciam que há ausência de diálogo nas instituições sociais como a família, a escola, a universidade, entre outras. A respeito da sexualidade, esse é um assunto importante e necessário ser discutido e trabalhado nessas instituições, de forma emancipatória e dialógica, livre das amarras do senso comum.

É importante a reeducação sexual diante de uma deseducação castradora, moralista, repressora, às quais o indivíduo é submetido em toda a sua vida; uma Educação Sexual que provoca uma imagem da sexualidade que suscita desprezo e o desgosto para com a relação física (FIGUEIRÓ, 2006).

Os resultados das produções acadêmicas pesquisadas revelam a importância da implantação da Educação Sexual nos cursos de formação profissional e nas Pós-Graduações, bem como um incremento de pesquisas abordando as diferentes nuances da temática para se compreender a construção histórica e cultural da sexualidade, entendendo a visão da sociedade em relação à temática e assim, propor ações educativas que contribuam não apenas para a informação, mas sim, para o conhecimento científico que opere em mudança de comportamento, como revelam Mokwa, Gonini e Bueno (2009, p.76) quando abordam sobre a “[...] necessidade [...] de formação continuada a educadores para potencializar conceitos pertinentes ao desenvolvimento inter e intrapessoal [...].”

Faz-se mister destacar que a Educação Sexual demanda continuidade, transdisciplinaridade e que seja trabalhada por profissionais capacitados, pois como mostra Guimarães (2006, p. 10) “[...]a educação se funda no direito inalienável do homem de conhecer, de decodificar a cultura e fazê-la avançar, criando uma sociedade melhor.”

Para se ter profissionais preparados para lidar com a temática é de suma importância que os cursos de preparação profissional possam investir na Educação Sexual em diferentes espaços, não apenas o escolar, pois para Guimarães (1995, p. 98, grifo do autor)

[...] vemos profissionais fora da escola, lidando com clientes em consultórios e clínicas, com a carência de informações e desconhecimento da sexualidade, e a partir daí, procuram desencadear programas de Educação Sexual [...] o que questionamos é a facilidade com que esses profissionais oferecem “soluções” em Educação Sexual. Facilmente se autodenominam “educadores sexuais”. Muitas vezes, um mero encadeado de dinâmicas de grupo contendo pontos informativos da biologia e do desempenho sexual, sendo considerado um paradigma de programa educativo em sexualidade.

Mas o nosso objetivo é ir além destas concepções e contribuir para a implantação da educação sexual nos cursos profissionais que ultrapasse os valores sociais, os rígidos padrões morais, criando possibilidades de troca, diálogo, discussões a respeito de situações e originando no indivíduo, postura mais aberta, sem preconceitos e discriminação.

Como vimos inúmeros estudos aqui analisados nessa pesquisa, a proposição a se considerar é a sexualidade no contexto escolar. Mas, a maioria apresenta ausência de uma devolutiva dos achados para a instituição escolar pesquisada, sugerindo a ideia de que os estudos científicos são arquivados e não oferecem informações que contribuam para a abordagem de uma Educação Sexual efetiva nas escolas.

Muitos autores das produções de tese e dissertação analisadas justificam esta situação devido à escola não se mostrar interessada em contemplar um projeto para desenvolver a temática sexualidade e seus desdobramentos, pelo desinteresse tanto dos professores quanto dos gestores, bem como a rotatividade dos docentes nas escolas, e a interferência familiar.

Há necessidade assim, de os programas de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências proporem estratégias para efetivar ações educativas em Educação Sexual nos espaços pesquisados, ou seja, possibilitar que o pesquisador volte a campo e desenvolva no universo pesquisado intervenções que possibilitem uma Educação Sexual emancipatória.

Ainda que haja muitos pesquisadores atuantes nas suas profissões, Triviños (1987, p.93) sugere que o foco de pesquisa de um estudante de Pós-Graduação deva ser de sua prática cotidiana, ou seja, prática que o pesquisador realiza como profissional e que o auxiliará “[...] alcançar a clareza necessária ao investigador, de delimitação e na resolução do problema.”.

Portanto, é necessário viabilizar espaços nas universidades como laboratórios de estudo, onde as pesquisas, mesmo após serem encerradas, principalmente as que propõem estratégias de ações, fossem desenvolvidas e aplicadas nos universos estudados, bem como em diferentes espaços profissionais pelo pesquisador, efetivando assim a Educação Sexual e, mudança no comportamento dos envolvidos no ambiente pesquisado. Tal como aponta Sampaio (1990), a mudança acontece, espontaneamente, de baixo para cima, ou seja, iniciaria-se com os professores, sentindo-se motivados e preparados a implementá-la.

Assim, será possível a propagação e implantação da Educação Sexual emancipatória com liberdade, responsabilidade, respeito, compromisso e trabalhando a informação, de modo que possibilite a mudança de atitudes e comportamento dos indivíduos para tomada de decisões e escolhas saudáveis, adequadas e felizes.

Deveras, acreditamos que a Educação Sexual, para ser efetivada, deva se despir das informações construídas socialmente e possibilitar ao indivíduo a informação crítica, reflexiva, questionando esses valores e concepções advindas dos meios sociais, para possibilitar ao sujeito apreender que a constituição da sexualidade é pautada nos referenciais sociais, culturais, históricos, familiares, religiosos, políticos, que norteiam a visão de sexualidade e a prática sexual de uma sociedade.

Para tanto, asseveramos que educação sexual necessita ser implantada nas escolas desde a Educação Infantil até as universidades, e esses cursos de formação profissional precisam oferecer a educação sexual na formação, vislumbrando a abordagem da temática, contemplando suas várias dimensões e propiciando uma educação sexual crítica, reflexiva, ética e emancipatória.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assumir a responsabilidade pelos próprios sentimentos e reações equivale a assumir as rédeas da sua vida

Louise Hay apud Pensador.Info(2013).

Portanto:

- Iniciamos esta pesquisa narrando nosso percurso de formação, o primeiro contato com assuntos relacionados à sexualidade humana e a curiosidade em estudar a temática, o que nos levou a buscar conhecimento sobre as diferentes concepções que constituem a sexualidade, e compreendendo que ela suscita opiniões diversas, tendo sua formação ancorada na história e na cultura e está presente em todo ser humano, sendo constituída por elementos biológicos, psicológicos e sociais.

- Consideramos que a sexualidade é expressa por cada ser humano de modo particular e é constituída de acordo com a educação de cada sujeito, alicerçada em valores familiares, religiosos e padrões sociais adquiridos desde o nascimento.

- A formação que cada pessoa recebe do seu meio social, familiar e religioso é o que determina a Educação Sexual do indivíduo, que a incorpora como verdade, influenciando a subjetividade de seus valores sexuais e morais.

- Partindo dessas premissas, a pessoa em sua atuação profissional, seja em qualquer campo de atividade, aplicará no seu dia a dia de trabalho a bagagem de ensinamentos e experiências que carrega desde a mais tenra idade; os conceitos arraigados da educação sexual que lhe fora passada pela família, sociedade, religião e educadores, determinando, assim, sua postura de atuação no seu meio profissional, como também no seu meio pessoal, e trazendo através de atos e palavras, os valores recebidos a respeito da sexualidade que lhe é inerente.

- Se tal profissional atua no meio acadêmico-científico, seus conhecimentos influenciarão seus educandos como “verdades quase que absolutas”, por ser um formador de opinião.

- Diante dessas inquietações, investigamos, no nosso mestrado, profissionais da área de educação para entender como representam a sexualidade em suas atividades diárias, junto aos alunos e perante si mesmos, encontrando como resultado o despreparo para trabalhar a temática, sendo que essa conclusão - (despreparo) - foi corroborada pelos próprios educadores pesquisados como sendo um grave problema que os aflige, tendo demonstrado sua carência de conhecimento nessa área e necessidade de aperfeiçoamento para solução de problemas, que ocorrem no dia a dia de suas atividades profissionais, seja com relação a alunos, à família de

alunos e mesmo em relação a colegas de trabalho, sem mencionar as necessidades particulares de cada um dos educadores, pois a abordagem é repleta de tabus, preconceitos e constrangimentos.

- Nasce então novo questionamento de como estariam sendo desenvolvidas as produções acadêmico-científicas em torno da sexualidade nos programas de Pós-Graduação na área educacional.

- Partindo dos objetivos traçados, a busca se deu para a realização do Estado da Arte ou Estado do Conhecimento das dissertações de mestrado e teses de doutorado que abordam a temática sexualidade e temas correlatos desenvolvidos nos programas de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciência nos *campi* da UNESP de Araraquara, Bauru, Rio Claro, Marília e Presidente Prudente, analisando, assim, as produções já existentes em torno do assunto desde a produção de cada programa de Pós-Graduação até o ano de 2013.

- Portanto, através dessa pesquisa, foi possível efetivar, organizar, sistematizar, analisar e avaliar essas produções (dissertações e teses) na área da sexualidade, inventariando como ocorre a institucionalização do conhecimento sexual e a consolidação da educação sexual nas áreas de Educação e de Ensino de Ciências da UNESP, abordando a construção a respeito da temática e o que ainda não foi realizado, evidenciando, assim, que a busca por pesquisas nesse campo de conhecimento teve um significativo aumento.

- Houve o resgate histórico da sexualidade, elucidando a visão da sua construção em diferentes civilizações, entendendo a história da sexualidade na sociedade brasileira e a educação sexual propagada nessa sociedade, desde a colonização, influenciando o comportamento humano e a construção do seu pensamento sexual, na contemporaneidade.

A pesquisa constatou que, independentemente de como a sexualidade foi transmitida na infância e na adolescência do indivíduo, a universidade não pode excluir a discussão sobre o assunto nos cursos de formação profissional, pois é premente a necessidade de os educandos compreenderem a sexualidade em sua totalidade, para assim, poderem atuar como profissionais, entendendo a expressão do outro.

- No percurso de nossa busca, encontramos distintos resultados que elencamos a seguir:

- 1 – Todas as unidades da UNESP estudadas possuem grupo de estudo sobre sexualidade, mas ainda é incipiente a produção de pesquisa na área.

- O *campus* de Araraquara é precursor do estudo da sexualidade, que além do NUSEX (grupo de estudo de sexualidade já descrito no corpo do presente trabalho), produz inúmeros trabalhos, dissertações e teses, e na atualidade, apresenta-se como sendo a primeira unidade

da UNESP a oferecer o Mestrado Profissional em Educação Sexual, bem como, sendo o 1º mestrado de Educação Sexual do Brasil e também o Programa de Pós-Graduação da UNESP Araraquara, oferece uma linha de pesquisa na área da Educação Sexual.

- O *campus* de Presidente Prudente, que também apresenta um grupo de estudo em sexualidade, denominado o NUDISEX, apresenta ainda, grande variedade de estudos sobre sexualidade, contribuindo para a construção da história e institucionalização do conhecimento sexual no Brasil.

Vale ressaltar que todas as unidades aqui pesquisadas hoje já possuem grupos de estudo sobre sexualidade, mas nem todos se destacam no site das mesmas, demandando veiculação de informação.

2 - Há necessidade de sistematização das bibliotecas para disponibilização e organização dos dados no acervo, bem como, a padronização das informações no corpo da pesquisa como “linha de pesquisa, área de concentração e resumo”, norteadas as informações essenciais, com padronização das informações disponibilizadas nas bibliotecas dos *campi* das UNESP, tanto no local quanto no *site*, bem como o texto das pesquisas.

3- Há que se padronizar também a terminologia, para identificar trabalhos, pesquisas e estudos em sexualidade. Depreendemos que o termo mais apropriado é educação sexual, o que possibilita a discussão da temática envolvendo aspectos sociais, culturais, familiares, religiosos; e orienta, discute, reflete, questiona esses valores e concepções, favorecendo ao indivíduo compreender que a sexualidade é uma construção embasada na cultura e história e que determina a visão do tema e a prática sexual de uma sociedade.

4 - Em geral, os estudos analisados foram desenvolvidos no universo escolar ou com profissionais envolvidos com a área da educação, destacando que a sexualidade é uma construção histórica, cultural e social, alicerçada e ancorada em valores moralistas, preconceituosos que discriminam e originam modelos e tabus.

- Não há devolutiva dos resultados obtidos para o universo pesquisado, ficando os resultados do estudo realizado apenas expostos na teoria e arquivados nos acervos das bibliotecas, sem proposição de ações práticas para a desconstrução dessa realidade no universo pesquisado.

5 - Diante das análises realizadas nos estudos pesquisados, detectamos como categoria o gênero, sexualidade, educação sexual e formação profissional, evidenciando os resultados que a sexualidade e gênero são abordados nos meios sociais de forma preconceituosa, tanto na escola como em universidades entre outras instituições. Ou ainda de forma velada, ensejando estereótipos que influenciam valores culturais e sociais, e sua discussão, quando ocorre, é por

meio de uma educação repressora, biologizante, higienista, que influenciam, negativamente, o comportamento sexual de gerações, promovendo conflitos, insegurança, preconceitos, discriminação, contradições, mitos e tabus; disciplinando corpos e propagando a heteronormatividade.

- Esses achados comprovam a necessidade de mais conhecimento e pesquisa, para uma mais ampla compreensão da abordagem histórica e cultural da sexualidade e para melhor entendimento a respeito do tema e assuntos correlatos diante da condição atual da sociedade, sendo de suma importância, sua discussão no âmbito familiar, nas escolas e universidades, com proposta emancipatória e reflexiva a serem realizadas por educadores sexuais capacitados e que viabilizem a mudança de comportamento e não apenas a informação.

- Faz-se importante que o profissional seja preparado para trabalhar com o tema sexualidade, já que ele tem dificuldades de identificar as diferenças entre educação sexual, gênero, identidade sexual, diversidade sexual e quando o faz, restringe a discussão em aspectos biologizantes, higienistas e valores do senso comum.

- Reitera os achados da importância da necessidade da implantação de Educação Sexual na formação inicial e contínua e na Pós-Graduação do profissional, para desconstruir e construir novos conhecimentos acerca da sexualidade e assuntos correlatos.

6 - Algumas pesquisas demonstram a necessidade de análises mais aprofundadas, em que se vislumbre um discurso mais científico, contextualizado, baseando-se em teóricos que fundamentem a sexualidade, para não apresentarem resultados revestidos de conhecimentos pautados no senso comum, e que possa ter fugido de uma análise pautada no cunho científico. Então, observa-se o despreparo de profissionais em trabalhar com a temática, evidenciando valores morais e religiosos, devendo, pois, ser o espaço educacional laico, plural e democrático, divulgando conhecimentos científicos sem juízo da subjetividade.

- Dentre outros trabalhos analisados, destacamos o trabalho que revela a influência de um pastor religioso (evangélico) nas atividades escolares, mais especificamente nas aulas de Educação Física, não permitindo que os alunos que frequentavam sua Igreja participassem das aulas ou tivessem amigos de outras religiões; entendendo como pecado a vestimenta das meninas como *shorts* ou saias mais curtas, e até mesmo calças *jeans*, já que e os meninos só poderiam usar roupas sociais, interpretando que o uso desse tipo de roupa incitava as pessoas ao sexo desenfreado e abusivo. Ainda censurava os alunos a não participar de uma série de outras atividades estratégicas como dramatização ou dança em sala de aula, utilizada como ferramenta didática para auxiliar o ensino-aprendizagem e o desenvolvimento dos educandos, castigando e humilhando-os na Igreja.

Quando o professor responsável pelas aulas de educação física procurava ajuda junto a seus superiores, os mesmos não tinham nenhum subsídio para argumentar com as famílias e mesmo com os alunos. Orientaram o professor a deixar a situação do jeito que estava, sob pena de melindrar a família e mexer com os valores religiosos, demonstrando a falta de preparo e de argumentos para tratar de assunto, diretamente relacionado com o tema sexualidade.

7 - A pesquisa analisou quarenta e nove (49) dissertações e dezoito (18) teses, contemplando sexualidade e assuntos correlatos. Apesar de parecer pouco se comparado a outras linhas de pesquisas, podemos considerar um avanço para a história da sexualidade, já que é uma temática que gera polêmica e provoca diferentes posicionamentos. Mostram os resultados que a sexualidade no meio acadêmico-científico vem sendo de interesse de pesquisa, mas se faz necessária a implantação da educação sexual nas instituições formadoras de profissionais de diferentes áreas de conhecimento, assim como nos programas de Pós-Graduação, já que diferentes profissionais se aventuram no universo do estudo da sexualidade.

- Nesse contexto, depreendemos ser importante a implantação da educação sexual, integral, cientificamente fundamentada, adequada à idade, e sendo uma disciplina ou em eixo temático transversal que integra o currículo escolar desde a Educação Infantil até as universidades, objetivando a formação de uma consciência crítica, reflexiva e emancipatória, no que tange à sexualidade, pois se trata de um tema de educação, culturalmente, relevante, baseada no respeito pelos direitos humanos. Isto visava contribuir para o desenvolvimento da institucionalização da sexualidade no Brasil, sua historicidade e também, a possibilidade de se conhecer as produções acadêmico-científicas, suas análises e lacunas.

Entretanto, é uma pesquisa que não se esgota, sendo possível, a partir dos resultados encontrados, delinear novos objetos de estudo para enriquecer a institucionalização da história da sexualidade, bem como pesquisar a produção acadêmica sobre sexualidade em outros programas de Pós-Graduação oferecidos nos *campi* da UNESP, já que se trata de uma instituição que sempre visou modernizar o país e a educação superior oferecendo cursos de formação profissional na área educacional e demais áreas de conhecimento, possíveis de se implantar a educação sexual, pois essa se predestina a deseducar o indivíduo para reeducar com novos valores, conhecimentos e concepções livres dos conhecimentos religiosos, sociais e culturais, formando um indivíduo pleno, saudável, feliz e consciente de seu comportamento e atitudes, possibilitando-lhe vivenciar sua sexualidade, sem culpa, medo, juízos de valores e preconceitos.

- Considerando a plena educação sexual nos espaços acadêmico-científicos, as instituições formadoras de profissionais demandam o oferecimento de espaço, possibilitando a troca de experiências profissionais, favorecendo questionamentos e sanando dúvidas, proporcionando, portanto, informações e conhecimentos aprofundados a respeito da sexualidade e de assuntos correlatos, resgatando a construção histórica, cultural e social; os mecanismos de repressão que a sexualidade foi submetida ao longo dos tempos, promovendo com isto, discussões acerca das temáticas relacionadas, à sexualidade nas suas várias dimensões, para que a educação do indivíduo sobre sexualidade se torne emancipatória e esse a viva com dignidade, dialogando sobre a temática de forma positiva, conhecendo seu corpo, seus desejos e assim, podendo tomar suas decisões e viver sua sexualidade pautando-se na responsabilidade e respeito, com direito de ser feliz de forma emancipatória, lembrando que os espaços escolares e universitários são ambientes laicos, plurais e democráticos e o profissional que ali atua deve se despir de sua subjetividade, seus achismos, suas impressões e valores, para que realmente, haja reconstrução de novos paradigmas, rompendo barreiras que emperram o crescimento individual e coletivo.

Diante disto, depreendemos, enfim, que o educar é formar, dando ao indivíduo condições de crescimento interior e mudança de comportamento e atitudes. Então, entendemos que o tema precisa sair do senso comum e ir à investigação científica investindo em dissertações e teses, visando a um melhor conhecimento, ou seja, um investimento para se chegar à melhoria da qualidade de vida individual e coletiva, na promoção de uma saúde sexual e reprodutora plena, como direito universal do ser humano.

Ressaltamos aqui que, como toda pesquisa científica, esta também deixa espaços para novos estudos contemplando o Estado da Arte sobre a sexualidade. De posse de nossas considerações após o contato com o conteúdo dos trabalhos de teses e dissertações analisadas, acreditamos que ainda há uma deficiência na formação de profissionais a respeito da sexualidade pelas universidades e na Pós-Graduação, que se formam e reproduzem trabalhos científicos embasados no senso comum.

Portanto, é urgente que a universidade e os cursos de Pós-Graduação se instrumentalizem e ofereçam uma educação sexual emancipatória, formando assim profissionais com uma postura efetiva e que ao lidarem com a sexualidade, trabalhem de forma profissional não permitindo que a subjetividade fale mais alto. E que construam um saber realmente pautado na cientificidade, não influenciado pelos valores religiosos, culturais e familiares, pois sabemos que essa educação sexual advinda desses valores é reproduzida, constantemente, nos espaços educacionais de nosso país, precisando haver uma ruptura nessa

propagação da educação sexual castradora e repressora, para disseminar a educação sexual consciente e livre das amarras dos interditos.

Nesse sentido é importante que os profissionais que se aventuram a trabalhar e pesquisar a sexualidade permitam se deseducar no assunto para se reeducar de forma efetiva e para isso é preciso discutir a temática em espaços interdisciplinares, críticos e reflexivos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, N. Epidemiologia social das desordens mentais: revisão da literatura latino - americana. In: TUNDIS S. A; COSTA N. R (Org). **Cidadania e loucura**: políticas de saúde mental no Brasil. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- ALVES, N.; OLIVEIRA, I. B. Imagens de escolas: espaços tempos de diferenças no cotidiano. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 86, p. 17-36, jan./abr. 2004.
- ANDRÉ, M. et al. Estado da arte da formação de professores no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XX, n. 68, p. 301-309, dez. 1999.
- ARAÚJO, R. R. **Sobre noções de constituição do sujeito**: mulheres alfabetizandas têm a palavra. 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Rio Claro, 2006.
- ASSIS, M. F. P. **Corpo e psicosssexualidade**: metáforas da cultura. Tese (Doutorado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2012.
- ASSIS-RISTER, M. C. P. **Inclusão escolar e gênero**: o ambiente escolar como fator de influência no currículo social e acadêmico dos alunos das séries iniciais do ensino fundamental. 2208 124 f. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.
- BACCO JUNIOR, A.M. **Breve olhar sobre a sexualidade na fala dos professores da educação de jovens e adultos**. 2009. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1991.
- BEDIN, R. C. A institucionalização do conhecimento sexual enquanto tema de investigação e ensino em universidades brasileiras a partir das ações de grupos de pesquisa. 2010. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2010.
- BOARINI, M. L. Higienismo, Eugenia e a naturalização do social. In: BOARINI, M. L. (Org.). **Higiene e raça como projeto**: higienismo e eugenismo no Brasil. Maringá: Eduem, 2003. p. 19-43.
- BRACHT, V. A Constituição das Teorias Pedagógicas da Educação Física. **Caderno CEDES**, Campinas, v.19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999.
- BRAGA, E. R. M. **Palavras, "palavrões"**: um estudo sobre a repressão sexual com base na linguagem empregada para designar a genitália e práticas sexuais na cultura brasileira. Tese

(Doutorado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2008.

BRANDÃO, Z.; BAETA, A. M. B. ; ROCHA, A. D. C. **Evasão e repetência no Brasil: a escola em questão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

BRITO, M. Educação sexual. **Boletim de Educação Sexual**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jan. 1936 [extraído do Diário da Tarde de Recife, de 11 de dezembro de 1935].

BRUHNS, H. T. (Org.). **Conversando sobre o corpo**. 5.ed. Campinas: Papirus, 1994.

BRUNS, M. A. T. Educação sexual numa visão mais abrangente. **Rev. Bras. Sex. Hum.**, São Paulo, v. 6, n. 1, 1995.

BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. **Educação sexual: debate aberto**. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

_____. Educação sexual e prevenção da gravidez. In: BARROSO, C. et al. **Gravidez na adolescência**. Brasília: INPLAN/ IPEA/UNICEF, 1986. p. 29-54. (Série Instrumentos para a Ação; n.6).

BUARQUE, Chico; Nascimento, Nascimento. **O que será**. Disponível em: <<http://letras.mus.br/chico-buarque/45156/>>. Acesso em: 17 mar. 2013.

BUENO, S. M.V. **Educação preventiva em sexualidade, DST, Aids, drogas e violência**. Tese Livre-Docência. EERP-USP – Campus USP, Ribeirão Preto/SP, 2001.

BUENO, S. M.V; OLIVEIRA, M. H. P. **Sexualidade na adolescência**. Anais Congresso Nacional de Enfermagem. Recife, 1985.

BUENO, S. M.V. Tratado de Educação preventiva em sexualidade, DST, Aids, drogas e violência nas escolas. Ribeirão Preto: FIERP/EERP-USP, 2009.

CABICEIRA, G. O. **Olhares de “crianças” sobre gênero, sexualidade e infância**. 2008 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

CAMPOS, R. D. **Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940): representação e história**. 2007. 231 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciências e Letras Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2007.

CARDOSO, J. T. **Disciplinamento corporal: as relações de poder nas práticas escolares cotidianas**. 2011 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Campus Marília, 2011.

CARRADORE, V. M. **Adolescência, aids e educação escolar: elementos para reflexão**. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2002.

CARRARA, S. Sexualidade e sexologia no Rio de Janeiro de entre-guerras: notas preliminares de pesquisa. **Cadernos IPUB**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 113-128, 1997.

CATONNÉ, J-P. **A sexualidade, ontem e hoje**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CONCEIÇÃO, J. A. N. et al. Projeto de vida e sexualidade: fundamentos para a educação sexual nas escolas. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 26-31, mar. 2001.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Diretório dos grupos de pesquisa do Brasil: **Grupo de pesquisa e extensão sobre sexualidades - GSEXs**. 17 dez. 2012. Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0330708Y8JT0A3>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

_____. **Grupo de Pesquisa Estudos sobre as Sexualidades – GPEES**. 10 nov. 2011 <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0330707CL4BHI4>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

_____. **Núcleo de Diversidade Sexual na Educação – NUDISE**. 07 ago. 2012a <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0330708609GQ2B>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

_____. **Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX**. 06 dez. 2010. Disponível em: <(http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0330707OWZREA1)>. Acesso em: 12 nov. 2012.

CORRÊA, C. I. M. **Análise da participação de uma escola pública na educação sexual de seus alunos**. 2003. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

COSTA, A. P. **As concepções de sexualidade de um grupo de alunas do curso de pedagogia**: uma análise a partir do recorte de gênero. 2009 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2009.

COSTA, J. A **Inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Ed. Relume-Dumará, 1992.

COSTA, J. F. **Psicanálise e contexto cultural**: imaginário psicanalítico, grupos e psicoterapias. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

COSTA, M. **A sexualidade na adolescência**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

COSTA, R. P. Os **Onze sexos**: as múltiplas faces da sexualidade humana. São Paulo: Editora Gente, 1994.

DALL EVEDOVE, E. M. A construção do gênero nas propostas curriculares para o último ano da Educação Infantil e primeiro ano do Ensino Fundamental elaboradas pelo município de

Marília/SP. 2012. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

DIAS, M. B. **União homossexual**: o preconceito e a justiça. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2006.

DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Edunb, 1993.

DIEHL, A. A. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**: métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DONATI, F. A. **Comportamento sexual e percepção do HIV / AIDS entre estudantes universitárias do IBILCE/UNESP de São José do Rio Preto**. 2010. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

EGYPTO, A. C. (Org.). **Orientação sexual na escola**: um projeto apaixonante. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

FAGUNDES, T. C. P. Educação sexual e formação dos professores: necessidade e viabilidade. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 4, n. 2, p.154-163, jul. / dez. 1993.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FERNÁNDEZ, et.al. **Programa agarimos**: programa coeducativo de desarrollo psicoafectivo y sexual. Madrid: Pirámide, 2004. (Colección "Ojos Solares")

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites**. 2001. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.

_____. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 2 ed. Londrina: ed. UEL, 2001.

_____. O preparo de educadores sexuais. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 16, n.30, p. 89-114, 1998.

_____. A produção teórica no Brasil sobre educação sexual. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 98, p. 50-63, ago. 1996.

FOCAULT, M. **História da sexualidade I**: à vontade de saber. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres.** 11ª edição, Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

_____. **História da sexualidade III: O cuidado de si.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

_____. **Microfísica do poder.** 25. ed. Rio de Janeiro, Graal, 2008.

FOGAÇA JÚNIOR, O. M. **A formação da noção da força corporal na criança:** contribuições para a Educação Física. 2209 151 f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Campus Marília, 2009.

FRAGIACOMO, V. M. Um estudo sobre a concepção que os pais de crianças, em idade escolar, têm acerca da sexualidade infantil e sua manifestação na escola. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2003.

FREYRE, G. **Casa grande & senzala:** formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal. 19. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978.

FRIDA, S. A.; ANDRADE-SILVA, M. Crenças, informações e comportamentos sexuais na “era AIDS”: um perfil dos adolescentes da Ilha de Paquetá. **Scientia Sexualis: Revista do Mestrado em Sexologia.** Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, mai. 1995.

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA UNESP - FUNDUNESP. **Breve histórico da instituição.** Disponível em:<
http://www.fundunesp.unesp.br/quem_somos.php>. Acesso em: 19 mar. 2013.

GALLACHO, Jane Cruz. **A orientação sexual em um trabalho integrado de educação e saúde: estudo analítico-descritivo e documental de publicação.** 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Araraquara, 2000.

GARCIA, A. M. **A orientação sexual na escola:** como os professores, alunos e pais percebem a sexualidade e o papel da escola na orientação sexual. 2003. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação para Ciências)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru, 2003.

GARTON, Stephen. **História da sexualidade:** da antiguidade à revolução sexual. Lisboa: Editorial Estampa, 2009.

GELAKE, D. M.; WIGGERS, I. D. Infância e Formação de Educadores. **Revista Eletrônica de Extensão,** Santa Catarina, v. 3, n. 4, p. 1-17, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GIMENNEZ, V. C. A Escola Pública e a Sexualidade: estudo analítico-descritivo sobre o discurso de um grupo feminino de adolescentes acerca de suas concepções e vivências sexuais. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2001.

GIONINI, F. A. C. **Representações sociais do "ficar"**: caminhos para compreender a violência no cotidiano escolar. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2006.

GOERGEN, P. Apresentação. In: SÁNCHEZ GAMBOA, S. **Epistemologia da pesquisa em educação**. Campinas: Práxis, 1998. p. 4-7.

GOLDBERG, M. A. A. **Educação sexual**: uma proposta, um desafio. São Paulo: Cortez, 1988.

GONÇALVES JUNIOR, L. **Cultura corporal**: alguns subsídios para sua compreensão na contemporaneidade. São Carlos: EDUFSCar, 2003.

GONÇALVES, H. A. **Manual de metodologia de pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2005.

GRUPO DE ESTUDOS E INVESTIGAÇÃO EM SEXUALIDADE EDUCAÇÃO SEXUAL E TIC - GEISEXT. **WebEducaçãoSexual, 2013**: Webinar. Disponível em:< <http://geisext.webnode.pt/webinar/webinar-27-de-mar%c3%a7o/>>. Acesso em: 18 mar. 2013.

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO E CULTURA – GEPESEC. **Apresentação**. Disponível em:< <http://www2.fc.unesp.br/gepesecc/>>. Acesso em: 18 mar. 2013.

GRUPO DE PESQUISA EM GÊNERO, SEXUALIDADE E FAMÍLIA - GESExs. **Grupo fechado de discussão no facebook**. Disponível em:< <https://www.facebook.com/groups/202623519761737/?ref=ts&fref=ts> >. Acesso em: 18 mar. 2013.

GUIMARÃES, C. R. P. **O descaso em relação à educação sexual na escola**: estudo de manifestações de futuras professoras de 1ª a 4ª série do 1º grau. 1992. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1992.

GUIMARÃES, I.R.F. Sexualidade e educação escolar: uma discussão teórica. In: FIGUEIRÓ, M.N.D.; RIBEIRO, P.R.M. (Org.). **Adolescência em questão**: estudos sobre a sexualidade. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2006.

_____. **Educação sexual na escola**: mito e realidade. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

GUIMARAES, M. Unidos pela causa: processo histórico moderno estabelece visibilidade para o movimento gay. **Psique**: ciência e vida. a. II, n.16, 2007.

GULO, F. H. **Educação sexual na escola e juventude: um estudo das pesquisas acadêmicas no Brasil (2000-2004)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2011.

HEILBORN M.L. **Gênero, sexualidade e saúde**. Campinas: Programa de Estudos em Saúde Reprodutiva e Sexualidade – Universidade Estadual de Campinas/ NEPO, 2000. (Apostila).

HEILBORN, M. L.; BRANDÃO, E. R. Introdução: ciências sociais e sexualidade. In: HEILBORN, M. L. (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p.7-17.

HEILBORN, M.L. Corpo, sexualidade e gênero. In: Dora D.D (ORG). **Feminino masculino: igualdade e diferença na justiça**. Porto Alegre: Sulina; 1997. p.47-57.

HENDERSON, M. et. al. Impact of a theoretically based sex education programme (SHARE) delivered by teachers on NHS registered conceptions and terminations: final results of cluster randomised trial. 2006. Disponível em:

<<http://www.bmj.com/cgi/content/full/334/7585/133>>. Acesso em: 18 mar. 2012.

HOLANDA, F. B. **Mulheres de Atenas**. 1976. Disponível em: <<http://www.chicobuarque.com.br/construcao/index.html>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

IANUSKIEWTZ, D. **Em busca da imagem corporal**: análise da representação que o jovem universitário tem do corpo. 2007. 129 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2007.

IKEFUTI, M. V. **Concepções de licenciandos sobre violência sexual e políticas educacionais**. 2012. 127. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Campus Presidente Prudente, 2012.

JARDIM, S. R. M. **Entreaberto botão, entrefechada rosa: vivências da adolescência feminina em assentamento de reforma agrária**. 2011. 165 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2011.

LEÃO, A. M. C. Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da Unesp-Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos. 2009. 343 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2009.

LEÃO. A. M. C.; RIBEIRO, P. R. M. Orientação sexual em pauta: estudo documental do projeto oficial implantado no município de São Paulo em 1978. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 8., 2007, Vitória. **Anais...** Vitória: ANPED/UFES, 2007. CDROM.

LIMA, M. T. M.O. **Entre tapas e beijos, quais as possibilidades?: tessituras nas relações de gênero na escola**. Estudo em uma escola de ensino fundamental II. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação)- Instituto de Biociências, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Rio Claro, 2011.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

_____. Corpo, Escola e Identidade. **Educação & Realidade**, Rio Grande do Sul, v. 25, n. 2, p. 59-75, 2000.

_____. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto – Portugal: Porto Editora, LTDA, 2000.

_____. Segredos e mentiras do currículo: sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, L. H. **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 33-47.

LOYOLA, M. A. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: Heilborn, M. L. (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 31 –39.

_____. **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro/ Ed.UERJ, 1998.

LUDKE, M. A Pesquisa qualitativa e o estudo da escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 49, p. 43-44, maio 1984.

LUIZ, M. C. **Docência universitária: memórias femininas e relações de gênero**. 2004. Tese (Doutorado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2004.

LUNA, S.V. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2002.

MAIA, A. C. B. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P.R. M. **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, p.153-179, 2004.

_____. Sexualidade e deficiências no contexto escolar. 2003. 689 f. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Campus Marília, 2003.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação Sexual: Princípios para ação. **DOXA- Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 15, n. 1, p. 75- 84, 2011.

MARIUZZO, T. **Formação de professores em orientação sexual: a sexualidade que está sendo ensinada nas nossas escolas**. 2003. 229 f. Dissertação (Mestrado em Educação para Ciências)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru, 2003.

MARTIN, S. A. F. **Educação sexual na escola: concepções e práticas de professores**. 2010. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2010.

MARZANO-PARISOLI, M. M. **Pensar o corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MASSUIA, C. S. **Os contos de fadas e as práticas educativas: o uso do gênero em uma escola municipal de Presidente Prudente**. 2011. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

MELO, S. M. M. **Corpos no espelho**: a percepção da corporeidade em professoras – Campinas: Mercado de Letras, 2004. (Coleção Dimensão da Sexualidade).

MESSINA, G. Estudio sobre el estado da arte de la investigacion acerca de la formación docente en los noventa. Organización de Estados IberoAmericanos para La Educación, La Ciencia y La Cultura. In: REÚNION DE CONSULTA TÉCNICA SOBRE INVESTIGACIÓN EN FORMACIÓN DEL PROFESORADO. México, 1998.

MIGUEL, I. F. **Gênero, pentecostalismo e formação de professores na construção da cidadania: as professoras da congregação Cristã no Brasil**. 2008 126 f. Dissertação (mestrado)- Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MIZUSAKI, R. A. C. Injustiça na escola e gênero: representações de alunos (as) de escolas particulares e públicas de ensino fundamental e médio da cidade de Presidente Prudente. 2007. 321 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2007.

MOKWA, V.M.N.F. **Representações Sociais de professores de ensino fundamental sobre sexualidade**: uma teia de significados. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2006.

MOKWA, V. M. N. F.; BUENO, S.M.V. **Representações sociais e a sexualidade humana no contexto da escola**. Ribeirão Preto: FIERP/EERP-USP, 2008.

MOKWA, V. M. N. F.; GONINI, F.A.C.; BUENO, S. M. V. Musicoterapia e Sexualidade: uma questão de Promoção de Saúde Mental. Livro de Actas do 1º FÓRUM SPESM 2009: A Saúde Mental e a Vulnerabilidade Social, Lisboa, 2009. p. 76.

MONTRONE, A.V.G.; OLIVEIRA, M.W. Sexualidade: novas abordagens. In: SOLFLA, G. C. (Org.). **Cidadania**: reflexões, propostas e construções práticas sobre os direitos das crianças e do adolescente. Editora RiMa, 2004, 256 p.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

MUGNAINI, J. R. Atividades físicas e o corpo na concepção de graduandos de Educação Física: análise das práticas corporais de estudantes universitários. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação)- Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Campus Rio Claro, 2007.

MURANO, R. M. **Memórias de uma mulher impossível**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2003.

_____. Filosofia, Sexualidade e Educação: as relações entre os pressupostos ético sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar.

1996. Tese. (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1996.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000 (Coleção polêmicas do nosso tempo; 72).

_____. Sexualidade e educação: elementos teóricos e marcos historiográficos da educação sexual no Brasil. In: LOMBARDI, J.C.(Org.). **Pesquisa em educação: história, filosofia e temas transversais**. Campinas: Autores Associados, 1999. p. 161- 177.

OLIVEIRA, C. “Libertar o brasileiro de seu captivo moral”: **identidade nacional, educação sexual e família no Brasil da década de 1930**. Psicologia & Sociedade, 2012 24(3), 507-516.

OLIVEIRA, M. T., & CHAGAS, I. (2010). Investigação em educação sexual em Portugal. In F. Teixeira et al. (Org.). **Sexualidade e educação sexual. Políticas educativas, investigação e práticas** (pp. 139-167). Braga: Edições CIE.

OLIVEIRA, F. M. **Orientação Sexual para Jovens do Ensino Médio: uma proposta motivadora, reflexiva e emancipatória**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2005.

OLIVEIRA, C. A emergência histórica da sexualidade infantil no Brasil. **Revista EPOS**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, jul-dez. 2011.

ORIANI, V. P. **Direitos humanos e gênero na educação infantil: concepções e práticas pedagógicas**. 2010. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2010.

PARKER, R. G. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora Bestseller, 1991.

PAZZINI, A. L. **Bauru - SP- UNESP**. Disponível em: < <http://www.panoramio.com/photo/30270662>>. Acesso em: 19 fev. 2013

PENNA, C. M. B. **Brincadeiras no Recreio: uma reflexão sobre as relações de gênero e de sexualidade**. 2011. 81 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

PENSADOR.info. **frases**. Disponível em: < <http://pensador.uol.com.br/>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

PEREIRA, P. S. **O inconsciente na produção científica sobre Aids e educação escolar**. 2006. 229 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2006.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, M. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

PESSOA, A. S. G. **O papel da escola na vida de adolescentes vítimas de violência sexual**: risco e proteção. 2011. 122 f. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

PFROMM NETTO, S. **Psicologia da aprendizagem e do ensino**. S. Paulo: EPU, 1987.

PRADO, V. M. **Sexualidade(s) em cena**: as contribuições do discurso audiovisual para a problematização das diferenças no espaço escolar. 2010 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2010.

RABELLO, S. H. S. **Sexualidade, gênero e pedagogias culturais**: representações e problematizações em contexto escolar. 2007. Tese (Doutorado em Educação para Ciências) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Bauru, 2007.

REIS, G. V. **Sexologia e educação sexual no Brasil nas décadas de 1920-1950**: um estudo sobre a obra de José Albuquerque. 2006. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2006.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação sexual**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte e Ciência, 2004. p. 27-71.

_____. José de Albuquerque: pioneiro da educação sexual no Brasil. In: Anais do I Simpósio Paraná São Paulo de Sexualidade e Educação Sexual., I, 2005, Araraquara **Anais...** Araraquara, UNESP, 2005. p. 23-24.

_____. Um estudo sobre a institucionalização do conhecimento sexual no Brasil por meio das obras publicadas nas primeiras décadas do século XX. In: Congresso de iniciação científica da UNESP., 14, Presidente Prudente, 2002. **Anais...** Presidente Prudente, UNESP, 22 a 27 de setembro de 2002. (CDRom).

RIBEIRO, M. **Conversando com seu filho sobre sexo**. São Paulo: Academia, 2009.

RIBEIRO, M.O. A sexualidade segundo Michel Foucault: uma contribuição para a enfermagem. **Rev. Esc. Enf. USP.**, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 358-63, dez. 1999.

RIBEIRO, P.R.M. A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. In: Figueró, M. N. D. (Org). **Educação sexual**: múltiplos temas. Londrina: UEL, 2009. p. 129-140.

_____. Processos e Trajetórias na Formação de Professores para Atuação no Campo da Educação Sexual: a experiência do Núcleo de Estudos da Sexualidade na UNESP, em Araraquara. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 2008, Porto Alegre. **Anais...** XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino-

Trajetória e Processos de ensinar e aprender: lugares, memórias e cultura. Porto Alegre: PUCRS, 2008. Anais – Painéis – eixo 3.

_____. Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In: MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. (Org.). **Sexualidade e infância**. Bauru, Faculdade de Ciências: Cecemca; Brasília: MEC/SEF, 2005. p.17-34. (Cadernos CECMCA n. 1).

RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

_____. Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P.R.M. (Org.). **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004. p. 15-24.

_____. **Sexualidade e educação: apontamentos para uma reflexão**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002.

RIBEIRO, P.R. M.; REIS, G. V. José de Albuquerque e a educação sexual nas primeiras décadas do século XX: um estudo bibliográfico. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação., 26, **Anais ...** Poços de Caldas, 2003. (CDRom).

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.

RIEHELMANN, J.C. A Educação Sexual no Sistema de Saúde. In: RIBEIRO, M. (Org.). **Educação Sexual: novas ideias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p. 281-303.

ROCHA, K. A. **Da política educacional à política da escola: os silêncios e sussurros da diversidade sexual na escola pública**. 2012. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências Universidade Estadual Paulista, Campus Marília, 2012.

ROCHA, M. D. **O corpo e a escola: um estudo sobre políticas de subjetivação na sociedade contemporânea**. 2010. 115 p. Dissertação (Mestrado em Educação)- Instituto de Biociências, Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Campus Rio Claro, 2010.

RODRIGUES, J. G. **Mulher e criança: ambivalência de dois mundos ditados por especialistas em artigos de revistas destinadas ao grande público entre os anos de 1940 a 1950**. 2011. 333f. Tese (Doutorado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2011.

ROMERO, E. A arquitetura do corpo feminino e a produção do conhecimento. In: **Corpo, mulher e sociedade**. São Paulo: Papirus; 1995. 308 p. p. 235-70.

RUSSO, J. et al. **Sexualidade, ciência e profissão no Brasil**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2011.

RUSSO, J. A.; CARRARA, S. L. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entre guerras: entre a ciência e a autoajuda. **Hist. Cienc. Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 273-290, ago. 2002.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise prática**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SACRISTÁN, J.G. e GÓMEZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre. Artmed, 1998.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente).

SAMPAIO, M. A educação sexual e o sistema educativo. **Planeamento Familiar**, v.47/48, p. 3-5, 1990.

_____. A Escola, os Professores e a Educação Sexual. In: **Educação sexual no 1.º ciclo: um guia para professores e formadores**. Lisboa: Texto Editora, 2002.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. **Epistemologia da pesquisa em educação**. Campinas: Práxis, 1998.

SANTIN, S. **Educação física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí, RS: Unijuí, 2003.

SANTOS, E. A. **Gênero e profissão docente: as representações sociais das alunas egressas do curso de pedagogia da faculdade de ciências e tecnologia/UNESP**, Campus de Presidente Prudente. 2008. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

SANTOS, C.; BRUNS, M.A.T. **A educação sexual pede espaço: novos horizontes para a praxis pedagógica**. São Paulo: Ômega, 2000.

SANTOS, R.C.F. **Violência sexual e a formação de educadores : uma proposta de Intervenção**. 2011. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

SAYÃO, R. Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, J. G. (Coord.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 1997. p. 97-106.

SCALIA, A. C. M. **A Companhia de Jesus e a formação da cultura sexual brasileira: um estudo histórico e documental a partir dos escritos do padre Manuel da Nóbrega**. 2009. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2009.

SENATORE, R. C. M. **Histórias da sexualidade no Brasil**. 2005. Tese (Doutorado em Educação Escolar)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2005.

_____. **Os anjos, afinal, têm ou não sexo?** Uma reflexão à luz da psicanálise sobre as concepções da sexualidade infantil dos professores. 1999. Dissertação (Mestrado em

Educação Escolar)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 1999.

SILVA, L. R.G. **Sexualidade e orientação sexual na formação de professores: uma análise da política educacional**. 2010. 164 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2010.

SILVA, M. T. L. E. **Implicações da extensão do conceito ampliado de sexualidade, de Freud, para a formação do educador**. 2004. 297 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2004.

SILVA, R. Numa responsabilidade da escola? In: RIBEIRO, M. (Org.). **Educação sexual: novas ideias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

SILVA, R. C. P.; MEGID NETO, J. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Ciência e Educação** [online], Bauru, v. 12, n.2, p. 185-197, 2006.

SIMONETTI, C. Mercado paixões: a influência da mídia no comportamento sexual infantil. In: RIBEIRO, M. (Org.). **Educação sexual: novas ideias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

SOARES, A. M. S. **Discussões sobre políticas para mulher e família na Rússia revolucionária**. 2012. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Campus Marília, 2012.

SOARES, M. B. **Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento**. Brasília: INEP/ MEC, 1989.

SOARES, M. B.; MACIEL, F. P. **Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento**. Disponível em: <<http://www.mec.inep.gov.br>, 2000>. Acesso em: 23 mar. 2011.

SOUZA, F. C. **Desvendando práticas familiares e escolares a partir das relações de gênero: uma reflexão sobre a educação de meninos e meninas**. 2007. 222 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2007.

_____. **Meninos e meninas na escola: um encontro possível?** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2003.

SOUZA, R. P. **O corpo na escola: um estudo sobre as relações entre cultura e processo de subjetivação**. Dissertação (Mestrado em Educação)- Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Rio Claro, 2010.

STEARNS, P. N. **História da sexualidade**. São Paulo: Contexto, 2010.

SURIAN, T. **Um estudo das práticas da escrita de mulheres (escritoras ou não)**. 2009. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Rio Claro, 2009.

TALAMONI, A. C. B. **Corpo, ciência e educação**: representações do corpo junto a jovens estudantes e seus professores. 2207. 225 f. Dissertação (Mestrado em Educação para Ciências)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru, 2007.

TESCH, R. **Qualitative research**: analysis types and software tools. Basingstoke: The Falmer Press, 1990.

TOCKUS, R. B. **Sexualidade nos dias de hoje**: o sexo sem preconceitos. São Paulo: Agora, 1986.

TOFOLI, T. E. **Educação Feminina em Adamantina - SP**: "O instituto de Educação Madre Clélia" (1951 - 1978). 2003. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2003.

TORRES, T. L. M. **Trajetórias afetivo-sexuais entre jovens do ensino médio**: implicações dos sentidos de amor e maternidade. 2007. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2007.

TRINDADE, M. P. **Comportamento sexual das mulheres em relação ao HIV/AIDS**. 2000. 131 p. Dissertação (Mestrado em Sexologia)-Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2000.

TRINDADE, M. P.; SCHIAVO, N. R. O comportamento sexual das mulheres em relação ao HIV/AIDS. **Scientia Sexualis: Revista do Mestrado em Sexologia**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 61-78, set. 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE ESTADUAL JULIO DE MESQUITA FILHO - CAMPUS DE BAURU. **Faculdade de Ciências**. Disponível em:< <http://www.fc.unesp.br/> >. Acesso em: 19 fev. 2013b.

_____. **CAMPUS DE MARILIA. Faculdade de Filosofia e Ciências**. Disponível em:< <http://www.marilia.unesp.br> > Acesso em: 19 fev. 2013c.

_____. **CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE. Faculdade de Ciências e Tecnologia**. Disponível em: < <http://www.fct.unesp.br> >. Acesso em: 19 fev. 2013d.

_____. **CAMPUS DE RIO CLARO. Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), Instituto de Biociências (IB)**. Disponível em:< <http://www.rc.unesp.br/> >. Acesso em:19 fev. 2013e

_____. **CAMPUS DE ARARAQUARA. Faculdade de Ciências e Letras**. Disponível em: <<http://www.fclar.unesp.br>>. Acesso em: 19 fev. 2013a.

_____. **Portal da universidade**. Disponível em <<http://www.unesp.br/portal>>. Acesso em: 19 fev. 2013f.

VAIDERGORN, J. **As seis irmãs** – As Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras – Institutos Isolados de Ensino Superior do estado de São Paulo – 1957 – 1964: alguns subsídios interpretativos para o estudo do ensino superior do Estado de São Paulo. 1995. 213 f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1995.

VASCONCELOS, N. **Os dogmatismos sexuais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

VIDAL, E. I. **Sexo e Concepção de Sexualidade para Jovens Estudantes de uma Escola Pública**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2005.

VITIELLO, N. Iniciação sexual: uma pesquisa nacional: resultados preliminares. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 257-269, jul. /dez. 1997.

VOLLET, M. R. **O uso de técnicas expressivas gráficas e verbais em casos de violência sexual doméstica infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2003.

_____. **O saber e o não revelar da violência sexual doméstica infantil na dinâmica do profissional escolar**. 2012. Tese (Doutorado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2012.

WAIDEMAN, M. C. **Adolescência, sexualidade e Aids na família e no espaço escolar contemporâneos**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

_____. **Sexualidade, Aids e adolescência no espaço escolar contemporâneo: a família não fala, o adolescente pede, e a escola**. 1997. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1997.

WEEKS, J. **El malestar de la sexualidad**: significados, mitos y sexualidades modernas. Madrid: Talasa, 1993.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, política e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

WIKIPÉDIA, A enciclopédia livre. **Síndrome da imunodeficiência adquirida**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADndrome_da_imunodefici%C3%Aancia_adquirida>. Acesso em: 2 fev. 2013.

_____. **Universidade Estadual Paulista**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%ADrus_da_imunodefici%C3%Aancia_humana>. Acesso em: 2 fev. 2013a

_____. **Vírus da imunodeficiência humana**. Disponível em: < <http://pt>.

wikipedia.org/wiki/V%C3%ADrus_da_imunodefici%C3%A2ncia_humana>. Acesso em: 2 fev. 2013b

ZAGURY, T. O adolescente hoje no Brasil. In: RIBEIRO, M. (Org.). **O prazer e o pensar:** orientação sexual para educadores e profissionais da saúde. São Paulo: Editora Gente, 1999.

ZAMPIERI, M. C. **O sexo na universidade:** um estudo sobre a sexualidade e o comportamento sexual do estudante universitário. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2002.

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Caderno CEDES**, Campinas, v.19, n. 48, 1999.

CHAUÍ, M. A universidade operacional. **Revista da ADUNICAMP**, Campinas, ano 1, n. 1, jun. 1999.

FIGUEIRÓ, M. N. D. O professor como educador sexual: interligando formação e atuação profissional. In: RIBEIRO, P. R. M. **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte&Ciência, 2004. p.115-131.

FURLANI, J. Educação Sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G. L.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. A. (Org.). **Cartografias do trabalho docente**. Campinas: Mercado das Letras/ALB. 1998.

LÜDKE, M. Pesquisa em educação: conceitos, políticas e práticas. In: GERALDI, C. et al. (Org.) **Cartografias do trabalho docente**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.

MENDONÇA, J. G. R. **Mulher e criança: ambivalência de dois mundos ditados por especialistas em artigos de revistas destinadas ao grande público entre os anos de 1940 a 1950**. 2011. 333 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2011.

MEYER, D. E; SOARES, R. F. R. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: LOURO, G. L.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 5-16.

MILTON, J. et al. Teaching sexuality education in high schools: what qualities doaustralian teachers value? **Sex Education**, London, v. 1, n. 2, p. 175-186, jun. 2001.

MOTA, M. V. S. A Sexualidade silenciada na escola: implicações da orientação sexual subjacente no cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 7, p. 181-190, 1996. (Edição Especial).

NUNES, C. A.; SILVA, E. **Manifestações da sexualidade da criança**. Campinas, SP: Século XXI, 1997.

PINTO, E. B. **Orientação sexual: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade**. São Paulo: Gente, 1999.

PINTO, T.C. R. Educação preventiva na escola. In: TOZZI, D.A. (Coord.) **Papel da educação na ação preventiva ao abuso de drogas e às dst/aids**. São Paulo: FDE, 1996. p. 43-5.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. A sexologia e a educação sexual no Brasil do início do século XX: notas preliminares de pesquisa. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNESP. ,13, Bauru, 2001. **Anais...** Bauru, UNESP, 2001. p. 226.

RIBEIRO, P. R. M. **Saúde mental no Brasil**. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e Religião. **Estud. Fem.** [online], Florianópolis, 2005, v.13. n. 2, p. 363-365. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000200009&lng=pt&nrm=iso > . Acesso em: 4 nov. 2012.

SACADURA, P. Orientação sexual. E agora professor? **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 7, p.169-180, 1996. (Educação Sexual 2).

SARTI, C. A. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.) **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 63-95.

SILVA, A. R. **Educação sexual emancipatória como ação planejada na escola**: perspectivas e desafios. 1998. Monografia (Especialista em Educação Sexual)-Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, Florianópolis, 1998.

WEEKS, J. O corpo e sexualidade. In: LOURO, G.L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2007. p.37-82.

ZAMPIERI, Maria Cristina. **O comportamento sexual do universitário brasileiro**: estudo analítico-descritivo acerca de suas concepções, valores e atitudes sobre a sexualidade. 2008. 272 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciências e Letras Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2008.